

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DISSERTAÇÃO

**A TRAJETÓRIA DE ALBINO MOREIRA DIAS NO MOVIMENTO
OPERÁRIO TÊXTIL - RIO DE JANEIRO E PETRÓPOLIS (1906-1919)**

LEILA CRISTINA PINTO PIRES

2014



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (PPHR)**

**A TRAJETÓRIA DE ALBINO MOREIRA DIAS NO MOVIMENTO
OPERÁRIO TÊXTIL - RIO DE JANEIRO E PETRÓPOLIS (1906-1919)**

LEILA CRISTINA PINTO PIRES

Sob a orientação da Professora

Dr.^a Fabiane Popinigis

Dissertação submetida, como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em História**, ao Programa de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em Relações de Poder, Trabalho e Práticas Culturais.

Seropédica, RJ
Julho de 2014

981.6770092

P667t

Pires, Leila Cristina Pinto, 1985-

T

A trajetória de Albino Moreira Dias no movimento operário têxtil - Rio de Janeiro e Petrópolis (1906-1919) / Leila Cristina Pinto Pires - 2014.

184 f.: il.

Orientador: Fabiane Popinigis.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em História.

Bibliografia: f. 175-184.

1. Trabalhadores têxteis - Brasil - História - Teses. 2. Dias, Albino Moreira, 1882-1933 - Biografia - Teses. 3. Sindicatos - Trabalhadores têxteis - Teses. 4. Indústria têxtil - Teses. I. Popinigis, Fabiane, 1972-. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em História. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO E DOUTORADO**

**A trajetória de Albino Moreira Dias no movimento operário têxtil – Rio de Janeiro e
Petrópolis (1906-1919)**

LEILA CRISTINA PINTO PIRES

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em História**, no Programa de Pós-Graduação em História – Curso de Mestrado, área de concentração em Relações de Poder e Cultura. Linha de Pesquisa Relações de Poder, Trabalho e Práticas Culturais.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 29/07/2014.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Fabiane Popinigis

Orientadora e Presidente da Banca, UFRRJ

Prof. Dr. Alexandre Fortes, UFRRJ

Membro Interno

Prof. Dr. Paulo Cruz Terra, UFF

Membro Externo

Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha, UNICAMP

Membro Externo

DEDICATÓRIA

A Albino Moreira Dias (*in memoriam*) por ter dedicado a sua vida à luta por justas relações de trabalho.

À Nilza Dias e Fátima Dias Amado, filha e neta de Albino, por terem incentivado e se sentido honradas com a construção da pesquisa sobre a trajetória de um antepassado vivo nos seus corações e memórias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e a Nossa Senhora por me protegerem a cada instante, me conferirem força e aperfeiçoarem os caminhos da minha vida.

A minha orientadora, Dr.^a Fabiane Popinigis, com quem divido os méritos desta dissertação. A orientação marcada por uma respeitosa forma de ensinar, entusiasmo com os resultados da pesquisa e uma correção precisa, me incentivou, contribuiu para o meu crescimento profissional e para o aperfeiçoamento deste trabalho.

Aos professores Dr.^o Alexandre Fortes e Dr.^o Paulo Cruz Terra, que contribuíram para a construção da dissertação, compondo a banca de qualificação e que novamente somam, com os seus conhecimentos, ao aceitarem o convite para compor a banca de defesa. Ao professor Dr.^o Claudio Batalha, que muito me honra ao aceitar o convite para compor a banca de defesa. A possibilidade de receber a sua avaliação é uma grande oportunidade de aperfeiçoar os resultados desta pesquisa. A minha gratidão especial a Alexandre Fortes, por ter sido muito importante também no decorrer do processo seletivo para o ingresso no curso de mestrado. A sua generosidade em corrigir o projeto e incentivar uma pesquisadora que nem conhecia pessoalmente, foram decisivos para o êxito do meu objetivo de ingressar no curso.

Outros professores foram de suma importância na concepção do objeto de pesquisa e na sua construção teórica e metodológica. Agradeço a todos e registro a importância do Dr.^o Jayme Lúcio Fernandes Ribeiro, orientador da minha monografia do curso de Bacharel em História, defendido no ano de 2009, na Universidade Gama Filho. Jayme me auxiliou na definição do objeto de estudo e reforçou a minha escolha acerca da trajetória de Albino Moreira Dias. As professoras Vânia Losada e Caetana Damasceno, que ministraram os cursos “Seminário Especial II” e “Memória social da ‘biografia’ às ‘histórias de vida’ no mundo do trabalho,” respectivamente. Assim como a Alexandre Fortes que ministrou o curso “Os Historiadores Marxistas.” Ambos os cursos proporcionaram um crescimento intelectual e contribuíram sobremaneira para a construção teórica e metodológica desta dissertação.

Aos secretários do PPGH da UFRRJ, Leandro e Gian, que sempre me atenderam muito bem e me auxiliaram nas questões burocráticas. Aos funcionários da Biblioteca Nacional que, com igual solicitude, me atenderam nas várias vezes que pesquisei na seção de periódicos da Biblioteca.

Aos meus pais, José e Leila e ao meu irmão, Bruno, que me conferem diariamente o apoio e o amor que preciso. A minha cunhada Débora e aos seus pais, Gilvando e Lúcia, presenças que somam para a alegria da minha família.

Às minhas tias Cleia e Aparecida, por terem me mostrado o valor do estudo e da educação. A Maria dos Anjos Rodrigues e Ermínia Rodrigues (*in memoriam*), pelo amor e cuidado destinados a mim e ao meu irmão. Às minhas primas Patrícia e Beatriz e a minha afilhada Bianca pela constante companhia e serem responsáveis por muitos momentos felizes.

A Dona Nilza e a Fátima, pelo incentivo e por me receberam em sua casa para a realização de uma comemoração que me possibilitou desfrutar de uma reunião em família e conhecer o amor e a admiração que os familiares mantêm por Albino. A todos familiares de Albino presentes nessa comemoração pelo apoio e concessão de entrevistas e documentos.

Às minhas amigas, Aline Barbosa, Ana Carolina Modesto, Cristiane Coimbra, Charlaine Pires, Dienne Araújo, Ilzani dos Santos, Nilza Lúcia Xavier, Pabline Venezia, Vanessa Gonçalves, Thayane Vam de Berg, por me conferirem a amizade sincera. Aos meus amigos e colegas de trabalho, Anderson Silva, Carla Castro, Elisabete Souza, Jeniffer Molnar, Fabiana Quintana, Luciana Magno, Marcelo de Andrade, Ronaldo da Silva, Sueli Barcelos, Tarcila Monte, Tatiana Machado e Welington Torres, que dividem comigo as alegrias e dificuldades da arte de ensinar. Registro um agradecimento especial a minha amiga Nilza, por

ter compartilhado comigo as alegrias e angústias do curso de mestrado, visto que cursamos no mesmo período e realizamos um trabalho de trajetória.

A todos os meus colegas do curso de mestrado, dentre os quais registro um agradecimento especial aos integrantes da mesma linha de pesquisa e com os quais cursei as disciplinas do curso, Ariane Carvalho, Leandro Machado, Marcelo Inácio, Rafael Vianna e Roberta Campos.

Aos meus alunos dos dois colégios estaduais em que trabalho. Eles me conferem ensinamentos diários que colaboram para a confirmação da importância da paciência, humildade e respeito ao próximo no processo de aprender e ensinar.

A todos citados e aos que não estão nestas linhas, mas que também me apoiaram durante o curso e que devoto consideração: Muito obrigada!

RESUMO:

PIRES, Leila Cristina Pinto. **A trajetória de Albino Moreira Dias no movimento operário têxtil - Rio de Janeiro e Petrópolis (1906-1919)**. Seropédica, RJ. 184 p. Dissertação (Mestrado em História, Relações de Poder, Trabalho e Práticas Culturais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2014.

Esta dissertação tem como objeto o estudo da trajetória do operário e militante português Albino Moreira Dias (1882-1933) no movimento operário têxtil das cidades do Rio de Janeiro e de Petrópolis entre 1906 e 1919. O período estudado foi de luta dos trabalhadores em prol das melhorias nas condições de trabalho e de vida. As indústrias têxteis empregavam homens, mulheres e crianças, na sua maioria considerados trabalhadores sem qualificação específica. Estes recebiam baixa remuneração, viviam penosas condições de trabalho, submetidos aos mandos patronais, dos mestres e contramestres e eram expostos a situações cotidianas de humilhação. Albino, imigrante português, operário têxtil, pai de família e comungando, ao longo de sua vida, do anarquismo, do sindicalismo revolucionário e de práticas reformistas, vivia essa realidade e a interpretação que fazia da experiência operária o conduzia à ideia de que por meio do associativismo poderia reverter o quadro de miséria e exploração. Objetivamos construir a sua trajetória política e sindical para compreender como o seu discurso e agência orientaram a organização do movimento operário têxtil carioca e petropolitano. Para isso, analisaremos as associações de resistência e a de beneficência dos têxteis que ele ajudou a fundar, promover e organizar e as questões operárias que ele e os demais dirigentes articularam. As questões surgiam devido aos conflitos entre os operários e entre estes e os patrões, autoridades municipais e policiais. Muitos conflitos geravam greves. Neste estudo convergem os objetivos de resgatarmos a ativa militância de Albino na luta pelos direitos dos trabalhadores têxteis e como construiu a noção de cidadania e, em paralelo, contribuirmos para o estudo do movimento operário têxtil carioca e petropolitano.

Palavras-chave: trajetória, militância, têxteis.

ABSTRACT:

PIRES, Leila Cristina Pinto. **The trajectory of Albino Moreira Dias in textile labor movement – Rio de Janeiro and Petrópolis (1906-1919)**. Seropédica, RJ. 184 p. Dissertation (Master's degree in History, Power Relations, Labour and Cultural Practices). Institute of Humanities and Social Sciences, Rural Federal University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2014.

This dissertation has as its object the study of the trajectory of militant workers and Portuguese Albino Moreira Dias (1882-1933) in the labor movement of the textile cities of Rio de Janeiro and Petrópolis between 1906 and 1919. The studied period was workers' struggle in favour of improvements in working and living conditions. The textile industries employed men, women and children, most workers without specific qualification. They were given low –paying, lived arduous working conditions, subjected trainees to employers, masters and foremen and were exposed to daily situations of humiliation. Albino, portuguese immigrant, textile worker, father and participating, throughout his life, anarchism, of revolutionary syndicalism and reformist practices, lived this reality and the interpretation was that the working experience led to the idea that through the association could reverse the misery and exploitation. The objective was to build their political and union career to understand how his speech and acting guided the organization of the textile carioca and petropolitano workers' movement. We will examine the associations of resistance and the benefit of textiles he helped establish, promote and organize and issues workers that he and the other leaders articulated. The questions arose because of the conflicts between workers and between these and the bosses, municipal authorities and police. Many conflicts were generating strikes. In this study the objectives converge we rescue the active militant of Albino in the struggle for workers' rights and textiles as built the notion of citizenship and parallel contribute to the study of the textile carioca and petropolitano workers' movement.

Key-Words: trajectory, militancy, textile.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Fotografia das crianças saindo da Fábrica de Tecidos Carioca, em novembro de 1913.

Figura 2- Adolescente e uma criança saindo da Fábrica de Tecidos Carioca, em novembro de 1913.

Figura 3- Fotografia da vista do Morro Novo Mundo, nas Laranjeiras, em novembro de 1918.

Figura 4- Grupo da Sociedade dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos, que assistiu ao lançamento da pedra fundamental da Vila Proletária, em Sapopemba, em maio de 1911.

Figura 5- A operária Elisa Gonçalves discursando na UOFT, em outubro de 1917.

Figura 6- Fotos dos tecelões grevistas do Moinho Inglês.

Figura 7- Fotografia de Albino Moreira Dias.

LISTA DE ABREVIACOES E SÍMBOLOS

COB	Confederação Operária Brasileira
CBT	Confederação Brasileira do Trabalho
FOFT	Federação dos Operários em Fábricas de Tecidos
FORJ	Federação Operária do Rio de Janeiro
SBPOFT	Sociedade Beneficente Progressiva dos Operários em Fábricas de Tecidos
STFT	Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos
UOFT	União dos Operários em Fábricas de Tecidos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1.1. Campos da História	14
1.2. Estruturação da dissertação	17
1.3. Albino Moreira, Albino Dias – Os sobrenomes no guia do labirinto documental	23
1.4. Divisão dos capítulos.....	26
CAPÍTULO I – Albino Moreira Dias e os demais operários têxteis: Os agentes na construção da cidadania (1906-1919)	28
CAPÍTULO II - “Um revoltado e um profundo conhecedor da questão social” – a militância de Albino Moreira Dias no movimento operário carioca (1906-1919)	67
1.1. O Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos (1908-1909, 1911, 1913-1914)	80
1.1.1. A atuação dos militantes do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos junto aos têxteis das fábricas Cruzeiro, Confiança e Carioca, nos anos de 1908, 1909 e 1913.....	84
1.2. A vida de Albino Moreira Dias	103
CAPÍTULO III - A Organização da União dos Operários em Fábricas de Tecidos, nas cidades do Rio de Janeiro e de Petrópolis, e a agência de Albino Moreira Dias (1917-1919)	113
1.3. A organização da União dos Operários em Fábricas de Tecidos (1917-1919) 113	
1.3.1. A União dos Operários em Fábricas de Tecidos como espaço de gerenciamento de conflitos (1918)	128
1.3.2. Os dirigentes da UOFT articulando os casos de greves (1918).....	142
1.4. A participação de Albino Moreira Dias nas ações grevistas e insurrecionais de novembro de 1918	160
1.4.1. A greve geral e a tentativa insurrecional em Petrópolis (1918)	162
CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
ANEXOS	174
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	175
I. Fontes	175
a. Iconográficas	175
b. Impressas	175
c. Orais	177
II. Bibliografia.....	178

INTRODUÇÃO

A presente dissertação possuiu como objeto principal o estudo da trajetória do operário e militante português Albino Moreira Dias, nascido no ano de 1882 e falecido em 1933, na cidade do Rio de Janeiro. Albino dedicou a maior parte dos seus cinquenta anos de vida à luta em prol dos trabalhadores, em especial, dos têxteis das cidades do Rio de Janeiro e de Petrópolis.¹ Ele conheceu de perto a realidade dos homens, mulheres e crianças que trabalhavam nas fábricas de tecidos porque também trabalhou nessas unidades fabris, classificando-as de “bastilhas” e “antros de exploração e miséria”. Identificamos a sua agência na organização do movimento operário têxtil, nas cidades do Rio de Janeiro e de Petrópolis, entre os anos de 1906 e 1931. Para a presente dissertação delimitamos o recorte temporal de 1906 a 1919 e para o recorte espacial as duas cidades citadas. Objetivando um enfoque mais amplo em determinados aspectos da militância de Albino, recorremos a informações das suas ações e orientações ideológicas na década de 1920 e início da de 1930.²

Objetivamos estudar a agência e o discurso de Albino orientado pelos preceitos ideológicos do anarquismo, sindicalismo revolucionário, do reformismo e, na década de 1930, o comunismo.³ Igualmente objetivamos estudar como ele construiu a noção de cidadania, acerca dos direitos e deveres dos operários e a sua participação na organização do movimento operário têxtil carioca e petropolitano. Para o estudo da organização do movimento, enfocaremos as duas principais associações sindicais representantes dos têxteis, durante o período de 1906 a 1919: o Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos (STFT) e a União dos Operários em Fábricas de Tecidos (UOFT).

Acreditamos que a relevância desta dissertação reside na proposta de conhecer a trajetória de Albino para enriquecer a compreensão sobre a organização do movimento operário têxtil carioca e petropolitano entre 1906 e 1919, já que Albino foi muito ativo na organização sindical dos têxteis. Comungando de ideologias revolucionárias e vivendo as experiências dos trabalhadores têxteis, construiu e divulgou seus discursos, trabalhando intensamente na criação, organização e manutenção das associações da categoria, o STFT, a Sociedade Beneficente Progressiva dos Operários em Fábricas de Tecidos (SBPOFT) e a UOFT. Mostraremos, assim, que Albino foi um operário e militante que contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento do movimento operário têxtil.

A pesquisa em torno da trajetória de Albino iniciou-se durante a graduação e resultou no trabalho de conclusão do curso de Bacharel em História, intitulado “Pelos Fábricas”: Formação de Classe e Consciência de Classe no Discurso Anarco-Sindicalista de Albino Moreira (1913). A escolha deste objeto de estudo ocorreu após o levantamento de

¹O imigrante português era considerado como o bom operário, não se envolvendo em contestações e em greves. Albino configura-se em mais um exemplo para questionar a ideia defendida na virada do século XIX da falta de combatividade dos imigrantes portugueses. BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. **Identidade da Classe Operária no Brasil (1880-1920): Atipicidade ou Legitimidade**. Revista Brasileira de História, São Paulo v.12, n. 23/24, set.1991/ago. 1992. p.119. Cf: Anexo, figura 7- Albino Moreira Dias. Arquivo Pessoal. Cedido por: Maria Luíza Dias Mukai.

² De acordo com o autor Cláudio Batalha, “Ao estudar uma dada associação ou a trajetória de um indivíduo não podemos nos ater à cronologia que é exclusiva desses objetos específicos, sem levar em conta o contexto mais amplo em que estão situados. Nesse sentido, há que refinar os recortes cronológicos e estabelecer articulações e hierarquias entre eles.” BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. **Os Desafios Atuais da História do Trabalho**. Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, jan./dez. 2006. p.92.

³ Albino, no início da década de 1930, comungava do comunismo. Abordaremos, no último item do capítulo dois, a relação do militante com o comunismo, porém não faremos um estudo detalhado deste período e de sua atuação.

informações relativas à militância de Albino na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1906 e 1915, publicadas no jornal *A Voz do Trabalhador*.⁴ Com as informações levantadas percebi que estava diante de um personagem histórico empenhado na causa operária, porém, pouco citado na historiografia do movimento operário no Brasil.⁵

No mês de janeiro de 2012, o que parecia impossível aconteceu: o contato com a família do indivíduo pesquisado, que foi de grande importância para o desenvolvimento da pesquisa. O contato inicial foi feito com a neta de Albino, Fátima Dias Amado, que é filha da senhora Nilza Dias, filha caçula do casal Albino e Belmira Dias. Fátima, por meio de conversas com sua avó, mãe, tias, tios e primos, construiu uma memória acerca do seu avô que a conduzia a acreditar que ele foi uma pessoa que contribuiu para a História do país. Movida por essa memória e pelo interesse em saber mais sobre a história do seu avô, digitou o nome dele em um site de buscas e encontrou o título desta pesquisa.⁶ Os avanços tecnológicos dos nossos dias possibilitou que Fátima encontrasse o endereço do meu e-mail e entrasse em contato.

As novas informações sobre a vida estabelecida por Albino na cidade de Petrópolis e o uso do sobrenome “Dias” em detrimento do “Moreira” ocasionaram a reorientação da pesquisa. Até então, minhas fontes de pesquisa se resumiam a sete artigos de autoria de Albino e um relatório que consideramos ser de sua autoria, e informações das suas atuações nos congressos operários de 1906 e 1913. Mas, além dos documentos que foram sendo encontrados, no decorrer dos anos de 2012, 2013 e 2014, mediante a possibilidade da pesquisa com o nome “Albino Dias” e com foco na cidade de Petrópolis, o inesperado contato me possibilitou conhecer uma família que mantém viva a memória de Albino como alguém que foi importante para a luta dos trabalhadores.⁷

As entrevistas foram realizadas na casa de Nilza, em um dia de encontro de família e, como estava no convite que me foi feito para participar do almoço, era um encontro que contaria com a presença da filha, dos netos e bisnetos de Albino Moreira Dias. Durante vários momentos do encontro, foi afirmado que a pesquisa possibilitou a ocorrência da referida reunião familiar. Logo, pude perceber que a pesquisa histórica a ser apresentada nas próximas

⁴ *A Voz do Trabalhador*. Localização: Arquivo da Memória Operária do Rio de Janeiro (Amorj). Coleção, Asmob.

⁵ As leituras feitas permitiram identificar informações sobre Albino nas seguintes referências bibliográficas: BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. **Dicionário do Movimento Operário - Rio de Janeiro do século XIX aos anos de 1920 militantes e organizações**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009. p.107; p. 207. RODRIGUES, EDGAR. **Os Companheiros**. Rio de Janeiro: VJR. 1994. RODRIGUES, Edgar. **Alvorada Operária**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979. p. 113. É válido mencionar que nos livros citados aparece apenas Albino Moreira. A referência ao nome completo de Albino aparece apenas em: NÉBIAS, Wellington Barbosa. **A greve geral e a insurreição anarquista de 1918 no Rio de Janeiro: um resgate da atuação das associações de trabalhadores**. 2009. 220 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Universidade Federal do Rio de Janeiro. p. 87. Nébias cita, a partir da leitura do *Jornal do Brasil*, o nome de Albino Dias Moreira, mas o contato com outros documentos permitiu certificar que a ordem correta era Albino Moreira Dias. Desse modo, apenas referências aos cargos ocupados nas associações sindicais da cidade do Rio de Janeiro estão presentes nas obras citadas. Edgar Rodrigues citou a prisão de Albino por conta do envolvimento com as ações grevistas de 1918 e a citação foi com o nome de Albino Dias. Acreditamos que o autor desconhecia que os nomes Albino Moreira e Albino Dias referiam-se a mesma pessoa.

⁶ A forma como ocorreu o encontro do título do projeto de pesquisa foi narrada pela senhora Fátima Dias Amado, no dia da entrevista. Segundo Fátima, ela estava no banco e, para passar o tempo, resolveu fazer buscas, na internet do seu celular. Ao encontrar o título da pesquisa, questionou-se sobre qual teria sido o alcance das ações do seu avô a ponto de estar sendo estudado. O interesse de Fátima e de sua mãe Nilza pela história de Albino não é recente. Ambas relataram que chegaram a visitar Petrópolis para procurar um busto de Albino que teria sido construído, mas não foi encontrado.

⁷ Maria Luíza Dias Mukai, neta de Albino, é advogada trabalhista e atribui à história de militância do seu avô o interesse pela sua área de formação. Entrevista Maria Luíza Dias concedida a Leila Cristina Pinto Pires em 17 de novembro de 2012

páginas constituiu-se também no estopim para o reencontro de membros de uma mesma família e para fortalecer o sentimento de identidade entre eles provenientes da memória a respeito de um antepassado que deixou registrado o seu nome na luta operária da Primeira República.

1.1. Campos da História

A pesquisa possui a temática inserida no campo da História Social do Trabalho aliada ao campo da Nova História Política. Os estudos políticos readquiriram força na historiografia francesa e na de outros países europeus, em fins dos anos de 1970 e início da década de 1980, permitindo a ascensão de trabalhos nos gêneros biográficos, autobiográficos e de trajetórias.⁸ No decorrer das décadas de 1970 e 1980, os estudiosos foram adotando novas perspectivas com o enfoque no “tempo curto”, como o tempo de uma vida e o olhar para o indivíduo. De acordo com Mary Del Priori,

A explicação histórica cessava de se interessar pelas estruturas, para centrar suas análises sobre os indivíduos, suas paixões, constrangimentos e representações que pesavam sobre suas condutas. O indivíduo e suas ações situavam-se em sua relação com o ambiente social ou psicológico, sua educação, experiência profissional etc. O historiador deveria focar naquilo que os condicionava a fim de fazer reviver um mundo perdido e longínquo. **Esta história “vista de baixo” dava as costas à história dos grandes homens,** motores das decisões, analisadas de acordo com suas consequências e resultados, como a que se fazia no século XIX.⁹ (*grifos meus*)

Na historiografia voltada para o mundo do trabalho, o historiador marxista inglês Edward Palmer Thompson, desde o final dos anos de 1960, já vinha produzindo pesquisas históricas que se pautavam na agência dos trabalhadores.¹⁰ As recorrências antropológicas presentes nas obras de Thompson influenciaram os estudos de micro-história, que começavam a ganhar destaque com os historiadores italianos na década de 1970. Carlo Ginzburg, Edoardo Grendi e Giovanni Levi são autores italianos que se reuniram, na década de 1980, e produziram a Revista *Quaderni Stori*.¹¹ A Revista teve uma grande importância por reunir trabalhos de

⁸ LEVILLAIN, Philippe. *Os Protagonistas: da biografia*. In: RÉMOND, René (Org). **Por uma História Política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 161-164. Ao mencionar o retorno dos estudos do político, não significa que nas décadas anteriores a produção tenha sido nula, porém reduziu-se devido à adoção de novas perspectivas. A historiografia francesa, entre as décadas de 1950 e 1970, caracterizou-se pela atuação da Segunda Geração dos Annales e esta foi marcada pela predominância do marxismo, estruturalismo que considerava a longa duração, a formulação de séries e a quantificação de dados como necessários para o desenvolvimento dos estudos históricos. Os historiadores montavam as séries dos documentos, a partir das regularidades encontradas, desconsiderando o que era excepcional, único. (CASTRO, Hebe. *História Social*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.p. 48-49.) A referida Geração criticava as seguintes características da História Política tradicional: o enfoque no “tempo curto”, na narrativa que privilegiava os dados factuais, na construção de biografias centradas nas figuras dos grandes homens colaborando para a construção da ideia de heróis nacionais e a construção da narrativa de modo que evidenciasse os acontecimentos históricos encadeados segundo uma lógica pré-estabelecida. LEVILLAIN, Philippe. *Os Protagonistas: da biografia*. In: RÉMOND, R., 2003, Op. Cit., p.155-162.

⁹ DEL PRIORI, Mary. **Biografia: quando o indivíduo encontra a história**. *Topoi*, v. 10, nº. 19, jul./dez. 2009. p. 9.

¹⁰ GINZBURG, Carlo. *O nome e o como*. In: CASTELNUOVO, Enrico; GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Tradução de Antônio Narino. Rio de Janeiro: DIFEL, 1989. p.171.

¹¹ É válido mencionar que a Antropologia também influenciou na historiografia francesa com a Terceira Geração dos Annales, na década de 1970, mediante “a ênfase no lado das mentalidades”. LOPES, José Sergio Leite.

destacados estudiosos e por ter sido um movimento historiográfico que lançou a redução de escala como opção para os estudos históricos.¹² O movimento em torno da Revista italiana inspirou estudos na França e nos Estados Unidos. As referências antropológicas podem ser percebidas nas obras de Ginzburg e de outros historiadores do micro por estudarem os “*problemas cotidianos de sobrevivência*.”¹³ Segundo Pollak, a preocupação com os homens simples atingiu os estudos de História Oral. A prática da entrevista passou a revelar a memória dos homens até então desconsiderados, permitindo a composição de estudos que apresentavam outra versão para a história contrapondo-se as versões que até então circulavam por se basear na “memória oficial”.¹⁴

Diante das novas abordagens que priorizavam o indivíduo, sendo público ou anônimo, os estudos de biografia, autobiografia e trajetória passaram a adquirir destaque. Para Ângela de Castro Gomes, a ascensão do indivíduo nos estudos históricos foi possível também porque a disciplina ampliou o uso de fontes como as “*cartas, diários íntimos, memórias*.”¹⁵ A Antropologia e a Sociologia, mediante o diálogo com a História, contribuíram para os estudos de trajetória e biografia no tocante ao apontamento para a necessidade de compreensão das realidades em que o indivíduo estudado se insere. Gilberto Velho analisa o processo de “mediação” ao qual um indivíduo está submetido a partir dos intercâmbios e das trocas que estabelecem com outras pessoas, no mesmo espaço físico ou em espaços diferentes. Segundo o autor, “*perceber as situações e contextos mais ou menos propícios à atividade mediadora*”¹⁶ é uma das tarefas mais importantes para o pesquisador. Para observar essa realidade mediadora, o autor afirmou,

o estudo de trajetória individuais tornam-se assim estratégicos [...] estamos em um território interdisciplinar onde as biografias são relevantes [...] as decisões e escolhas dão se em um campo de possibilidades sociocultural, entremeado de relações de poder [...] num contínuo processo de negociação da realidade, escolhas são feitas, tendo como referência sistemas simbólicos, crenças e valores, em torno de interesses e objetivos materiais e imateriais dos mais variados tipos. A mediação é uma ação social permanente, nem sempre óbvia, que está presente nos mais variados níveis e processos interativos.¹⁷ (*grifos meus*)

O estudo biográfico possui várias modalidades, como ficou demonstrado nas análises de Giovanni Levi; entre elas o autor cita a prosopografia e a biografia modal, biografia e contexto, biografias e os casos extremos, biografia e hermenêutica, entre outros.¹⁸ Para o autor, essas modalidades estão se aperfeiçoando com o passar do tempo. Entendemos, de acordo com a leitura de Levi, que a trajetória de um indivíduo compõe muitos trabalhos biográficos. Porém, ao falarmos em estudo de trajetória, como classificamos a presente dissertação, consideramos o enfoque nas ações do indivíduo no decorrer do tempo e inserido nas diferentes temporalidades. Prevalece o estudo focado na perspectiva de análise dos

História e Antropologia. Revista do Departamento de História Fafich/UFMG, nº. 11 (nº especial Anais do Seminário Fronteiras na História), Belo Horizonte, jul./1992. p.80.

¹² REVEL, Jacques (Org). **Jogos de Escalas: A Experiência da Microanálise.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002, pp.16-17.

¹³ GINZBURG, Carlo. O nome e o como. In: CASTELNUOVO, Enrico; GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. 1989, Op. Cit., p.171.

¹⁴ POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p.2.

¹⁵ GOMES, Ângela de Castro (Org). **Escrita de Si Escrita da História.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.8.

¹⁶ VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina.(Orgs). **Mediação, cultura e política.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p.9.

¹⁷ Ibidem, p. 9-10.

¹⁸ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: Ferreira, Marieta de Moraes & Amado, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas. 1996. p.173-179.

“campos” em que o indivíduo se inseriu e priorizamos entender como o campo interferiu nas atitudes e sentimentos do indivíduo estudado.

As décadas de 1970 e 1980, para a historiografia brasileira, também foi o período de renovação dos estudos nas áreas da História Política e História Social do Trabalho. Os trabalhadores na Primeira República passaram a ser objeto de estudo. Os pesquisadores motivavam-se a estudar o período devido às agitações grevistas e a formação do novo sindicalismo no ABC paulista.¹⁹ As novas abordagens teóricas, metodológicas e temáticas oriundas das influências antropológica, sociológica, das novas produções na historiografia marxista inglesa e da micro-história, praticadas na Itália e na França, foram adotadas na historiografia relativa ao movimento operário. Com relação às novas abordagens teóricas, os estudiosos buscaram afastar-se da ideia de que a formação da classe operária ocorre somente pelo aspecto econômico, ou seja, impulsionada pela industrialização. Passaram a procurar a classe operária em “*circunstâncias históricas precisas*”²⁰ considerando-a “*como sujeito político que articulava entendimentos de sua realidade e estratégias de luta no interior de um conjunto de constrangimentos diversos- de ordem econômica, disciplinar, burocrática, policial [...]*.”²¹ No tocante às temáticas, os estudiosos, no decorrer dos anos, entenderam que estudos acerca dos trabalhadores escravos, rurais, autônomos, contratados e sazonais fazem parte da História do Trabalho.²² Deixaram de focar somente no movimento operário organizado e passou a englobar “*o processo de trabalho, condições de vida e mulheres trabalhadoras.*”²³ Outro ganho foi à produção de estudos em novas localidades além dos mais comuns centrados no eixo Rio-São Paulo. Localidades sem tradição industrial também passaram a ser estudadas.²⁴

Benito Bisso Schmidt, ao analisar a historiografia referente ao período, afirmou que “*é justamente para a ação humana que diversos historiadores do operariado se voltaram nos últimos anos e, neste sentido, pode-se compreender o interesse dos mesmos pelas trajetórias individuais.*”²⁵ De acordo com Schmidt, os escritos sobre indivíduos que se destacavam no movimento operário produzidos por militantes nas décadas anteriores não se configuravam como trabalhos acadêmicos, por serem produzidos fora da academia e marcados pela idealização dos personagens estudados. Segundo o autor, foi na década de 1980 que se identificou a necessidade da não idealização do indivíduo biografado e as produções historiográficas baseadas em trajetória e biografia adquiriram espaço na academia.²⁶

Analisando produções historiográficas voltadas para o estudo da trajetória de militantes anarquistas e socialistas, Schmidt identificou que a proposta das obras não era a de estudar o personagem por ele mesmo, e sim, ao focar em um dado indivíduo, buscava compreender aspectos mais amplos da sociedade.²⁷ A autora Edilene Toledo, com relação aos trabalhos focados nas trajetórias de militantes operários, afirmou,

Voltar a atenção para a história de vida de um indivíduo pode revelar mais sobre a complexidade das experiências do movimento operário, analisando-se a

¹⁹ SILVA, Francisco Teixeira da. & CHALHOUB, Sidney. **Sujeitos no Imaginário Acadêmico: Escravos e Trabalhadores na Historiografia Brasileira desde os anos de 1980.** Cadernos da Ael, v.14, n.26, 2009. p. 30.

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibidem.

²² BATALHA, C. 2006, Op. Cit., p.89-90.

²³ SILVA, F. & CHALHOUB, S., 2009, Op. Cit., p. 33.

²⁴ BATALHA, C. 2006, Op. Cit., p.90.

²⁵ SCHMIDT, Benito Bisso. **As biografias na historiografia do movimento operário brasileiro.** Anos 90, Porto Alegre, n.8, dezembro de 1997. p.82.

²⁶ Ibidem, p.79.

²⁷ Ibidem, p. 82-83.

relação entre o particular e o contexto. Talvez o estudo de caso possa revelar mais sobre as dificuldades que os militantes tinham que afrontar, as condições sociais e econômicas dos trabalhadores, as lutas operárias, as formas de organização, as tradições. **Pode-se alargar a expressão movimento operário através da reconstrução das figuras que o compõem, estabelecendo uma relação entre a história social e a que costumamos definir como história política do movimento operário.** ²⁸ (*grifos meus*)

Diante das considerações de Toledo, afirma-se que a presente pesquisa de trajetória soma-se aos esforços das outras pesquisas da historiografia do movimento operário no Brasil, ao buscar reconstruir a militância de Albino Moreira Dias inserido na complexidade das experiências do movimento operário nas duas décadas iniciais do século XX.²⁹

1.2. Estruturação da dissertação

Como mencionamos anteriormente, o objetivo principal desta dissertação é estudar a trajetória de Albino Moreira Dias entre os anos de 1906 e 1919. Este se desdobra nos seguintes objetivos específicos: analisar como construiu a noção de cidadania; identificar a orientação ou as orientações ideológicas e a agência de Albino; analisar a conjugação do discurso e da prática de Albino com a organização do movimento operário têxtil carioca e petropolitano; entender como Albino e outros militantes articularam os conflitos operários dentro do STFT entre 1908 e 1914 e na UOFT entre 1917 e 1919, utilizando os depoimentos da senhora Nilza Dias, única filha viva de Albino, para encontrá-lo em outros espaços de sua vida e de seu cotidiano, que não se restringia ao chão da fábrica ou aos sindicatos, mas fazia parte de sua experiência como homem, trabalhador e militante.

Consideramos importante ressaltar que esta dissertação não apresenta informações da trajetória de Albino em todos os anos entre 1906 e 1919, pois não encontramos informações sobre a atuação de Albino nos períodos em que as associações sindicais têxteis se desorganizaram, como nos anos de 1910 e 1911 e entre 1914 e 1916. Entre 1907 e 1909, não encontramos referências ao militante, porém, o jornal *A Voz do Trabalhador* publicou artigos em 1908 e 1909 sobre os trabalhadores têxteis nos quais o discurso muito se aproxima dos de Albino escritos em 1913, nos conduzindo a acreditar em sua participação na redação do periódico e no movimento em 1908 e 1909.

²⁸ TOLEDO, Edilene. **O Sindicalismo Revolucionário em São Paulo e na Itália: Circulação de Ideias e Experiências na militância sindical transnacional entre 1890 e o fascismo.** 2002. 494 f. Tese. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas. p.15.

²⁹ Destacamos as seguintes estudos de trajetórias. DUARTE, Regina Horta. **A Imagem Rebelde- A trajetória libertária de Avelino Fóscolo.** 1988. 230 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. **Evaristo de Moraes, Tribuno da República.** São Paulo: Unicamp, 2007. ROMANI, Carlo. **Orestes Ristori – Uma aventura anarquista.** São Paulo: Annablume/ Fapesp 2002. SAMIS, Alexandre Ribeiro. **Minha Pátria é o Mundo Inteiro: Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundos.** Lisboa: Letra Livre, 2009. SCHIMIDT, Benito Bisso. **O Patriarca e o Tribuno: Caminhos, Encruzilhadas, Viagens e Pontes de dois líderes socialistas- Francisco Xavier da Costa (187? – 1934) e Carlos Cavaco (1878-1961).** 2002. 625f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. TERRA, Paulo Cruz. **Cidadania e Trabalhadores: Cocheiros e Carroceiros no Rio de Janeiro (1870-1906).** 2012. 313f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense. TOLEDO, Edilene. **O Sindicalismo Revolucionário em São Paulo e na Itália: Circulação de Ideias e Experiências na militância sindical transnacional entre 1890 e o fascismo.** 2002. 494 f. Tese. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas.

Entre 1917 e 1918, Albino contribuiu com o jornal *O Cosmopolita*, representante dos empregados em hotéis, restaurantes, cafés, bares e classes congêneres.³⁰ A sede do Centro Cosmopolita era “*um dos principais locais de encontro de trabalhadores de outras categorias seja com caráter sindical, com caráter educativo, ou apenas cooperativo e assistencial.*”³¹ Desse modo, Albino pode ter sido um dos trabalhadores que se reunia nesta associação e contribuiu para o jornal *O Cosmopolita*. Para este trabalho não nos detemos em investigar uma possível relação de Albino com o Centro Cosmopolita, mas sim investigamos a sua atuação junto às associações têxteis. Como demonstraremos, essa atuação foi a mais regular, atingindo a década de 1920 e início da de 1930. Através da análise do discurso, confirmamos que Albino é o autor dos artigos publicados em *O Cosmopolita*. A análise textual dos artigos publicados no ano de 1913 nos jornais *A Voz do Trabalhador* e *A Epoca* e os de 1917 e 1918 em *O Cosmopolita*, revelam as mesmas escolhas discursivas.³²

Albino, no início do século XX, já residia no Brasil porque em 1904 se casou na cidade do Rio de Janeiro com Maria Dolores Ojeda Marreiro.³³ Porém, não foi possível

³⁰ A primeira edição de *O Cosmopolita* foi lançada no dia vinte e oito de outubro de 1916. No decorrer deste ano foram lançados quatro edições que não constam artigos assinados por Albino. Cf: *O Cosmopolita*. Arquivo da Memória Operária do Rio de Janeiro (Amorj). Coleção: Asmob.

³¹ COSTA, Adailton Pires. **A História dos direitos trabalhistas vista a partir de baixo: A luta por direitos e (leis) dos trabalhadores em hotéis, restaurantes, cafés e bares no Rio de Janeiro da 1ª República (DF-1917-18)**. 2013. 319 f. Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade Federal de Santa Catarina. p. 154. A atuação do Centro Cosmopolita perdurou de 1903 a 1931. No ano de 1917, os integrantes da associação lutaram “*pelo cumprimento da jornada de 12 horas de trabalho, com descanso semanal, estabelecida por circular do Prefeito do Distrito Federal, Amaro Cavalcanti.*” (BATALHA, C., 2009, Op. Cit., p.202.) Albino publicou artigos em *O Cosmopolita* defendendo esta bandeira de luta. (*O Cosmopolita*. 15 de maio de 1917, p.2.) O Centro “*começou com funções de auxílio mútuo e beneficência, mas com o passar do tempo transformou-se numa espécie de sindicato de resistência. Em 1917, o Centro exercia múltiplas funções, sendo uma associação que tinha desde um caráter assistencial, beneficente e mutualista até um caráter mais sindical e cooperativista.*” (COSTA, A., 2013. Op. Cit., p. 153-154.) O Centro, em 1918, era filiado a União Geral dos Trabalhadores (UGT). (Ibidem, p. 155) Na década de 1920 foi “*um dos sindicatos no campo de influência do PCB.*” (BATALHA, C., 2009, Op. Cit., p. 203.)

³² De acordo com Norman Fairclough, ao “*analisar textos sempre se examinam simultaneamente questões de forma e questões de significado.*” (FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.p. 102.) A análise textual é feita considerando o vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. Ele acrescenta também três itens que não são usados na análise textual e sim na análise da prática discursiva que são a “*força dos enunciados, isto é, os tipos de atos de fala (promessas, pedidos, ameaças, etc.) [...]; a ‘coerência’ dos textos; e a ‘intertextualidade’.*” (Ibidem, p. 103-104.). Para a presente nota não reproduziremos todas as orientações para a análise textual presentes no livro de Fairclough. No geral, destacamos o item da coesão, “*concebendo como as orações são ligadas em frases e como as frases, por sua vez, são ligadas para formar unidades maiores nos textos.*” (Ibidem, p. 106.). Diante da consideração da “*estrutura argumentativa*”, destacamos dois trechos dos discursos de Albino. O primeiro do ano de 1913 e o segundo de 1917. O primeiro trecho do artigo “*Divagando*” afirmou “[...] *Basta a união consciente de todos os trabalhadores dentro dos seus sindicatos. E só assim, depois que nós os operários chegarmos á compreensão de que todos os homens são naturalmente iguais, e que por consequência teem o direito indiscutível de gozar e desfrutar todo o produto e bem estar que nos oferece a natureza e a ciência, teremos chegado ao ponto de fazer ruir por terra essa sociedade inique e bárbara que aí está, com a tuberculose e todos os seus males, e fazendo surgir das suas ruínas uma sociedade de homens livres sobre a terra livre, conseguindo assim que toda a humanidade seja feliz.*”. (*A Voz do Trabalhador*. 01 de novembro de 1913, p.3-4.) No artigo publicado, em 1917, em *O Cosmopolita*, afirmou, “[...] *Ao proletariado cabe arrejimentar-se nos sindicatos revolucionários, para a conquista da liberdade, porque sem liberdade está privado da ciência. Conquiste pois a liberdade, para entrar na comunhão social, sem castas nem preconceitos, para que cada um produza segundo as suas forças e as suas necessidades.[...] O homem deve sair do seu marasmo e preparar-se para a melhor de todas as revoluções: á que há de coloca-lo livre sobre a terra livre.*” (*O Cosmopolita*. 01 de novembro de 1917, p.2.) Exatamente quatro anos depois, Albino publicava um artigo com a “*estrutura argumentativa*” muito semelhante.

³³ Cf: Certidão de Casamento. Disponível em: <https://familysearch.org/pal:MM9.3.1/TH-266-11018-72290-56?cc=1582573&wc=M9MD-32Q:n1150705713>. Acesso em: 25 jun. 2014.

precisar quando e por qual motivo Albino migrou para o Brasil e se participou de atividades revolucionárias em Portugal. Seus posicionamentos nos momentos de tensão política que se seguiram forjaram e foram forjados pelas experiências que viveu e pelos contatos que estabeleceu com outros homens e mulheres, em todas as esferas de sua vida, dentro e fora da fábrica em que era empregado, nas fábricas têxteis que visitava, nos Congressos Operários e nos sindicatos. Albino militou nas duas cidades em que residiu, Rio de Janeiro e Petrópolis, e, devido ao cargo de vice-presidente da UOFT, militou também em Bangu, Paracambi, Niterói, Magé e Entre Rios.³⁴

Albino dedicou longos anos de sua vida à militância em prol dos têxteis, exatamente o período da Primeira República no Brasil: 1889-1930. Ele atuou também no período do governo provisório de Getúlio Vargas, de 1930 até 1933, ano de sua morte. O governo provisório encerrou-se em 1934. Devido às limitações de uma dissertação não abordamos toda a trajetória política e sindical de Albino, e delimitamos o período entre 1906 e 1919, necessidade evidenciada diante do volume de material levantado sobre a participação de Albino no movimento operário das cidades do Rio de Janeiro e de Petrópolis. A delimitação visou possibilitar uma análise mais detalhada de sua formação ideológica e de sua agência em acontecimentos como a organização e manutenção das associações têxteis e na articulação dos conflitos operários.

A maior parte das fontes utilizadas para compor a dissertação foi divulgada na imprensa diária e operária no período da Primeira República. Para Tânia Regina de Luca, ao utilizar os periódicos como fontes, conseguem-se “*respostas para as mais diversas questões acerca dos segmentos militantes*”³⁵ e que os jornais constituíram-se “*em instrumento essencial de politização e arregimentação*”.³⁶ Destacamos a importância dos artigos de autoria de Albino para o estudo da sua trajetória. Identificamos, no ano de 1913, sete artigos publicados no jornal *A Voz do Trabalhador* e dois em *A Epoca* e, entre 1917 e 1918, dez foram publicados no jornal *O Cosmopolita*.³⁷

³⁴ A autora Silvia Petersen aborda a mobilidade dos militantes e esta repercutia no movimento operário brasileiro. A circulação dos militantes dentro do Brasil, por países da América e fora da América ocorriam por diversos motivos no decorrer da Primeira República. A circulação dentro do Brasil era por motivo de participar de congressos operários, de campanhas de solidariedade, por estarem sendo perseguidos pelos patrões tendo que buscar trabalho em outros Estados. Com a mobilidade, as ideias e experiências dos militantes circulavam e contribuía para a organização do movimento operário de forma abrangente. PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. **Fugitivos ou deportados: percursos e efeitos da circulação de ‘agitadores indesejados’ no movimento operário brasileiro.** ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História, João Pessoa, 2003. Mostraremos, ao longo do texto, que Albino foi um desses militantes que circulou disseminando suas ideias e experiências.

³⁵ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 119.

³⁶ Ibidem.

³⁷ No ano de 1913, nas páginas do periódico *A Voz do Trabalhador* foram publicados seis artigos de Albino, denominados “Pelos Fábricas”. As datas de publicação do periódico em que se encontram os artigos são: quinze de março, na segunda página; primeiro de abril, na primeira página; dezesseis de abril, na segunda página, com o subtítulo “Na Carioca”; primeiro de maio, na terceira página, com o subtítulo “Na Carioca”; primeiro de junho, na primeira página, com o subtítulo “Na Aliança” (Laranjeiras), e quinze de junho, na primeira página. Albino escreveu também o artigo intitulado “Divagando”, que foi publicado em primeiro de novembro de 1913, na terceira e quarta páginas da edição. Na sessão “Coluna Operária” do jornal de grande circulação, *A Epoca*, Albino publicou dois artigos, um no dia nove de novembro na nona página com o título “Aos operários das fábricas de tecidos” e o outro contestando as declarações feitas por Mota Assunção sobre as orientações do Segundo Congresso Operário, lançado na edição do dia vinte e seis de outubro na décima página. No jornal da categoria dos trabalhadores de bares, restaurantes e hotéis da cidade do Rio de Janeiro, *O Cosmopolita*, Albino publicou dez artigos. No ano de 1917, na edição de primeiro de maio publicou dois, um na primeira e outro na segunda página, ambos criticando a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a condução desta pelos governantes brasileiros e estrangeiros. Na edição de quinze de maio, página três; quinze de junho, página um; primeiro de setembro, página três; quinze de setembro, página um e primeiro de novembro, página dois. No ano de 1918, nas

Trabalhamos também com fontes iconográficas, que são imagens presentes nos jornais da grande imprensa. No tocante à entrevista, consideramos as propostas de Pierre Bourdier ao ressaltar que o método também deve ser analisado, no decorrer da entrevista, mediante o diálogo do entrevistador com o entrevistado. Desse modo, o autor afirmou que a atenção deve estar voltada para o entrevistado no decorrer da pesquisa, que este deve ter um papel ativo, ou seja, o entrevistador não deve proceder apenas de forma a lançar uma sucessão de perguntas. A fala do entrevistado pode ser incentivadora de vários outros questionamentos que contribuirão para o entendimento do objeto estudado. Logo, o método também estará sendo construído durante a condução da entrevista.³⁸

Como fontes documentais, utilizamos os Estatutos da UOFT, localizado no Arquivo Nacional, a certidão do primeiro casamento de Albino com Maria Dolores Ojeda Marreiro, a Carteira de Trabalho e a Carteira de Sócia da UOFT de Belmira Dias, segunda esposa de Albino e a certidão de nascimento de um dos filhos deste casal. Igualmente utilizamos o Relatório do STFT, publicado em duas edições do jornal *A Voz do Trabalhador* e não constando assinatura dos autores.

Atribuímos a Albino Moreira Dias e a Pedro Villa a autoria do Relatório,³⁹ que foi elaborado no ano de 1913, com a incumbência de ser um histórico conciso da organização sindical dos têxteis, abrangendo o movimento associativo e as condições de trabalho da associação.⁴⁰ A elaboração do Relatório por delegados designados pelos Sindicatos e Federações que participaram do Congresso foi exigência dos dirigentes do Segundo Congresso Operário, que, por sua vez, estipularam as associações participantes.⁴¹ Atendendo à solicitação, o STFT, enviou o Relatório, publicado no jornal *A Voz do Trabalhador*, no dia vinte de julho de 1914 e, a outra parte, a conclusão, foi lançada na edição de cinco de agosto de 1914. A publicação, no ano de 1914, ocorreu, porque, nas edições anteriores do jornal operário, foram publicados os relatórios dos outros sindicatos participantes. A necessidade de ser elaborado ainda no decorrer das reuniões do Congresso era para atender a exigência

edições de quinze de janeiro, página dois; primeiro de fevereiro, página dois e quinze de fevereiro página três. Albino publicou um poema no dia quinze de fevereiro.

³⁸ BOURDIEU, Pierre (Org). *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 693-695.

³⁹ O autor Marcelo Badaró Mattos e a autora Marcela Goldmacher utilizaram como fonte o Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos. Os autores não apontaram para Albino e Pedro Villa como os autores do Relatório. MATTOS, Marcelo Badaró. **Escravizados e Livres - Experiências Comuns na Formação da Classe Trabalhadora Carioca**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008. p. 136, p.174-175. Goldmacher, Marcela. **A “greve geral” de 1903 – O Rio de Janeiro nas greves de 1890 a 1910**. 2009. 181 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. p. 55.

⁴⁰ *A Voz do Trabalhador*. 01 de outubro de 1913, p. 2.

⁴¹ Os sindicatos e federações operárias que foram solicitadas e elaboraram o relatório a pedido da comissão organizadora do Segundo Congresso Operário foram: no Rio de Janeiro, além do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos, a Federação Operária do Rio de Janeiro, Sindicato dos Operários em Ladrilhos e Mosaicos, Sindicato dos Operários das Pedreiras, União Geral dos Pintores, Centro Cosmopolita, Associação dos Empregados Barbeiros e Cabeleireiros, União dos Alfaiates. E da cidade de Niterói, o Círculo Operário Fluminense, Sindicato dos Tecelões e Artes Correlativas e Sindicato dos Pedreiros e Serventes. Em relação aos outros estados, convocaram a Federação Operária de Alagoas, Federação Operária do Rio Grande do Sul, e da cidade de Porto Alegre a União Metalúrgica e Allgemeiner Arbeiter Verein. A Federação Operária de Santos e da mesma cidade o Sindicato dos Operários em Pedra e Granito, Sindicato dos Carpinteiros e Classes Anexas, Sindicato dos Carroceiros e Chauffeurs. Da cidade de São Paulo nomearam a União dos Canteiros, União Gráfica e da cidade de Ribeirão Pires o Sindicato dos Canteiros. A lista seguiu com os nomes da Liga Operária de Batatais, Centro Operário Beneficente e Instrutivo de Jaú, Associação Beneficente Irmãos Artistas de Juiz de Fora e Centro Operário Sindicalista de Belo Horizonte. *A Voz do Trabalhador*. 01 de outubro de 1913, p. 2.

impressa na circular expedida pela comissão organizadora, de que os delegados deveriam ler seus respectivos relatórios durante as sessões.⁴²

O Relatório e as matérias publicadas em *A Voz do Trabalhador* são importantes fontes para construirmos a história do STFT nos anos de 1908, 1909 e 1913. Porém, as matérias publicadas no referido periódico não trazem a assinatura dos autores. Mediante a análise textual que permitiu identificar informações comuns no Relatório e nas matérias publicadas pelo jornal, em 1908 e 1909, consideramos que Albino colaborou para a escrita dessas matérias.

O método aplicado para a construção desta dissertação orientou-se pela pesquisa em torno do personagem principal. Com o levantamento das ações e dos conflitos operários nos quais Albino esteve envolvido evidenciou-se a necessidade de pesquisarmos mais fontes que nos permitissem compor melhor esses conflitos e assim entendermos a sua agência. Buscamos compor a rede de sociabilidade em que esteve inserido, marcado pelo contato com operários, militantes, patrões, policiais e autoridades municipais. Logo surgiu a necessidade de emprendermos outras pesquisas que nos permitissem conhecer estas pessoas. Devido aos limites da dissertação, optamos por pesquisar sobre os militantes que atuaram diretamente com ele nos congressos operários, que foram Antônio Domingues e Pedro Villa e os dirigentes que atuaram na diretoria da UOFT, no ano de 1918. Dentre os dirigentes focamos no presidente Manoel Ignácio de Castro e no secretário Joaquim Moraes. Castro e Moraes atuaram com Albino em reuniões e comícios promovidos pela UOFT. Investigamos também a atuação de Antônio Roux que foi preso juntamente com Albino no ano de 1930. Consideramos necessário estender a pesquisa sobre a ação desses militantes por terem estado envolvidos diretamente e em circunstâncias centrais da vida pública de Albino.

Para compor a vida privada foram de suma importância as informações cedidas por Nilza, especialmente sobre a vida que sua mãe Belmira teve ao lado de Albino. Belmira configura-se como mais uma personagem que interferiu na vida de Albino e sofreu interferências dele na sua vida. As interferências de Belmira ocorreram dentro das esferas privada e pública da vida deste militante e pai de família.

Para o estudo das associações operárias têxteis, o STFT e a UOFT optamos pelas análises dos conflitos que ficaram a cargo de Albino e dos demais dirigentes destas associações articularem. Assim, analisamos detalhadamente determinados casos a partir da leitura de vários jornais da grande imprensa. Na análise dos conflitos relativos ao Sindicato dos Têxteis recorreremos à comparação de discurso entre os jornais da grande imprensa e o jornal operário *A Voz do Trabalhador* objetivando verificar se as versões eram as mesmas, se eram diferentes e em quais pontos se cruzavam. Quando as versões se apresentaram muito diversas, nos detivemos na versão do jornal operário para observar a intencionalidade do jornal, ou seja, a ideia que os redatores gostariam que os operários comungassem acerca da ação operária, patronal, estatal e policial.⁴³ A análise detalhada dos conflitos nas duas associações objetivou compor a história de forma que nos permitisse conhecer a postura dos

⁴² *A Voz do Trabalhador*. 15 de maio de 1913, p. 1. O autor Francisco Foot Hardman endossa o uso dos Relatórios como fonte histórica e considera que “*eles nos dão indicações preciosas sobre a situação real em que se encontrava a organização da classe*”. HARDMAN, Francisco Foot & LEONARDI, Victor. **História da Indústria e do Trabalho no Brasil (das origens aos anos 20)**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991. p. 274.

⁴³ A História das Ideias é uma das disciplinas da História Política. O autor Michel Winock afirmou que devido a uma necessidade metodológica o historiador da História das Ideias Políticas buscou estudar também os mediadores e não somente os grandes pensadores. Aqueles que produzem “*pensamento cotidiano ou semanal*” devem ser estudados. Os jornais são instrumentos de produção de pensamento e o estudo desses veículos permite identificar as “*ideias na sociedade tanto quanto o reflexo dos problemas sociais do momento na expressão jornalística*.” Segundo Winock, “*é de fato o jornal que constitui a fonte mais rica, a que espousa as inflexões da época, as nuances da conjuntura, e reflete as relações na sociedade, em suas tentativas de coerência entre a “doutrina” e os “fatos*”. WINOCK, Michel. *As ideias políticas*. In: RÉMOND, R., 2003, Op. Cit., p. 282.

operários, patrões, dirigentes das associações e a da polícia. Logo, objetivamos uma pesquisa que pusesse em evidência aqueles agentes em determinados acontecimentos históricos que contribuíram para desenvolvimento do movimento operário têxtil carioca e petropolitano.

Os referenciais teóricos a serem associados com as fontes para a construção do conhecimento histórico são o de associação em política do autor Jean-Pierre Rioux, os de luta de classes, formação de classe e consciência de classe, identidade, experiências, tribuno e autodidata baseado no pensamento de Edward Palmer Thompson. Recorreremos também aos conceitos de eletricidade política e resistência cotidiana do autor James Scott e aqueles desenvolvidos por Michael Pollak acerca da memória devido à possibilidade de entrevistar familiares de Albino.

Para Thompson, a classe deve ser entendida “*como uma categoria histórica, em seu comportamento através do tempo.*”⁴⁴ Desse modo, a formação de classe e consciência de classe remetem a um processo histórico e, para caracterizar esse processo, o autor aponta para a experiência comum de exploração e a identificação de interesses comuns entre os membros de um mesmo grupo.⁴⁵ É nesse sentido que consideraremos a militância de Albino e suas ações referentes às associações sindicais têxteis, entre os anos de 1906 e 1919, como parte da luta de classes entre os têxteis e o patronato. O discurso falado e impresso de Albino revelavam os “*nós dos interesses antagônicos*” entre o operariado e o patronato.

As associações fundadas e defendidas por Albino eram espaços de sociabilidade para militantes e dos operários. As associações têxteis eram centros que difundiam na sociedade as novas ideias políticas e estas eram fundamentadas pelas ideologias revolucionárias do período, anarquismo, sindicalismo revolucionário e socialismo. Albino, por meio do discurso e prática dentro das associações, propagava ideias embasadas no anarquismo e sindicalismo revolucionário, e divulgava que o associativismo era o instrumento para a transformação social.⁴⁶ Assim, associamos com o sociolinguista Norman Fairclough que elaborou uma teoria social do discurso inovadora ao “*propor examinar em profundidade não apenas o papel da linguagem na reprodução das práticas sociais e das ideologias, mas também seu papel fundamental na transformação social.*”⁴⁷

Para se colocar a par do discurso revolucionário exigia que Albino estudasse. Caso não soubesse ler e escrever era necessário participar de reuniões em que outras pessoas lessem os livros dos pensadores revolucionários. Albino sabia ler e escrever e fazia com regularidade.⁴⁸

⁴⁴ THOMPSON, Edward Palmer. Algumas Observações Sobre Classe e Falsa Consciência.. In: NEGRO, Antônio Luigi. & SILVA, Sérgio. (Orgs). **As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos.** Campinas: Unicamp, 2001. p. 271.

⁴⁵ Ibidem, p. 270.

⁴⁶ Jean-Pierre Rioux, ao afirmar que, [...] a associação é um vetor da ideia que a faz nascer, mas cuja eficácia é proporcional aos valores que a vida interna da organização, o culto de uma comunidade e o voluntariado concretamente exercidos secretam e alimentam. E são sem dúvida estes valores, mais que aquele ideal, que ela infunde tão bem na vida política. Deslindar esse jogo duradouro do inato e do adquirido, da ideia e de sua aplicação prática, dá à sua história todo o seu valor. Cf: RIOUX, Jean-Pierre. A Associação em Política. In: RÉMOND, R. 2003, Op. Cit., p. 129.

⁴⁷ FAIRCLOUGH, N., 2001. Op Cit., p.11.

⁴⁸ Albino lia jornais que circulavam na cidade do Rio de Janeiro como ficaram expressos nos seguintes trechos de seus artigos publicados em *A Voz do Trabalhador* e *O Cosmopolita*. No artigo de *A Voz do Trabalhador* intitulado Divagando afirmou, “*Há dias, quem escreve estas linhas, lendo o jornal A Epoca [...].*” (*A Voz do Trabalhador*. 01 de novembro de 1913, p.3-4.) No ano de 1917, afirmou que leu as considerações do ex-deputado Medeiros de Albuquerque no jornal *A Noite*. O militante afirmou que a coluna diária de Medeiros de Albuquerque não devia ter leitores e ele também não era leitor. Ele se dispôs a ler somente “*porque falava de operários.*” (*O Cosmopolita*. 1 de maio de 1917, p.2.) O interesse de Albino pela leitura fica evidenciado nas suas afirmações mas principalmente pelas análises dos seus artigos que nos permitem verificar o seu

Associamos o conceito de autodidata de Thompson com a prática de Albino devido ao seu comprometimento com o estudo dos preceitos por ele considerado adequados para a organização do movimento.⁴⁹ O discurso fundamentado em ideologias revolucionárias e as experiências de Albino orientaram a sua atuação enquanto tribuno. Novamente, recorremos a um conceito de Thompson, o de tribuno. O tribuno na análise do autor eram os radicais que circulavam pelas áreas rurais e urbanas da Inglaterra divulgando os “textos incendiários” e organizando ações coletivas. Entendemos Albino como um tribuno porque ele circulou pelas fábricas da cidade do Rio de Janeiro e de Petrópolis, esteve presente em comícios em várias localidades e participou de reuniões junto aos patrões e autoridades municipais e policiais. Ele articulava os conflitos representando os trabalhadores.⁵⁰

Entendemos que ao desenvolvermos um estudo da trajetória de Albino, os períodos de “eletricidade política”, como as greves que ele incentivou e atuou, se destacam.⁵¹ Porém as resistências cotidianas também foram adotadas pelos operários por meio de estratégias adotadas no dia a dia, dentro do espaço das fábricas, visando burlar os mandos patronais.⁵²

1.3. Albino Moreira, Albino Dias – Os sobrenomes no guia do labirinto documental

O nome do Albino aparece nos jornais de duas formas, Albino Moreira e Albino Dias.⁵³ O sobrenome Moreira foi mais empregado no período entre 1906 e 1916. Os artigos publicados em *O Cosmopolita*, entre 1917 e 1918, levaram a assinatura de Albino Dias, assim como este sobrenome foi mais comum nas publicações referentes à militância dentro da UOFT. Porém, demonstraremos que existiram exceções. O nome de um indivíduo é representativo de sua identidade. Para Pierre Bourdieu, “[...] o nome próprio é o atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços sociais, o fundamento da unidade de suas sucessivas manifestações e da possibilidade socialmente reconhecida de totalizar em registros oficiais [...] biografias [...]”⁵⁴

Bourdieu, em suas análises, entende que o nome próprio reúne dados que caracterizam um homem, como sua nacionalidade, idade, experiências profissionais, relações conjugais,

conhecimento das ideologias revolucionárias, do movimento operário têxtil e da política no Brasil e também no mundo.

⁴⁹ Thompson no capítulo “Consciência de Classe” estuda a divulgação feita pelos radicais das ideias reformistas para uma população em que muitos não sabiam ler nem escrever. Desse modo, ressalta o papel do autodidata, aquele que buscava aprender sozinho a ler e escrever. Thompson afirma que a partir das leituras feitas por “líderes radicais e com recurso a sua instrução errante e arduamente obtida, os trabalhadores formaram um quadro fundamentalmente político da organização da sociedade”. Foram essas práticas de leituras e estudos que contribuíram decisivamente para a formação da consciência política entre os trabalhadores ingleses. THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa III- a Força dos Trabalhadores**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.p. 304-308.

⁵⁰ THOMPSON, E.P., 1987, Op. Cit., p. 320-321.

⁵¹ Cf: SCOTT, James. **Domination and the arts of resistance**. New Haven: Londres: Yale University Press, 1990.

⁵² Cf: SCOTT, James. **Exploração Normal, Resistência Normal**. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 5, Brasília, jan./jul. 2011.

⁵³ Procuramos “comprovar” que as fontes contendo os nomes de Albino Moreira e Albino Dias, referem-se à mesma pessoa, a Albino Moreira Dias. Consideramos necessária essa demonstração porque para a composição da trajetória de Albino recorremos à pesquisa nominativa. Para Ginzburg, a busca através dos nomes é um caminho para “reconstituir o entrelaçado de diversas conjunturas” ressaltando que o foco das “investigações micronominais é a percepção do tecido social que o indivíduo está inserido.” GINZBURG, Carlo. **O nome e o como**. In: CASTELNUOVO, Enrico; GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. 1989, Op. Cit., p.174.

⁵⁴ BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: Ferreira, Marieta de Moraes e Amado, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas. 1996. p. 187.

entre outros. Os referidos dados são essenciais para o pesquisador que trabalha na composição de biografias e de trajetórias. Porém, para Bourdieu, não se pode pensar o nome próprio como representativo de um indivíduo no sentido de ter sido portador da mesma identidade por todas as etapas da sua vida. As diferentes etapas da vida de um homem são marcadas por sentimentos e experiências proporcionados pela sua inserção em um dado “campo”.⁵⁵

O autor Carlo Ginzburg apresenta o nome de um indivíduo como um direcionador de pesquisas históricas. Os estudos de Ginzburg utilizando o nome constituem-se em um método, e este foi aplicado na sua famosa obra *O Queijo e os Vermes*, ao estudar a trajetória do moleiro Domenico Scandella, o Menochio.⁵⁶ Assim como Bourdieu e Ginzburg, entendemos que o nome próprio agrega elementos da identidade de um indivíduo e constitui-se em um direcionador para o pesquisador, porém não podemos usar o nome visando traçar etapas sucessivas na vida do pesquisado, acreditando estar dando conta de sua trajetória. É preciso problematizar e pensar no “campo” que interfere nas atitudes do pesquisado.

Desse modo, ao analisarmos os sobrenomes de Albino, entendemos que eles podem revelar elementos sobre períodos de sua trajetória e servir de guia no “labirinto documental”.⁵⁷ Porém, as diferenças de citações, ora Albino Moreira ora Albino Dias, presentes nas fontes impressas, conduzem à necessidade de responder a seguinte questão: como ter certeza de que os documentos em que constam os nomes “Albino Moreira” e “Albino Dias” referem-se à mesma pessoa?

Edgar Rodrigues, no dicionário biográfico do movimento operário intitulado *Os Companheiros*, cita Albino Moreira como o militante que representou, juntamente com Antônio Domingues, o Centro dos Operários do Jardim Botânico nas sessões do Primeiro Congresso Operário Brasileiro em 1906.⁵⁸ De acordo com Rodrigues, Albino Dias fora preso devido à participação nas ações grevistas e insurrecionais de novembro de 1918, na cidade do Rio de Janeiro. Percebe-se, portanto, que Rodrigues não identifica o Albino Moreira que atuou no congresso operário de 1906 como sendo o mesmo Albino Dias, que foi preso em 1918.⁵⁹

O *Dicionário do Movimento Operário*, publicado no ano de 2009, organizado por Cláudio Batalha, apresenta informações a respeito do Albino, porém, somente o sobrenome “Moreira” é citado.⁶⁰ Ressalta-se que o autor não dedicou verbete do livro para Albino Dias. Consideramos, portanto, que o desconhecimento do nome completo de Albino pode conduzir à ideia de que seriam dois militantes, prejudicando assim a composição de um estudo biográfico ou de trajetória.

As entrevistas realizadas com as senhoras Nilza e Maria Luíza, respectivamente a filha e neta de Albino, permitiram obter a informação a respeito da preferência em se utilizar o sobrenome “Dias” em detrimento do “Moreira” durante a vida de Albino na cidade de Petrópolis. Nesse período, Albino esteve casado com Belmira, sua segunda esposa. A primeira esposa de Albino chamava-se Maria Dolores Ojeda Marreiro. Nilza afirmou,

⁵⁵ Ibidem, p. 187-189.

⁵⁶ GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.10.

⁵⁷ GINZBURG, Carlo. O nome e o como. In: CASTELNUOVO, Enrico; GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. 1989, Op. Cit., p.173.

⁵⁸ Cf: RODRIGUES, EDGAR. **Os Companheiros**. Rio de Janeiro: VJR. 1994.

⁵⁹ Ibidem. Podemos considerar que Albino Dias foi repreendido por sua participação na ação grevista de novembro de 1918 devido à leitura do jornal *Correio da Manhã* que apresentou os nomes dos envolvidos nas ações grevistas e entre eles constava o de Albino Dias. Os envolvidos foram enquadrados no artigo 107 do Código Penal. *Correio da Manhã*. 29 de dezembro de 1918, p.1. Dessa forma, entendemos que o Albino Dias citado por Edgar Rodrigues é o mesmo militante que pesquisamos.

⁶⁰ BATALHA, C., 2009, Op. Cit., p.107; p. 207.

Bom, meu irmão mais velho chamava Silvio Dias, isso tudo é o que eu sei, que está escrito nas coisas né? A minha irmã chamava Carmem Silvia, porque primeiro foi o Silvio Dias, depois tinha a minha irmã chamava Carmem Silvia Dias Cavadas ou Cavadas Dias, que era o sobrenome da minha mãe e o dele, entendeu? Depois tem outro que chamava Altino Dias [...] Alcino Moreira Dias, esse que tinha o Moreira, Alcino Moreira Dias. E eu [...], me chamo Nilza Dias. Teve uma irmã antes de mim, dois anos parece, chamava Nadir, sabe, chamava Nadir, mas eu não sei, não cheguei a conhecer e eu não sei como era o sobrenome dela, como ele botou. Então, é assim, só teve um filho que ele botou Moreira Dias que foi esse e a minha irmã ele botou o nome da mãe, daí que era o Dias dele e o Cavadas da minha mãe. Que minha mãe chamava Belmira Dias Cavadas ou Cavadas Dias.⁶¹

O motivo para Albino registrar os cinco filhos que teve com a sua esposa Belmira somente com o sobrenome “Dias” e apenas o filho Alcino com o sobrenome “Moreira Dias” é desconhecido pela família. Até mesmo porque Alcino não era o filho mais velho. A memória de Nilza não permitiu precisar os nomes completos dos seus três meio irmãos, filhos do primeiro casamento de Albino. A entrevistada possui lembrança somente do primeiro filho de Albino, que seria Albino Dias Filho, e dos outros dois meio irmãos lembra-se dos primeiros nomes, Nair e Soledade.⁶²

As pesquisas permitiram identificar que o sobrenome Moreira Dias foi recebido do pai de Albino, que se chamava Manoel Joaquim Moreira Dias de Carvalho e sua mãe era Marcellina de Souza. A informação referente à filiação de Albino foi possível mediante o acesso à certidão do primeiro casamento de Albino, ocorrido no ano de 1904, com Maria Dolores Ojeda Marreiro.⁶³ A certidão de nascimento do filho de Albino, Alcino Moreira Dias, consta os nomes dos avós paternos e maternos, permitindo-nos comprovar os nomes dos pais de Albino.⁶⁴ O contato com a certidão de nascimento validou a certidão do primeiro casamento visto que nesta constava apenas Albino Moreira, podendo gerar dúvidas se tratava do indivíduo pesquisado. A certidão de casamento agregou para a pesquisa a confirmação de Albino ser português e ter nascido em 1882, visto que ele estava com vinte e dois anos em 1904.⁶⁵

⁶¹ Entrevista Nilza Dias concedida a Leila Cristina Pinto Pires em 17 de novembro de 2012.

⁶² Destaca-se que a memória da senhora Nilza Dias oscilou no tocante ao nome do seu meio-irmão, em um primeiro momento disse que seria Albino Moreira Dias Filho e depois somente Albino Dias Filho.

⁶³ Aos quinze dias do mez de Dezembro de mil novecentos e quatro nesta cidade do Rio de Janeiro em sala dos despachos da Segunda Pretoria onde se achava o Juiz [ilegível] Pretor Doutor Luis [...] da Silva Nunes commigo escrevente juramentado ahi em presença das testemunhas Armenio da Silva Netto e Manoel Joaquim Moreira, das doze horas do dia, receberam-se em matrimonio Albino Moreira e Maria Dolores Ojeda Marreiro. Elle portuguez de vinte dous anos de idade, solteiro, artista, filho legítimo de Manoel Joaquim Moreira Dias de Carvalho e Marcellina de Souza morador [...] da Uruguayana numero cento e sententa seis. Ella natural, do Rio de Janeiro, de dezenove anos de idade, solteira, filha legitima de Sebastião Ojeda Gonzalez e Soledade Marreiro Martin residentes á mesma rua [...]. Cf: Certidão de Casamento. Disponível em: <https://familysearch.org/pal:/MM9.3.1/TH-266-11018-72290-56?cc=1582573&wc=M9MD-32Q:n1150705713>. Acesso em: 25 jun. 2014. A classificação como artista significa que era artesão. BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. **Sociedade de Trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: Algumas reflexões em torno da formação da classe operária**. Cadernos da Ael, v.6, n.10/11, 1999. p.44.

⁶⁴ Certidão de nascimento de Alcino Moreira Dias. Arquivo pessoal. Cedido por Vera Dias.

⁶⁵ Destaca-se que os dados presentes na certidão de casamento vieram a embasar as lembranças da senhora Nilza, pois a entrevistada afirmou que seu pai havia morrido com cinquenta anos de idade e no ano de 1933. Desse modo, antes mesmo do acesso à certidão, já considerávamos os anos de 1882 ou 1883 para o nascimento do pesquisado. Outra precisão na memória da senhora Nilza é no tocante ao nome da filha de Albino com Maria Dolores, que seria Soledade. A certidão de casamento informa que o nome da mãe de Maria Dolores era Soledade, o que nos leva a constatar que o casal Albino e Maria Dolores fizeram uma homenagem ao escolher o nome para a filha.

Através da informação de que o sobrenome “Moreira Dias” era proveniente da filiação paterna de Albino, por meio da entrevista em que Nilza e Maria Luíza confirmaram a opção por usar o sobrenome “Dias” e por fontes impressas que citam o nome completo do indivíduo pesquisado, acredita-se estar fundamentado que nos referimos à mesma pessoa, ao trabalharmos com fontes que citam Albino Moreira e outras que citam Albino Dias.

As fontes impressas de grande importância para essa afirmativa são as presentes no jornal *A Epoca* do ano de 1913 e no *Jornal do Brasil* e na *Gazeta de Notícias* publicados em 1918. Com relação ao jornal *A Epoca* foi possível identificar, em edições diferentes, os nomes Albino Moreira e Albino Dias referindo-se ao representante da mesma associação no ano de 1913. *A Epoca*, em nove de março de 1913, na Coluna Operária, noticiou a assembleia que reuniu, na data anterior à publicação da informação, as associações confederadas da Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ). O jornal apresentou os vários oradores que falaram e as questões que abordaram, como a carestia de vida e o preço dos aluguéis e entre os oradores falaram os “representantes do Sindicato dos Sapateiros, José Ramos e Albino Dias, da S.B.dos Operarios em Fabrica de Tecidos.”⁶⁶

Menos de dois meses depois, na publicação do dia dois maio de 1913, o jornal publicou sobre a reunião que ocorreu na sede da Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiches de Café. A reunião celebrava a data do primeiro de maio que era de grande importância para os trabalhadores. O jornal descreve como ocorreu a reunião e afirmou: “o sr. Mattos, em seguida, convidou os operarios srs. Albino Moreira e Sebastião Martins da Rocha para servirem de secretarios, os quaes aceitaram.”⁶⁷ Logo em seguida discursou “o orador official da Sociedade dos Trabalhadores em Trapiches do Café, sr. João Francisco Guimarães.”⁶⁸ Após a sua fala foram convidados, para discursarem, “o representante do Centro Protector dos Fundidores, sr. Sebastião Rocha, bem como o da Sociedade B. das Fábricas de Tecidos, sr. Albino Moreira.”⁶⁹ Essas fontes são de suma importância porque evidenciam a atuação de Albino na mesma associação, no mesmo ano, e sendo citado com os seus dois sobrenomes diferentes em separado.

Prosseguindo com as análises destacamos o *Jornal do Brasil*⁷⁰ e a *Gazeta de Notícias*⁷¹ ao informar que Albino Moreira Dias foi eleito, no final do ano de 1917, o vice-presidente da UOFT. O periódico *Diário da Manhã*, ao informar sobre a festa do primeiro de maio de 1918, ocorrida na cidade, afirmou: “O sr. Alvino Dias, vice-presidente da União, abrindo a sessão, explicou a todos os presentes os motivos daquela reunião tendo em seguida se referida a jornada de Chicago, historiando-a.”⁷² Apesar do erro na publicação, o cargo ocupado, o de vice-presidente, nos confere certeza de que Albino Dias é o mesmo que atuou na cidade do Rio de Janeiro.

1.4. Divisão dos capítulos

⁶⁶ *A Epoca*. 9 de março de 1913, p.10

⁶⁷ *A Epoca*. 02 de maio de 1913, p.3.

⁶⁸ *Ibidem*.

⁶⁹ *Ibidem*.

⁷⁰ *Jornal do Brasil*. 18 de dezembro de 1917, p.7.

⁷¹ *Gazeta de Notícias*. 18 de dezembro de 1917, p.6. O jornal *Gazeta de Notícias* ao publicar sobre a posse da diretoria da UOFT, eleita para exercer as funções no ano de 1918, apresentou como vice-presidente apenas Albino Moreira. *Gazeta de Notícias*. 02 de janeiro de 1918, p.5.

⁷² *Diário da Manhã*. 02 de maio de 1918, p.2.

A dissertação é composta por três capítulos. O objetivo do primeiro capítulo consiste em analisar a construção da noção de cidadania por Albino e demais operários têxteis. Analisamos o discurso do militante e as experiências e estratégias adotadas pelos operários, dentro das fábricas de tecidos, registradas nas páginas do jornal operário *A Voz do Trabalhador* e nos jornais da grande imprensa.

O segundo capítulo tem por objetivo traçar a trajetória política e sindical de Albino entre os anos de 1906 e 1919. Estudamos as participações de Albino nos Congressos Operários de 1906 e 1913, a sua agência na fundação e manutenção da SBPOFT e, de modo mais detalhado, no STFT e a conexão das esferas pública e privada na vida de um militante. Com isso, pretendemos reconstruir parte da trajetória de Albino a partir das experiências por ele vividas e que contribuíram para o desenvolvimento das associações têxteis e do movimento operário da categoria.

O terceiro capítulo delinea-se em torno de objetivo de estudar a UOFT e a agência de Albino dentro desta associação entre os anos de 1917 e 1919. O ano de 1918 foi o mais analisado porque foi neste período que Albino ocupou o posto de vice-presidente da UOFT. Albino foi um dos fundadores da UOFT, no ano de 1917, e participou da sua direção no período de formulação dos estatutos e de organização, na prática, da associação junto aos operários têxteis, patrões, polícia e Estado. Assim, o capítulo apresenta um estudo da organização interna da associação, da articulação dos dirigentes dos conflitos surgidos e muitos destes geravam greves. Por último, propomos investigar a agência de Albino na greve geral e insurreição anarquista de novembro de 1918, sobretudo na cidade de Petrópolis.

Para a construção da pesquisa buscamos acompanhar o militante Albino inserido nas diferentes “temporalidades” do movimento operário têxtil. Considera-se que esse movimento não foi homogêneo no decorrer da Primeira República e os diferentes contextos que o caracterizaram “*nunca param de agir uns sobre os outros e com os quais os indivíduos tecem cada qual a sua própria tela.*”⁷³ Albino inseriu-se nas diferentes “temporalidades” da Primeira República e por meio do estudo da sua trajetória identificamos o indivíduo agindo nas esferas social e política. A militância foi o caminho escolhido por ele para transformar as condições materiais e morais e o futuro dos membros da categoria têxtil. Veremos que suas estratégias de luta por direitos variaram em diferentes contextos e também devido à experiência acumulada ao longo dos anos. A trajetória de Albino no movimento operário mostra que seu engajamento ideológico não o engessou, e a experiência de vida, trabalho e militância acumulada ao longo dos anos possibilitou que ele optasse por estimular, em algumas ocasiões, o confronto aberto, a greve e o piquete e, em outras ocasiões, negociar com os representantes dos patrões e dos poderes públicos.

⁷³ BENSA, Alan. Da Micro- História a uma Antropologia Crítica. In: REVEL. J. (Org.) 2002, Op. Cit.,p.53-54.

CAPÍTULO I - ALBINO MOREIRA DIAS E OS DEMAIS OPERÁRIOS TÊXTEIS: OS AGENTES NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA (1906-1919)

“Os companheiros não teem razão de ficar afastados da luta, pelos seus direitos eternamente, pois a pouca liberdade e bem estar de que gozamos é o fruto de esforços inauditos de nossos antepassados; eles que através de todos os tempos vieram lutando para conquistar esse pouco que possuímos, naturalmente julgavam que nós continuaríamos a sua obra, até entrarmos no gozo integral de todos os benefícios que nos proporciona a ciência e a natureza.” (Albino Moreira Dias, 1913.)⁷⁴

“[...] Os operários das fabricas necessitam de se organizarem para defender os seus direitos, o seu estomago e o estomago das suas famílias; precisam de se organizar para defender o seu caráter e a sua dignidade rebaixados ao ultimo extremo pelos vampiros que lhes chupam o sangue dia e noite [...]” (Albino Moreira Dias, 1913.)⁷⁵

O presente capítulo tem por objetivo estudar a construção da cidadania por parte de Albino Moreira Dias e dos demais operários da categoria têxtil, entre os anos de 1906 e 1919. As ações e discursos de cunho social de Albino e de outros operários, em prol da transformação da realidade em que se inseriam, foram registrados nos jornais da época. Para compor este estudo recorreremos à análise desses registros que são os artigos de Albino publicados no jornal operário *A Voz do Trabalhador* e *O Cosmopolita* e no da grande imprensa *A Epoca* e às matérias presentes nos periódicos que nos aproximam da agência de homens, mulheres e crianças que trabalhavam nas fábricas de tecidos.

Os discursos aos quais os militantes recorriam, objetivando novas posturas dos operários para combater e transformar as práticas vigentes, dentro das fábricas, e as impostas pelo Estado era um meio de promover a transformação social. Essa luta é desenvolvida mediante a construção da noção de cidadania em que terão direitos reconhecidos pelo Estado e pelos indivíduos.

Albino, autodidata⁷⁶ e tribuno, usava a “palavra operária”⁷⁷ para propagar para os têxteis as ideias formuladas a partir das “experiências” que vivia juntamente aos demais operários e por sua adesão as ideologias contestadoras da ordem vigente, a anarquista e a sindicalista revolucionária. Desse modo, o estudo da construção da noção dos direitos dos operários requer igualmente entender como Albino usava a “palavra operária” para formar a identidade entre os têxteis e uni-los. Igualmente analisaremos as experiências dos têxteis no dia a dia dentro das unidades que trabalhavam e buscamos identificar as estratégias que eles desenvolviam. Assim, objetivamos estudar a construção da cidadania por parte dos operários e das operárias têxteis em prol dos direitos que lhes garantissem melhorias nas condições morais e materiais, via sindicato.⁷⁸

⁷⁴ *A Voz do Trabalhador*. 15 de junho de 1913, p.1.

⁷⁵ *A Voz do Trabalhador*. 01 de abril de 1913, p.1.

⁷⁶ THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa III- a Força dos Trabalhadores**. 3º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 308.

⁷⁷ O termo “palavra operária” é do autor William Sewel e foi utilizado por Ângela de Castro Gomes. GOMES, Ângela de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p.18.

⁷⁸ Segundo Pierre Bourdier, “sempre souberam os pesquisadores que respeitavam seu objeto e os mais atentos às sutilezas quase infinitas das estratégias que os agentes sociais desenvolvem na conduta comum de sua existência”. (BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 693.) O autor James Scott trabalha com o conceito de resistência cotidiana. Ele, no seu artigo “Exploração Normal, Resistência Normal”

A luta pela cidadania ocorria por meio das práticas discursivas e grevistas, mas também a partir de reuniões e negociações com os patrões e autoridades do Estado. Num caso como no outro, para Albino era o associativismo o instrumento para a conquista de direitos para os operários, como demonstraremos neste capítulo. Reservamos ao segundo e terceiro capítulos o estudo da trajetória sindical de Albino e como esta foi importante para o desenvolvimento do movimento operário têxtil.

Albino integrava a categoria dos têxteis cariocas desde 1906, como operário e líder sindical. Os trabalhadores, inseridos nesta sociedade hierarquizada, nas duas décadas iniciais do século XX, empreenderam a luta mediante o que consideravam seus direitos, nas esferas política, civil e social. Ângela de Castro Gomes afirmou que no Brasil, o acesso à cidadania não seguiu o modelo clássico, que seria a conquista da cidadania na seguinte ordem, civil, político e social e que os exemplos europeus e norte-americanos influenciaram na construção da cidadania no Brasil.⁷⁹ Segundo Castro,

Em nossa experiência pode-se dizer que ocorreu uma espécie de superposição de demandas por direitos, especialmente após a proclamação da República, em 1889, o que deu ao processo de construção da cidadania grande complexidade. **Além disso, pode-se ressaltar que, por razões históricas, os direitos sociais especialmente os do trabalho, assumiram posição estratégica para a vivência da cidadania**, o que se reforçou pela fragilidade dos direitos civis e pelo desrespeito aos direitos políticos, infelizmente muito praticado ao longo do século XX.⁸⁰ (*grifo meu*)

De acordo com o autor Eder Sader,

As lutas do dia-a-dia eram o aprendizado da cidadania, o modo pelo qual pensavam suas privações enquanto injustiças que poderiam ser sanadas se as pessoas injustiçadas se dispusessem a lutar por seus direitos. Elas brotavam das queixas do cotidiano, regadas por informações sobre os modos possíveis de mobilizar-se para alterá-lo.⁸¹

É nesse sentido que objetivamos encontrar e analisar as palavras e ações de Albino e as dos demais operários e operárias, emergidas nos espaços da fábrica, vila operária, sindicato e analisar como estas podem colaborar para o estudo da construção da cidadania, identidade e formação da consciência e da classe entre os trabalhadores têxteis cariocas, nas duas décadas iniciais da Primeira República (1889-1930).

analisa determinadas revoltas camponesas e ressalta que não são todos os momentos que os discursos de contestação assumem formas explícitas. Práticas como “*relutância, dissimulação, falsa submissão, pequenos furtos, simulação de ignorância, difamação, provocação de incêndios, sabotagem, e assim por diante*” são adotadas no cotidiano e assim os homens defendem os “*seus interesses da melhor forma que conseguem fazê-lo*”. As resistências cotidianas não são caracterizadas pelos enfrentamentos diretos, mas podem gerar benefícios para os indivíduos ou grupos que adotam a resistência. SCOTT, James. **Exploração Normal, Resistência Normal**. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 5, jan./jul. 2011. p.219.

⁷⁹ GOMES, Ângela de Castro. **Cidadania e direitos do trabalho**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 12. Disponível em:

http://books.google.com.br/books?id=STOwwNfhleUC&pg=PA3&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=3#v=onepage&q&f=false Acesso em. 10. maio. 2014.

⁸⁰ Ibidem.

⁸¹ SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena- experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-80**. São Paulo: Paz e Terra, 1988. p.210. Sader, ao analisar as décadas de 1970 e 1980, estudou os novos sujeitos políticos que emergiram nesse cenário de redemocratização no Brasil. Esses sujeitos lutavam por seus direitos políticos e sociais e na citação acima, Sader referia-se as mulheres que se organizavam.

Desde o início da República, críticas ao sistema político eram produzidas dentro da própria oligarquia, pelos militares e por homens e mulheres que comungavam de diversas orientações ideológicas, como os socialistas, anarquistas, sindicalistas revolucionários e os das correntes ideológicas que compunham o reformismo. A construção e propagação de discurso eram um meio de divulgar as ideias contrárias à ordem e práticas vigentes.⁸² Com a construção de discursos contestadores, imbuídos pelas referidas ideologias, na Primeira República, “*as agitações se tornaram cada vez mais frequentes e variadas, incluindo greves operárias, passeatas e quebra-quebras.*”⁸³

Segundo Gomes, os socialistas, através da via política, esforçavam-se “[...] *pela conquista simultânea de todos os direitos – civis, políticos e sociais [...]*,” para os trabalhadores.⁸⁴ Os socialistas defendiam a formação de partido político para representar os trabalhadores e esses partidos organizaram-se, na capital da República, desde a década de 1890. Muitos operários confiavam nos membros desses partidos a representação das suas reivindicações junto ao Estado.⁸⁵ As oposições por parte do governo, fizeram com que os socialistas não se concentrassem tanto na defesa de ideias revolucionárias, como a abolição da propriedade privada e passassem a atuar mais na “*formação de associações e de jornais como instrumentos de ação organizacional.*”⁸⁶ De acordo com Tiago Bernadon de Oliveira, “*nas primeiras décadas republicanas o socialismo no Brasil se apresentou como uma tendência*

⁸² Segundo Serge Berstein, “*A realidade vivida pertence à esfera do concreto cotidiano, o campo do político à esfera do discurso e das representações especulativas, e não existe uma passarela natural entre as duas. [...]. Na verdade, entre um programa político e as circunstâncias que o originaram, há sempre uma distância considerável, porque passamos então do domínio concreto para o do discurso, que comporta uma expressão das ideias e uma linguagem codificadas. É no espaço entre o problema e o discurso que se situa a mediação política, e esta é obra das forças políticas, que têm como uma de suas funções primordiais precisamente articular, na linguagem que lhes é própria, as necessidades ou as aspirações mais ou menos confusas das populações.*” BERSTEIN, Serge. *Os Partidos*. In: RÉMOND, René. (Org). **Por uma História Política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 60-61

⁸³ CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 70.

⁸⁴ GOMES, A., 2005, Op. Cit., p. 43. O socialista Evaristo de Moraes engajou-se em partidos operários e defendia as transformações sociais. Ao lado de Moraes, na atuação junto ao operariado, destacaram-se também Caio Monteiro de Barros, Maurício de Lacerda, Nicanor Nascimento, Agripino Nazaré e Everardo Dias. (MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. **Evaristo de Moraes, Tribuna da República**. São Paulo: Unicamp, 2007. p-327-328.) A atuação do advogado Moraes muito colabora para pensarmos a construção da cidadania, na Primeira República, na qual destacamos a sua atuação na defesa das prostitutas e de um curandeiro. (Ibidem., p.260). As prostitutas foram expulsas das ruas centrais do Rio de Janeiro e Moraes as defendeu no tribunal, alegando que “*nenhuma lei estabelecia restrições ao exercício da prostituição e muito menos conferia ao delegado a autoridade para fazê-lo [...]*.” (Ibidem., p. 86.) Moraes, que era descendente de negro, atuou na justiça, do início do século XX, convivendo com o discurso que defendia a ideia de inferioridade dos negros e mestiços e suas tendências à prática de crimes. Moraes, ao atuar no campo jurídico e judicial, não atribuiu importância “*as teorias que associavam raça e responsabilidade penal [...]*.” (Ibidem., p.268.) Ele se opôs “*as ações policiais orientadas pelo racismo [...]*.” (Ibidem., p. 288.) Moraes atuou na defesa dos indivíduos envolvidos na militância operária, como na de Edgar Leuenroth. (Ibidem., p.218.)

⁸⁵ GOMES, A., 2005, Op. Cit., p. 37. Mendonça afirmou que as lideranças do movimento operário “*ao escolherem o partido – uma instituição política por excelência- como meio de ação operária, [...] procuravam transformar a questão social numa questão política.*” (MENDONÇA, J, 2007., Op. Cit., p. 55) Mendonça mencionou que nas eleições de 1890, operários se candidataram e entre eles destacou “*Francisco Amaro, um operário, e Arthur Breves, professor e líder socialista*”. Ambos “*foram eleitos para a Constituinte Estadual de São Paulo; Múcio Paixão, um ex-tipógrafo, compôs a Constituinte Estadual do Rio de Janeiro, e José Augusto Vinhaes, o principal organizador do Partido Operário e importante liderança do movimento operário carioca, elegeu-se para a Câmara Federal.*” Ibidem., p. 54.

⁸⁶ GOMES, A., 2005, Op. Cit., p. 38.

fortemente reformista.”⁸⁷ Os socialistas reformistas buscavam garantir “*sem a anuência de métodos revolucionários [...] conquistas garantidas em lei que conduziriam ao socialismo.*”⁸⁸ 1906 foi fundado o primeiro partido com base nos sindicatos, o Partido Operário Brasileiro.⁸⁹

Os anarquistas foram críticos dos socialistas porque não concordavam com a opção pela formação de partidos para defenderem os interesses dos trabalhadores junto ao Estado. Os anarquistas defendiam a destruição do Estado e da autoridade que ele mantinha sobre os indivíduos e negavam a “*legitimidade à ordem política, a qualquer ordem política, não admitindo, portanto a ideia de cidadania, a não ser no sentido amplo da ideia de fraternidade universal.*”⁹⁰ Consideravam que ao delegar poderes a um grupo de dirigentes, retirava-se a possibilidade dos homens viverem naturalmente, segundo os seus próprios pensamentos. Para eles, a sociedade anárquica seria uma “*organização social e econômica baseada no livre acordo entre os indivíduos.*”⁹¹ Diferentemente dos adeptos dos partidos operários, os militantes anarquistas não defendiam a transformação da questão social em questão política.

Os sindicalistas revolucionários também não concordavam com a luta via política e, assim como os anarquistas, depositavam “*na ação direta a forma de pressão necessária para a obtenção de conquistas, [...] para ambos a ação direta passava pela rejeição de intermediários, de mediadores, fossem esses mediadores os partidos, indivíduos ou representantes do governo.*”⁹²

Albino teceu críticas ao sistema político defendendo a associação sindical e a ação direta para a transformação social. Porém, demonstraremos, nesta dissertação, que ele esteve inserido em várias temporalidades que o levava a adoção de atitudes diferentes das que defendia com mais regularidade. Albino, em determinados contextos, defendeu a participação política e optou pela articulação junto aos representantes do Estado, como as autoridades policiais e as autoridades municipais em prol de mudanças nas relações trabalhistas.⁹³ Logo, ele também adotou as práticas do sindicalismo reformista.

As críticas políticas de Albino já se faziam presente no contexto dos anos de 1912 e 1913 e eram direcionadas para o presidente Marechal Hermes da Fonseca e membros do seu governo. No ano de 1910, Marechal Hermes da Fonseca havia sido eleito Presidente da República com o apoio de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e dos militares, vencendo a “campanha civilista” de Rui Barbosa, que tinha o apoio de São Paulo e da Bahia.⁹⁴ Em sua campanha, Hermes da Fonseca buscava “*o apoio das camadas médias urbanas e do proletariado na sua luta contra as oligarquias estabelecidas.*”⁹⁵ A tentativa do presidente de

⁸⁷ OLIVEIRA, Tiago Bernadon de. **Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil. (1906-1936).** 2009. 267f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense.p. 39.

⁸⁸ Ibidem.

⁸⁹ MENDONÇA, J, 2007., Op. Cit., p. 106.

⁹⁰ CARVALHO, J., 2009. Op. Cit., p. 64.

⁹¹ WOODCOCK, George. **Os Grandes Escritos Anarquistas.** Porto Alegre: L&PM, 1981.p. 19.

⁹² BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. Formação da Classe Operária e Projetos de Identidade Coletiva. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lúcia de Almeida Neves. (Orgs). **O Brasil Republicano - O Tempo do Liberalismo Excludente.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 175.

⁹³ Gomes ao se referir as lideranças anarquistas que não defendiam a luta pela cidadania via parlamentar afirmou que “[...] tais lideranças [...] não foram estranhas às reivindicações de criação de normas que regulassem o mercado de trabalho, particularmente quando resultassem do enfrentamento entre trabalhadores e patrões.” GOMES, A., 2002. Op. Cit., p. 18.

⁹⁴ FAUSTO, Bóris. **História do Brasil.** 8. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo- Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2000. p. 271.

⁹⁵ ROIO, Marcos del. A gênese do Partido Comunista (1919-29). In: REIS, Daniel Aarão & FERREIRA, Jorge. (Orgs). **A formação das tradições (1889-1945).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p.227.

se aproximar dos trabalhadores revela que ele entendia que a perda deste apoio poderia desestabilizar o seu governo.⁹⁶

Assim, o deputado pela Bahia, Mário Hermes da Fonseca, atendeu ao pedido feito pelo seu pai, Marechal Hermes e organizou o Quarto Congresso, ocorrido no Palácio Monroe, sede do Senado Federal, entre os dias sete e quinze de novembro de 1912.⁹⁷ O convite foi feito para associações operárias de vários Estados e o Congresso configurava-se em uma tentativa de aproximação do governo federal com os trabalhadores de todo o Brasil.⁹⁸ Durante as reuniões, decidiu-se pela criação de partidos políticos, contrariando o preceito anarquista contrário à formação de partido e os preceitos antiestatal, antimilitar e anticlerical. O problema da distribuição de propriedades era relegado para o futuro.⁹⁹ Como se verifica nas resoluções, o Congresso não tinha orientação anarquista e nem sindicalista revolucionária, sendo de base reformista, a corrente que pregava a cooperação com o Estado. Neste Congresso foi criada a Confederação Brasileira do Trabalho (CBT), porém esta não perdurou.¹⁰⁰

A orientação reformista do Quarto Congresso desagradou a Confederação Operária Brasileira (COB), que buscava se reorganizar no ano de 1912¹⁰¹ e a Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ), reorganizada em maio de 1912.¹⁰² A COB distribuiu um manifesto contra o Congresso.¹⁰³ O *Correio da Manhã* adotou uma posição contrária à realização do Congresso. Caio Monteiro de Barros, redator do jornal, destacou-se na realização das críticas e participação em comícios.¹⁰⁴ Os opositores não consideravam o Congresso como sendo

⁹⁶ Gomes afirmou que os anarquistas não chegaram a ter a mesma força oposicionista das dissidências oligárquicas e militares, mas geraram temor nas autoridades da Primeira República. O governo criou uma “*estratégia política que identificava os anarquistas como estrangeiros e terroristas.*” (GOMES, A., 2005, *Cit.*, p. 85.) Com relação à consideração da força oposicionista dos trabalhadores, o autor Oliveira afirmou que o Partido Operário, de orientação socialista, na cidade do Rio de Janeiro, foi aceito pelos presidentes militares constituindo-se em um meio de aproximar o governo federal com o operariado. Os governos militares foram os de Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto e de Hermes da Fonseca. OLIVEIRA, Tiago Bernadon de. **Mobilização Operária na República Excludente: Um estudo comparativo da relação entre Estado e movimento operário nos casos de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul nas duas primeiras décadas do século XX.** 2003. 203 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. p. 98-100.

⁹⁷ OLIVEIRA, T., 2003, *Op. Cit.*, p.103.

⁹⁸ *Ibidem.*, p. 104. O número associações e de participantes do Quarto Congresso foi pequeno. Com relação aos participantes foram dezesseis do Rio de Janeiro, treze de Minas Gerais, nove do Rio Grande do Sul, oito da Bahia, três participantes vindos do Rio Grande do Norte, São Paulo e Estado do Rio de Janeiro e um representante vindo do Maranhão, Pará e Ceará. As sociedades participantes eram sociedades de caráter recreativas, beneficentes, cooperativas e vinculadas a pequenos partidos. (RODRIGUES, Edgar. **Alvorada Operária.** Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979. p.194. apud OLIVEIRA, Tiago Bernadon de. **Mobilização Operária na República Excludente: Um estudo comparativo da relação entre Estado e movimento operário nos casos de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul nas duas primeiras décadas do século XX.** *Op. Cit.*,p.104.) Na cidade do Rio de Janeiro, os setores ferroviários da Central apoiaram o Quarto Congresso e dentre as associações que apoiaram estava a União dos Operários do Engenho de Dentro. MATOS, Marcelo Badaró. **Escravidos e Livres - Experiências Comuns na Formação da Classe Trabalhadora Carioca.** Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008. p.130.

⁹⁹ DULLES, John Watson Foster. **Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935).** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. p. 32.

¹⁰⁰ OLIVEIRA, T., 2009. *Op. Cit.*, p.88.

¹⁰¹ *Correio da Manhã.* 08 de novembro de 1912, p.5.

¹⁰² Gomes, A., 2005, *Op. Cit.*, p. 115.

¹⁰³ *Ibidem.*

¹⁰⁴ O advogado e redator do *Correio da Manhã*, Caio Monteiro de Barros, atuou junto à classe trabalhadora, defendendo os seus interesses. Ele atuou a favor dos interesses do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos e dos seus membros por conta da greve na fábrica Confiança, no ano de 1909. Recorreu ao discurso falado e impresso nas páginas do referido periódico para defender a não realização do denominado Quarto

operário, classificando-o de policial. Recomendavam que as associações operárias não participassem e criticavam o governo do presidente Hermes da Fonseca que se apresentava como “pai dos operários”, mas que agia com repressão policial perante as ações organizativas dos operários impedindo sua liberdade de pensamento.¹⁰⁵

Dentre os comícios contrários ao Congresso, destacamos o realizado na Sociedade Beneficente e Progressiva dos Operários em Fábricas de Tecidos (SBPOFT), localizada na Rua Capitão Félix, em São Cristóvão.¹⁰⁶ Albino participou do comício e, como demonstraremos, no capítulo dois, foi um dos fundadores e atuou na SBPOFT. O comício ocorreu no dia oito de novembro de 1912 e contou com “operarios das varias fabricas de tecidos de S. Christovão, de Villa Isabel, de Botafogo, representante da Associação Operaria Independente e trabalhadores de vários officios.”¹⁰⁷ Albino, na versão do *Correio da Manhã*, fez um brilhante discurso e apresentou “uma moção [...] contra o congresso.”¹⁰⁸ O jornal apresentou a moção, aprovada pelos presentes no comício, que afirmava:

‘Os operarios de São Christovão reunidos em comicio, considerando que o congresso agora funcionando no palacio Monroe não representa as aspirações do operariado do Rio de Janeiro e do Brasil; considerando que elle tem por fim apenas mystificar a questão operaria, e não o operario; considerando que desse embuste poderá advir o esmorecimento, a discordia, a paralyção da arregimentação das classes trabalhadoras; considerando que o fim unico do falso congresso operario é a popularidade do actual governo; considerando ainda que o governo actual tem sido o inimigo declarado da classe proletaria- os operarios de S. Christovão protestam com todas as suas energias contra essa indecorosa mystificação – o falso congresso operario.’¹⁰⁹

As ideias impressas na moção de Albino eram comungadas pelos opositores do Quarto Congresso, pois figuram nos discursos feitos por militantes nos comícios de São Cristóvão e Vila Isabel.¹¹⁰ Afirmava que o Congresso era uma mistificação, um embuste, ou seja, uma medida do governo para tentar enganar os operários e para mostrar uma popularidade do presidente entre os operários que não existia de fato. A construção de vilas operárias seria, segundo esses opositores, outro embuste adotado pelo governo.¹¹¹ Para os opositores, o Congresso não era operário porque o governo não aprovaria as ideias e planos doutrinários a serem levantados no Congresso.¹¹²

Congresso Operário, no ano de 1912 e, em 1920, defendeu Manoel Ignácio de Castro da acusação de assassinato do guarda civil Juvenal Cardoso da Silva. O crime havia ocorrido no ano de 1909. Assim, observamos que sua atuação não era somente profissional, mas assumiu contornos políticos e de identificação com a causa dos trabalhadores, mesmo ele sendo um indivíduo extraclasse. Associamos o papel de Caio Monteiro de Barros com o identificado pela autora Joseli Mendonça para o advogado Evaristo de Moraes. Ambos assumiram “características de liderança” do movimento e o papel de cada um “se confundia com o dos próprios trabalhadores mobilizados”. MENDONÇA, J., 2007, Op. Cit., p.112.

¹⁰⁵ *Correio da Manhã*. 11 de outubro de 1912, p.4

¹⁰⁶ *Correio da Manhã*. 9 de novembro de 1912, p.4. Caio Monteiro de Barros, Antônio Pereira Moreira Gonçalves, Pedro Matera e Abílio Moreira também discursaram no comício em São Cristóvão. No discurso atacaram o Congresso e protestaram em nome da classe trabalhadora. *Correio da Manhã*. 9 de novembro de 1912, p.4.

¹⁰⁷ *Correio da Manhã*. 9 de novembro de 1912, p.4.

¹⁰⁸ Ibidem.

¹⁰⁹ Ibidem.

¹¹⁰ Sobre o comício de Vila Isabel, Cf: *Correio da Manhã*. 7 de novembro de 1912, p.5.

¹¹¹ *Correio da Manhã*. 7 de novembro de 1912, p.5. *Correio da Manhã*. 9 de novembro de 1912, p.4

¹¹² *Correio da Manhã*. 8 de novembro de 1912, p.1.

Em artigo publicado em 1913, Albino critica o presidente classificado como “pai dos operários,” que vivia muito perto das precárias condições dos operários da Aliança, localizada no bairro das Laranjeiras. O bairro abrigava a casa do presidente e dos burgueses, ao lado da miséria dos operários.¹¹³ Albino afirmou,

Parece incrível, mas é verdade. Ali, naquele retiro poético do smartismo carioca; ali, no bairro que os burgueses do Rio procuraram de preferência para habitar, naquele paraíso de ruas asfaltadas, **um pouco acima da bela vivenda do pai dos operários, agonizam milhares de trabalhadores dentro de uma masmorra denominada Fabrica Aliança.**¹¹⁴ (*grifo meu*)

Misturando críticas políticas, sociais e econômicas, Albino criticou também o senador Pinheiro Machado, líder dos grupos políticos civis no governo do Marechal Hermes da Fonseca.¹¹⁵

[...] Si os trabalhadores analisassem que enquanto o sr. Pinheiro Machado, por exemplo, trata os seus galos de briga e os seus cavalos de corrida, a vinho do porto e marmelada, e no entanto os operários que trabalham para esse mesmo senhor não podem comer nem ao menos o clássico feijão preto; si os operários analisassem que enquanto os burgueses sócios da Sociedade protetora dos animais fazem prender um cocheiro que bate em um burro, quando eles mesmo batem no cocheiro; si os operários analisassem que estes senhores tratam melhor e ligam mais importância a qualquer animal da mais ínfima categoria do que a um seu semelhante operário; si eles analisassem tudo isso naturalmente revoltavam-se, derrubando tudo que existe como incompatível com a dignidade humana.¹¹⁶

Outro fator que os levava a constatar que o governo não era a favor dos operários eram os processos sobre os pedreiros e estucadores que fizeram greves, e a deportação de vários operários de Santos, entre eles Primitivo Raimundo Soares.¹¹⁷ Denunciavam que os marinheiros vencidos eram martirizados “nas masmorras da Ilha das Cobras.”¹¹⁸ Diante dos vários exemplos, entendiam que o Quarto Congresso não era operário e sim policial e que o governo intencionava dividir e enfraquecer os operários conscientes.¹¹⁹ Os operários conscientes eram os que se organizavam através do preceito de luta econômica via ação direta almejando as conquistas morais e materiais.

Albino, em 1917, voltou a manifestar suas críticas à política e à prática política da Primeira República, afirmando:

Está se aproximando o dia em que o povo sente de fato a sua <soberania>. E’ o dia em que o político audacioso roça o seu <frak> com a <bluza> do operario, em franca camaradagem. E’ o dia das eleições...

Desta vez vamos ter cozinhas originais em política – são os candidatos operarios que se apresentam para conseguir os seus direitos <diretamente>, formulando leis em seu beneficio, já que os candidatos políticos profissionais anteriores, os vinham ludibriando sempre. Agora a coiza será mais séria, será o

¹¹³ *A Voz do Trabalhador*. 1 de junho de 1913, p.1.

¹¹⁴ *Ibidem*.

¹¹⁵ OLIVEIRA, T., 2003, Op. Cit., p.103.

¹¹⁶ *A Voz do Trabalhador*. 1 de novembro de 1913, p.3-4.

¹¹⁷ *Correio da Manhã*. 7 de novembro de 1912, p.5. Primitivo Raimundo Soares utilizava o pseudônimo de Florentino de Carvalho. BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. **Dicionário do Movimento Operário - Rio de Janeiro do século XIX aos anos de 1920 militantes e organizações**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009. p.159.

¹¹⁸ *Correio da Manhã*. 7 de novembro de 1912, p.5. Os marinheiros, no ano de 1910, promoveram a Revolta da Chibata, questionando os castigos corporais dentro da Marinha do Brasil. Os líderes foram os marinheiros João Cândido Felisberto e Francisco Dias Martins. João Cândido foi posto em liberdade, no ano de 1914, e recebeu “o apreço e a solidariedade de sindicatos e jornais operários.” ADDOR, C., 2012, Op. Cit., p. 161.

¹¹⁹ *Correio da Manhã*. 7 de novembro de 1912, p.5.

próprio operário que irá discutir, argumentar, bem essas suas necessidades, para que não haja dúvidas entre os seus pares.

Dizer quem são os candidatos operários, é desnecessário, todos nós os conhecemos.

São os medalhões da velha guarda, são os camaradas que em outros tempos fizeram coisa mais sincera e mais útil e que agora procuram pescar uma colocação que não seja tão estafante, para seus corpos já cansados de um labor de muitos anos.

Mas, nós não podemos concordar com esses velhos camaradas, que no inverno da vida, cansados das lutas operárias, ainda esperam dos governos, algum benefício para os operários.¹²⁰ (*grifos meus*)

As eleições criticadas por Albino se realizariam no ano de 1918 e contou com as candidaturas de operários.¹²¹ A escolha dos operários para candidatarem-se nas eleições municipais ocorreu no dia dois de maio de 1917, em reunião no Círculo Operário Nacional.¹²² O Círculo foi fundado em 1916, tendo como vice-presidente Francisco Juvêncio Sadock de Sá, sendo composto por diversas categorias de sócios e tendo por objetivos *“lutar pelo soerguimento e emancipação da classe trabalhadora” visando à solução dos problemas previdente, econômicos, da legislação sobre acidentes e horas de trabalho; e “principalmente a educação do operário para torná-lo produtor competente [...]”*.¹²³ Os candidatos operários que fossem eleitos em 1918 ficariam *“comprometidos a levantar no parlamento a questão da jornada de oito horas de trabalho.”*¹²⁴ Os escolhidos foram: *“Pelo 1º districto: Augusto Azevedo dos Santos e Alvaro Graça: Pelo 2º districto- Sabino Antonio do Nascimento, Antonio Mariano Garcia e Camillo Costa Rabello.”*¹²⁵

Dentre os candidatos operários citados, encontramos informações acerca de Antônio Mariano Garcia e Augusto Azevedo dos Santos. Garcia, socialista e cigareiro, desde o fim do século XIX, estava envolvido na formação de partido operário.¹²⁶ Ele liderou a formação do Partido Operário Socialista em 1895¹²⁷ e, em 1902, *“foi um dos organizadores de um partido socialista no Rio de Janeiro.”*¹²⁸ Garcia atuou junto às associações dos cigareiros, cocheiros e carroceiros.¹²⁹ Santos candidatou-se a vereador no ano de 1917 e, até a década de 1940, foram encontrados registros de sua atuação política.¹³⁰ O operário Orlindo Xavier, se

¹²⁰ *O Cosmopolita*. 15 de maio de 1917, p.2. De acordo com Michel Winock, “[...] as ideias políticas não são apenas as dos filósofos e teóricos, mas também as do homem comum.” WINOCK, Michel. *As Ideias Políticas*. In. RÉMOND, R. 2003, Op. Cit., p.278.

¹²¹ O advogado Evaristo de Moraes candidatou-se para o cargo de deputado federal em 1917. Mesmo sem ter sido eleito, Moraes participou, nos anos subsequentes, no processo de elaboração da legislação social, como o que envolvia a regulamentação do trabalho dos menores. MENDONÇA, J., 2007, Op. Cit., p.381-382. Maurício de Lacerda propôs em 1917 a elaboração do Código de Trabalho, porém não vingou. *Ibidem*, p.388.

¹²² *A Noite*. 03 de maio de 1917, p.3.

¹²³ BATALHA, C., 2009, Op. Cit., p. 216. Sobre Juvêncio Sadock de Sá, Cf: BATALHA, C., 2009, Op. Cit.,p.143-144.

¹²⁴ *Ibidem*.

¹²⁵ *A Noite*. 03 de maio de 1917, p.3. A chapa definida em reunião no Círculo Operário Nacional era composta por delegados *“da Imprensa Nacional, do Arsenal de Marinha, da Casa Hime, do Lloyd Brasileiro, dos Telégrafos, da Cia. Brasileira de Energia Elétrica, da locomoção da E.F.C.B.”* BATALHA, C., 2009, Op. Cit.,p. 147.

¹²⁶ Sobre Antônio Mariano Garcia, Cf: TERRA, Paulo Cruz. **Cidadania e Trabalhadores: Cocheiros e Carroceiros no Rio de Janeiro (1870-1906)**. 2012. 313f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense. p.260-276.

¹²⁷ TERRA, P. 2012, Op. Cit., p. 265.

¹²⁸ *Ibidem*, p.270.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 274.

candidatou, a deputado federal por Petrópolis, mas não foi eleito.¹³¹ Xavier recebeu mil quatrocentos e dezenove votos na cidade de Petrópolis.¹³² Ele tinha contato direto com os operários têxteis cariocas desde o ano de 1913¹³³ e, em 1918, na cidade serrana, participou da greve na fábrica Cometa do Meio da Serra sendo uma forma de difundir seus preceitos políticos.¹³⁴

A visão crítica de Albino, ao afirmar que os políticos procuravam os operários somente quando as eleições se aproximavam, revela que os trabalhadores representavam “*para os postulantes a cargos representativos, uma massa de votos nada desprezível.*”¹³⁵ Segundo o militante, os políticos profissionais ludibriavam, ou seja, enganavam os operários; pois, depois de eleitos, não lutavam pelas melhorias prometidas. Albino não adotou a postura de outros anarquistas de defender que os operários não votassem, porém quem lesse os seus artigos ficava descrente com a possibilidade de mudanças sociais e econômicas via política eleitoral com ou sem políticos operários.¹³⁶

Albino criticou a candidatura de operários que, como vimos, tinham um histórico de ações junto aos trabalhadores. Atribuímos a crítica à sua inserção no contexto das duas décadas iniciais do século XX, marcado pela presença de discussões ideológicas entre anarquistas, sindicalistas revolucionários e socialistas acerca da luta via política. Ele inseriu-se nesta discussão e defendeu a luta no campo econômico via ação direta. Um dos motivos para esta defesa era porque não acreditava que o poder público agiria em prol dos direitos dos operários e entendia que os operários se candidatavam por estarem cansados da luta nas ruas e fábricas e interessados em viver o conforto da vida política. Albino, com a sua militância, buscou imprimir nos têxteis a consciência da necessidade de lutar, porque acreditava que “*quando os operários estão associados e fortes e não se submetem às suas tiranias [patronais] olham-nos com respeito e atendem-nos logo que reclamamos.*”¹³⁷

Os períodos que identificamos críticas de Albino aos políticos, os anos de 1913, 1917 e 1918 abarcam temporalidades diferentes, mas podemos ver que Albino continuava a criticar a relação entre a política formal e a luta dos trabalhadores. Albino criticou veementemente, nestes períodos, as posturas militaristas dos governos. Hermes da Fonseca realizava a defesa do militarismo desde 1910 quando era candidato a presidência do Brasil.¹³⁸ Quando ocupava o cargo de ministro em 1907, o Marechal Hermes elaborou um projeto de sorteio para o recrutamento militar que não foi bem recebido entre os operários. Eles sabiam que seriam os recrutados para o exército recebendo os baixos salários dos soldados de patente inferior. Com forte oposição dos operários e populares o projeto foi adiado até 1914.¹³⁹

A possibilidade de guerra fez com que anarquistas, sindicalistas revolucionários e socialistas reagissem na Europa e no Brasil, no ano de 1913.¹⁴⁰ A COB criticou a realização da guerra.¹⁴¹ Albino, no ano de 1913, demonstrando o seu antimilitarismo e criticando a política e os políticos, afirmou:

Mas eu quizera que me explicassem quem é que perturba mais a ordem publica: se são os operários que para adquirirem mais um pouco de pão fazem greve, ou se são

¹³⁰ Sobre Augusto Azevedo dos Santos, Cf: BATALHA, C., 2009, Op. Cit., p.147.

¹³¹ *O Imparcial*. 03 de março de 1918, p.6.

¹³² *Ibidem*.

¹³³ *A Epoca*. 02 de março de 1913, p.5.

¹³⁴ *Tribuna de Petrópolis*. 27 de janeiro de 1918, p.1.

¹³⁵ MENDONÇA, J., 2007, Op. Cit., p. 55.

¹³⁶ TOLEDO, Edilene. **Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 51.

¹³⁷ *A Voz do Trabalhador*. 1 de maio de 1913, p.3.

¹³⁸ OLIVEIRA, T., 2003, Op. Cit., p.103.

¹³⁹ *Ibidem*.

¹⁴⁰ ADDOR, C., 2012, Op. Cit., p. 161-162.

¹⁴¹ *Ibidem*, p.162.

os governos que por simples especulações comerciais atiram um povo contra o outro em uma guerra fratricida, matando em poucos segundos milhões de trabalhadores?!¹⁴²

Albino, quando da Primeira Guerra já em andamento, criticou-a duramente no jornal *O Cosmopolita*.¹⁴³ Ele afirmou não ser patriótico e defendia que os trabalhadores também não fossem e não deveriam ter paixões partidárias pelos países envolvidos na guerra.¹⁴⁴ Ele defendia que os trabalhadores tivessem o “juízo breve e acertado do que é a guerra em si, para o trabalhador.”¹⁴⁵ Afirmou também que os homens que matavam e morriam nos campos europeus deveriam perceber que estavam lutando contra seus irmãos e estes viviam a mesma realidade de exploração nos seus países de origem. Os trabalhadores eram explorados em todo o mundo. Vivendo as mesmas condições não tinham razão para lutarem uns contra os outros. Com o fim da guerra, os governantes iriam brindar a paz enquanto nas casas dos trabalhadores haveria o luto, a “dor sincera daqueles que morreram por fetichismo, por ignorancia, um soluçar continuo dos [que] ficaram na miseria, e que na miseria ficarão, amaldiçoando a guerra que lhes trouxe o luto e a dor.”¹⁴⁶ E concluiu o seu artigo afirmando:

A guerra é o extermínio, é o estrago, é o massacre, é a roubo, arrastando atrás de si a peste e a fome, é o imperio da morte! Guerra pois á guerra! Viva a vida nos seus esplendores são – viva a ANARQUIA, ideal redentor de toda a humanidade sofredora e expoliada!

Necessario é pois, prepararmo-nos para a Revolução das Revoluções que ha de desmornar a sociedade abastardada pelos senhores da terra.

Viva a terra livre!

Viva a anarquia!¹⁴⁷

O posicionamento de Albino nos permite afirmar que ele e outros militantes identificavam as experiências comuns compartilhadas pelos trabalhadores no mundo. Albino participou da comemoração do dia Primeiro de Maio de 1918, nas cidades do Rio de Janeiro e de Petrópolis.¹⁴⁸ A comemoração, no distrito federal, foi convocada pela União Geral dos Trabalhadores (UGT), contando com cerca de mil e quinhentas pessoas que declararam serem contra o capital e a guerra e a favor da Revolução Russa de 1917.¹⁴⁹ As reuniões realizadas no mesmo dia contaram com o discurso de Albino e, novamente, endossou a sua posição contrária à guerra.¹⁵⁰

No trecho do seu discurso, publicado em *A Epoca*, identificamos sua opinião ao afirmar que o Primeiro de Maio era um dia comemorativo aos mártires de Chicago e também de “reclamações de melhorias para os trabalhadores em geral.”¹⁵¹ Para Albino, os trabalhadores deveriam protestar “contra o attestado de ignorantes que passam, dizendo que

¹⁴² *A Voz do Trabalhador*. 1 de novembro de 1913, p.3-4.

¹⁴³ *O Cosmopolita*. 1 de maio de 1917, p. 1.

¹⁴⁴ *O Cosmopolita*. 15 de maio de 1917, p.2.

¹⁴⁵ *O Cosmopolita*. 1 de maio de 1917, p. 1.

¹⁴⁶ *Ibidem*.

¹⁴⁷ *Ibidem*.

¹⁴⁸ Sobre a participação de Albino no comício do distrito federal, Cf: *A Epoca*. 02 de maio de 1918, p. 2. *Correio da Manhã*. 02 de maio de 1918, p.3. Sobre a participação de Albino no comício de Petrópolis, Cf: *Diário da Manhã*. 02 de maio de 1918, p. 2.

¹⁴⁹ *O Imparcial*. 02 de maio de 1918, p. 10. De acordo com o artigo seis dos estatutos da UOFT, as datas a serem comemoradas solenemente eram o quatro de agosto, por ser aniversário da fundação da UOFT, dia Primeiro de Maio e o dia primeiro de janeiro quando teria a posse da nova diretoria. Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro n.º.910. 24 de janeiro de 1918, (art.6º)

¹⁵⁰ *A Epoca*. 02 de maio de 1918, p. 2. *Correio da Manhã*. 02 de maio de 1918, p.3.

¹⁵¹ O episódio da Jornada de Chicago refere-se aos “camaradas covardemente assassinados, em 11 de novembro de 1887, em Chicago [...] esses camaradas foram enforcados [...]” *A Epoca*. 02 de maio de 1918, p. 2.

os operários são agitados por estrangeiros.”¹⁵² E afirmou: “Vejam senhores - exclama o orador- todos os oradores que aqui estão são brasileiros.”¹⁵³

No artigo publicado, em 1917, em *O Cosmopolita*, também por conta do Primeiro de Maio, Albino já havia feito considerações sobre como os estrangeiros militantes eram considerados pelos governantes brasileiros.¹⁵⁴ Consideramos que este artigo colabora sobremaneira para identificarmos o entendimento de Albino acerca da presença do estrangeiro no Brasil. Albino leu o artigo do ex-deputado Medeiros de Albuquerque publicado no jornal *A Noite*, em vinte de abril de 1917, e no qual ele afirmou que a FORJ “*não é uma associação de trabalhadores brasileiros. Dela fazem parte numerosos Estrangeiros e são aliaz Estrangeiros os verdadeiros dirigentes, que mais influem sobre as assembléas nela realizadas.*”¹⁵⁵ Albino reproduz esta opinião e também a que o ex-deputado afirmou serem próprias dos brasileiros e estrangeiros as questões relativas aos operários como a regulamentação do trabalho, das horas de descanso, da igualdade de salários entre mulheres e homens e do afastamento das crianças do trabalho. Para Medeiros e Albuquerque, essas são questões humanas e por isso podem abarcar a atuação dos estrangeiros.¹⁵⁶ Porém, ele não aceita que estrangeiros, como os reunidos na FORJ, queiram participar da condução dos assuntos internacionais do Brasil como no referente à Primeira Guerra Mundial. A formulação desta crítica, direcionada para a FORJ, era porque a associação “*votou uma mensagem a respeito da paz*” e intencionava entregá-la ao presidente Venceslau Brás.¹⁵⁷

Albino discorda da posição do ex-deputado e afirmou: “*Nos, os trabalhadores, somos como o Capital – não temos pátria. Mas os estrangeiros têm o direito de se imiscuirem na politica internacional. Não se fala já na sua mobilização? Não será repatriado? Portanto implica nos seus direitos, quando eles se sentem bem aqui. Portanto é justa a sua intervenção.*”¹⁵⁸ O discurso de Albino estava em consonância com a realidade porque, devido às ações grevistas ocorridas entre 1917 e 1920, o governo intensificou a repressão ao movimento através da expulsão dos estrangeiros considerados agitadores.¹⁵⁹ A afirmação feita por Albino, em 1918, de que todos os oradores eram brasileiros não confere visto que ele mesmo era de nacionalidade portuguesa. Porém, pela leitura do artigo de 1917, identificamos como ele entendia a sua posição e a dos demais estrangeiros no Brasil: considerava que era legítima a participação dos estrangeiros nos assuntos referentes aos âmbitos, econômico, social e político porque os estrangeiros estavam integrados ao Brasil e as decisões dos representantes políticos também os atingiam.

Addor considera dois momentos no tocante a presença de estrangeiros no Brasil, durante as três décadas iniciais do século XX. O primeiro era de disputa entre operários com nacionalidade diferentes dificultando a luta dos trabalhadores. No segundo momento, “*observamos o processo de formação de uma classe, de construção de uma identidade de classe, de formação de uma consciência de classe. Essa consciência vai se formando, lenta, mas irreversivelmente, a partir da própria experiência cotidiana.*”¹⁶⁰ A partir da experiência “*pouco importa se o trabalhador é negro ou branco, se fala italiano ou português [...] aos poucos uma nova identidade de classe vai surgindo e vai superando, vai se impondo sobre a*

¹⁵² *A Epoca*. 02 de maio de 1918, p. 2.

¹⁵³ *Ibidem*.

¹⁵⁴ *O Cosmopolita*. 01 de maio de 1917, p.2.

¹⁵⁵ *A Noite*. 20 de abril de 1917, p.1.

¹⁵⁶ *O Cosmopolita*. 01 de maio de 1917, p.2. *A Noite*. 20 de abril de 1917, p.1.

¹⁵⁷ *A Noite*. 20 de abril de 1917, p.1.

¹⁵⁸ *O Cosmopolita*. 01 de maio de 1917, p.2.

¹⁵⁹ OLIVEIRA, T., 2009, Op. Cit., p. 144.

¹⁶⁰ ADDOR, Carlos Augusto. *Anarquismo e movimento operário nas três primeiras décadas da República*. In: _____ & DEMINICIS, Rafael (Orgs). **História do Anarquismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Achiamé, v. 2. 2009. p.15.

identidade (origem) nacional – sem, é claro, jamais apagar essa última.”¹⁶¹ Como exemplo cita os empresários italianos, atuantes no Brasil, que tentaram fazer com que os seus empregados também italianos contribuíssem para o país de origem que estava envolvido na Primeira Guerra Mundial. Os empresários obtiveram a recusa por parte dos operários e a realização de greves.¹⁶²

No início da Primeira República, os incentivos à industrialização como as medidas de “*estímulo governamental à inversão de maiores somas de capital no setor industrial,*”¹⁶³ ocorridas no governo de Marechal Deodoro da Fonseca, nos anos de 1889 a 1902, contribuíram para o surgimento de novas fábricas e expansão das que já estavam em atividade. As fábricas que se destacavam, no Distrito Federal, eram as que produziam bens de consumo, como as têxteis, calçados, vestuários, móveis e alimentos. Elas se mostravam como necessárias para atender ao mercado consumidor formado na cidade do Rio de Janeiro, devido ao crescimento populacional.¹⁶⁴

As fábricas têxteis “*já se encontravam em plena fase industrial*”¹⁶⁵ e eram as mais “*modernas e mecanizadas.*”¹⁶⁶ Enquanto os outros ramos de produção desenvolviam-se de forma manufaturada e reuniam entre seis a quarenta trabalhadores, as fábricas de tecidos empregavam um número superior, com milhares de operários.¹⁶⁷ Na década de 1910, tinha-se uma maior presença das médias empresas na cidade, porém as fábricas de tecido destacavam-se pelo número de operários.¹⁶⁸ Entretanto, o grande número dos trabalhadores nas pequenas oficinas do setor manufatureiro fazia com que, no Brasil, o proletariado não fosse “*numericamente predominante.*”¹⁶⁹

Destacamos a importância de Petrópolis como cidade que abrigou várias indústrias têxteis e também a militância de Albino, que de 1918 até 1931 atuou junto ao operariado têxtil petropolitano que se formava desde 1870 mediante a instalação das fábricas de tecidos. A proximidade de Petrópolis com o Distrito Federal, o “*clima serrano, úmido e frio*”¹⁷⁰ que

¹⁶¹ Ibidem.

¹⁶² Ibidem.

¹⁶³ MATTOS, M., 2008, Op. Cit., p. 50.

¹⁶⁴ GÓES, M. 1988, Op. Cit., p. 14. Segundo Stanley Stein, as primeiras fábricas de tecidos do século XIX produziam “*roupas para os trabalhadores, escravos e livres, da cidade e do campo; para ensacar açúcar e particularmente, o café [...].*” A produção de tecidos grossos de algodão não exigia trabalhadores qualificados, as máquinas eram simples e garantiu um mercado seguro permitindo o avanço das fábricas de tecidos. STEIN, Stanley. *As Origens e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil: 1850/1950*. Rio de Janeiro: Campus, 1979. p. 38. apud KELLER, Paulo Fernandes. **Fábrica e Vila Operária. A Vida cotidiana dos Operários Têxteis em Paracambi/ RJ**. Engenheiro Paulo de Frontin/ RJ: Solon, 1997. p.37.

¹⁶⁵ MATTOS, M., 2008, Op. Cit., p. 50.

¹⁶⁶ BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. *Formação da Classe Operária e Projetos de Identidade Coletiva*. In: FERREIRA, J. & DELGADO, L. (Orgs). 2003, Op. Cit., p. 165.

¹⁶⁷ As fábricas têxteis contavam, no ano de 1907, com um número de operários superior a mil. Desse modo, enquadram-se na classificação de que as indústrias têxteis continham o maior número de operários reunidos na cidade do Rio de Janeiro. Como exemplo, podemos citar a fábrica Aliança com um total de mil seiscentos e cinquenta operários e a Carioca com mil e trezentos operários. FAUSTO, Bóris. **Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)**. 4. ed. São Paulo: Difel, 1977. p. 110.

¹⁶⁸ BATALHA, C. 2003, Op. Cit., p.165.

¹⁶⁹ BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. **Identidade da Classe Operária no Brasil (1880-1920): Atipicidade ou Legitimidade**. Revista Brasileira de História, São Paulo v.12, n. 23/24, set.1991/ago. 1992. p.114.

¹⁷⁰ MESQUITA, Pedro Paulo Aiello. **A Formação Industrial de Petrópolis: Trabalho, Sociedade e Cultura Operária (1870-1937)**. 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora. p. 20.

deixava “os fios menos quebradiços”¹⁷¹ e possuindo “inúmeros rios que auxiliam na energia hidráulica e, portanto, na instalação dos empreendimentos fabris”¹⁷² motivaram a instalação das fábricas em Petrópolis. O redator de *A Voz do Trabalhador* mostrou-se impressionado com a atividade industrial que se desenvolvia em Petrópolis e afirmou,

[...] Toda a gente sabe que Petrópolis é um recanto delicioso, residência de diplomatas ociosos e de frades de varias espécies. E, mais, que é o rincão preferido pela nossa aristocracia mambembe, que lá vai a refrescar a pele nestes mezes torridos de verão. [...] O que nem toda a gente sabe é que **Petrópolis é um centro industrial relativamente intenso. [...] existem, além de indústrias menores, nada menos de 13 fabricas de tecidos vários, onde trabalham uns 4.000 operarios [...]. As condições da classe operaria de Petrópolis são... as condições da classe operaria, como em toda a parte. A exploração é descabelada.**¹⁷³ (*grifo meu*)

O processo de formação da classe trabalhadora, na cidade do Rio de Janeiro, iniciou-se na segunda metade do século XIX e estendeu-se até as primeiras duas décadas do século XX.¹⁷⁴ Este processo ocorreu com a presença na cidade de trabalhadores na posição de escravos, ex-cativos, brasileiros livres e brancos, imigrantes estrangeiros e migrantes de outras regiões do país.¹⁷⁵ Por volta de 1870, ocorreu a migração interna de brasileiros de origem fluminense, mineira e nordestina para o Rio de Janeiro, por motivos como a crise na lavoura cafeeira e a apropriação de terras por grandes proprietários, entre outros.¹⁷⁶ A vinda de imigrantes estrangeiros foi incentivada pelo governo brasileiro, que buscava atender aos interesses dos fazendeiros de café e dos donos das incipientes fábricas que vinham se instalando nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Aos imigrantes italianos, é atribuída a maior participação na composição da força de trabalho no Brasil e a difusão do anarquismo.¹⁷⁷ A imigração contou também com a vinda de portugueses, espanhóis, alemães, austríacos, poloneses, que ocuparam outras partes do território, como a região sul.¹⁷⁸ Na cidade do Rio de Janeiro, os portugueses foram os que entraram em grande número. A contribuição dos portugueses para a formação do operariado carioca já vinha de antes de 1850.¹⁷⁹ A cidade de Petrópolis, de colonização germânica, recebia trabalhadores da Baixada Fluminense, de Minas Gerais e de São Paulo, que buscavam empregar-se nas fábricas têxteis que iam surgindo.¹⁸⁰

¹⁷¹ Ibidem.

¹⁷² Ibidem, p.21.

¹⁷³ *A Voz do Trabalhador*. 01 de março de 1913, p.3. Petrópolis localiza-se na Serra do Mar. (MESQUITA, P. 2012, Op. Cit., p.19.) Devido ao clima ameno, era uma cidade de veraneio, como foi mencionado pelo redator de *A Voz do Trabalhador*. (Ibidem,p.17.) Segundo Carvalho, com as epidemias de febre amarela, varíola, tuberculose e malária que acometiam as pessoas na cidade do Rio de Janeiro, sobretudo no verão, fazia com que o “*corpo diplomático*”, nos meses de maior calor, fugisse para Petrópolis “*a fim de escapar às epidemias.*” Porém, nem sempre conseguiam escapar das doenças. CARVALHO, J., 2009, Op. Cit., p. 19.

¹⁷⁴Thompson considera classe como “*uma categoria histórica, ou seja, deriva de processos através do tempo*”. THOMPSON, Edward Palmer. *Algumas Observações Sobre Classe e Falsa Consciência*. In: NEGRO, Antônio Luigi. & SILVA, Sérgio. (Orgs). **As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos**. Campinas: Unicamp, 2001. p. 270.

¹⁷⁵ MATTOS, M., 2008, Op. Cit., p. 41. Durante este processo histórico, os trabalhadores entraram em contato uns com os outros e “*escravizados e livres conviveram em ambientes comuns de trabalho*”. (Ibidem, p.21.) A convivência permitia que os homens identificassem as diferenças na forma de trabalho, a livre e a escrava.

¹⁷⁶ MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. **Empreendedores e Investidores em Indústria Têxtil no Rio de Janeiro- 1878-1895**. Dissertação (Mestrado) – UFF, Niterói, 1985. p. 57.

¹⁷⁷ DULLES, J., 1977, Op. Cit., p. 17.

¹⁷⁸ Ibidem.

¹⁷⁹ MATTOS, M., 2008, Op. Cit. , p. 42.

¹⁸⁰ MESQUITA, P., 2012, Op. Cit., p. 20.

O desenvolvimento da lógica capitalista de produção, empregada no setor fabril, influenciou na “divisão social do trabalho”, que ocorria no Distrito Federal e na cidade de Petrópolis. Esta era caracterizada pelos patrões, que impunham suas condições de trabalho; ao operariado restava optar entre “*trabalhar nas condições impostas pelos patrões ou não trabalhar.*”¹⁸¹ A opção, na maioria das vezes, era pelo trabalho, visto que garantia a inserção dos trabalhadores no trabalho formal da cidade; caso contrário, teria que exercer outras atividades, os subempregos.¹⁸²

Os trabalhadores das oficinas e os da indústria têxtil mantinham relações de trabalho diversas. Os operários das oficinas detinham o conhecimento de um ofício que os tornava qualificados e garantia uma maior possibilidade de serem atendidos nas requisições feitas aos patrões. Como a substituição desses operários não ocorreria de forma fácil, muitos patrões preferiam recorrer à negociação. No entanto, o referido poder de barganha dos trabalhadores de ofício para com os patrões foi suprimido aos poucos, quando novas técnicas e a mecanização foram sendo adotadas com frequência. A opção pelo trabalho feminino também foi um fator importante, já que as operárias recebiam salários inferiores ao dos homens.¹⁸³

Com relação aos trabalhadores da indústria têxtil, a maioria deles exercia funções no processo produtivo, que não requeriam conhecimento em ofício. O centro urbano carioca continha um exército de reserva, que gerava uma considerável quantidade de operários para substituir os que não estivessem satisfeitos com a forma de trabalho das unidades fabris. Os donos das fábricas aproveitavam-se da referida situação para não ceder às requisições dos operários, o que provocou insucessos em muitas tentativas de agitações promovidas pelos operários têxteis.¹⁸⁴

A falta dos direitos era sentida ainda mais pela população operária nos períodos de crises econômicas, como as dos anos de 1913, 1917 e 1918. Conviviam com carestia de recursos, redução na carga horária de trabalho e no salário e aumento do desemprego. Os referidos períodos são emblemáticos na atuação de Albino porque em 1913 ele representava o Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos (STFT)¹⁸⁵ e, nos anos de 1917 e 1918, atuou na União dos Operários em Fábricas de Tecidos (UOFT).¹⁸⁶ Albino militou, no ano de 1913, procurando atrair sócios para o Sindicato e, em 1917, participou da reorganização da associação têxtil, fundando a UOFT.

¹⁸¹ GÓES, M., 1988, Op. Cit. , p. 26. Carvalho, ao analisar os censos de 1890 e 1906, do distrito federal, afirmou que neste período havia grupos de proprietários, banqueiros e capitalistas, porém não era grande esse grupo. O setor médio era composto de funcionários públicos, comerciantes e profissionais liberais. O operariado era de tamanho semelhante ao setor médio e dentre os operários estavam os das indústrias têxteis, do Estado, os artistas e empregados dos transportes. Eram os trabalhadores domésticos, jornalistas, pessoas sem profissão definida que representavam o maior número da população ativa da cidade do Rio de Janeiro. CARVALHO, J. 2009, Op. Cit., p. 76.

¹⁸² Marcelo Badaró classifica dois espaços na cidade do Rio de Janeiro, as ruas e as fábricas. Aos ofícios que são atribuídos as ruas cita como exemplo, carregadores; estivadores; barqueiros; barbeiros, cirurgiões; acendedores de lampião; vendedores ambulantes, entre outros. A historiografia considera que até 1850 predominaram nessas ocupações os escravos de ganho. Após essa data, ocorreu uma concentração desse tipo de mão-de-obra nos serviços de transporte de carga. Dessa forma, esses tipos de ocupações teriam sido abertos a trabalhadores livres de origem estrangeira. Os subempregos, no período posterior a Abolição da Escravidão, continuaram a ser uma opção de trabalho para uma parcela significativa dos moradores da cidade do Rio de Janeiro, pois a maioria destes não conseguiam integrar o mercado formal de trabalho. MATTOS, M., 2008, Op. Cit. , p. 48-49.

¹⁸³ BATALHA, Claudio H. M. Formação da Classe Operária e Projetos de Identidade Coletiva. In: FERREIRA, J. & DELGADO, L. (Orgs). 2003, Op. Cit., p. 170.

¹⁸⁴ Ibidem.

¹⁸⁵ *A Voz do Trabalhador*. 01 de outubro de 1913, p. 4.

¹⁸⁶ *Gazeta de Notícias*. 18 de dezembro de 1917, p.6.

Os operários com condições sociais e econômicas marcadas por grandes dificuldades agiam em prol do que consideravam seus direitos. A “palavra operária” e o associativismo contribuíram na construção da cidadania e da identidade pelos e entre os operários têxteis da Primeira República. A “palavra operária” valorizava o trabalho e o trabalhador e era construída e difundida pelos militantes anarquistas, socialistas e sindicalistas revolucionários.¹⁸⁷ Os militantes de ambas as ideologias enfrentavam muitas dificuldades na arregimentação dos operários, como a repressão estatal e patronal e, também, o medo, o desconhecimento e a falta de interesse dos operários no associativismo.

Claudio Batalha, ao analisar a imprensa operária, com destaque o jornal *A Voz do Trabalhador*, ressaltou que os discursos dos militantes eram marcados pelo ressentimento com os operários por não se envolverem como deveriam com o movimento operário que se delineava, dificultando sua consolidação. Na visão dos militantes, a mentalidade escravocrata dos patrões aliados aos interesses capitalistas em obter lucros os conduziam ao esquecimento da condição de homens livres dos seus empregados. Os próprios trabalhadores inseridos neste ambiente ficariam, de acordo com esse discurso, “*inconscientes de seus direitos, de sua dignidade e [...] de sua ‘missão histórica [...].*”¹⁸⁸

Em seus artigos, Albino também criticou o que considerava a passividade dos operários individual e coletivamente. Ele não entendia como os operários não se revoltavam mediante o trabalho em “*enxovias infectas, sem pão, sem ar, sem luz e sem liberdade.*”¹⁸⁹ Albino dirigia-se para os donos das fábricas de tecidos com os termos “senhores do ouro” e “verdugos” e ressaltava a indiferença do patrão com a exploração que impunham sobre os seus empregados e as consequências desta. Nas palavras do militante:

[...] Mas... senhores do ouro! Onde está a vossa consciência de seres humanos, que não vos doe quando de manhã cedo vedes entrar para esse antro de exploração e miséria as anêmicas crianças de 6 e 7 anos, a quem tirais o melhor da vida, matando-as com a consciência nítida do crime que cometeis, pois que não é crível que homens que tem tempo de estudar e analisar as coisas, ignorem que essas crianças, com tão tenro organismo, não podem resistir a um trabalho mortificante de 10 horas por dia.

Senhores do ouro! Onde tendes a consciência de seres humanos, que não vos doe quando vedes sair, todas as tardes, essa multidão de famintos desse insaciável ceifador de vidas a que chamais fábricas e a qual administrais?

Senhores do ouro! **Onde está a vossa consciência que não vos doe ao ver todas as tardes sair essa imensa legião de crianças e adultos, de caras anêmicas e raquíticas, as quais atirastes a mais extrema miséria, com a vossa insaciável sede de ouro, não reparando os meios para conseguir os fins, assassinando assim covardemente pais e filhos que o maior crime que cometeram é o de não ser ladrões e exploradores como os senhores que estão nadando em ouro á custa do trabalho deles?**

Senhores do ouro, que fazeis desses seres que fabricam a roupa com que vos vestis e ás vossas famílias, que fabricaram a seda e as jóias com que adornais vossas amantes, e que fabricaram os divans onde vos recostais comodamente com elas nos braços; que construíram os suntuosos palácios que habitais; que cavaram na mina o ouro que esbanjais diariamente, em noitadas de orgia e em superfluidades?! Onde a vossa consciência religiosa, onde a vossa crença nesse Deus que aconselha que não façais aos outros o que não quereis que vos façam, que castiga os malvados e premia os bons, onde metesteis tudo isso, senhores do ouro [ilegível].

Onde o medo do fogo eterno com que os vossos satélites da igreja amedrontam os operários quando se revoltam? Não o temeis? Pois bem. Mas haveis de temer, entretanto, quando essa imensa maioria que vós matais a fome analisar

¹⁸⁷ GOMES, A., 2005, Op. Cit., p.19.

¹⁸⁸ BATALHA, C., 1992, Op. Cit., p.115.

¹⁸⁹ *A Voz do Trabalhador*. 01 de abril de 1913, p.1.

que pelo fato de nascer tem direito á vida, muito mais direito do que vós, pois que o consome é uma ínfima parte do produto do seu trabalho, ao passo que vós, o que consumis é o produto do trabalho desses mesmos famintos de cuja boa fé vós burlais a cada momento. Mas não os censureis depois pelos excessos que pratiquem porque diante de tanta infâmia, tudo se justifica, ainda que vos elimineis, ainda que vós tivésseis mil vidas e eles as tirassem, não vos fariam pagar a milionésima parte dos crimes que cometesteis durante essa vida perniciosa e inútil e sobretudo prejudicial para a humanidade inteira!

Sim, para a humanidade inteira, pois nós, os operários, não podemos considerar como parte integrante da humanidade, seres que de humano só tem a forma, mas que no fundo são piores que feras, pois que todas as feras que vivem nas selvas se estivessem soltas nas ruas da cidade não fariam tantas vítimas em um ano quantas fazem esses verdugos em um dia!¹⁹⁰ (*grifos meus*)

A análise do discurso de Albino nos permite verificar que ele, assim como outros militantes, considerava que o patronato tratava os seus empregados como escravos atentando contra a liberdade e dignidade que é própria de todo o ser humano.¹⁹¹ Batalha apontou a associação que os militantes realizavam entre a apatia do proletariado brasileiro e de muitos estrangeiros que residiam e trabalhavam no Brasil com “à atitude de rebanhos de animais.”¹⁹² Albino também realizou essa associação registrando-as em dois de seus artigos, no ano de 1913. O primeiro, publicado em *A Voz do Trabalhador*, afirmou: “[...] *Quem, como nos, conheceu as vantagens da organização, quem como nós foi unido e forte outrora, é uma cobardia sem nome deixar-nos estar assim desorganizados, qual rebanho de manços carneiros, deixando-nos tosquiado pacientemente pelo burguez que nos explora e rouba, nesses antros da anemia e da tuberculose.*”¹⁹³ No artigo, publicado em *A Epoca*, afirmou que os operários, durante as greves, “[...] *se deixam vencer sem resistencia, entregando-se ao verdugo, como os carneiros ao cutelo do magarefe.*”¹⁹⁴

Muitos militantes comparavam a realidade do Brasil com a de outros países e consideravam que no Brasil ocorria a predominância da produção manufatureira e a formação heterogênea do proletariado com a presença de imigrantes, em detrimento da industrialização e formação homogênea dos países europeus. Tendo a Europa como modelo a ser seguido, tais particularidades teriam gerado, no Brasil, um proletariado “atípico.”¹⁹⁵ No entanto, como mostra Batalha, nem mesmo nos países mais industrializados da Europa teria existido a classe operária “típica” esperada pelos militantes e moldada a partir de modelos teóricos e ideológicos. Diversa era a experiência histórica dos trabalhadores.¹⁹⁶

Albino e outros militantes alimentavam a esperança de conscientizar os operários para a necessidade da luta de classes.¹⁹⁷ A luta geraria o fim dos abusos cometidos pelo patronato contra a dignidade humana:

Cuidado, verdugos! Que o dia que essa imensa multidão de famintos se resolver a tomar vos conta do passado e presente, então terá chegado para vós o dia do juízo final.

Cuidado, verdugos! Que o dia que essa turba de maltrapilhos, reduzidos por vós ao extremo da penúria, se revoltar não ficará pedra sobre pedra! Cuidado porque o mais forte poderá ser dominado momentaneamente pelos astuciosos, devido á sua ignorância, mais acabará por atirar com a albarda ao chão e sempre

¹⁹⁰ *A Voz do Trabalhador*. 16 de abril de 1913, p.2.

¹⁹¹ BATALHA, C., 1992, Op. Cit., p.115.

¹⁹² *Ibidem*.

¹⁹³ *A Voz do Trabalhador*. 1 de abril de 1913, p.1.

¹⁹⁴ *A Epoca*. 9 de novembro de 1913, p.9.

¹⁹⁵ BATALHA, C., 1992, Op. Cit., p.116.

¹⁹⁶ *Ibidem*, p.116-117.

¹⁹⁷ *Ibidem*, p.115-116.

vence; cuidado, porque o dia que o gigante acordar, da sua vingança não escapareis!¹⁹⁸

As misérias e horrores descritos por Albino eram provocados pelas longas jornadas de trabalho, salários baixos, obrigatoriedade na realização de serões, emprego de mulheres e crianças. Caso os operários não cumprissem com a meta de produtividade estipulada, poderiam receber “*castigos corporais, ameaças de dispensas do emprego, multas.*”¹⁹⁹ O recebimento de baixos salários foi constante entre os trabalhadores das indústrias têxteis no período estudado. Com a pesquisa, identificamos que em determinadas fábricas os operários não trabalhavam com um salário estipulado. Eles recebiam por peça e ficava a cargo do gerente da fábrica pagá-los. Com essa prática, ocorriam conflitos devido às reclamações dos operários no valor recebido. Dentre as reivindicações, em prol da questão do salário, estava o estabelecimento de uma tabela fixa que marcasse a metragem do pano e o valor a ser recebido pela produção e o estabelecimento de um valor mínimo de pagamento.²⁰⁰

O Relatório informou o valor recebido por homens, mulheres e crianças nas fábricas de tecidos:

Na aniação, o salario dos homens é, na média, de 3\$ e das mulheres de 2\$ diários. Isto para os que trabalham por dia, porque, para os tecelões, as condições são iguais para homens e mulheres.

Linho e algodão: para os homens 4\$ e para as mulheres, 2\$500 diários, sendo que, na tecelagem, as condições são iguais para ambos os secsos.

Lã: para os homens 5\$ diários e para as mulheres, 2\$500 diários.

E os menores em jeral, em qualquer dos ramos desta industria ganham em média 800 réis sendo a idade mínima desses menores de 7 anos.²⁰¹

Os autores do Relatório, ao comparar os salários dos operários com os das operárias, revelaram que elas recebiam menos e que existia uma grande diferença no valor recebido pelas crianças operárias.²⁰² Concluíram que o total recebido por um operário não era o suficiente para sustentar família e, mesmo com o trabalho das mulheres e filhos, permanecia a diferença entre o que a família ganhava e o que necessitavam para suprir suas necessidades básicas.²⁰³ Muitos militantes baseavam-se no ideal de masculinidade afirmando que caberiam aos homens lutarem pelas conquistas para todos os trabalhadores fossem homens, mulheres ou crianças.²⁰⁴

¹⁹⁸ *A Voz do Trabalhador*. 16 de abril de 1913, p.2.

¹⁹⁹ HARDMAN, Francisco Foot & LEONARDI, Victor. **História da Indústria e do Trabalho no Brasil (das origens aos anos 20)**. 2.ed. São Paulo : Ática, 1991. p. 135-136.

²⁰⁰ *A Voz do Trabalhador*. 22 de novembro de 1908, p.1. Durante a greve na Fábrica Cruzeiro, no ano de 1908, os operários requereram a fixação de uma tabela de salário. Trabalharemos, detalhadamente, esta greve no capítulo dois. *A Voz do Trabalhador*. 29 de novembro de 1908, p.2

²⁰¹ Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos apresentado ao Segundo Congresso Operário. In: *A Voz do Trabalhador*. 05 de agosto de 1914, p.3.

²⁰² Ibidem.

²⁰³ Ibidem.

²⁰⁴ O ideal de masculinidade foi analisado pela pesquisadora Silvana Alejandra Palermo ao estudar “*um dos principais sindicatos ferroviários da Argentina, a Federación Obrera Ferrocarrilera (FOF).*” (PALERMO, Silvana Alejandra. **Masculinidade, Conflitos e Solidariedades no mundo do trabalho ferroviário na Argentina (1912-1917)**. Revista Mundos do Trabalho, v. 1, n. 2, jul./ dez. 2009. p. 95.) Com a crise gerada pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918) os ferroviários argentinos não estavam conseguindo cumprir com as obrigações que eles lhes atribuíam por serem os chefes de família. Essa situação “*implicou, em certas ocasiões, um ostensivo menosprezo a sua dignidade pessoal.*” Ibidem.,p.100.

O socialista Mariano Garcia, ao escrever para *A Epoca*, no ano de 1913, revelou a moral da época, acerca da mulher, “*compartilhada por diversos agentes como médicos, juristas e jornalistas.*”²⁰⁵ Garcia afirmou: “*O lugar da mulher é no lar, ao lado dos seus, o lugar das creanças, é na escola, no lar é só dos 12 annos de idade em diante é que se deve encaminhar para o aprendizado.*”²⁰⁶ A mulher nas “*fabricas [...]officinas [...] nas ruas, nos trens, nos bonds*” teria contato “*com os homens que são a personificação do que ha de mais imoral, nós não a queremos, porque necessariamente se perverterão, e, mesmo que cheguem a ser esposas e mães, nunca poderão ser esposas e mães idéas que desejamos, para a felicidade da humanidade futura.*”²⁰⁷ De acordo com o discurso de Garcia, a mulher dentro do lar, cuidando dos seus filhos e maridos repercutiria na formação da sociedade composta por indivíduos e famílias de bem.²⁰⁸ Os anarquistas e socialistas, atuantes no Brasil, no início do século XX, muitas vezes, apoiaram a emancipação feminina. Mas, “*é possível encontrar, nas práticas e discursos do movimento operário, um forte elemento sexista, com a reafirmação dos valores dominantes: a ideia de que a mulher deve se dedicar sobretudo ao lar, cumprindo suas funções ‘naturais’ de esposa e mãe, o controle de sua sexualidade, entre outros aspectos.*”²⁰⁹

As mulheres se empregavam mais recorrentemente nos ramos têxteis e de vestuário²¹⁰ e os militantes consideravam que o emprego da mão de obra das mulheres e crianças retirava as ocupações dos homens dentro dos estabelecimentos fabris, era um instrumento para os patrões lucrarem mais e atendia a formação de um operariado “frágil” que não teria força suficiente para reagir diante das imposições que lhes eram feitas.

No ano de 1913, o *Correio da Manhã* publicou uma enquete, abordando as condições de trabalho das operárias e das crianças, nas fábricas de tecidos, em especial na Carioca. A partir dos depoimentos das operárias da fábrica e do envolvimento que o redator da matéria, Caio Monteiro de Barros, tinha com a questão operária, afirmaram que o trabalho das mulheres e crianças era “*exaustivo, matador, pessimamente remunerado.*”²¹¹ O redator publicou o depoimento dado por uma operária, sem divulgar seu o nome. Reiterando a estratégia de apresentar as mulheres como seres frágeis e desamparados, na construção do argumento reivindicativo, a operária foi descrita como sendo “*macilenta, descarnada, maltrapilha.*”²¹² Explorando ao máximo a referida estratégia, apresentaram, junto a ela, “*duas creançinhas, também ‘operarias’, escaveiradas, amareletas, rachiticas, exangues [...].*”²¹³ No entanto, o que ressaltamos aqui é justamente a ação da trabalhadora que, ao encontrar o membro do jornal, na porta da fábrica, provavelmente o próprio Caio Monteiro de Barros,

²⁰⁵ SCHMIDT, Benito Bisso. “*Companheiras!*” *As mulheres e o movimento operário brasileiro. (1889-1930)*. p. 1459. Disponível em: <<http://www.americanistas.es/biblio/textos/08/08-101.pdf>> Acesso: 18. maio. 2014.

²⁰⁶ *A Epoca*. 17 de janeiro de 1913, p.6.

²⁰⁷ *Ibidem*.

²⁰⁸ *Ibidem*.

²⁰⁹ SCHMIDT, B., Op. Cit., p. 1460. *Op. Cit.* O movimento feminista remonta aos séculos XVIII e XIX no qual contribuiu “*para as lutas e conquistas futuras*”. Mas “[...] nesse momento as mulheres não estavam articuladas em grupos coesos e o que havia eram vozes mais ou menos isoladas de descontentamento.” SILVA, Tânia Maria Gomes da. **Trajatória da Historiografia das Mulheres no Brasil**. Politeia. Hist. e Soc. Vitória da Conquista. v.8, n.1. 2008. p.226.

²¹⁰ BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. “*Formação da Classe Operária e Projetos de Identidade Coletiva.*” *In: FERREIRA, J. & DELGADO, L. (Orgs). 2003, Op. Cit., p.165.*

²¹¹ *Correio da Manhã*. 6 de janeiro de 1913, p.3. O jornal apresenta uma foto das crianças operárias da fábrica Carioca. Porém a fotografia não apresenta uma boa visualização. Na legenda da fotografia informam ser um grupo de crianças de oito, nove, dez, onze, treze e quatorze anos, todos operários da Carioca e também apresenta outros três “*pequenininhos operarios*” empregados no setor de fiação da Carioca. Os operários são Paulo Salles, José Fernandes, ambos de onze anos e Antonio Roberto de oito anos. Antonio Roberto, segundo a legenda, usa paletó de homem. *Correio da Manhã*. 6 de janeiro de 1913, p.3.

²¹² *Correio da Manhã*. 6 de janeiro de 1913, p.3.

²¹³ *Ibidem*.

pensou ter aí uma eficaz forma de protestar, denunciando a realidade de trabalho das operárias da Carioca. Caso tenha temido uma repressão patronal, a operária superou esse temor em prol do que entendia por ser uma realidade justa de trabalho.

As operárias entravam às seis da manhã e saíam às cinco e vinte da tarde. Quando tinha serão ficavam na fábrica até nove ou nove e meia da noite.²¹⁴ O total entre nove horas e meia e dez horas de trabalho, para homens, mulheres e crianças, sem distinção, foi confirmada no Relatório do STFT.²¹⁵ A referida operária da Carioca narrou a rotina de trabalho que cabia às operárias. A narração permite conhecer o processo da fabricação de tecidos realizados pelas mulheres e identificar a indignação da operária com a realidade de trabalho que eram submetidas:

“- Carregamos os cestos de espulas para as machinas que enchem os carreteis brancos; vamos buscar as urdideiras os carreteis pelo meio para completal-os, e cheios, - brancos ou de côr, levamol-os de novo a essas machinas.

Os carreteis transformam-se em rolos. Cabe-nos ainda encher de carreteis as urdideiras. E’ trabalho exclusivamente nosso, - das mulheres. Cada operaria enche uma urdideira, que contem 300,400, 500 e 600 carreteis. Essa operação realiza-se 2, 3, 4, 5, 6 vezes num dia. E’ estafante.

O rolo vazio carregamol-o, para collocar na machina, cujo proprio funcionamento é [...] auxiliado pelos nossos pés e mãos. Esse rolo, quando cheio, pesa cerca de 200 kilos e a operaria, auxiliada, na verdade, é quem o tira do logar onde está e o conduz á balança.

E’ muito cansativo, tudo isso; muito acima de nossas forças!” [...]

“Chegamos, finalmente, em nosso trabalhar, aos teares.

Ainda nessa secção da fabrica – a culminante- é nos reservada maior exigencia de actividade productora- ás mulheres está quasi toda ella entregue. **O nosso numero, sobrepuja, sem contestação, o dos homens.**

A funcção da tecelã é muito complexa, fatigante e de responsabilidade.

Encaminhar os fios, conduzir canellas , trazer espulas, zelar pelo trabalho, em summa, fabricar o panno, desmanchal-o quando sae máo ou errado e tiral-o do tear, eis o que cumpre, primacialmente, á tecelã.

A machina, o tear, trabalha continuamente, e, assim, é preciso inteiro, absoluto cuidado nosso. Do tear, não podemos desviar a atenção, siquer um minuto.

E isto, sobretudo, para que quando o fio se arrebente, o que acontece, às vezes, com frequência, elle –o tear- seja immobilizado incontinenti. **Continuando a andar, nesse estado, estraga-se o tecido e as multas vêm sobre nós, inexoraveis e pesadíssimas.”**[...]

“A completar [...] obra homicida, na fabrica de tecidos, há para a tecelã ou tecelão uma coisa origem de maleficios incalculaveis, inimagineis- *é chupar a lançadeira.*

Quando o fio acaba ou rompe-se na lançadeira, tem a tecelã que empregar uma forte sucção para puxar, arrancar a extremidade do mesmo para fora. É após algum tempo, ou horas de trabalho, refere nossa interlocutora, - temos a expectoração escura de espessa poeira, ou inteiramente roxa vermelha ou azul, conforme a cor do fio que tecemos ou que usamos no tear.”

[...] “Não acabou ahí a funcção da mulher na fábrica. O produto ainda não está prompto para o mercado. Vae passar pela secção da “revista” do panno.” [...]

“O mais insignificante defeito encontrado no panno, ás vezes simplesmente pretextado, dá origem a multa[...].”²¹⁶ (*grifos meus*)

A matéria informou sobre o trabalho das mulheres grávidas ou com filhos pequenos e afirmou que “[...] operarias, amamentando ou em estado de adeantada gravidez, prestes a

²¹⁴ Ibidem.

²¹⁵ Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos apresentado ao Segundo Congresso Operário. In: *A Voz do Trabalhador*. 05 de agosto de 1914, p.3.

²¹⁶ *Correio da Manhã*. 6 de janeiro de 1913, p.3.

dar a luz trabalham o dia inteiro em pé... das 6 da manhã às 5 ^{1/4} da tarde!!! Não lhes é permitido sentar. Nem a natureza do serviço o permite."²¹⁷ Albino preocupou-se com a condição das mulheres nas fábricas de tecidos e afirmou,

É vergonhoso consentir que a mulher trabalhe muitas vezes até o ultimo mez de gravidez e depois durante os mezes que amamenta, ou que devia amamentar, dando assim á criança leite artificial, intoxicando o estomago com drogas que além de artificiais, os comerciantes falsificam para obterem mais lucro e enriquecerem mais rapidamente.²¹⁸

Ele criticou o mestre da Bonfim que entrou no banheiro das mulheres para retirar as que lá estavam mandando-as retornar ao trabalho²¹⁹ e apontou o sindicato como instrumento para impor "*a esses verdugos que torpemente os exploram mais um pouco de respeito pela dignidade dos operarios e, principalmente das operarias.*"²²⁰ A *Voz do Trabalhador* denunciou, em 1909, o contramestre da Confiança, José Martins que ameaçou uma operária com bofetadas.²²¹

O autor Benito Schmidt citou o depoimento da operária da Fábrica têxtil Bangu, Luiza Ferreira de Medeiros. Ela afirmou que ficava a cargo dos contramestres decidirem se as operárias teriam ou não um período de tempo destinado para o almoço. As operárias almoçavam entre as máquinas e não recebiam a mais, no pagamento, por serões realizados.²²² Medeiros denunciou o assédio sexual sofrido pelas operárias como o cometido pelo mestre Cláudio que, segundo seu depoimento, "*fechava as moças no escritório para forçá-las à prática sexual. Muitas moças foram prostituídas por aquele canalha. Chegava a aplicar punições de dez a quinze dias pelas menores faltas, e até sem faltas, para forçar as moças a ceder a seus intentos.*"²²³ Medeiros afirmou que as operárias participantes do sindicato eram vistas como meretrizes.²²⁴

A tecelã da Carioca, Maria Coutinho, de vinte e oito anos, brasileira e solteira, no dia vinte de março de 1918, tentou se matar ingerindo creolina, mas a Assistência chegou a tempo e conseguiu salvá-la. Para justificar o seu ato, informou que, no dia quinze de março, não pôde comparecer à fábrica Carioca e fora, por isso, censurada pelo chefe da seção de teares. Ao comparecer no dia vinte, para trabalhar, ficou sabendo que o chefe reduzira a sua carga horária acarretando uma grande queda do seu salário. Os sentimentos provocados com a punição sofrida fez com que Coutinho tentasse o suicídio.²²⁵

Albino, enquanto pai de família, ressaltou a posição das crianças operárias, destacando que elas não deveriam estar trabalhando nas fábricas, mas sim estudando e preparando-se para o futuro. O patrão, para controlar o ritmo de trabalho dos operários de suas fábricas, inclusive das crianças, relegava a função a homens e mulheres que ocupavam os postos de mestre e contramestre.²²⁶ A criança, devido à sua fase de vida, em muitos momentos, não conseguia concentrar-se nas atividades de produção que a elas eram atribuídas, o que acarretava erros.

²¹⁷ Ibidem.

²¹⁸ *A Voz do Trabalhador*. 15 de março de 1913, p. 2.

²¹⁹ *Jornal. A Epoca*. 9 de novembro de 1913, p.9.

²²⁰ Ibidem.

²²¹ *A Voz do Trabalhador*. 01 de junho de 1909, p.2.

²²² RODRIGUES, Edgar. Alvorada Operária. *Os Congressos Operário no Brasil*. Rio de Janeiro, Mundo Livre, 1979. apud SCHMIDT, Benito Bisso. "**Companheiras!**" *As mulheres e o movimento operário brasileiro. (1889-1930)*, p. 1459.

²²³ Ibidem.

²²⁴ Ibidem.

²²⁵ *Jornal do Brasil*. 21 de março de 1918, p. 8.

²²⁶ Demonstraremos, no capítulo três, que mulheres ocupavam o posto de mestre.

Com frequência, a distração, própria da idade, gerava acidentes de trabalho e imposição de castigos, como os corporais.²²⁷ Albino, ao retratar a imposição de castigos corporais, diz:

[...] os companheiros que como eu trabalham nessas bastilhas sabem que as crianças são obrigadas a ter a ligeireza de maquinas, porque si não for assim atrás delas veem os carrascos encarregados pelos patrões de vijiar esse serviço, e de correia em punho as espancam brutalmente porque não trabalham tão ligeiro como eles querem.

‘E nós, os homens que trabalhamos nas fabricas prezenciamos tudo sem dizer nada, como se não tivéssemos sentimento de homens e de pais, pois sendo essas crianças em sua maioria nossos filhos não as defendemos, e permitimos mesmo que as espanquem barbaramente, como se fossem cães sem dono.’²²⁸ (*grifos meus*)

Comparando a fábrica com a Bastilha, conhecida prisão francesa, Albino, questionava os operários: “Com que direito vos esquivais de lutar pelo bem estar de vossos filhos?”²²⁹ Compartilhando um ideal de masculinidade que determinava que os homens tinham que proteger e proporcionar sustento as suas mulheres e crianças, Albino afirmou: “tendes, por um dever imperiozo, de lutar pelo seu bem estar”²³⁰ e caso não o faça, “eles quando forem homens tem o direito de vos atirar em rosto toda a culpa da sua ignorância, de seu mal estar, e de seu aniquilamento.”²³¹

Para o militante, as crianças exploradas quando crescem não são homens, mas “são simplesmente velhos, são velhos aos 30 anos, velhos que não tiveram infância, velhos que morrem sem ter vivido.”²³² O filho pensaria que seu pai “em vez de exigir do patrão o necessário para o seu sustento preferem obrigar-o a trabalhar antes do tempo dentro dessas bastilhas em um ambiente em desacordo para o seu desenvolvimento moral e físico.”²³³ Com seu discurso, Albino apontava qual deveria ser a relação de pai e filho e fazia com que o pai projetasse o futuro no qual receberia críticas por não ter lutado por melhores condições de trabalho, como salários maiores que permitissem a um homem sustentar a sua família de forma que não precisasse trabalhar mulheres e filhos para completar a renda.²³⁴

Desde o final do século XIX, políticos empreendiam tentativas de regulamentar o trabalho dos menores, sendo o primeiro decreto para regular o trabalho de menores nas fábricas do distrito federal do ano de 1891. O deputado Nicanor Nascimento e Evaristo de Moraes, nos anos de 1917 e 1918, em seus discursos, condenavam as “condições insalubres nos locais de trabalho- falta de higiene, ventilação, promiscuidade, os maus tratos de

²²⁷ MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. *Crianças Operárias na Recém Industrializada São Paulo*. In. PRIORI, Mary Del. (Org). **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000. p. 268-269.

²²⁸ *A Voz do Trabalhador*. 15 de junho de 1913, p.1.

²²⁹ *A Voz do Trabalhador*. 01 de abril de 1913, p.1.

²³⁰ *Ibidem*.

²³¹ *Ibidem*.

²³² *Ibidem*.

²³³ *Ibidem*.

²³⁴ De acordo com a entrevista concedida pela filha de Albino, Nilza Dias, nenhum dos filhos do casamento de Albino com Belmira, trabalhou quando criança. Nilza, ao rememorar os últimos momentos da vida de Albino, internado no hospital da cidade do Rio de Janeiro, afirmou que ele pediu ao seu filho do primeiro casamento, chamado Albino Dias Filho, que cuidasse dos estudos de Sílvio. Albino e Sílvio eram meio-irmão, sendo Sílvio o primogênito do segundo casamento de Albino. De acordo com Nilza, seu pai pediu “[...]que ele fizesse pelo filho o que ele fez por ele [...]Porque Albino Dias Filho, ele era propedêutico como chamavam naquela época, né? Que era contador, que ele fizesse pelo Sílvio o que ele não pode fazer, o que ele fez por ele, que ele fizesse pelo irmão, pelo menos pelo Sílvio. E ele então passou, ele passou a, no começo, pagar o colégio pro Sílvio pra ele ficar estudando e depois ele largou de mão mas aí o Sílvio já trabalhava e já ele continuou a pagar os estudos dele [...]” (Entrevista Nilza Dias concedida a Leila Cristina Pinto Pires em 17 de novembro de 2012.) Por essa afirmação podemos destacar a preocupação de Albino com o futuro dos seus filhos e a importância que atribuía aos estudos tanto para a formação intelectual quanto para o trabalho.

*encarregados, mestres, diretores [...]”*²³⁵ que os menores eram submetidos. A regulamentação ocorreu, no ano de 1927, com a aprovação do Código de Menores. O artigo 108 estabeleceu que a “*duração do trabalho dos operários com idade inferior a 18 anos [...] não poderia exceder 6 (seis) horas diárias mediada por repouso de, no mínimo, 1 (uma) hora.*”²³⁶

Os jornais da época apresentavam casos de acidentes com crianças dentro das fábricas, permitindo-nos compreender os questionamentos e indignação de Albino, de muitos operários e operárias e de políticos, como Nascimento e Moraes, que representavam os trabalhadores. No dia quatorze de agosto de 1909, a menina Maria Teixeira, treze anos, operária da Confiança, ao realizar a limpeza na máquina em que trabalhava, “*ficou com uma mão presa na engrenagem.*”²³⁷ Após o acidente, Maria foi “*levada para casa de seus pais tendo de uma das mãos um monte de farrapos de tecidos humanos, á mistura com os pequenos ossos da mão já triturados.*”²³⁸ Os redatores de *A Voz do Trabalhador* afirmaram que Teixeira era “*mais uma victima do industrialismo ganancioso, que empregam nas suas bastilhas creanças e moças inesperientes a fazer serviços que só homens experientes deviam ezeutar.*”²³⁹ Eles duvidaram que a família da acidentada receberia indenização da Confiança e questionaram os leitores se a diretoria da fábrica praticou ou não um crime ao mandar uma menina limpar a máquina em movimento. A matéria, com modalidades enunciativas, semelhantes às presentes nos artigos de Albino, no ano de 1913, incentivou os operários a se unirem e se colocarem contrários à exploração do trabalho infantil.²⁴⁰

O jornal *A Epoca* publicou, no ano de 1913, fotografia das crianças operárias de ambos os sexos saindo da Fábrica de Tecidos Carioca.²⁴¹ Na primeira fotografia, a alegria das crianças com a oportunidade de serem fotografadas contrastava-se com os relatos apresentados na edição do jornal que afirmou as condições miseráveis dos operários moradores do bairro da Gávea.²⁴² Observamos que o fotógrafo de *A Epoca* priorizou as crianças em ambas as fotografias. A análise da primeira fotografia permite observar que aparecem somente os meninos e eles estavam descalços.²⁴³

²³⁵ MORAES, Rafael Vicente de. **A produção acadêmica sobre trabalho infantil: um olhar nos periódicos científicos brasileiros (1981-2004)**. 2007. 129f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências- Universidade Estadual Paulista. p. 20-21. Evaristo de Moraes discursou, em 1918, na UOFT e abordou o problema das mulheres e crianças nas fábricas. Cf: *A Razão*. 20 de janeiro de 1918, p. 5.

²³⁶ MORAES, R., 2007, Op. Cit., p. 22.

²³⁷ *A Voz do Trabalhador*. 30 de agosto de 1909, p.3.

²³⁸ Ibidem.

²³⁹ Ibidem.

²⁴⁰ Ibidem.

²⁴¹ *A Epoca*. 6 de novembro de 1913, p.1. *A Epoca*. 7 de novembro de 1913, p.1.

²⁴² *A Epoca*. 6 de novembro de 1913, p.1.

²⁴³ Ibidem.

Figura 1- Fotografia das crianças saindo da Fábrica de Tecidos Carioca, em novembro de 1913.



Fonte: *A Epoca*. 06 de novembro de 1913, p.1.

Figura 2- Adolescente e uma criança saindo da Fábrica de Tecidos Carioca, em novembro de 1913.



Fonte: A Epoca. 07 de novembro de 1913, p.1.

Na segunda fotografia, no primeiro plano, aparecem uma adolescente e uma criança.²⁴⁴ Os operários e as operárias, adultos, estão presentes, no segundo plano, das duas fotografias.²⁴⁵ Os redatores de *A Epoca*, a partir dos depoimentos de Caralâmpio Trillas, proprietário de uma pequena oficina de sapateiro perto da fábrica, e de José Antônio Cardoso, primeiro secretário da Sociedade Fraternidade e Progresso, afirmaram que a educação das crianças era precária, possuindo no bairro da Gávea apenas a escola da referida Sociedade que funcionava à noite. Na estimativa dos redatores, somando homens, mulheres e crianças do bairro, somente 5% sabiam ler.²⁴⁶

Os adolescentes e adultos também sofriam acidentes dentro das fábricas têxteis. Na Carioca, Joaquim Novaes Machado, de dezesseis anos, faleceu, no ano de 1906, ao sofrer um acidente e ter os braços e pernas esmagados. Joaquim Machado, pai do acidentado, também trabalhava na fábrica, evidenciando casos de pais que viam seus filhos executando serviços impróprios e, até mesmo, morrendo durante a execução. Mas eles dependiam do trabalho para o sustento de sua família.²⁴⁷

²⁴⁴ *A Epoca*. 7 de novembro de 1913, p.1.

²⁴⁵ *A Epoca*. 6 de novembro de 1913, p.1. *A Epoca*. 7 de novembro de 1913, p.1.

²⁴⁶ *A Epoca*. 6 de novembro de 1913, p.1. Trillas era espanhol e o presidente da Sociedade Operária Fraternidade e Progresso da Gávea. Representando essa associação participou do denominado Quarto Congresso Operário, em 1912, e, do Segundo Congresso Operário, em 1913. Ele foi o fundador da Sociedade Operária do Jardim Botânico, em 1903, e foi acusado pela polícia de envolvimento, no ano de 1906, na organização dos tecelões do Rio de Janeiro. BATALHA, C., 2009, Op.Cit., p. 164-165.

²⁴⁷ *O Século*. 21 de agosto de 1906, p.2.

No mês de maio de 1919, a operária da Fábrica Confiança, Maria das Dores Lemos, de vinte sete anos e brasileira, teve o seu lábio superior atingido por uma lançadeira que provocou um talho de seis centímetros. A lançadeira foi arremessada porque a correia da máquina arrebentou.²⁴⁸ Atendida pelo médico cirurgião da fábrica, a operária voltou para casa. O diretor gerente da Confiança, F. F. Braga Neto, “*communicou o facto á Policia do 16º districto, que registou o accidente para os devidos effeitos da lei.*”²⁴⁹

A operária que narrou às condições de trabalho da Carioca, no ano de 1913, denunciou os malefícios para a saúde dos tecelões gerados pela obrigação de chupar as lançadeiras.²⁵⁰ Os redatores do Relatório do STFT confirmaram a obrigação dos tecelões em chupar a lançadeira e informaram que não eram adotadas, nas fábricas de tecidos do distrito federal, as lançadeiras que funcionavam sem a necessidade de sucção.²⁵¹ A reivindicação pela abolição das lançadeiras perdurou e, no ano de 1918, os dirigentes da UOFT apresentaram esta reivindicação aos representantes do patronato reunidos no Centro Industrial.²⁵²

No mês abril de 1919, Idalina Ramos, casada, empregada da fábrica de tecidos de Sapopemba e residente na Vila Proletária se contundiu “*em um tear, pelo que fôra forçada a guardar o leito por alguns dias.*”²⁵³ Os jornais da época destacaram a ação do marido da acidentada, Manoel Ribeiro de Carvalho, que foi a delegacia queixar-se “*contra a administração da fabrica, que, dissera ele, não déra ao caso a devida atenção, como determina a lei.*”²⁵⁴ Carvalho acusava a diretoria “*de ter-se negado a pagar os dias que deixou de trabalhar e os medicamentos fornecidos à operaria enferma.*”²⁵⁵ A diretoria da fábrica desrespeitava as leis de acidente de trabalho por não querer pagar a operária acidentada durante o trabalho e por não ter comunicado o caso a polícia.²⁵⁶ O administrador da fábrica, ao saber da denúncia, foi até a delegacia e exibiu “*não só receitas aviadas e pagas pela empresa como tambem um recibo do punho do proprio queixoso referentes aos dias que Idalina deixou de comparecer ao serviço.*”²⁵⁷ O inquérito não foi instaurado porque a queixa foi considerada improcedente.²⁵⁸ A atitude de Carvalho demonstra que o seu senso de justiça queria que o empregador reparasse os danos causados à sua mulher durante o exercício do trabalho.

A lei sobre acidentes de trabalho foi apresentada pelo senador Adolfo Gordo, em 1915, porém, somente em 1917, devido às mobilizações operárias que ocorriam, voltou a ser debatida, vindo a ser aprovada em 1919.²⁵⁹ Para a aprovação da lei colaborou a pressão dos populares e a concordância por parte dos industriais que se beneficiariam com a lei porque “*seria possível calcular previamente a importância a ser indenizada ao operário em caso de acidente, ampliando o patrão o controle sobre o custo final da mercadoria, eliminando as*

²⁴⁸ *Correio da Manhã*. 30 de maio de 1919, p.3.

²⁴⁹ *Ibidem*.

²⁵⁰ *Correio da Manhã*. 6 de janeiro de 1913, p.3.

²⁵¹ Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos apresentado ao Segundo Congresso Operário. In: *A Voz do Trabalhador*. 05 de agosto de 1914, p.3.

²⁵² *Jornal do Brasil*. 02 de agosto de 1918, p.8.

²⁵³ *O Paiz*. 16 de abril de 1919, p.8.

²⁵⁴ *A Epoca*. 16 de abril de 1919, p.4.

²⁵⁵ *Correio da Manhã*. 16 de abril de 1919, p.5.

²⁵⁶ *O Paiz*. 16 de abril de 1919, p.8.

²⁵⁷ *Correio da Manhã*. 16 de abril de 1919, p.5.

²⁵⁸ *A Epoca*. 16 de abril de 1919, p.4. Com a criação da Justiça do Trabalho, no governo de Getúlio Vargas, no ano de 1941, os operários e as operárias passaram a ter um órgão para reclamarem caso considerassem terem sofrido injustiças, como as demissões sem justa causa ou mulheres grávidas que queriam o amparo da lei que nesse período já era garantido. GOMES, A, 2012, Op. Cit., p. 7.

²⁵⁹ FERRAZ, Eduardo Luís Leite. **Acidentados e Remediados: a lei de acidentes no trabalho na Piracicaba da Primeira República (1919-1930)**. Revista Mundos do Trabalho, vol.2, n.3, janeiro-julho de 2010. p.207.

incertezas do pagamento de quantidades aleatórias referentes às reparações, bem como os custos envolvidos nos longos processos do regime jurídico estabelecido pelo Código Civil.”²⁶⁰

A autora Esmeralda Blanco Bolsonaro de Moura apresentou conclusões a respeito da relação de produção a que os operários e as operárias estavam submetidos, dentro das unidades industriais, e, segundo Moura, “*crianças e adolescentes, em função da pouca idade, talvez, tenham sido entre os trabalhadores, aqueles que viveram o exemplo mais exacerbado dessa relação: o poder dos patrões e de superiores hierárquicos, que claramente os transformaram no alvo da disciplina férrea.*”²⁶¹ O patronato buscava garantir, por meio dos castigos, a manutenção da disciplina para o trabalho e da hierarquia, ou seja, com os operários conscientes da posição que ocupavam no seu meio de trabalho e por extensão na sociedade. Todavia, ressaltamos a ação dos operários, operárias e militantes que não se conformavam com a subjugação e atuavam contrários à ideia de hierarquia.

A moradia dos operários têxteis também foi mencionada, no Relatório, ao afirmar que as condições higiênicas das casas eram as mesmas ou piores do que as das fábricas de tecidos. Classificaram como péssimas as condições das fábricas e moradias.²⁶² Os brasileiros e estrangeiros operários e pobres abrigavam-se em cortiços, estalagens, vilas operárias e casas de cômodos.²⁶³ Com a imigração e a migração interna, que geraram um aumento demográfico, o número de cortiços aumentou na cidade do Rio de Janeiro, entre as décadas de 1850 e 1860.²⁶⁴ A presença de escravos e libertos como moradores dos cortiços também contribuiu para o aumento no número destes.²⁶⁵ No decorrer do século XIX, as relações próprias da escravidão foram se transformando como os escravos que buscavam viver “sobre si,” obtendo autorização dos seus senhores para residirem nos cortiços, ou seja, em dependências que não era dos seus senhores. Assim, escravos e também os libertos somavam-se aos demais membros da classe pobre que ocupavam os cortiços.²⁶⁶

Os cortiços, localizado no centro da cidade e concentrando a população pobre e doenças foram, juntamente com os pobres, alvos dos discursos dos poderes públicos e dos higienistas. O autor Chalhoub evidencia que deputados do Brasil, no século XIX, comungando de discursos oriundos da Europa, atribuíam aos indivíduos pobres a propensão às práticas criminosas sendo, portanto, uma classe perigosa.²⁶⁷ Os higienistas atestavam que “*os hábitos de moradias dos pobres eram nocivos à sociedade.*”²⁶⁸ As ideias dos governantes e dos higienistas somadas ao espírito da Belle Époque, voltados para a modernização e

²⁶⁰ Ibidem., p.209.

²⁶¹ MOURA, E. 2000. Op. Cit., p. 268.

²⁶² Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos apresentado ao Segundo Congresso Operário. In: *A Voz do Trabalhador*. 05 de agosto de 1914, p.3.

²⁶³ As estalagens surgiram por volta de 1850 e “*eram grupos de minúsculas casas térreas enfileiradas.*” As casas de cômodos são próprias do período republicano e caracterizavam pela subdivisão interna da casa em cômodos que eram alugados. As estalagens, casas de cômodos e os cortiços eram diferentes arquitetonicamente, mas possuíam características em comum como o uso coletivo pelos moradores de “[...]w.c., banheiro, tanque, pátio ou corredor” e “*também por serem todos produtos resultantes de um mesmo sistema de produção de moradias.*” O sistema caracterizava-se pelos altos lucros que os proprietários atingiam ao alugar suas casas, terrenos ou quintais para serem investidos na construção dos cortiços. VAZ, Lilian Fessler. **Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos- a modernização da moradia no Rio de Janeiro.** Análise Social, vol. XXIX (127), 1994. p.583.

²⁶⁴ CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril. Cortiços e epidemias na corte imperial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.26.

²⁶⁵ Ibidem.

²⁶⁶ Ibidem, p.26-28.

²⁶⁷ Ibidem, p.21-22.

²⁶⁸ Ibidem, p.29.

embelezamento da capital do Brasil, conduziram os poderes públicos a adotarem estratégia de afastar os pobres do centro da cidade, condenando suas habitações e suas referências culturais.

A reforma urbana ocorreu, no início do século XX, na gestão do prefeito Francisco Pereira Passos. Os cortiços foram retirados e abriram-se largas avenidas.²⁶⁹ Expulsos do centro da cidade, muitos operários foram morar nos subúrbios, distantes dos seus locais de trabalho, o que acarretava um tempo maior de deslocamento que se somava as numerosas horas de trabalho por dia.²⁷⁰

Determinadas fábricas possuíam vila operária e os operários que habitavam nessas casas além de serem empregados eram inquilinos dos seus patrões.²⁷¹ As relações estabelecidas pela conjugação, no mesmo espaço, da moradia e trabalho, manifestavam-se nas práticas sociais.²⁷² Como prática citamos o uso da “*rede de serviços*”²⁷³ pelos operários, moradores da vila, como “*armazém, armarinho, posto de saúde, farmácia, escola, clube social, capela.*”²⁷⁴ Assim, a relação patrão-empregado tornava-se um “*relacionamento complexo.*”²⁷⁵

A tuberculose, malária, febre amarela e a varíola eram as doenças que acometiam a população da cidade do Rio de Janeiro, principalmente a pobre.²⁷⁶ A tuberculose era associada pelos próprios médicos “*à nutrição e às condições de trabalho e de vida em geral da população.*”²⁷⁷ De acordo com Chalhoub, a tuberculose, entre 1850 e 1920, “*matou muito mais do que quaisquer das outras doenças epidêmicas*”²⁷⁸ que provocaram as crises na saúde pública.²⁷⁹ A tuberculose atacava “*indiferentemente brancos e negros, nacionais e estrangeiros [...].*”²⁸⁰ A febre amarela acometia mais os imigrantes, e, diante de uma política de branqueamento da população brasileira adotada pelo governo, a febre amarela recebeu, por parte dos governantes e dos higienistas, maiores ações de combate do que a tuberculose.²⁸¹ Albino classificava as fábricas de tecidos como “*antros de anemia e tuberculose*”²⁸² e relacionando a doença com as condições de vida e de trabalho afirmou,

A tuberculose é o fantasma que assusta o mundo inteiro, dada a quantidade de vítimas que faz diariamente, principalmente entre os operários.

²⁶⁹ CARVALHO, J. 2009, Op. Cit., p. 93.

²⁷⁰ VAZ, L. 1994, Op. Cit., p. 587.

²⁷¹ KELLER, P. 1997, Op. Cit., p.16. O governo, na década de 1880, incentivou e concedeu investimentos para os empresários construírem moradias para os operários, substituindo os cortiços que eram focos de doenças, mas essa iniciativa não deu certo. Chalhoub, ao analisar o discurso de Arthur Sauer, “*um dos poucos contratantes que chegou a construir casas para os operários*”, ressaltou que não se tinha uma mentalidade preocupada com os populares, mas sim, queriam minimizar os danos que os populares podiam provocar para a classe dominante. Sauer construiu cinco vilas operárias que abrigavam três mil pessoas. CHALHOUB, S. 1996, Op. Cit., p.53-54.

²⁷² VAZ, L. 1994, Op. Cit., p. 589.

²⁷³ KELLER, P. 1997, Op. Cit., p.16.

²⁷⁴ Ibidem.

²⁷⁵ Ibidem.

²⁷⁶ O sanitarista Oswaldo Cruz destacou-se no trabalho de combate à febre amarela, peste bubônica e varíola, doenças que acometiam os moradores da cidade do Rio de Janeiro. O sanitarista concentrou-se na tentativa de combater a epidemia de varíola sendo a vacina de Jensen um dos principais meios. A lei de vacinação obrigatória foi sancionada em julho de 1904, mesmo tendo opositores dentro do Congresso. Determinados setores da imprensa e populares também se opuseram à vacinação obrigatória, iniciando no mês de novembro de 1904 uma revolta popular, a Revolta da Vacina. (CARVALHO, J. 2009, Op. Cit., p.95-97.) Os operários cariocas participaram desta luta contra a medida governamental por meio de lista de assinaturas dizendo-se contrários à vacina e através de ações dos operários das fábricas Moinho Inglês, Carioca, Corcovado e na de meias São Carlos. Ibidem., p.106-109.

²⁷⁷ CHALHOUB, S. 1996, Op. Cit., p.57.

²⁷⁸ Ibidem.

²⁷⁹ Ibidem.

²⁸⁰ Ibidem.

²⁸¹ Ibidem, p.57-58.

²⁸² *A Voz do Trabalhador*. 01 de abril de 1913, p.1.

Emquanto as senhoras e cavalheiros chics da alta burguezia formam as suas ligas contra a tuberculose, por sport, fingindo interessar-se pela sorte dos desprotejid^{os}, fazendo reclames espalhafatoz^{os} das suas qualidades caritativas; fazendo crer aos papalvos que com as suas drogas conseguem aplacar o mal, quando em realidade a única couza que conseguem é fazer alarde da sua filantropia e nada mais; pois que enquanto a sociedade estiver tal como está, não será possível aplacar nem debelar a tuberculose, pois que esta é uma conseqüência lojica da má organização social. Si não, vejamos. A tuberculose não é mais do que o depauperamento paulatino do organismo humano, e como os operários estão sujeitos a uma escravidão ignominioza, que os obriga a trabalhar ininterruptamente de manhã á noute, e como o salário que ganham não chega para se alimentarem a si aos seus, o quanto seria necessário, para refazer as forças dispendidas durante o dia em um trabalho dezumano, é claro que o organismo se depaupera pouco a pouco, até chegar a conclusão fatal da tuberculose.²⁸³

No tocante às condições de vida que favoreciam a proliferação de doenças, os jornais de grande circulação e o operário, *A Voz do Trabalhador*, relatavam as precárias condições de moradia das fábricas de Bangu, Carioca e a Aliança.²⁸⁴ Os redatores de *A Epoca*, considerando as afirmações de Caralâmpio Trillas e com o que eles mesmos presenciavam no bairro da Gávea, no ano de 1913, afirmaram sobre as condições da Carioca: “[...] em cada uma dessas casas [...] moram quatro e cinco famílias, amontoadas, sem a menor hygiene, e que são constantemente dizimadas por epidemias que alli irrompem com violência, como ainda ha pouco aconteceu com a variola, que ceifou muitas vidas entre aquelles infelizes.”²⁸⁵ *A Gazeta de Notícias*, no ano de 1918, afirmou que no vasto terreno da fábrica Aliança, nas Laranjeiras, “*existe um enorme correr de casas de madeira, cobertas com telhas e destinados, esses barracões, á residencia dos operarios [...].*”²⁸⁶

A autora Marcela Goldmacher afirmou que “[...] nem todas as vilas operárias eram compostas por casas ou cômodos sólidos e bem construídos [...].”²⁸⁷ Como exemplos, cita a vila operária da fábrica de Bangu que em 1902 “[...] era apenas um terreno no qual os próprios trabalhadores construía^m, com madeiras e latas, suas moradias.”²⁸⁸ As vilas operárias da Aliança e a Confiança eram compostos por “*barracões de madeira alugados aos operários*” e, nesses barracões, moravam até mil operários.²⁸⁹ As informações citadas permitem a conclusão de que, nas duas décadas iniciais do século XX, permaneceu a precariedade nas condições das moradias operárias.

O morro do Mundo Novo localizava-se perto da fábrica Aliança e os operários construía^m seus casebres nesse morro. *A Gazeta de Notícias* publicou fotografia permitindo-nos observar o início da ocupação do morro.²⁹⁰ Como legenda da foto, afirmaram que na parte

²⁸³ *A Voz do Trabalhador*. 01 de novembro de 1913, p.3-4.

²⁸⁴ *A Voz do Trabalhador*. 15 de novembro de 1909, p.1. *A Epoca*. 06 de novembro de 1913, p.1. *Gazeta de Notícias*. 29 de novembro de 1918, p.1.

²⁸⁵ *A Epoca*. 06 de novembro de 1913, p.1.

²⁸⁶ *Gazeta de Notícias*. 29 de novembro de 1918, p.1.

²⁸⁷ GOLDMACHER, Marcela. **A “greve geral” de 1903 – O Rio de Janeiro nas greves de 1890 a 1910**. 2009. 181 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. p.41.

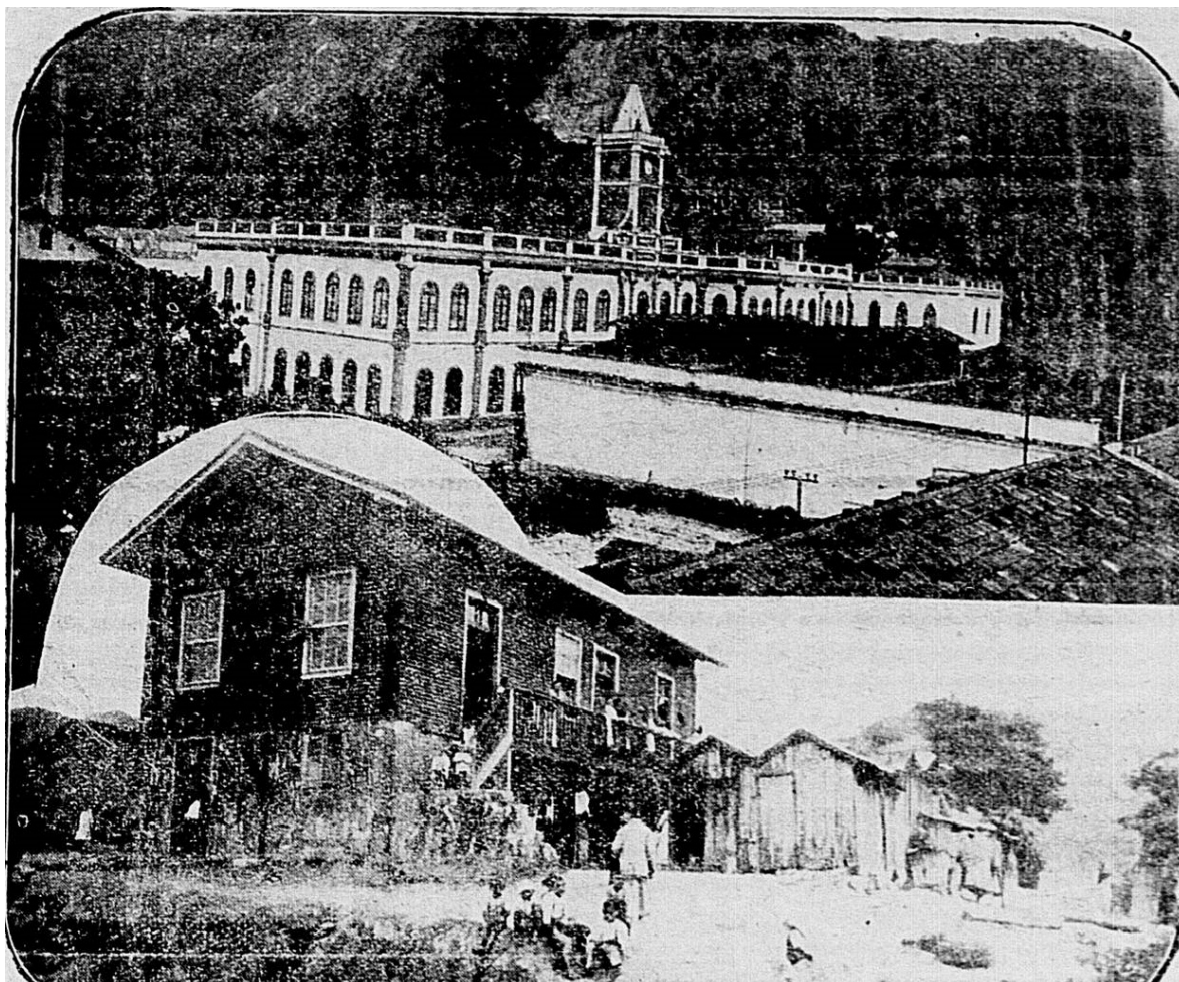
²⁸⁸ *Ibidem*.

²⁸⁹ *Ibidem*.

²⁹⁰ Segundo Vaz, as favelas “*passaram a fazer parte da imagem urbana carioca num contraponto à modernização.*” (VAZ, L. 1994, Op. Cit., p.586.) No fim do século XIX, os morros com presença de favelas eram os próximos da área central; no início do século XX, já se tinha casebres em morros da zona norte e zona sul. O crescimento das favelas aumentou a partir da década de 1930. *Ibidem.*, p. 591.

de cima era a “‘*Fabrica Aliança*’ vista do morro do Mundo Novo, e em baixo alguns dos barracões de zinco e madeira onde habitam os operarios.”²⁹¹

Figura 3 - Fotografia da vista do Morro Novo Mundo, nas Laranjeiras, em novembro de 1918.



Fonte: *Gazeta de Notícias*. 29 de novembro de 1918, p.1.

Os redatores da *Gazeta de Notícias* foram até o Morro Novo Mundo e assim que começaram a subir encontraram uma moradora, de meia idade e operária da Aliança. Ela pediu para não ser identificada, mas mostrou-se disposta a colaborar com os redatores informando sobre as condições de vida e de trabalho dos operários da Aliança. A moradora representava muito bem as famílias operárias têxteis porque ela, seu marido e filhos eram todos trabalhadores da Aliança. Os redatores, com a permissão da moradora, entraram em sua casa e narraram o que viram. De acordo com a narrativa,

a casa, de construção antiga, tendo já parte das paredes derrubadas, é composta de tres compartimentos. O primeiro era a sala que estava destinada às visitas, alguns bancos construidos por curioso estavam collocados juntos das paredes, onde estavam presos a pregos varios quadros de madeira sem nenhum enfeite. O assoalho, muito esburacado, não tinha mas [sic] cor, confundindo-se com a terra que sahia dos buracos. [...] Os dous outros compartimentos, onde penetramos em seguida, estavam

²⁹¹ *Gazeta de Notícias*. 29 de novembro de 1918, p.1.

nas mesmas condições da sala e transformados em quartos, onde duas velhas camas de ferro conservavam-se estendidas, vendo-se sobre ellas antiquísimos colchões remendados em varias partes. Não havia lençoes [...].²⁹²

Ainda descrevendo a casa, a *Gazeta de Notícias* revelou o aspecto da religiosidade na vida de muitas famílias operárias ao afirmar que “[...] na parede estavam collocadas duas cantoneiras; em uma dellas, uma lamparina de azeite illuminava uma imagem de S. Sebastião, afim de que protegesse os menores contra a peste e na outra, estava posta uma imagem de Nossa Senhora das Dores.”²⁹³ A vida religiosa dos operários era analisada e citada pelos militantes porque muitos deles compartilhavam do anticlericalismo e entendiam o discurso da Igreja Católica como favorável aos patrões, divulgando entre os operários um conformismo com a realidade que viviam. Para Albino, a Igreja amedrontava os operários com discurso de sofrerem no fogo eterno por conta das desordens.²⁹⁴ Relacionando o discurso religioso à crise econômica do ano de 1913, Albino questionou: “Dar-se-á o caso de fazermos o mesmo que fez Cristo na ceia dos apóstolos?”²⁹⁵ Como resposta, afirmou: “Não creio que isso seja possível, porque o tempo dos milagres já passou e nós, ou nos organizamos para exigir mais pão ou nos deixamos morrer cobardemente de fome.”²⁹⁶ Albino não acreditava que os patrões aceitariam dividir o “pão” e, desse modo, no lugar do conformismo identificado entre muitos operários e propagado nas igrejas, ele e outros militantes pregavam a associação sindical e a ação direta.

Em 1909, um grupo de operários, entre eles Ulisses Martins e Luiz Magrassi, foram à Bangu participar de uma conferência de Orlando Vasco.²⁹⁷ Vasco, bacharel do Colégio São José, foi classificado pelos operários visitantes, que redigiram a matéria para o jornal *A Voz do Trabalhador*, como advogado do jesuitismo.²⁹⁸ Ulisses Martins, “*dirigente da Liga Anticlerical no Rio de Janeiro*,”²⁹⁹ foi convidado por um sócio do Grêmio Literário de Bangu para responder ao conferencista. Martins, juntamente com outros visitantes, passearam por Bangu, antes da conferência.³⁰⁰ A rua principal abrigava a fábrica de tecidos de Bangu, a vila operária e a igreja. Na narrativa, destacaram as “*casas iguais e uniformes, numa triste monotonia arquitetônica*”³⁰¹ e “*o prostíbulo da Igreja*.”³⁰² Na rua da fábrica, localizava-se a Igreja e, no final da rua, dois coretos que “*serviam para as kermesses que ali se fazem de vez*

²⁹² Ibidem.

²⁹³ Ibidem.

²⁹⁴ *A Voz do Trabalhador*. 16 de abril de 1913, p.2.

²⁹⁵ *A Voz do Trabalhador*. 01 de abril de 1913, p.1.

²⁹⁶ Ibidem.

²⁹⁷ *A Voz do Trabalhador*. 15 de novembro de 1909, p.1.

²⁹⁸ Ibidem.

²⁹⁹ BATALHA, C. 2009, Op. Cit, p.100. Ulisses Martins era espanhol, tipógrafo e ator. Atuou na cidade do Rio de Janeiro, comungou do anarquismo e do socialismo reformista. (Ibidem) Luiz Magrassi foi “*delegado da Liga das Artes Gráficas, ao 1º Congresso Operário Brasileiro[...]*.” Ibidem, p. 97.

³⁰⁰ Os operários visitantes resolveram conhecer as proximidades da fábrica de Bangu devido às leituras dos jornais que não se cansavam de agitar “*a benemerencia dos senhores de Bangu*.” Com o passeio, pretendiam “*conhecer a fabrica e saber as condições economicas dos companheiros que ali trabalhavam*.” Com essa atitude, os operários demonstraram que era presente a motivação em observar a realidade que seus companheiros viviam nos âmbitos do trabalho e do cotidiano. Porém, o parecer foi diferente do publicado nos jornais. *A Voz do Trabalhador*. 15 de novembro de 1909, p.1.

³⁰¹ *A Voz do Trabalhador*. 15 de novembro de 1909, p.1.

³⁰² Ibidem. Contribuía para esta monotonia arquitetônica o desalento e tristeza dos moradores que gerou nos observadores a impressão de ser “*um espetáculo de pavor*.” Esta impressão era a de “*ao palmilhar aquela rua, de que atravessa uma alameda de cemitério, entre catacumbas e mauzóléus. A’s janelas, amarelos e esqualidos, alguns operarios pareciam defuntos espiando pelas frestas das sepulturas*.” *A Voz do Trabalhador*. 15 de novembro de 1909, p.1.

em quando em beneficio da igreja.”³⁰³ Na outra rua viram uma igreja protestante, que funcionava em uma casa de habitação e os cantos de que lá provinham eram escutados de longe.

O catolicismo e o protestantismo estavam presentes na vida dos operários. As duas práticas religiosas foram condenadas pelos operários visitantes, entre eles, Magrassi e Martins. Afirmaram que as quermesses feitas nos coretos “era a iniciativa do padre auxiliando os patrões na sua campanha de exploração.”³⁰⁴ Os visitantes, sabendo que os donos da fábrica de Bangu eram católicos questionaram-se a permissão para os cultos protestantes. A resposta para o questionamento foi expressa da seguinte forma:

Compreendemos tudo. A liberdade de Bangú consistia em permitir a adoração aos deuses das fabulas e o ezercicio dos cultos religiosos. **Era preciso não deixar livre e vivo o instinto de analize e investigação e para isso não ha nada melhor do que as religiões. Por isso, os proprietarios da fabrica, naturalmente fervorosos católicos, consentiam o ezercicio do culto protestante.**³⁰⁵ (*grifos meus*)

Nas entrevistas concedidas pelas operárias da Carioca em 1913³⁰⁶ e da Aliança em 1918, ambas mencionaram práticas nas quais os operários e as operárias eram submetidas. Identificamos, pela pesquisa, que essas práticas eram adotadas pelo menos desde os anos iniciais do século XX, revelando assim as permanências destas. De acordo com o relato da operária, na Aliança,

os pagamentos são mensaes e nós nunca conseguimos fazer mais de 100\$ de ordenado, sendo que ainda soffremos de descontos de 3% para o medico, de medicamentos que retiramos e pagamos demasiadamente e de multas sobre os pannos que estragamos muita vez por defeito da machina. O meu marido tambem trabalha nos teares e com seis automáticos, o que lhe estraga muito a saúde [...].
- O que nós ganhamos é insufficiente para pagar e comprar alimentos que cheguem para [ilegível]. Compramos quando ha possibilidade, fazenda para fabricar nossas vestes, mas ainda não nos foi possivel adquirir lenções, e os pequenitos se agasalham contra o frio com pannos velhos.³⁰⁷

Passamos para a análise dessas e de outras práticas que foram narradas na imprensa por conta das denúncias e ações dos operários que não se conformavam com as condições que lhes eram impostas. Através da participação de Albino, na greve da Corcovado, fábrica em que trabalhava, no ano de 1906, identificamos semelhanças nas práticas citadas pela operária da Aliança. Os motivos desta greve foram publicados porque, “quando mais atarefado andava o pessoal na Central de Policia, por motivo de boatos de grèves, o secretario deixou cair, ao atravessar um corredor, algumas tiras de papel de que a reportagem se apoderou com presteza. Damos a seguir o que continha as tiras.”³⁰⁸ As tiras de papel continham as reclamações dos operários das fábricas Carioca e Corcovado e os nomes dos reclamantes. Ambas as fábricas estavam em greve.³⁰⁹ Os nomes contidos na tira de papel referente à fábrica Corcovado eram os de “José Ramos de Carvalho, Antonio Bento Pimentel, José

³⁰³ *A Voz do Trabalhador*. 15 de novembro de 1909, p.1.

³⁰⁴ *Ibidem*.

³⁰⁵ *Ibidem*.

³⁰⁶ *Correio da Manhã*. 6 de janeiro de 1913, p.3.

³⁰⁷ *Gazeta de Notícias*. 29 de novembro de 1918, p.1.

³⁰⁸ *Correio da Manhã*. 29 de maio de 1906, p.2.

³⁰⁹ De acordo com o *Jornal do Brasil* os operários da fábrica Carioca, “há dias abandonaram o trabalho, mantêm-se em attitude calma, sem haverem chegado ainda a um accordo com os patrões.” *Jornal do Brasil*. 30 de maio de 1906, p.2.

*Fernandes Marques e Albino Moreira.*³¹⁰ Os nomes citados eram de operários que atuavam como delegados da fábrica Corcovado. De acordo com o *Jornal do Brasil*, “resolveram os operarios mandar seus delegados para, em conferencia com o gerente, sr. Thomas José da Cunha, resolverem o augmento da tabela actual e outras pequenas reclamações.”³¹¹ As reclamações estavam na tira de papel e eram as seguintes:

Augmento de salario de accordo com o pano manufacturado.

Abono em dinheiro, liberdade em adquirir os generos fora porque ahi são vendidos por preços mais elevados.

A companhia distribue um premio aos que mais produzem, obrigando a grandes esforços para conseguirem tal premio, preferindo que o aludido premio seja repartido igualmente por todos os operarios.³¹²

Albino se deparava com uma realidade de exploração que incomodava a ele e a outros operários conduzindo-os às reclamações.³¹³ Albino estava entre os operários da Corcovado que militavam e foi um dos escolhidos para representar os grevistas juntamente ao gerente da fábrica. A escolha de Albino pelos operários demonstra que desde 1906 era reconhecido como uma liderança entre os trabalhadores. Albino era um dos que não concordavam com a obrigatoriedade que recaía sobre os operários de comprar os gêneros de que necessitavam nos estabelecimentos pertencentes à fábrica, e da contribuição obrigatória que recaía sobre os operários para essas cooperativas.³¹⁴

³¹⁰ *Correio da Manhã*. 29 de maio de 1906, p.2.

³¹¹ *Jornal do Brasil*. 30 de maio de 1906, p.2.

³¹² *Correio da Manhã*. 29 de maio de 1906, p.2.

³¹³ A *Gazeta de Notícias* confirmou o antigo descontentamento dos operários da Corcovado ao afirmar: “De ha muito andam descontentes os operarios da fabrica de tecidos Corcovado que se nos queixaram de varias expoliações.” *Gazeta de Notícias*. 30 de maio de 1906, p.3.

³¹⁴ No dia quinze de maio de 1906, os trabalhadores da Companhia Paulista de Estradas de Ferro declararam-se em greve. O epicentro da greve foi a cidade paulista de Jundiaí. O motivo era porque “os ferroviários não aceitam a tentativa da empresa de impor um desconto compulsório em seus salários para a Sociedade Beneficente (criação patronal) e também rejeitam a proibição de contribuir para a autônoma Liga Operária.” Os operários criaram uma comissão para negociar, porém enfrentaram a oposição patronal. A greve que era pacífica foi retratada diferente nas páginas dos jornais da grande imprensa paulista que inventaram “*complots de fins ocultos*” agitados pelos estrangeiros anarquistas. Os tecelões da Fábrica São Bento, de Jundiaí, em solidariedade, apoiaram os ferroviários. A polícia repreendeu as manifestações e fechou, a Federação Operária de São Paulo. A greve terminou no dia trinta de maio. (ADDOR, C., 2012, Op. Cit., p. 122-123.) O jornal *A Voz do Trabalhador*, no ano de 1908, denunciou a atuação da cooperativa do senhor Sutears na fábrica Cruzeiro. Era a única cooperativa que tinha autorização para comercializar com os operários e estes recebiam fianças, dos donos da fábrica, somente para essa cooperativa. Na concepção dos redatores do periódico, o dinheiro dos operários ficava todo nessa cooperativa. Denunciam também a Caixa Beneficente existente na fábrica de Vila Isabel e todos os operários, menos os mestres, são obrigados a concorrer com um por cento e meio do salário. A Caixa era administrada pelos donos da fábrica e estes não davam satisfação aos operários contribuintes. (*A Voz do Trabalhador*. 15 de julho de 1908, p.2.) O periódico criticou a cooperativa existente na fábrica de Sapopemba. Os operários eram obrigados a comprar, na cooperativa, por meio de vales que eram passados pelos dirigentes da fábrica e depois eram descontados no salário. (*A Voz do Trabalhador*. 6 de dezembro de 1908, p.2.) As mercadorias vendidas pela cooperativa de Sapopemba era considerada, pelos redatores do periódico, como completamente deterioradas. (*A Voz do Trabalhador*. 13 de janeiro de 1909, p.3.) Albino, no seu artigo, criticou os patrões e administradores da fábrica Aliança, em Laranjeiras. Os primeiros eram os donos da cooperativa e o segundo administrava-a de acordo com os interesses dos patrões. Afirmou que os administradores pagavam um salário irrisório para os operários, “de maneira que eles no fim do mez, depois de o trabalhar inteiro sem perder um dia, não ganharam para pagar a cooperativa, cujos proprietarios são os mesmos patrões, de fórma que o salario que pagam aos seus operarios não lhes chega ás mãos porque esses senhores teem o cuidado de o guardar nos cofres da cooperativa.” Albino afirmou que o operário que reclamasse era colocado nos eixos pelos “cães de guarda de cacete em punho para castigar a ovelha rebelde [...]” *A Voz do Trabalhador*. 1 de junho de 1913, p.1.

Os reclamantes sabiam que os gêneros eram vendidos a preços mais elevados, dentro das cooperativas estabelecidas na Corcovado, e questionavam não serem afiançados para comprarem em estabelecimentos de outras fábricas, “*onde os generos são vendidos mais em conta, razão por que pedem liberdade de fianças.*”³¹⁵ Com relação à contribuição obrigatória, questionavam que “*o montepio obrigatorio, para o qual todo o operario, no acto de ser admittido, concorre com 7\$000 de joia, pagando mais 2\$000 por mez, tendo para isso, como unica vantagem, o medico, sendo que os medicamentos são fornecidos por uma outra sociedade e cobrados pelo dobro do preço das pharmacias.*”³¹⁶

Outra observação da realidade dentro das fábricas que gerava desaprovações entre os operários eram os prêmios oferecidos para os empregados que produzissem mais. Albino e os seus companheiros entendiam que eles e os demais operários eram colocados em uma situação de ter que trabalhar muito, além do que já trabalhavam, para ter a chance de receber um dinheiro a mais e, com essa prática, o patronato estimulava a competição e divisão entre os operários, ao invés da solidariedade e cooperação. A consciência acerca de direitos morais e materiais dos trabalhadores atribuía a Albino e aos seus companheiros a ideia de uma distribuição igualitária dos “prêmios” para todos os membros da fábrica.

Thomas José da Cunha, gerente da Corcovado, propôs “*aumentar o preço de seis marcas do panno e como existiam mais de 50 marcas, os operarios, não concordando com o boletim, que naquelle sentido foi afixado, declararam-se em grêve geral, só se apresentando para o trabalho depois de attendida a reclamação em todos os seus pontos.*”³¹⁷ A comissão de operários da Corcovado declarou que “*pedidos que apresentaram no sentido de ser augmentado o panno,*”³¹⁸ não foram atendidos pelo gerente e por isso estavam em greve. De acordo com a *Gazeta de Notícias* oitocentos operários entraram em greve.³¹⁹ A greve da Corcovado nos permite observar a agência dos operários que, submetidos à determinadas práticas, as interpretavam como desvantajosas para eles, contestando assim a versão dos diretores.

Na Confiança, em Vila Isabel, no ano de 1901, faziam-se presentes as mesmas dificuldades dos operários e posturas dos patrões: as fianças nos armazéns nem sempre supriam as necessidades das famílias operárias, que necessitavam de uma maior fiança e as buscava junto à diretoria da fábrica, não sendo garantido que as conseguissem. Os operários que estragassem uma peça de pano por erro cometido eram obrigados a indenizar a fábrica e levar a peça para casa. O operário precisava vendê-la em casas particulares para conseguir dinheiro, ainda que pouco, pois a peça danificada não servia mais para ser comercializada, mas poderia ser utilizada na fabricação de roupas para famílias pobres.³²⁰

A coadunação das práticas adotadas pelas fábricas e que recaíam sobre os operários, de serem obrigados a comprar nos armazéns que a fábrica afiançava e de pagar indenização em caso de danos na peça, fez com que os operários criassem estratégias para mudar a situação. Segundo o diretor gerente da fábrica Confiança, Manuel Orozco, determinados operários teriam passado a danificar propositalmente os panos vendendo-os em casas particulares para conseguirem mais dinheiro. A diretoria chegou a essa conclusão porque diante do crescente número de panos danificados, “*abriu severa syndicancia para averiguar*

³¹⁵ *Jornal do Brasil*. 30 de maio de 1906, p.2.

³¹⁶ *Ibidem*.

³¹⁷ *Ibidem*.

³¹⁸ *Correio da Manhã*. 30 de maio de 1906, p.2.

³¹⁹ *Gazeta de Notícias*. 30 de maio de 1906, p.3.

³²⁰ De acordo com as afirmações de Manuel Orozco, diretor gerente da Confiança, e, publicadas na matéria do *Jornal do Brasil*, essa medida de pagarem indenizações e levar para a casa a peça danificada era adotada nas fábricas de tecidos e não somente na Confiança. *Jornal do Brasil*. 11 de novembro de 1901, p.1.

se o estrago era proveniente da falta de reparação no material ou da imperícia do pessoal.”³²¹ Com a sindicância concluíram que os operários, precisando de dinheiro, estragavam o pano para levar a peça para casa e vendê-la. O valor do pano era baixo, mas era um dinheiro para atender as necessidades imediatas do operário e sua família. A dívida que fazia com a diretoria da fábrica era um problema a ser resolvido depois. Para interromper essa estratégia, a diretoria resolveu “multar o operario em mais 10% do valor da fazenda.”³²² A multa desagradou os operários que entraram em greve.

No ano de 1913, Galdino Ramos Vianna, de quinze anos, operário da seção de teares da Fábrica Sapopemba, “teve a infelicidade de estragar uma peça de cerca de 80 metros de panno. O contra-mestre Uclachez Cecler [...] logo que soube do facto dirigiu-se para o tear de Galdino, e, em altas vozes, exproboou-lhe o accidente, fazendo-o responsavel pelo prejuizo havido.”³²³ Para o contramestre, “fôra descuido culpavel, ou má vontade de Galdino [...]”³²⁴ Cecler não era bem visto pelos operários. Diante da cena que ele promovia, acusando Galdino e não aceitando as explicações que o operário lhe dava, os demais operários da Sapopemba, em atitude solidariedade a Galdino, suspenderam o trabalho em todas as seções e formaram “um grande circulo premente, mas silencioso, [...] ao redor dos dois [...]”³²⁵ De acordo com o jornal *A Noite*, eram cerca de cento e sessenta homens que se colocaram ao redor do contramestre.³²⁶ Cecler ofendia Galdino e aos demais operários reunidos e, objetivando terminar com aquela situação, afirmou que Galdino teria “de pagar com o dinheiro do seu ordenado o custo da peça estragada [...]”³²⁷ Com a condenação, tida como injusta, “um rumor de revolta saiu da multidão proletária”³²⁸ e Galdino, provavelmente, por ter se sentido amparado, “protestou contra a multa iniqua em voz alta.”³²⁹ O desrespeito à hierarquia interna fez com que Cecler respondesse entrando em discussão com o jovem operário. E, “no auge do furor,”³³⁰ Galdino “precipitou-se furiosamente sobre o tear, o poz em movimento, e, fazendo uma falsa manobra, inutilizou-o, no meio de um estrepito de ferros quebrados.”³³¹ Os operários que viam a cena, aplaudiram a atitude de Galdino, porém Cecler repudiou a atitude e partiu para agressão com uma barra de ferro.³³² Os operários não permitiram e “aos empurrões”³³³ o colocou para fora da fábrica. Cerca de mil e cem operários pararam de trabalhar e reuniram-se num terreno adjacente à fábrica decidindo pelo apedrejamento desta. A polícia foi chamada e, com a ajuda do gerente da fábrica, Antônio Fernandes dos Santos, que, diferentemente do contramestre, era bem visto pelos operários, conseguiram por fim às

³²¹ *Jornal do Brasil*. 11 de novembro de 1901, p.1.

³²² *Ibidem*.

³²³ *O Paiz*. 22 de fevereiro de 1913, p.2.

³²⁴ *Ibidem*.

³²⁵ *Ibidem*. De acordo com o redator de *O Paiz*, o círculo formado simbolizava “naquelle momento, naquella perdida zona suburbana, a lucta mundial e eterna em que se acham empenhados os dois elementos indispensaveis e antagonicos do mundo economico: o trabalho e o capital.” *O Paiz*. 22 de fevereiro de 1913, p.2.

³²⁶ *A Noite*. 21 de fevereiro de 1913, p.2. O periódico publicou uma foto do edifício da Fábrica Sapopemba.

³²⁷ *O Paiz*. 22 de fevereiro de 1913, p.2.

³²⁸ *Ibidem*.

³²⁹ *Ibidem*.

³³⁰ *Ibidem*. O jornal *A Notícia*, da cidade do Rio de Janeiro, diferentemente de *A Noite* e *O Paiz*, apresentou uma matéria crítica no tocante a ação de Galdino. Segundo *A Notícia*, Galdino após partir o braço de um tear, exclamou: “– Para esta bodega! Ninguém mais trabalha.” E, os operários da seção de tecelagem resolveram seguir a ordem de Galdino. A forma como foi redigida a notícia deixa a entender que nem Galdino e nem os operários sabiam ou tinham motivos para realizar tal ato. Informam que Galdino, ao ver que ocorrera a paralisação, fugiu do local, atitude classificada como curiosa pelos redatores de *A Notícia* e levando-os a questionar os leitores se não achavam curioso o ato de fuga. *A Notícia*. 21-22 de fevereiro de 1913, p.2.

³³¹ *O Paiz*. 22 de fevereiro de 1913, p.2.

³³² *Ibidem*.

³³³ *Ibidem*.

depredações. Cerca de seiscentos operários continuaram a greve pacífica, outros foram para casa e houve os que retornaram aos seus postos de trabalho.³³⁴

No ano de 1918, os dirigentes da UOFT ao formularem melhorias que queriam alcançar para a categoria abarcaram a questão dos panos danificados na produção. Demonstraram que os estragos constantes eram provenientes da árdua jornada do tecelão e por ele ter que dividir sua atenção, durante a produção, em mais de dois teares.³³⁵ Enquanto o tecelão se ocupava de dois teares, os outros dois que funcionavam sob sua responsabilidade trabalhavam fazendo panos defeituosos, porque eles não conseguiam dedicar a atenção necessária. Por isso, nas fábricas de tecidos “*estragam diariamente muitos kilos de panno.*”³³⁶ Os dirigentes da UOFT defendiam que nenhum tecelão trabalhasse em mais de dois teares. Com essa medida, os patrões também seriam beneficiados mediante uma redução na produção de panos com defeitos.³³⁷ Os dirigentes da UOFT requeriam a fixação de um pagamento mínimo para os adultos e aceitavam que os patrões estabelecessem categorias de salários conforme a perfeição e a produção, mas deveriam respeitar o mínimo estabelecido.³³⁸

As reivindicações, como vimos, ocorriam mediante as requisições junto ao patronato, solidariedade dos operários para com o operário acusado e por meio de estratégias como as dos operários da Confiança, em 1901, ao estragarem o pano. Sabemos que a versão divulgada partiu de Manuel Orozco, gerente da Confiança, podendo gerar a dúvida quanto à fidedignidade da afirmação. Porém, se considerarmos a rotina de trabalho exaustiva, condenação dos mestres, contramestres, diretores da fábrica por erros no processo produtivo que podiam ser causados por outros motivos que não a imperícia do trabalhador, acreditamos que a prática de acusarem o operário era estímulo para a adoção da “resistência cotidiana” na qual os trabalhadores demonstravam que não concordavam com o que eram submetidos, buscando formas de revidar e punir os patrões.

Na Confiança, em 1909, verificava-se a mesma prática de pagamento de prêmios levada a cabo pelos patrões da Corcovado, em 1906: os diretores da Confiança pagavam os prêmios para os operários que conseguiam ganhar 800\$ no semestre. Eram poucos os operários que produziam recebendo este valor no fim do semestre. Os redatores de *A Voz do Trabalhador* criticaram essa proposta e afirmaram que a maioria dos operários não conseguia atingir essa produção porque, além de exigir muito trabalho, a fábrica não oferecia condições tendo falta de rolos e tramas. Afirmavam que, ao invés dos patrões quererem aumento de produção, deveriam primeiro investir em por material em boas condições na fábrica.³³⁹ Entendiam que o esforço dos operários em produzir mais beneficiava apenas os patrões.³⁴⁰

Além disso, é possível constatar que a contribuição para as cooperativas das fábricas não era entendida como vantajosa pelos operários também no tocante a possibilidade de usufruir dos serviços de médicos e das farmácias, como atestam as inúmeras reclamações publicadas pela imprensa. Em 1913, por exemplo, os operários da fábrica Sapopemba, em Deodoro, reclamaram da desumanidade do médico desta fábrica, nas páginas do jornal *A Epoca*:

[...] um pobre operario, chefe de numerosa família, residente na Linha Auxiliar (proximo a Villa Proletaria), tendo uma filhinha gravemente enferma, em ardencia de febre, e não sendo possível conduzil-a ao consultório da Fabrica de Deodoro

³³⁴ *A Noite*. 21 de fevereiro de 1913, p.2. *O Paiz*. 22 de fevereiro de 1913, p.2.

³³⁵ *Jornal do Brasil*. 02 de agosto de 1918, p.8.

³³⁶ *Ibidem*.

³³⁷ *Ibidem*.

³³⁸ *Ibidem*.

³³⁹ *A Voz do Trabalhador*. 03 de agosto de 1909, p.2.

³⁴⁰ *Ibidem*.

(onde mensalmente se desconta 2% para o serviço clínico), foi suplicar ao médico que fosse incontinenti salvar aquele entesinho, que lhe era tão caro!

O dr. Rodolpho Vaccani, chegando a pouca distancia da modesta casa, (porque o pobre operario não pôde habitar nos predios de preços elevados, que o sr. Santos Moreira mandou contruir junto da fabrica), retrocedeu deshumanamente, dizendo que não podia ultrapassar os limites da citada fabrica!³⁴¹

De acordo com o relato, o médico entendeu que por a casa da enferma se localizar fora das dependências da fábrica Sapopemba ele não era obrigado a tratá-la. Assim desconsiderava que o pai da enferma contribuía mensalmente com 2% do seu salário para o serviço clínico. Os operários entenderam a atitude como desumana. A postura do médico revela também o entendimento do espaço e das dependências da fábrica como aquele que deveria vigorar as regras estabelecidas pelos patrões para com os operários e dentre estas estavam os serviços a serem disponibilizados pela fábrica devido à contribuição paga pelos operários.

A julgar pelo caso dos operários da Fábrica Botafogo, no ano de 1917, reclamavam de ter que pagar mensalmente mil réis para o médico e de não terem farmácias perto³⁴² e dos operários e das operárias da Fábrica Bochen que reclamaram junto à diretoria da UOFT, no ano de 1918, a contribuição obrigatória para os serviços de um médico que não cumpria com as suas obrigações, acreditamos que o problema continuava.³⁴³ No geral, os operários discordavam do pagamento para as cooperativas porque não se sentiam atendidos em suas necessidades.

Desse modo, verificamos que no espaço interno das fábricas de tecidos e nas associações têxteis emergiam discursos e ações entre os operários contra determinadas práticas. Muitas das vezes, as reivindicações culminavam em greves abarcando os operários e as operárias que comungavam ou não das ideologias revolucionárias, mas, sobretudo, não concordavam com as práticas nas quais eram submetidos dentro da fábrica e, muitas vezes, fora dela.

As greves ocorridas na fábrica Carioca e na Corcovado, em 1903, ocorreram devido a conflitos entre os trabalhadores, que não aceitavam substituições e demissões injustificadas. Na Corcovado, declararam greve pelo motivo “*de ter sido chamada para um logar effectivo na fabrica uma operaria que occupava o n.2 da lista de extranumerarios.*”³⁴⁴ Guilherme Jaco, colega de trabalho da operária preterida, foi até a gerência para protestar em relação ao acontecido, obtendo como resposta “*que a preterição fora motivada pelo facto de estar a operaria n. 2 mais apta para o serviço que a de n.1.*”³⁴⁵ Jaco não se conformou com a justificativa e “*todos os seus companheiros, depois de consultados, resolveram acompanhar o protesto de Guilherme Jaco, manifestando-se por meio da greve, que então foi declarada, retirando-se todos em ordem.*”³⁴⁶

Na Carioca, uma comissão de operários escreveu para o *Correio da Manhã* objetivando “*dar conhecimento ás autoridades em particular e ao publico em geral, da razão que nos assiste.*”³⁴⁷ O conflito, iniciado no dia dois de julho de 1903 e relatado pela comissão foi “*motivado pela falta de regulamentação para os substitutos ganhar teares, distribuindo-*

³⁴¹ *A Epoca*. 23 de outubro de 1913, p.4.

³⁴² *Jornal do Brasil*. 22 de agosto de 1917, p. 8.

³⁴³ *Gazeta de Notícias*. 14 de março de 1918, p.5.

³⁴⁴ *O Paiz*. 08 de julho de 1903, p.2.

³⁴⁵ *Ibidem*.

³⁴⁶ *Ibidem*.

³⁴⁷ *Correio da Manhã*. 11 de julho de 1903, p.3. O primeiro conflito relatado no escrito pela comissão foi à suspensão sem motivo de um casal de trabalhadores da Carioca. Os trabalhadores reclamaram junto ao gerente que não atendeu e, por isso, os operários declararam greve. A diretoria da fábrica percebeu a arbitrariedade cometida e resolveu atender o que era pedido pelos operários, no caso, a revogação da suspensão do casal classificado como honrado pelos operários. *Correio da Manhã*. 11 de julho de 1903, p.3.

os os mestres ao seu livre arbitrio.”³⁴⁸ Uma comissão de operários foi até o gerente da Carioca reclamar do que consideravam uma arbitrariedade e receberam deste a resposta de “que nada faria,”³⁴⁹ decidindo a comissão pela greve.³⁵⁰ No escrito que a comissão enviou para o *Correio da Manhã*, afirmaram: “Ora, o que pedem os trabalhadores é que os teares sejam distribuídos por antiguidade e não a capricho dos mestres, porque sabido é que taes sympathias não têm boa origem. [...] Cumpre-nos advertir que em todas as fabricas do Rio de Janeiro, ha uma tabella com os nomes dos substitutos e os respectivos numeros de ordem.”³⁵¹ Afirmaram que estavam dispostos a continuarem a greve até as suas reivindicações serem atendidas.³⁵²

As mesmas reclamações são verificadas, no ano de 1918, na fábrica de tecidos São Joaquim, em Niterói.³⁵³ Os operários entraram em greve e somente voltariam ao trabalho se os diretores substituíssem “os logares na tecelagem, pela ordem de antiguidade dos operarios e não por protecção como vinha sendo feito.”³⁵⁴ Reivindicavam também que “os operarios que faltarem por motivos justificados até 30 dias ao serviço, não serão dispensados.”³⁵⁵ Os dirigentes da UOFT atuaram junto aos operários da fábrica São Joaquim e reuniram-se com a diretoria da fábrica para apresentar as reivindicações.³⁵⁶ A diretoria não atendeu as reivindicações e a greve foi mantida. Albino foi até Niterói como representante da UOFT e discursou para os grevistas incentivando-os a manterem-se firmes na greve.³⁵⁷

Identificamos, diante das mesmas reivindicações feitas individualmente e coletivamente nas fábricas Carioca, Corcovado e São Joaquim, a prática dos operários mais antigos assumirem os melhores postos na fábrica e, por isso, eles não aceitariam que essa prática interna fosse burlada seja pelos mestres, contramestres, diretores da fábrica ou mesmo pelos próprios operários. Acreditamos que os operários almejavam melhorar de posto dentro da fábrica e, desse modo, não admitiriam que seus objetivos fossem frustrados por atitudes abusivas e sem respaldo por parte dos que estavam acima deles na hierarquia da fábrica.

Com os acontecimentos históricos narrados neste capítulo, evidenciamos os discursos e práticas que embasavam a relação patrão e empregado nas fábricas têxteis e nas vilas operárias, como a cobrança de multa dos operários, ao danificarem peça de pano, mesmo sem ter sido comprovado a culpa; o montepio obrigatório para terem o direito de recorrerem aos serviços como os de médicos, farmácias e armazéns; a obrigatoriedade em comprar os gêneros de que necessitavam nos armazéns afiançados pelo patrão; os abusos cometidos pelos mestres, contramestres e dirigentes contra os operários, as operárias e as crianças, até mesmo abusos sexuais contra as mulheres; o vínculo entre patrão e empregado que abrangia o espaço da moradia, com os operários morando nas casas da vila operária ou recebendo fiança dos patrões para o aluguel de casas. Caso os operários reclamassem, burlassem as práticas estabelecidas ou aderissem aos sindicatos, eram repreendidos e punidos com demissões.

³⁴⁸ *Correio da Manhã*. 11 de julho de 1903, p.3.

³⁴⁹ *Ibidem*.

³⁵⁰ *Ibidem*. Pela análise da fonte, não podemos afirmar que eram os mesmos operários que integravam a comissão de operários que foi reclamar com o gerente da Carioca e a que escreveu para o *Correio da Manhã*. Porém, acreditamos que ambas as comissões atuantes contavam senão com o total, com uma boa parte dos mesmos operários. *Correio da Manhã*. 11 de julho de 1903, p.3.

³⁵¹ *Correio da Manhã*. 11 de julho de 1903, p.3.

³⁵² *Ibidem*.

³⁵³ *A Razão*. 03 de outubro de 1918, p.5.

³⁵⁴ *Ibidem*.

³⁵⁵ *Ibidem*.

³⁵⁶ *Ibidem*.

³⁵⁷ Albino afirmou: “[...] não deverem os operarios desanimar, porque os donos da fabrica não hão de ceder, pois que o prejuizo não será pequeno.” Albino fez “largas considerações sobre a greve”, afirmando “que os industriaes não veem com bons olhos as associações de classes porque estão vendo que o operario depois de organizado, os obrigarão a trabalhar se quiserem comer.” *A Razão*. 03 de outubro de 1918, p.5.

Porém, esses discursos e práticas não foram aceitos sem contestação e adoção de estratégias para burlá-los. Consideramos que os acontecimentos trabalhados nos permitem afirmar que os empregados das fábricas de tecidos e os dirigentes sindicais elaboravam discursos e práticas para enfrentarem as imposições patronais que eram reproduzidas dentro e fora das fábricas de tecidos no decorrer dos anos. Com as suas ações, os operários e líderes sindicais objetivavam modificar as relações de trabalho.

Consideramos necessário ressaltar a atitude da operária da Carioca que narrou aos redatores do *Correio da Manhã* as precárias condições de trabalho das mulheres dentro da fábrica; a de Manoel Ribeiro de Carvalho, marido de Idalina, operária acidentada durante o trabalho na fábrica Sapopemba, questionando junto à polícia o que considerava ser descumprimento, por parte dos diretores da fábrica, das obrigações para com a enferma; a operária da Aliança que “abriu as portas” do seu casebre no morro Novo Mundo para mostrar aos redatores da *Gazeta de Notícias* as condições das famílias operárias têxteis; as críticas de Ulisses Martins e Luiz Magrassi contra as práticas religiosas católicas e protestantes permitidas pelos patrões da Fábrica de Bangu, entendendo que esta permissão era uma forma de propagar o conformismo entre os trabalhadores que participavam dos cultos. Igualmente ressaltamos as estratégias dos operários da Confiança que estragavam, provavelmente, de propósito, as peças de pano, para vendê-las fora da fábrica e assim conseguirem um dinheiro e a solidariedade entre os operários para fazerem justiça com o operário mais antigo e, por isso, apto a ocupar um melhor posto no processo produtivo.

Os operários e as operárias buscavam, por meio das reclamações, denúncias, solidariedade contestar as práticas que eram predominantes e as quais discordavam, seja por interferirem nas suas condições de vida e de trabalho ou por estarem em desacordo com os preceitos ideológicos revolucionários de que comungavam. Os líderes sindicais, como os atuantes na UOFT, requeriam o reconhecimento do patronato e do Estado de mudanças nas relações de trabalho. Dentre essas reivindicações estavam: a fixação de um pagamento mínimo para os adultos; não descontar do pagamento dos operários; a proibição do emprego de menores de quatorze anos; melhorias nas condições de trabalho e o pagamento de pensões em caso de acidentes.³⁵⁸ Logo, identificamos que as experiências, as vozes e as ações dos operários e das operárias embasavam o discurso e as ações dos militantes.

Albino recorreu ao discurso falado e impresso para expressar seus sentimentos, indignações, preceitos revolucionários e requerer direitos para os trabalhadores. Afirmou que olhar “para as fábricas de tecidos do Rio de Janeiro, como [sic] todo o seu cortejo de mizerias e horrores”³⁵⁹ o fazia perder a coragem, sem saber por onde começar.³⁶⁰ Porém, ele afirmou que não conseguira “quebrar a pena da caneta.”³⁶¹ Acreditamos que Albino recorreu a essa expressão para afirmar que a construção do discurso era um meio para promover a conscientização entre os têxteis. Nos anos de 1917 e 1918, publicou artigos no jornal *O Cosmopolita*, discursou nas comemorações do Primeiro de Maio³⁶², elaborou junto aos outros dirigentes da UOFT as reivindicações a serem apresentadas ao patronato e ao Estado,³⁶³ enviou cartas para diretores das fábricas³⁶⁴ e para autoridades municipais de Petrópolis, reivindicando a regulamentação do trabalho.³⁶⁵ Suas ações comprovam que Albino foi um dos responsáveis pela formação da “palavra operária”, no decorrer da Primeira República.

³⁵⁸ *Jornal do Brasil*. 02 de agosto de 1918, p.8.

³⁵⁹ *A Voz do Trabalhador*. 15 de março de 1913, p. 2.

³⁶⁰ *Ibidem*.

³⁶¹ *A Voz do Trabalhador*. 16 de junho de 1913, p. 1.

³⁶² *Correio da Manhã*. 02 de maio de 1918.p.3. *Gazeta de Notícias*. 02 de maio de 1925, p.3.

³⁶³ *Jornal do Brasil*. 02 de agosto de 1918, p.8.

³⁶⁴ *Tribuna de Petrópolis*. 28 de julho de 1918, p.1.

³⁶⁵ *Jornal do Brasil*. 31 de julho de 1918, p.6. *Tribuna de Petrópolis*. 02 de agosto de 1918, p.1.

Os operários e as operárias que apresentamos neste capítulo, assim como os demais, agiram sobre um contexto desfavorável, marcado por precárias condições de vida e de trabalho, repressão estatal e patronal e a resistência dos patrões à interferência do Estado nas relações de trabalho. A pouca experiência associativa dos operários, mais especificamente dos têxteis, e o grande número de trabalhadores que compunham a categoria eram elementos que dificultavam sua arregimentação. Além disso, o baixo nível de qualificação de ofício dos têxteis possibilitava ao patronato dispor de um exército de reserva para substituir os operários descontentes e agitadores, o que dificultava ainda mais suas ações contestatórias.³⁶⁶

As ações organizadas e os discursos dos trabalhadores, aliados às dos políticos que defendiam a regulamentação do trabalho, resultaram em conquistas no processo de regulamentação de leis trabalhistas ao longo da Primeira República.³⁶⁷ Concluimos afirmando que eles foram agentes na construção da cidadania durante a Primeira República, colaborando na formação da identidade de interesses e, desse modo, da consciência e da classe têxtil.

³⁶⁶ BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. *Formação da Classe Operária e Projetos de Identidade Coletiva*. In: FERREIRA, J. & DELGADO, L. (Orgs). 2003, Op. Cit., p.170-171.

³⁶⁷ GOMES, A. 2012, Op. Cit., p. 18-19. No ano de 1923, foi aprovada as “*Caixas de Aposentadorias e Pensões para os ferroviários, posteriormente estendidas a outras categorias profissionais [...]; também em 1923, a reformulação da lei de acidentes de trabalho e a Criação do Conselho Nacional de Trabalho; em 1925, a Lei de Férias; em 1926 uma reforma constitucional dotou a União de poder para legislar sobre o trabalho; em 1927, o código de menores [...]*.” MENDONÇA, J. 2007, Op. Cit.,p. 382.

CAPÍTULO II - “UM REVOLTADO E UM PROFUNDO CONHECEDOR DA QUESTÃO SOCIAL” – A MILITÂNCIA DE ALBINO MOREIRA DIAS NO MOVIMENTO OPERÁRIO CARIOCA (1906-1919)

Depois de assistir ao discurso do militante Albino Moreira Dias, realizado na sucursal da União dos Operários em Fábricas de Tecidos (UOFT), o jornalista Antônio Santos Júnior o descreveu como “*um revoltado e um profundo conhecedor da questão social*” em sua coluna no jornal *Tribuna de Petrópolis*, no ano de 1918.³⁶⁸ É visível, em seus escritos, a admiração do jornalista Santos Junior pelo envolvimento de Albino com a questão operária e a importância da militância para o desenvolvimento do movimento operário. Neste capítulo, portanto, procuraremos investigar como delineou-se a trajetória sindical e política de Albino Moreira Dias, quais foram suas formas de atuação no movimento operário e como se relacionava com as orientações ideológicas de seu tempo. Assim, analisaremos a atuação política de Albino no período de 1906 a 1919, nas cidades do Rio de Janeiro e de Petrópolis, mas, sobretudo, no cenário do distrito federal.

Consideramos que o estudo da trajetória de Albino permitirá o desenvolvimento de outro objetivo, o de estudar a organização das associações operárias têxteis e como o discurso e as ações de Albino colaboraram para a organização destas associações. Neste capítulo estudamos a Sociedade Beneficente Progressiva dos Operários em Fábricas de Tecidos (SBPOFT) e, de forma mais detalhada, o Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos (STFT). No terceiro capítulo, desenvolveremos, entre outros objetivos, o estudo acerca da organização da União dos Operários em Fábricas de Tecidos (UOFT), entre os anos de 1917 e 1919.

No primeiro item deste segundo capítulo, trabalhamos com a trajetória sindical e ideológica de Albino através de suas participações nos Congressos, de 1906 e 1913 e da defesa que Albino fez do internacionalismo. Igualmente, analisamos a atuação de Albino no STFT e na SBPOFT.

Entre os anos de 1906 e 1919, a militância de Albino foi mais ativa dentro de associações de resistência, atuando como dirigente e defendendo a ideologia sindicalista revolucionária em seus artigos, nos congressos operários e nos comícios em que discursou. Diante do seu envolvimento com o sindicalismo revolucionário, consideramos necessário estudar mais detalhadamente o STFT que Albino representou no Segundo Congresso Operário e através dos seus artigos, escritos e publicados em 1913, propagou, para os têxteis, a necessidade de se associarem.

Dedicamos o segundo item do capítulo para estudarmos as práticas vivenciadas pelos operários, operárias e líderes sindicais do STFT nos anos que esteve em atividade - 1908, 1909, 1911, 1913 e 1914. Acreditamos que essas experiências de organização sindical contaram com a agência de Albino e repercutiram na sua trajetória no decorrer dos anos. Igualmente, essas experiências foram importantes no desenvolvimento do movimento operário têxtil carioca.

Afirmamos que Albino dedicou muitos anos de sua vida à militância. Por intermédio de entrevistas realizadas com familiares, conhecemos parte da vida privada de Albino. As informações provenientes das entrevistas gerou a possibilidade de analisar a conexão entre as esferas pública e privada da vida de um militante tão dedicado a uma causa, como veremos

³⁶⁸ *Tribuna de Petrópolis*. 4 de julho de 1918, p.2.

adiante. Neste item analisaremos também a militância e a ideologia de Albino nos anos iniciais da década de 1930.

A militância de Albino não se desenvolveu a partir de atitudes isoladas, pois ele estava inserido em vários campos³⁶⁹ marcados pela confluência de ideologias revolucionárias, repressão estatal e patronal, longos períodos de crise que geravam carestia de recursos. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) contribuiu para a carestia de vida entre os trabalhadores do distrito federal entre os anos de 1913 e 1918.³⁷⁰

Albino, comungando de ideologias contestadoras da ordem vigente, militou nas três décadas iniciais do século XX orientando e articulando as ações dos têxteis. Juntamente com outros militantes operários, Albino protagonizou momentos de eletricidade política da categoria têxtil na cidade do Rio de Janeiro, entre 1906 e 1918, e, a partir deste ano, também na cidade de Petrópolis. A resistência cotidiana adotada pelos operários e operárias no espaço das fábricas de tecidos foram igualmente importantes para o desenvolvimento da luta de classes.³⁷¹ Essas ações revelavam os antagonismos surgidos dentro do espaço das unidades têxteis entre os operários de um lado e os patrões e o Estado do outro.

Identificamos o envolvimento de Albino no movimento operário carioca a partir de 1906 quando ele organizou a greve na fábrica Corcovado³⁷² e participou do Primeiro Congresso Operário Brasileiro.³⁷³ Ele representou, juntamente com Antônio Domingues,³⁷⁴ o

³⁶⁹ Albino dedicou a maior parte de sua vida à luta em prol do movimento operário têxtil. Inserido em várias temporalidades, o militante vivenciou múltiplas experiências. Para o autor Edward Palmer Thompson, as experiências adquiridas no “ser social” influenciam na “consciência social”, ou seja, as experiências são determinadas “no interior do conjunto de suas relações sociais.” THOMPSON, Edward. Palmer. “Algumas Observações Sobre Classe e Falsa Consciência”. In: NEGRO, Antônio Luigi. & SILVA, Sérgio. (Orgs). **As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos**. Campinas: Unicamp, 2001. p. 277.

³⁷⁰ MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 205.

³⁷¹ SCOTT, James. **Exploração Normal, Resistência Normal**. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 5, Brasília, janeiro-julho de 2011.p.219.

³⁷² *Correio da Manhã*. 29 de maio de 1906, p.2. *Jornal do Brasil*. 30 de maio de 1906, p.2.

³⁷³ Segundo Ângela de Castro Gomes, o Primeiro Congresso Operário “assinalou um ressurgimento de ações de organização e de reivindicação entre os trabalhadores do Rio e também de São Paulo, onde a presença dos anarquistas era fundamental. O 1º de maio de 1906, as várias greves ocorridas no Rio no segundo semestre deste mesmo ano, a greve paulista de 1907, a formação da Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ) e a publicação entre 1908 e 1909 do jornal *A Voz do Trabalhador* dão bem a ideia da força desta proposta no interior do movimento operário.” (GOMES, Ângela de Castro. **A Invenção do Trabalho**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p.81.) *A Voz do Trabalhador* retornou no ano de 1913 perdurando até o ano de 1915. A autora afirma que o jornal era anarquista, porém acreditamos que sua principal orientação era a sindicalista revolucionária.

³⁷⁴ Antônio Domingues era português e foi um importante colaborador na organização do movimento operário, visto que ele esteve ao lado de militantes como Luigi Magrassi, Alfredo Vasques e Mota Assunção, que reuniram-se na Federação da Associação de Classes, em 1905, e desse encontro surgiu o jornal *Novo Rumo*. A reunião desses militantes, em torno do jornal, foi importante para a realização do Primeiro Congresso Operário Brasileiro, em 1906. Durante o Congresso, Domingues presidiu a quarta e a quinta sessão, tendo como secretários João Arzua dos Santos e Augusto dos Santos Altro. Ao todo foram doze sessões e Domingues ocupou o posto de secretário na última sessão. É válido mencionar que Domingues foi um dos fundadores, em 1903, do Grupo Dramático de Teatro Livre, na cidade do Rio de Janeiro. O grupo reunia-se na sede da Associação Auxiliadora dos Artistas Sapateiros, na Rua dos Andradas, 87. No mês de outubro de 1903, apresentaram as peças teatrais “O Primo Maggio” e “O Mestre e a Escola Social” (RODRIGUES, Edgar. **Os Companheiros**. Rio de Janeiro: VJR, 1994. p. 83-84). Anos depois, o militante Domingues foi cogitado para integrar o grupo comunista, que em 1922, formaria o Partido Comunista. O nome de Antônio Domingues, juntamente com outros nomes, consta nos prontuários da Polícia Civil do Distrito Federal - Delegacia Especial de Segurança Política e Social. O registro na polícia, que o classificava de comunista, ocorreu na década de

Centro dos Operários do Jardim Botânico.³⁷⁵ A associação não conseguiu prosseguir com suas atividades após a realização do Congresso.³⁷⁶ No ano de 1913, organizou e participou do Segundo Congresso Operário, ao lado de Pedro Villa,³⁷⁷ representando o Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos (STFT), fundado em 1908.³⁷⁸ Os Congressos contaram com a participação de militantes que representavam as categorias profissionais de vários estados do Brasil.

As sessões do Primeiro Congresso definiram a ideologia sindicalista revolucionária para orientar o movimento operário brasileiro e essa ideologia foi confirmada nas sessões do Segundo Congresso.³⁷⁹ Determinadas fontes impressas permitem revelar as orientações

1930. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Prontuário do Desps. Setor – Prontuários – Rio de Janeiro. Prontuário GB, 17243 e Prontuário GB, 34369.

³⁷⁵ *Correio da Manhã*. 16 de abril de 1906, p.1.

³⁷⁶ *A Voz do Trabalhador* afirmou que para publicar as resoluções do Primeiro Congresso Operário, contraiu empréstimo de 50\$ com as seguintes associações: Centro dos Operários Marmoristas, Centro dos Empregados em Ferrovias e Congresso União dos Operários em Pedreiras. Para quitar a dívida, seria necessário que determinadas associações, citadas pelo jornal, pagassem o valor referente às vinte e cinco cópias de exemplares por elas adquiridas. O periódico citou os nomes de outras associações operárias, entre elas, o Centro dos Operários do Jardim Botânico, que não existiam mais e, por isso, não pagariam a sua dívida. O jornal centrava as expectativas do pagamento nas associações que continuavam atuantes e que não tinham enviado o dinheiro para encerrar a dívida. (*A Voz do Trabalhador*. 01 de julho de 1908, p.3.) Para referir-se a associação do Jardim Botânico, o *Correio da Manhã* apresentou a denominação Centro Internacional dos Operários do Jardim Botânico. (*Correio da Manhã*. 19 de abril de 1906, p.2.) Os autores Cláudio Batalha, Marcela Goldmacher e Francisca Nogueira de Azevedo fazem referência à participação da Sociedade Operária do Jardim Botânico, na greve de 1903. A referida sociedade, do tipo educativa e sindical de bairro, foi fundada no ano de 1903 e não foi identificado o ano que encerrou suas atividades. (BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. **Dicionário do Movimento Operário - Rio de Janeiro do século XIX aos anos de 1920 militantes e organizações**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009. p.258. AZEVEDO, Francisca Lúcia Nogueira de. **Malandros Desconsolados – O Diário da Primeira Greve Geral no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005. p. 48. GOLDMACHER, Marcela. **A “greve geral” de 1903 – O Rio de Janeiro nas greves de 1890 a 1910**. 2009. 181 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. p.1.)

³⁷⁷ A consulta ao jornal *A Voz do Trabalhador* permitiu obter duas informações do militante Pedro Villa. A primeira consta na edição do dia dezessete de maio de 1909. A nota intitulada “Movimento Associativo – Federação Operária do Rio de Janeiro” trazia o Balanço do movimento econômico da comissão executiva da comemoração do 1º de Maio de 1909. A comissão executiva era composta por Ulysses Martins, Natal Muratori, José Guardelino Torres e Pedro Villa. A composição da nota apresentava o balanço de receitas e despesas com o evento. Destaca-se que os membros da comissão explicaram que “a falta da banda de música na passeata foi devida às dificuldades econômicas em que nos encontramos a braços com uma receita que apenas podia fazer face às despesas mais necessárias”. Pedro Batista Matera apresentou a solução ao oferecer “o concurso da Escola Primeiro de Maio, sob a condição de arranjarmos a condução dos seus alunos de Vila Izabel para a sede da Federação”. A comissão que assinou a nota mostrou-se satisfeita com a atuação da banda de música, que, segundo eles, cantaram o Hino da Internacional pelas ruas da cidade. (*A Voz do Trabalhador*. 17 de maio de 1909, p. 3-4.) O militante italiano Pedro Batista Matera foi o fundador da Escola Primeiro de Maio, sendo um “apaixonado dos métodos da Escola Moderna” (RODRIGUES, E., 1994, Op. Cit., p. 602). Pedro Villa integrou a comissão que assinou a nota e mostrou-se satisfeito com a atuação da banda de música da escola de método racionalista de Vila Izabel. A segunda informação a respeito de Pedro Villa corrobora com a ligação do militante com a educação racionalista. Pedro Villa aprovou, ao lado de outros participantes, como exemplo, João Crispim, que representava a Federação Operária de Santos, o propósito de uma educação racionalista para os operários. A aprovação ocorreu mediante a discussão do tema sobre “Instrução e Educação da Classe Operária”, ocorrida em sessão do Segundo Congresso Operário, em 1913. *A Voz do Trabalhador*. 01 de outubro de 1913, p. 4.

³⁷⁸ *A Voz do Trabalhador*. 01 de outubro de 1913, p. 4.

³⁷⁹ BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. Formação da Classe Operária e Projetos de Identidade Coletiva. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lúcia Almeida Neves. (Orgs). **O Brasil Republicano - O Tempo do Liberalismo Excludente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.175-176. Durante sessão do Primeiro Congresso Operário Brasileiro foi criada a Confederação Operária Brasileira (COB), com a função de ser um organismo unificador da luta operária no Brasil. O modelo de formação da COB foi inspirado na CGT

ideológicas dos organizadores dos Congressos e a contribuição de Albino para a definição dessas orientações, dentre as quais enfocaremos as de cunho sindicalista revolucionário.³⁸⁰

O jornal *Correio da Manhã* considerou necessário expor para os seus leitores como era o ambiente do Centro Galego do Rio de Janeiro, local que foi usado para a reunião dos operários que se preparavam para o Primeiro Congresso. Primeiro, os redatores fizeram a descrição do local e depois abordaram as temáticas discutidas na primeira sessão do Congresso. O jornal noticiou:

Nas paredes ricamente ornamentadas viam-se, em letras rubras, escriptas as máximas:

O primeiro dever do operario que aspira a sua emancipação economica é unir-se com os seus companheiros de officios e depois com todos os demais trabalhadores.

A exploração capitalista está baseada na ignorancia e desilusão: impõe-se, pois, a união e instrução.

A emancipação dos trabalhadores ha de ser obra dos proprios trabalhadores.

Não haverá liberdade, enquanto existir a desigualdade economica.

A diminuição das horas de trabalho deve ser a base das nossas maiores aspirações [...].³⁸¹ (grifos meus)

Através da fonte citada, observamos que, antes mesmo dos militantes reunidos chegarem a um consenso das orientações para coordenar o movimento operário, a ideia de lutar por melhorias morais, materiais e profissionais, assim como defendiam os sindicalistas revolucionários, já se fazia presente.³⁸² Com relação aos direitos morais, destacamos a defesa da instrução como um instrumento de conscientização para retirar os operários da situação de ignorância identificada.³⁸³ Os direitos materiais e profissionais ficam expressos na defesa da redução da jornada de trabalho para oito horas e no fim das desigualdades econômicas. O Primeiro Congresso deliberou que as associações lutassem pelas oito horas de trabalho sem prejuízo dos salários.³⁸⁴

O Centro dos Operários do Jardim Botânico propôs para discussão o tema sobre “*a abolição das multas nas officinas e fábricas,*”³⁸⁵ trazendo o debate sobre “*as multas na Estrada de Ferro Central, nas companhias de viação e de bonde e outras.*”³⁸⁶ Albino falou juntamente com Antônio Domingues, Antônio Pinto Machado, Melchior Pereira Cardoso, José Arnaldo, Francisco Camillo Soares, Ulisses Magrassi e Caralâmpio Trillas.³⁸⁷ A

francesa, que era influenciada pelo sindicalismo revolucionário. Os integrantes do Primeiro Congresso definiram que a COB teria um jornal próprio, denominado *A Voz do Trabalhador*. O nome do periódico foi inspirado no que circulava na França ligado à CGT, denominado *La Voix de Peuple*. SAMIS, Alexandre Ribeiro. **Minha Pátria é o Mundo Inteiro: Neno Vasco, O Anarquismo e as Estratégias Sindicais nas Primeiras Décadas do Século XX**. 2006. 441 f. Tese (Doutorado em História)- Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006, p. 170.

³⁸⁰ BATALHA, C. 2003, Op. Cit., p.172.

³⁸¹ *Correio da Manhã*. 16 de abril de 1906, p.1.

³⁸² TOLEDO, Edilene. **Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p.49.

³⁸³ Albino foi um dos defensores da instrução ideológica para os operários. Entendia que essa instrução era um instrumento de conscientização dos homens para a necessidade de se associarem nos sindicatos. Cf: *A Voz do Trabalhador*. 15 de março de 1913, p.2.

³⁸⁴ *Correio da Manhã*. 19 de abril de 1906, p.2.

³⁸⁵ *Gazeta de Notícias*. 12 de maio de 1906, p.6.

³⁸⁶ *Ibidem*.

³⁸⁷ *O Paiz*. 19 de abril de 1906, p. 2. *O Paiz* divulgou somente F. Soares. Acreditamos que referia-se a Francisco Camillo Soares, “*delegado do Centro dos Empregados em Ferrovias, do Rio de Janeiro, organização que congregava trabalhadores em bondes, ao 1º Congresso Operário Brasileiro [...].*” (BATALHA, C. 2009, Op. Cit., p. 158.) O *Correio da Manhã* informou sobre a atuação de Soares no Congresso. Ele afirmou que “*as multas obrigatorias nas companhias de bonde são as mais vexatorias provocações.*” Para Soares, era uma farsa as declarações da Companhia de bonde ao afirmarem que as multas eram destinadas para “*uma caixa*

resolução tomada, segundo *O Paiz*, foi que “o Congresso aconselha que as associações, em geral, imponha às [...] fabricas ou empresas o desaparecimento das mesmas multas, e, em caso contrario, se faça entre trabalhadores [...] propaganda contra ellas.”³⁸⁸ Sobre o mesmo assunto a *Gazeta de Notícias* publicou,

acção da Moção n.2 - Considerando que existem diversas associações de auxílios mutuos, mantidas pelas multas impostas sobre qualquer pretexto aos trabalhadores, como acontece na Estrada de Ferro Central do Brasil; considerando **que ellas existem para a manutenção de alguns privilegiados e inconscientes trabalhadores e para subsidiarem áquelles que as dirigem:**

O 1º Congresso Operario resolve aconselhar todos os trabalhadores a não fazerem parte das mesmas associações.³⁸⁹ (*grifo meu*)

Albino e Antônio Domingues propuseram o tema e participaram da discussão e aprovação da abolição das cobranças de multas dos operários em favor das sociedades de auxílio mútuo mantidas pelos patrões.³⁹⁰ De acordo com os debatedores do tema no Congresso, as multas cobradas beneficiavam os proprietários e não os operários contribuintes. O Primeiro Congresso definiu outras práticas de resistência cotidiana a serem adotadas pelos sindicatos, a boicotagem, a sabotagem e a manifestação pública. Essas práticas, assim como a greve e a greve geral, deveriam ser adotadas de acordo com as “*variaveis segundo as circunstancias, de logar e de momento.*”³⁹¹

Entre os anos de 1909 e 1913, o contexto econômico e social caracterizou-se por uma crise econômica internacional, que afetou diretamente o Brasil, gerando depressão econômica e carestia de vida.³⁹² O movimento operário, desde 1909, sofria um período de recesso, marcado pela desorganização da Confederação Operária Brasileira (COB). Mesmo assim,

beneficente, para o socorro dos recebedores, quando em moléstias.” Correio da Manhã. 19 de abril de 1906, p. 2.

³⁸⁸ *O Paiz*. 19 de abril de 1906, p. 2.

³⁸⁹ *Gazeta de Notícias*. 12 de maio de 1906, p.6.

³⁹⁰ *O Paiz*. 19 de abril de 1906, p. 2. O mutualismo é integrante do reformismo. Batalha afirma que antes das sociedades mutualistas, que surgiram na segunda metade década de 1830, existiram, no século XVIII e início do XIX, as corporações de ofício e as irmandades ligadas a um ofício. O autor identificou elementos de continuidade das corporações de ofício nas sociedades mutualistas. Entre os elementos em comum estavam o controle sobre o mercado de trabalho por meio do investimento na qualificação profissional e “[...] a defesa profissional através de propostas de controle e proteção do mercado contra a concorrência.” (BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. **Sociedades de Trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: Algumas reflexões em torno da formação da classe operária.** Cadernos AEL, v.6, n.10/11, 1999. p.49-50.). Batalha afirmou também que as sociedades mutualistas surgiram antes dos sindicatos e que o aparecimento destes não significou o fim daquelas. Essas formas de associação estiveram presentes nas primeiras décadas do século XX. O autor faz uma importante afirmação ao evidenciar que “no século XIX, ou, pelo menos durante o Império, diversas sociedades mutualistas foram mais do que mutualistas e cumpriram funções que poderiam ser chamadas de sindicais, zelando por salários e condições de trabalho e empreendendo ações para alcançar suas reivindicações.” E “não faltam exemplos, mesmo depois do Império, de sociedades que tinham uma natureza híbrida – mutualista, sindical e educativa [...].” (BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. **Relançando o debate sobre o mutualismo no Brasil: as relações entre corporações, irmandades, sociedades mutualistas de trabalhadores e sindicatos à luz da produção recente.** Revista Mundos do Trabalho, v.2, n.4, agosto a dezembro de 2010. p. 16-17.) A defesa das condições de trabalho e do aumento salarial aproxima as sociedades mutualistas das sociedades de resistência do século XX e não das corporações de ofício do XVIII. (BATALHA, C. 1999, Op. Cit., p.50.) Na cidade do Rio de Janeiro, a Liga Operária, fundada em 1870, constituiu-se em exemplo de sociedade de cunho mutual e que adotava a defesa profissional. A Liga tinha “por fim o aumento dos salários e a diminuição das horas de trabalho, [...]” representando “nitidamente nos seus objetivos uma organização precursora das sociedades de resistências.” (Ibidem. p. 55.)

³⁹¹ *Correio da Manhã*. 19 de abril de 1906, p.2.

³⁹² MARAM, S., 1979, Op. Cit., p. 205.

militantes reunidos nas associações esforçavam-se para empreender ações como a realização de comícios e greves. O ano de 1912, mesmo com essa baixa, encontramos o registro da greve de estucadores e pedreiros pela jornada de oito horas de trabalho,³⁹³ a greve dos operários da fábrica de fósforos Fiat Lux, em Niterói,³⁹⁴ comício operário em Vila Isabel³⁹⁵ e reunião da diretoria e conselho da Associação de Resistência Cocheiros e Classes Anexas.³⁹⁶ A Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ), reativada em 1910 e o STFT estavam entre as associações que buscaram manter-se no período de descenso do movimento operário.

No tocante à política governamental, o ano de 1913 foi marcado pelo acirramento da Lei Adolfo Gordo, que expulsava os indivíduos classificados como anarquistas e perturbadores da ordem social. Esta lei, elaborada no ano de 1907, resultou “*em inúmeras deportações.*”³⁹⁷ A lei correspondeu a um indicativo do posicionamento adotado pelo governo diante das ações contestatórias postas em prática pelos trabalhadores.³⁹⁸ Por conta da lei, a COB, que se reorganizou em 1913³⁹⁹, iniciou uma campanha contra a imigração para o Brasil contando com a ajuda das associações operárias e a divulgou nas páginas do seu jornal *A Voz do Trabalhador*.⁴⁰⁰ Objetivando mostrar para os possíveis imigrantes a realidade a que estariam submetidos no Brasil, a COB enviou representantes à Europa para promover a campanha anti-imigratória e decidiu “*enviar a todos os jornais avançados da Europa, á C.G.T de França e outras possantes agremiações operarias, uma extensa mensajem narrando as perseguições aqui feitas aos trabalhadores nesses ultimos tempos, as absurdas deportações, a violação dos lares operarios e os atentados á liberdade de reunião.*”⁴⁰¹ A organização do Segundo Congresso Operário também fez parte das demonstrações de descontentamento com a lei.⁴⁰²

O Segundo Congresso, foi realizado na sede do Centro Cosmopolita e organizado pela COB.⁴⁰³ Os participantes resgataram questões do Primeiro buscando atingir as melhores

³⁹³ *Correio da Manhã*. 11 de outubro de 1912, p.4.

³⁹⁴ *Correio da Manhã*. 12 de outubro de 1912, p.4.

³⁹⁵ *Correio da Manhã*. 05 de novembro de 1912, p.5.

³⁹⁶ *Correio da Manhã*. 07 de novembro de 1912, p.5.

³⁹⁷ ADDOR, Carlos Augusto. **Um Homem Vale um Homem: memória, história e anarquismo na obra de Edgar Rodrigues**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2012. p. 161.

³⁹⁸ BATALHA, Claudio H. M. *Formação da Classe Operária e Projetos de Identidade Coletiva*. In: FERREIRA, J. & DELGADO, L. (Orgs). 2003, Op. Cit.,p.169.

³⁹⁹ *A Voz do Trabalhador*. 1 de fevereiro de 1913, p.2.

⁴⁰⁰ *A Voz do Trabalhador*. 1 de janeiro de 1913, p.1.

⁴⁰¹ Ibidem. Os países que receberam delegações da COB foram Portugal, Espanha e Itália. A delegação informava sobre as atrocidades vividas no Brasil pelos trabalhadores que saíram de seus respectivos países em busca de uma vida melhor. A COB também recorreu à promoção de comícios contra a lei Adolfo Gordo e estes foram realizados no distrito federal, “*na capital paulista e em Campinas, Ribeirão Preto, Jundiaí, Rio Claro e Santos.*” ADDOR, C. 2012, Op. Cit., p. 161.

⁴⁰² Na sessão preparatória do Congresso, foi explicado que se realizaria o Segundo Congresso Operário porque somente o de 1906 tinha sido operário. O Relatório do secretário da COB, Rosendo Santos, foi lido na sessão. Ele contou, “*o que foi o 4º Congresso, supposto congresso operário, no qual só se tratou de política e de engrossamento ao governo.*” (*A Época*. 9 de setembro de 1913,p.2.) Ocorreram congressos de cunho socialista nos anos de 1892 e 1902 e estes também não foram contados como operários pelos organizados do Segundo Congresso. No ano de 1920 realizou-se o Terceiro Congresso Operário por iniciativa da Federação Operária dos Trabalhadores do Rio de Janeiro. (OLIVEIRA, Tiago Bernadon de. **Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil. (1906-1936)**. 2009. 267f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense, p.144.) O Terceiro Congresso manteve a orientação geral dos Congressos de 1906 e 1913, concebendo “*a realidade social composta por classes com interesses antagônicos e diferenciadas por seu lugar na produção.*” Os sindicatos de resistência seriam o instrumento para empreender a luta. Ibidem, p.148.

⁴⁰³ *O Imparcial*. 30 de agosto de 1913, p.8.

propostas para a organização do movimento operário.⁴⁰⁴ Albino esteve envolvido no debate da seguinte resolução do Primeiro Congresso e que era retomado no de 1913,

Considerando que a resistencia ao patronato é a acção essencial, e que, sem ella, qualquer obra de beneficencia, mutualismo ou cooperativismo seria toda a cargo do operariado, facilitando mesmo ao patrão a imposição das suas condições, que esses outros secundários, embora trazendo ao syndicato grande numero de socios, quasi sempre sem iniciativa e sem espírito de resistencia, servem muitas vezes para embaraçar a acção da sociedade que falta inteiramente ao fim para que fôra constituída a resistencia: o congresso aconselha, sobretudo a resistencia, sem outra coisa a não ser a destinada a esse fim e que, para melhor synthetizar o seu objectivo, as associações operarias adoptem o nome de syndicato.⁴⁰⁵ (*grifos meus*)

Albino e outros oradores defenderam a resolução do Primeiro Congresso que era o estabelecimento de sindicatos voltados para a “*resistência no terreno econômico.*”⁴⁰⁶ Eram contra a utilização da beneficência e do cooperativismo como meios para atrair sócios.⁴⁰⁷ A prática da beneficência era considerada nociva ao ser adotada pelos sindicatos, trazendo um grande número de trabalhadores sem iniciativa, em busca apenas dos auxílios.⁴⁰⁸ Dentre os auxílios que um integrante da sociedade beneficente poderia receber estava o auxílio em caso de doença e o “*auxílio funeral; pensão para a família no caso de falecimento; e pensão por invalidez.*”⁴⁰⁹

A beneficência e o cooperativismo integram o sindicalismo reformista e foram praticadas na cidade do Rio de Janeiro. O reformismo esteve presente entre os têxteis e sua maior influência foi entre os trabalhadores do porto e dos transportes.⁴¹⁰ De acordo com Batalha, o reformismo visava combater os males do capitalismo, mas não propunha a sua destruição e,⁴¹¹

não representa uma corrente política determinada, mas um conjunto de correntes ideológicas – muitas vezes adversárias uma das outras- sustentando uma prática sindical, ou melhor, uma série de práticas sindicais, idênticas ou muito semelhantes. Podem ser considerados como aspectos do reformismo, associações operárias de um espectro ideológico bastante diversificado, que vão desde o socialismo reformista ao mais estreito trade-unismo, passando por correntes que se arvoram como republicanas sociais ou cooperativistas. Essas diversas correntes reformistas, que

⁴⁰⁴ *A Epoca*. 9 de setembro de 1913, p.2.

⁴⁰⁵ *Correio da Manhã*. 12 de setembro de 1913, p.7.

⁴⁰⁶ TOLEDO, E. 2004, Op. Cit., p.64.

⁴⁰⁷ Após a apresentação da questão, na sessão do Segundo Congresso, acerca da introdução da beneficência no sindicato falaram a favor “*os delegados das sociedades de sapateiros e alfaiates.*” Manifestaram-se contra Albino, Zenon de Almeida, Demétrio Minhana, Cândido Costa, Paulo Cruz, Edgar Leuenronth e o delegado do Círculo Operário de Niterói. Para Edgar Leuenronth “*o syndicato não deve agremiar trabalhadores, por meio de promessas, usadas como meio de propagar o syndicalismo, porque o syndicato deve declarar abertamente os seus princípios de luta contra o patronato e organizar os trabalhadores unicamente sobre esses auspícios, não illudindo ninguém com paliativos ou debaixo delles escondendo a sua verdadeira orientação.*” *Correio da Manhã*. 12 de setembro de 1913, p.7.

⁴⁰⁸ Existiam aqueles que eram a favor da beneficência nos sindicatos, como Antônio Diogo, do Sindicato dos Carroceiros e Chauffers, de Santos. Ele afirmou, “*sou da opinião que exista beneficencia ao Sindicato, pois são as nossas idéias confortar e auxiliar os nossos camaradas nas suas necessidades [...].*” *A Voz do Trabalhador*. 1 de outubro de 1913, p.3.

⁴⁰⁹ BATALHA, C. 1999, Op. Cit., p. 60. Batalha afirmou que era menos comum o benefício do socorro por idade quando a idade avançada impedia “*o sócio de exercer seu ofício*” e citou o exemplo da Sociedade Protetora dos Barbeiros e Cabelereiros que oferecia auxílio em caso de prisão. *Ibidem*.

⁴¹⁰ BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. **Uma outra consciência de classe? O sindicalismo reformista na Primeira República**. XIII Encontro Anual dos Anpocs. Minas Gerais, 1989. p.6.

⁴¹¹ *Ibidem*, p.12.

não alcançam uma unidade nem no tempo, nem no espaço, têm em comum concepções sindicais marcadas por: uma visão da greve como “último recurso”; buscar consolidar as conquistas trabalhistas através de medidas legais, apelar para os serviços de intermediários (advogados, políticos, representantes dos poderes públicos); sustentar a ideia de sindicatos fortes e ricos, recorrendo a beneficência como forma de assegurar o número de associados e a entrada de recursos, lançando candidatos próprios nas eleições parlamentares ou apoiando candidatos que se comprometam com a defesa de seus interesses.⁴¹²

Albino discordava de determinadas práticas do reformismo apontadas pelo autor Batalha. O militante era um defensor da greve, não acreditava que a beneficência atrairia e manteria sócios no sindicato e, como demonstramos no capítulo um, foi um crítico da política e dos políticos que prometiam representar os trabalhadores no Congresso. Para ele, eram os próprios trabalhadores que deveriam lutar pela transformação das condições morais e materiais via ação direta. Albino, nos congressos de 1906 e no de 1913, apoiou o sindicato de resistência, rejeitando as práticas de beneficência e cooperativas ainda mais aquelas provenientes de sociedades mantidas pelos patrões.

A defesa dessa proposta voltou a ser manifestada por Albino quando da discussão da moção apresentada pela Federação Operária de Santos. A moção era a favor da propaganda do anarquismo dentro do sindicato, fazendo com que este tivesse uma orientação política definida. Determinados delegados se posicionaram contra essa moção e defenderam que o sindicato deveria ser apartidário.⁴¹³ Albino e Pedro Villa apoiaram o apartidarismo nos sindicatos e afirmaram,

Considerando que a maioria dos operarios não tem o devido conhecimento da questão social; **considerando que o Sindicalismo é a melhor fórmula de agremiar os trabalhadores; o Segundo Congresso Operario Brasileiro aconselha a todas as associações operarias do Brazil a que adotem o sindicalismo revolucionario e que faça uma intensa propaganda anti política nos sindicatos.**⁴¹⁴ (grifo meu)

A proposta dos sindicatos não terem orientação política prevaleceu. Os sindicatos também não deveriam ter orientação religiosa. O sindicato era espaço para a luta por melhores condições morais, materiais e profissionais para os trabalhadores e não espaço para defender uma determinada orientação ideológica ou religiosa que eles comungassem.⁴¹⁵ Entretanto, consideramos que apesar de Albino ter defendido essa moção objetivando a adesão e permanência dos operários dentro do sindicato, ele na prática, discursava e transmitia os seus preceitos anarquistas. Os seus artigos dirigidos aos têxteis, no ano de 1913, revelam muitos

⁴¹² Ibidem, p.5.

⁴¹³ *Correio da Manhã*. 12 de setembro de 1913, p.7.

⁴¹⁴ Ibidem. O redator do jornal *A Epoca* ao relatar a sessão preparatória para o Segundo Congresso publicou: “A impressão que se tem é a de que a grande maioria do Congresso é composta de anarchistas, mas também que essa maioria é contrária a que os sindicatos de resistencia adoptem o anarchismo como programma, e menos ainda que se envolvam em lutas políticas. O pensamento é que o sindicato deve ser um campo neutro quanto á política ou á religião. Fóra do sindicato, sigam os operarios as idéas políticas ou religiosas que bem entenderem; no sindicato, porém, devem ser estranhos a essas preocupações.” A impressão do redator foi confirmada com a definição do sindicato de resistência e apartidário, nas sessões do Segundo Congresso Operário. *A Epoca*. 9 de setembro de 1913, p.2.

⁴¹⁵ Para a autora Toledo, o sindicalismo revolucionário ganhou força entre os operários justamente por não adotarem orientação política e religiosa específica. A neutralidade religiosa era uma medida que permitia o acesso de inúmeros trabalhadores católicos ao sindicato e evitava discussões entre os sócios, devido às orientações distintas, durante as reuniões sindicais. TOLEDO, E., 2004, Op. Cit., p.64.

dos seus princípios anarquistas, como o anticlerical, antimilitarista e a defesa da liberdade dos homens.⁴¹⁶

Através da apresentação da moção de solidariedade aos militantes do México, Espanha, França e “*contra o despotismo do governo da Republica de Portugal,*” na sessão de inauguração do Segundo Congresso Operário, Albino demonstrou que era a favor do internacionalismo no movimento operário.⁴¹⁷ Ele, de nacionalidade portuguesa, discursou e explicou “*que a moção de protesto contra a tyrannia existente em Portugal, para com as classes trabalhadoras, não era uma moção politica, mas de solidariedade internacional. Para os operarios todas as fôrmas de governos são ruins, quer sejam monarchicas, quer republicanas.*”⁴¹⁸ Portugal, na duas décadas iniciais do século XX, “*vivia sob as idas e vindas entre monarquia e república*”⁴¹⁹ sendo “*um exemplo de como as disputas políticas em nada beneficiavam os trabalhadores.*”⁴²⁰ A moção defendida por Albino e outros militantes declarava solidariedade aos manifestantes portugueses sujeitos a violências por parte da polícia a mando dos governantes republicanos.⁴²¹

Tiago Bernadon de Oliveira analisou as notícias sobre o movimento operário internacional, divulgadas na imprensa anarquista e sindicalista sob influência libertária do Brasil e concluiu que as divulgações feitas nos jornais anarquistas eram estratégicas, tendo por objetivos informar que não somente o Brasil, mas em todo o mundo que:

estava submetido à lógica da produção e do mercado capitalista; que a sociedade estava dividida em classes; que as classes possuíam interesses antagônicos; que o Estado garantia a exploração; que a identidade de classe estava acima das outras formas de identidade; que havia necessidade da coesão dos trabalhadores e da ação coletiva; que era preciso que os trabalhadores adquirissem consciência de sua função revolucionária.⁴²²

Com as denúncias acerca da violência contra os trabalhadores, os anarquistas buscavam acabar com a ideia de os países estrangeiros serem civilizados e modelo para o Brasil.⁴²³ Estando os trabalhadores portugueses sofrendo violências, Albino, com a sua moção, objetivava conseguir a solidariedade dos trabalhadores brasileiros para os de Portugal submetidos à repressão.

Observamos que Albino defendeu veementemente o sindicato de resistência e criticou as práticas de beneficência para atrair sócios, nos Congressos Operários de 1906 e de 1913.

⁴¹⁶ Oliveira afirmou que “*a neutralidade política não implicaria a ausência da propaganda anarquista dentro do sindicato.*” OLIVEIRA, T., 2009, Op. Cit., p. 78.

⁴¹⁷ *A Epoca*. 9 de setembro de 1913, p.2

⁴¹⁸ *Ibidem*.

⁴¹⁹ OLIVEIRA, T., 2009, Op. Cit., p.215.

⁴²⁰ *Ibidem*. De acordo com a autora Toledo, “*a experiência do sindicalismo revolucionário teve uma influencia significativa em países como França, Itália e também Espanha, Portugal, Estados Unidos e Argentina, além da experiência brasileira desse fenômeno internacional.*” TOLEDO, E.,2004, Op. Cit., p.62.

⁴²¹ *A Voz do Trabalhador* denunciou e questionou a prisão, em Portugal, de José Buizel. Ele foi preso acusado de ser um reacionário monárquico. Em Portugal, os membros do Sindicalista de Lisboa e da Aurora do Porto questionavam a prisão de Buizel pelo governo democrático. Afirmaram que os governantes quando pretendiam derrubar o regime monárquico prometiam “*mundos e fundos ao povo.*” Como já se viam no poder não realizavam o que prometeram. (*A Voz do Trabalhador*. 15 de janeiro de 1913, p.3.) Buizel ficou quase nove meses preso sendo inocentado no julgamento, realizado em 1913. (*A Voz do Trabalhador*. 15 de abril de 1913, p.3.) Na edição de março, o periódico publicou outra nota questionando a falta de liberdade prometida e a prisão de cento e dez homens por questões sociais. O jornal afirmou que era necessário “*uma nova revolução ... revolução que jogue os Afonsos Costas para a mesma lata de lixo em que foi atafalhado o reinho Manuel e mais a rapaziada graúda da córte, a quando do 5 de outubro....*” *A Voz do Trabalhador*. 15 de março de 1913, p.4.

⁴²² OLIVEIRA, T., 2009, Op. Cit., p.213.

⁴²³ *Ibidem*, p. 214.

Mas, na prática, ele fez a experiência da adoção da beneficência e do cooperativismo. Isso demonstra, em primeiro lugar, que as fronteiras ideológicas que orientavam o movimento operário não eram tão rígidas. Assim, como afirmamos anteriormente, Albino esteve inserido em várias temporalidades que os legou múltiplas experiências associativas, inclusive em sociedade de auxílio mútuo, prática que ele mesmo criticara anos antes. Ele foi um dos fundadores da Sociedade Beneficente Progressiva dos Operários em Fábricas de Tecidos (SBPOFT). Esta Sociedade aderiu moralmente ao Segundo Congresso Operário, mas não enviou delegados.⁴²⁴ Segundo o “Dicionário do Movimento Operário”, ela foi fundada em cinco de maio de 1912 e não consta o ano em que encerrou suas atividades.⁴²⁵ Integrava a FORJ⁴²⁶ e tinha como proposta “*socorros aos associados, pugnar pelos operários, zelar pela liberdade dos membros, comprar terreno e edificá-lo em proveito dos sócios.*”⁴²⁷

Albino afirmou a participação na criação da Sociedade em um artigo enviado para *A Epoca*, no ano de 1913. No artigo, Albino expressou que a sua experiência com a sociedade beneficente não resultou em conquistas significativas para a organização dos operários.⁴²⁸ O artigo foi escrito para confrontar as declarações do militante Mota Assunção.⁴²⁹ Assunção publicou vários artigos em *A Epoca* e no publicado em vinte e dois de setembro de 1913, questionou a decisão do Segundo Congresso com relação à adoção do sindicato de resistência sem qualquer finalidade beneficente.⁴³⁰ Albino discordou da opinião de Assunção e utilizou as páginas do mesmo jornal para expor a sua opinião. Albino declarou,

Ora, **o autor destas linhas**, quando pensava exatamente como pensa actualmente o camarada Motta Assunção, **deu-se ao trabalho de, juntos com outros amigos**,

⁴²⁴ *Voz do Trabalhador*. 1 de outubro de 1913, p.2.

⁴²⁵ BATALHA, C., 2009, Op. Cit., p. 251. No dia primeiro de dezembro de 1912, o *Correio da Manhã* publicou uma nota, assinada pelo secretário da Sociedade Beneficente, Antonio da Silva, convidando os sócios a comparecerem na sede para “*assistirem á leitura do balancete geral do semestre e posse da nova directoria*” que seria “*eleita em assembléa geral ordinária.*” De acordo com o programado, “*após a posse da directoria,*” ocorreria a “*sessão solemne em comemoração ao primeiro semestre da sua fundação.*” *Correio da Manhã*. 1 de dezembro de 1912, p.7.

⁴²⁶ *Correio da Manhã*. 1 de dezembro de 1912, p.7.

⁴²⁷ Batalha afirma que no final de 1912 a Sociedade Beneficente “*possuía 56 sócios, dos quais 48 brasileiros homens, seis estrangeiros e duas estrangeiras mulheres.*” Albino, era um dos estrangeiros que compunham essa sociedade. BATALHA, C., 2009, Op. Cit. p.251.

⁴²⁸ *A Epoca*. 26 de outubro de 1913, p.10. O cooperativismo era propagandeando dentro da SBPOFT. De acordo com *A Epoca*, Sarandy Raposo que era “*o encarregado da fiscalização e direcção da propaganda cooperativista,*” recebeu um ofício do presidente da SBPOFT. O ofício foi assinado, com autorização do presidente, pelo primeiro secretário interino da Sociedade, Manoel de Andrade. O documento afirmava: “[...] *venho em nome de todos os membros que a compõem, agradecer-vos penhorado o vosso amável convite para a propaganda do cooperativismo. E, ao mesmo tempo, rogar-vos a gentileza de nos enviar as vossas circulares para a nossa sede central á rua de S. Luiz Gonzaga [...] onde a 17 do corrente a afixaremos. Serão as vossas circulares distribuídas pelo numero de 63 associados [...].*” (*A Epoca*. 13 de novembro de 1913, p.2.) Raposo era defensor do cooperativismo, recebendo recursos financeiros, por parte do governo, no início da década de 1910, para a publicação de livros e folhetos divulgando o cooperativismo. (*A Voz do Trabalhador*. 15 de fevereiro de 1914, p.1.) Segundo Gomes “*em 1911 vários destes trabalhos foram reunidos e publicados pela Imprensa Nacional, sob o título de Teoria e prática de cooperação.*” GOMES, A., 2005, Op. Cit., p.116.

⁴²⁹ Joaquim Mota Assunção era português e nasceu em 1879. Participou da criação de vários jornais, na cidade do Rio de Janeiro, trabalhou como tipógrafo do jornal *Correio da Manhã* e foi “*um dos raros anarquistas individualistas (seguidores de Max Stirner) ativos no movimento operário.*” Participou da greve geral de 1903 e, no ano de 1907 “*rompeu definitivamente com a liderança sindicalista carioca após a greve e sabotagem em uma fábrica de Vila Isabel e da desastrosa greve dos trabalhadores do gás (1909) responsabilizando os anarquistas pelo fracasso dos dois movimentos.*” No ano de 1911 “*concretizou sua adesão ao socialismo reformista*” e assinou o manifesto do Partido Socialista Radical. Entre 1912 e 1915 sua atuação foi mais por meio de publicações de artigos. BATALHA, C., 2009, Op. Cit., p. 28-29.

⁴³⁰ *A Epoca*. 22 de setembro de 1913, p. 5.

formar uma sociedade beneficente para vê se por este meio atrahia a grande maioria de inconscientes ao seu seio. Sahiu a emenda peor de que o soneto, pois que os operarios sinão se filiaram ao syndicato, acolheram a beneficente com a mesma indifferença criminosa que caracteriza a maioria do operariado no Brazil. **Ha dois annos que a sociedade esta fundada, nem por isso os socios têm augmentado e assim está inactiva a sociedade, sem se poder mover, porque o dinheiro que tem precisa delle para dar beneficio aos seus socios, não podendo dele lançar mão para outro fim qualquer.**⁴³¹ (*grifos meus*)

A indifferença que Assunção afirmou que os operários tinham para com o syndicato de resistência, Albino afirmou que os operários tinham para com a sociedade beneficente. Como Assunção defendeu o modelo inglês de syndicato, que adotava a beneficência e o cooperativismo, Albino defendeu o modelo francês, considerando, por sua própria prática e avaliação, o syndicalismo revolucionário o modelo mais adequado para o Brasil.⁴³² Albino, ao referir-se ao posicionamento de Assunção, no Segundo Congresso, afirmou,

Diz elle que 7 annos de experiências demonstraram que o syndicato não é adaptavel no Brazil, pois que as causas que o determinaram na França não existiram aqui e que, se nós queremos um modelo de associação, devemos ir buscal-o na Inglaterra e não na França; e que em ponto não introduzirmos o mutualismo e a assistencia nos syndicatos, elles não deixarão de ser o que têm sido até aqui. Pois bem, eu não refutarei as afirmações do camarada Mota Assumpção, na parte que se refere ao progresso dos syndicatos de ha 7 annos até agora, por ser exacto que o movimento operario no Rio de Janeiro, ou no Brazil, quasi que se póde dizer, é o mesmo que era ha 7 annos; mas deduzir dahi que o motivo do retrahimento dos operarios **seja nós termos adoptado o syndicalismo francez**, é que eu não estou de accordo. Si o camarada tivesse feito a experiencia da introdução do mutualismo e da assistência nos syndicatos é provavel que não falasse assim, pois já estaria desilludido tambem desse systema.⁴³³ (*grifo meu*)

Albino, como ele próprio frisou, havia feito a experiência da beneficência, mas não considerou que os resultados fossem positivos para a organização dos trabalhadores. Pelo contrário, como a sociedade de beneficência tinha que destinar seus recursos financeiros para ajudar os seus sócios, impossibilitava os investimentos na manutenção da sociedade ou em outras ações. E, mediante os poucos sócios que conseguiam arregimentar, a arrecadação de recursos para a sociedade era baixa.

A pesquisa não revelou muitas informações sobre a SBPOFT que permitissem uma análise mais detalhada acerca de sua orientação ideológica e práticas, mas afirmações de Albino acerca dela corroboram para a classificação apresentada pelo autor Batalha sobre seu

⁴³¹ *A Epoca*. 26 de outubro de 1913, p.10.

⁴³² De acordo com Toledo, “a base e o fundamento do syndicalismo revolucionário era o texto aprovado no congresso da CGT (*Confédération Générale du Travail*) francesa de 1906. Ela afirmava a independência do syndicalismo em relação ao socialismo e ao anarquismo.” TOLEDO, E., 2004, Op. Cit., p. 49.

⁴³³ *A Epoca*. 26 de outubro de 1913, p.10. Mota Assunção respondeu a carta de Albino por meio de um artigo publicado em *A Epoca* no dia oito de novembro de 1913. Na resposta Assunção afirmou: “Ao camarada Albino Moreira devo dizer que está insufficientemente informado sobre o caso da F. A. Graphics. De resto, não se trata de crear simples associações beneficentes. Foi um verdadeiro organismo syndical, de que a assistencia é a parte integrante, o que se introduzia na dita Federação. Mas o camarada labora erro, suppondo que o syndicalismo francez exclue a beneficência. Esse erro é devido [...] adaptação incompleta que o 1º congresso [...] da dita organização. Na C.G.T há dois elementos distinctos que se complementam: syndicato e bolsa de trabalho, ou união dos syndicatos. A adaptação brasileira foi feita sómente do syndicato, o que deu em resultado um organismo falho, assim como uma especie de carroça sem roda. [...]” *A Epoca*. 08 de novembro de 1913, p.5.

cunho mutual.⁴³⁴ *A Voz do Trabalhador*, em janeiro de 1913, afirmou que “os companheiros desta associação [...] muito têm trabalhado para que a classe dos tecelões esteja dentro de breve tempo reorganizada.”⁴³⁵ Através dessa afirmação, concluímos que a SBPOFT prosseguiu suas atividades no ano de 1913 e, assim como o STFT, incentivou a associação entre os têxteis neste ano.⁴³⁶

As fontes apresentadas permitiram nos concluir que Albino foi um dos militantes que atuaram na formação da identidade entre os operários e, de modo mais específico, entre os têxteis cariocas e petropolitanos. Albino era anarquista, sindicalista revolucionário e comungou de práticas reformistas.⁴³⁷ Mediante a sua formação ideológica e a experiência do associativismo definiu a luta via sindicato como o caminho a ser adotado. Objetivava que os operários se conscientizassem da necessidade da luta e por isso foi um defensor do princípio de luta de classes.

Albino publica um artigo, em novembro de 1917, no jornal *O Cosmopolita*. Neste ano, ocorreram greves, destacadamente em São Paulo e na cidade do Rio de Janeiro, com a presença de anarquistas e estas marcaram o ano e a história do movimento operário na Primeira República.⁴³⁸ No trecho do seu artigo, identificamos que Albino estava imerso neste contexto, comungando do anarquismo e do sindicalismo revolucionário:

Quem faz a politica hoje é o industrialismo por traz das cortinas.

A sua organização é fortíssima, e o proletariado, ainda não se encontra verdadeiramente aparelhado para combater-lo **apezar da melhor formula de organização, estar lançada e já se ter ajido praticamente (o sindicalismo revolucionario).**

O sindicalismo- formula de luta ideada pelos anarquistas, como veiculo de propaganda de seus princípios, não sómente como um meio pelo qual o operariado luta pelo seu bem estar, mas também como eficaz instrumento de transformação social, como vizamos nós os anarquistas. Se bem que os anarquistas apareçam nestes centros de luta, não é para misturar ideias filozoficos com luta sindicalista mas sim, como propagandistas de seus ideais anarquistas, que melhor calam no cerebro do revoltado.

Por isso que os anarquistas aparecem sempre onde os grupos de homens se encontram indignados quando são espoliados nos seus direitos de homem, os anarquistas aproveitam o sublime momento de revolta desses grupos e préga o seu ideal que vai infiltrando por toda a parte da terra e vai calando no cérebro dos homens honestos que encaram o mundo como uma comunhão fraternal, mas não como exploradores dos mesmos homens, dos homens que sustentam esta

⁴³⁴ BATALHA, C., 2009, Op. Cit., p. 251.

⁴³⁵ *A Voz do Trabalhador*. 15 de janeiro de 1913, p.4.

⁴³⁶ O autor Paulo Cruz Terra na sua tese apresentou um caso da existência de duas associações representantes dos cocheiros e carroceiros, na cidade do Rio de Janeiro. Uma era de resistência, a Associação de Resistência dos Cocheiros, Carroceiros e Classes Anexas e, a outra, de auxílio mútuo intitulada Sociedade União Beneficente e Protetora dos Cocheiros, fundada em abril de 1881, abarcando também as classes correlatas. O autor afirma que essas associações disputavam membros e o poder de representar a categoria. Na greve de 1906, as duas associações manifestaram suas diferenças. A Associação de Resistência defendeu a greve enquanto a de auxílio mútuo procurou a redação do *Jornal do Brasil* para afirmar que não considerava a greve como meio de promover melhorias nas condições da categoria. Os estatutos da Sociedade Beneficente, aprovado em 1906, estabelecia que as representações seriam feitas juntos aos poderes competentes ou através de outra forma legal. Esta sociedade dedicava-se aos socorros aos seus associados, em casos de enfermidades, invalidez e mortes. Terra conclui que a Sociedade zelava pelos direitos sociais que eram negligenciados pelo Estado. TERRA, Paulo Cruz. **Cidadania e Trabalhadores: Cocheiros e Carroceiros no Rio de Janeiro (1870-1906)**. 2012. 313f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense. p. 244- 248.

⁴³⁷ Por meio do estudo da trajetória de Guilio Sorelli, Toledo afirmou que o anarquismo e o sindicalismo revolucionário eram ideologias diferentes e estas foram comungadas pelo militante durante sua atuação em São Paulo, no início do século XX. TOLEDO, E., 2004, Op. Cit., p. 49.

⁴³⁸ OLIVEIRA, T., 2009, Op. Cit., p.104-106.

organização social, que empregam as mesmas estorsões à plebe tal qual como no passado. [...]

Ao proletariado cabe arrejimentar-se nos sindicatos revolucionários, para a conquista da liberdade, porque sem liberdade está privado da ciência.

Conquiste pois a liberdade, para entrar na comunhão social, sem castas nem preconceitos, para que cada um produza segundo as suas forças e as necessidades.⁴³⁹
(*grifos meu*)

Considerando os escritos e a trajetória de Albino, comungamos da posição dos autores Cláudio Batalha e Edilene Toledo ao afirmarem que o sindicalismo revolucionário é uma ideologia e não como um método de luta dos anarquistas e foi a ideologia que predominou entre os trabalhadores, na década de 1910.⁴⁴⁰ As orientações primordiais dos sindicalistas revolucionários estavam voltadas para as necessidades imediatas dos trabalhadores mediante a defesa de direitos morais, materiais e profissionais e, após investir nas melhorias para a classe operária, a ideia de revolução adquiriria espaço entre os sindicalistas.⁴⁴¹ A ideologia anarquista buscava a promoção de uma revolução social. Consideravam que a luta em prol das melhorias morais e materiais via sindicato, como propunha o sindicalismo revolucionário, exigiria a dispensa de esforços que prolongariam o capitalismo e poderia favorecer o reformismo, a colaboração com o Estado.⁴⁴² Muitos anarquistas optaram por militar dentro dos sindicatos buscando assim uma maior projeção para a doutrina anarquista.⁴⁴³

Albino defendeu a necessidade da luta em prol de transformação social por meio do discurso oral, impresso e das ações sindicais. No decorrer de tantos anos de envolvimento com a militância, ele inseriu-se em várias temporalidades, conheceu vários militantes e operários. Determinados operários comungavam dos preceitos das ideologias revolucionárias, mas muitos não possuíam essas orientações o que não significa que não interpretassem a realidade social e política nas quais estavam inseridos. Ele sofreu com as repressões aos militantes estrangeiros e nacionais tidos como os que espalhavam a “planta exótica do anarquismo”, com o fechamento das associações e a repressão as greves. Consideramos que o anarquista Albino ambicionava a Revolução Social, mas a sua trajetória revela que ele, como organizador do movimento operário têxtil fez a opção pela organização dos trabalhadores em prol das conquistas imediatas e, portanto, também se orientou pelos preceitos da ideologia sindicalista revolucionária e por práticas reformistas.

Albino, mediante seus discursos e práticas contribuiu para difundir preceitos e práticas das ideologias anarquista, sindicalista revolucionária e reformista entre os operários e militantes. Com a troca de experiências com operários e militantes da categoria têxtil e de outras categorias ele reforçava ou moldava seu discurso e as práticas em prol da obtenção da efetividade de sua luta a favor dos direitos morais e materiais dos têxteis.

A opção que ele fez pode ser explicada pelo contexto no qual estava inserido, marcado por sua condição de imigrante, pai de família e integrante da maior categoria de operários da cidade do Rio de Janeiro, a têxtil. Ele, como membro desta categoria, sofria e via os demais

⁴³⁹ *O Cosmopolita*. 1 de novembro de 1917, p.2.

⁴⁴⁰ BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. *Formação da Classe Operária e Projetos de Identidade Coletiva*. In: FERREIRA, J. & DELGADO, L. (Orgs). 2003, Op. Cit., p. 178-179. TOLEDO, E., 2004. Op. Cit., p. 49. Felipe Corrêa e Tiago Bernadon de Oliveira são autores que afirmam que o sindicalismo revolucionário é um método do anarquismo. Na opinião de Corrêa, a conclusão da autora Toledo que considera anarquismo e sindicalismo revolucionário como movimentos separados deve-se ao fato dela não fazer distinção entre teoria e estratégia anarquista. Cf: CORRÊA, Felipe. **Uma resenha crítica do livro de Edilene Toledo, a partir da visão de Michael Schmidt, Lucien Van der Walt e Alexandre Samis**. janeiro-março de 2010. Disponível em: <http://www.anarkismo.net/article/16164?userlanguage=de&save_prefs=true> Acesso: 15. jun.2014. OLIVEIRA, T., 2009, Op. Cit., p.78-79.

⁴⁴¹ TOLEDO, E. 2004, Op. Cit., p. 48-49.

⁴⁴² *Ibidem*, p. 48.

⁴⁴³ *Ibidem*, p. 49.

operários sofrerem com os ambientes insalubres das fábricas, os desmandos patronais e dos chefes de serviços, como os mestres, contramestres e dirigentes, os baixos salários, a obrigatoriedade na realização de serões, os constantes acidentes que impossibilitava muitos ao trabalho e a falta de legislação para regular as relações trabalhistas.⁴⁴⁴ Assim como ele se deparava com essa realidade, ele via também as contestações oriundas dos operários e das operárias dentro das fábricas requerendo junto aos chefes de serviço e ao patronato mudanças nas práticas e os que levavam esses questionamentos aos sindicatos. Defendemos que a agência desses operários e das operárias se somavam as de Albino e o impulsionava para a luta.

A trajetória de Albino revela a sua combatividade entre os anos de 1906 e 1919, na cidade do Rio de Janeiro e, entre 1918 e 1919, na cidade de Petrópolis, sendo um dos responsáveis pelo delineamento da organização sindical e ideológica dos têxteis. O preceito anarquista da não exploração do homem pelo homem o impulsionou a lutar pela sociedade igualitária que desejava. A sua luta delineou-se dentro do sindicato o que revela que ele entendia esse espaço como instrumento de conscientização e representação dos interesses morais e materiais da categoria junto ao patronato e ao Estado. Defendemos que ambas as ideologias interferiam nas decisões de Albino para orientar os têxteis e articular os conflitos da categoria. Albino estudou, avaliou, propagou essas ideologias e também as adaptou quando o contexto assim o exigia.

1.1. O Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos (1908-1909, 1911, 1913-1914)

Diante da confirmação da importância do anarquista e sindicalista revolucionário Albino Moreira Dias para o movimento operário têxtil no Distrito Federal, dedicamos este item para a análise da atuação do STFT entre os anos de 1908 e 1914, com algumas interrupções na sua atuação durante esse período.⁴⁴⁵ Os artigos de autoria do militante pesquisado publicados no jornal operário *A Voz do Trabalhador* e no jornal de grande circulação *A Epoca*, a sua atuação no Segundo Congresso Operário como representante desta associação e o Relatório do STFT, que consideramos ser de autoria do militante, são as fontes que nos permitem concluir que Albino trabalhou para a organização e manutenção do STFT e, divulgou, entre os têxteis, a importância do associativismo.

Consideramos que o envolvimento do STFT nos conflitos dos têxteis, como os que serão trabalhados neste capítulo que são as greves na fábrica Cruzeiro em 1908 e na Confiança em 1909 geravam experiências de associativismo para os operários e os militantes da categoria. Acreditamos que essas experiências prévias contribuíram para a prática de Albino dentro da associação, registrada a partir da construção do discurso para conscientizar os operários acerca da importância da reunião no Sindicato, no ano de 1913.

Seu empenho para promover a conscientização dos operários ficou registrado nos seus artigos publicados em *A Voz do Trabalhador* e em *A Epoca*, no ano de 1913. A comissão do STFT recorria à publicação de notas nos jornais da grande imprensa convocando os têxteis para se tornarem sócios. Por meio da pesquisa identificamos a publicação dessas notas nos jornais *A Epoca*, *Correio da Manhã* e *O Paiz*, no início do ano de 1914.⁴⁴⁶

⁴⁴⁴ ADDOR, Carlos Augusto. Anarquismo e movimento operário nas três primeiras décadas da República. In: _____ & DEMINICIS, Rafael (Orgs). **História do Anarquismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Achiamé, v. 2. 2009. p. 18.

⁴⁴⁵ Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos apresentado ao Segundo Congresso Operário. In: *A Voz do Trabalhador*. 05de agosto de 1914, p.3.

⁴⁴⁶ *A Epoca*. 15 de janeiro de 1914, p.4. *Correio da Manhã*. 11 de janeiro de 1914, p.4. *O Paiz*. 25 de janeiro de 1914, p.4. As notas eram publicadas na Coluna sobre o Movimento Operário. A nota divulgada no *Correio*

O STFT foi a segunda tentativa dos militantes têxteis de associarem os membros da categoria. Antes dela, em 1903, formou-se a Federação dos Operários em Fábricas de Tecidos (FOFT), “*que trouxe para o Rio o método da resistência, ou do sindicalismo francês como se queira chamar.*”⁴⁴⁷ A Federação teve papel central na organização da greve de 1903, liderada pelos têxteis cariocas.⁴⁴⁸ Embora não tenhamos identificado a participação de Albino na greve e na FOFT as referências a elas estiveram presentes nos seus artigos e também no Relatório do STFT. No artigo “Pelos Fábricas”, Albino escreveu:

[...] Nós os operários das fabricas de tecidos não podemos continuar assim indefinidamente; urje que nos organizemos. **Quem, como nos, conheceu as vantagens da organização, quem como nós foi unido e forte outrora, é uma cobardia sem nome deixar-nos estar assim desorganizados, qual rebanho de manços carneiros, deixando-nos tosquiar pacientemente pelo burguez que nos explora e rouba, nesses antros da anemia e da tuberculoze. [...] Os operários das fábricas mais do que qualquer outra classe conhecem as vantagens da organização, pois sendo uma classe que já teve uma organização possante como foi a Federação dos Operários em Fabricas de Tecidos, não podem desconhecer as vantagens que a associação oferece [...].**⁴⁴⁹ (*grifos meus*)

O militante rememorou a ação da FOFT de forma muito positiva, considerando que esta foi um instrumento para organizar e agitar as ações por parte dos têxteis cariocas. A ação de destaque comandada pela Federação foi a greve de 1903, que contou com a participação de vinte e cinco mil tecelões e cerca de quinze mil operários de outras categorias.⁴⁵⁰

A FOFT não conseguiu prosseguir com suas atividades e, segundo o relatório, “*esta deploravel dezorganização durou até ao ano de 1908, quando surgiu o Sindicato dos Trabalhadores em Fabricas de Tecidos.*”⁴⁵¹ O período do fim da FOFT até a criação do STFT foi considerado deplorável em termos do associativismo têxtil, ou seja, com um baixo registro de ações operárias reivindicatórias.

O STFT era filiado “*à Federação Operária do Rio de Janeiro e à Confederação Operária Brasileira.*”⁴⁵² Apesar de ser um período de descenso do movimento operário, o Sindicato têxtil, assim como a Federação, liderou as greves, ocorridas entre os anos de 1908 e 1909.⁴⁵³ A *Voz do Trabalhador* informou que a proposta para se criar a sucursal em Vila Isabel partiu do companheiro Castro, durante uma assembleia, em cinco de junho de 1908,

da Manhã apresentou uma justificativa para a importância do associativismo, afirmando: “[...] *Como só por meio de organização associativa poderão os operarios fazer valer os seus direitos, o ‘comité’ do Syndicato espera que esse grande numero que se encontram espalhados pelas diversas fabricas, e que têm já regular conhecimento do direito que lhes assiste, de pugnar pelos interesses da classe, não faltarão a este convite, laborando conjuntamente no levantamento moral e material da classe que presentemente (por culpa da sua propria inercia), está reduzida a situação mais humilhante que é possível imaginar.*” As reuniões ocorriam na quinta-feira e no domingo e um membro do comité ficava disponível para matricular os sócios e registrar a presença dos participantes. *Correio da Manhã*. 11 de janeiro de 1914, p.4.

⁴⁴⁷ Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos apresentado ao Segundo Congresso Operário. In: *A Voz do Trabalhador*. 20 de julho de 1914, p. 3.

⁴⁴⁸ *Ibidem*.

⁴⁴⁹ *A Voz do Trabalhador*. 01 de abril de 1913, p. 1.

⁴⁵⁰ Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos apresentado ao Segundo Congresso Operário. In: *A Voz do Trabalhador*. 20 de julho de 1914, p. 3.

⁴⁵¹ *Ibidem*.

⁴⁵² ADDOR, C., 2012, Op. Cit., p. 131.

⁴⁵³ Addor afirma que no ano de 1908, “*apesar do ‘desânimo’, várias greves são deflagradas, a maioria delas derrotadas pela violenta repressão policial e pela ação dos ‘Krumiros’ (fura-greves) [...].*” Destaca, entre outras, a greve dos tecelões do Cotonifício Crespi na capital paulista. ADDOR, C., 2012, Op. Cit., p. 131.

dentro do sindicato.⁴⁵⁴ De acordo com o periódico, “[...] depois de tratar de assuntos de interesse para a associação, ficou resolvido, por proposta do companheiro Castro, crear uma sucursal do sindicato em Villa Isabel com o fim de abranger as tres fabricas da Tijuca, Cruzeiro e Villa Isabel.”⁴⁵⁵ A sucursal de Vila Isabel localizava-se na rua Visconde de Abaeté, n.10. O Relatório abordou sobre a ação desta sucursal e afirmou que “foi onde se agremiaram mais operários, chegando o Sindicato em pouco tempo a contar com 800 membros.”⁴⁵⁶ O STFT teve sucursais no Andaraí e em Sapopemba.

A interpretação dos autores do Relatório dos têxteis, que acreditamos serem Albino e Pedro Villa, sobre as greves que agitaram o cenário carioca, nos anos de 1903, 1908 e 1909 ressaltavam os aspectos positivos e negativos dessas ações que objetivavam conquistas morais e materiais para a categoria. Entendiam que a reunião nos sindicatos não significava que o espírito de solidariedade estava estabelecido, caso não houvesse preparo e engajamento dos operários. A solução apontada no relatório, nos artigos escritos por Albino e nas páginas de *A Voz do Trabalhador* era a união dentro do sindicato para continuar com a luta e desenvolver a solidariedade. O sindicato seria o instrumento que prepararia os operários para a greve, garantindo que estivessem firmes nesse propósito, lutando até obterem as conquistas para a categoria.

O Relatório menciona a atividade do STFT de 1908 a 1909 e o retorno em 1913. Segundo Batalha, sua segunda fase perdurou entre junho de 1913 e a primeira metade de 1914.⁴⁵⁷ Porém, o *Correio da Manhã* apresentou, em abril de 1911, a seguinte nota proveniente do Sindicato:

Sindicato dos Trabalhadores em Fabricas de Tecidos

Convida-se todos os operarios em fabricas de tecidos a comparecerem á rua General Camara n.335, afim de se incorporarem aos operarios de Sapopemba e Bangu, para assistirem ao lançamento da pedra fundamental da Vila Operaria, que terá logar amanhã, do meio-dia á 1 hora.

Pede-se o comparecimento de todos, no logar acima indicado, até ás 10 horas.

Conforme anunciarão os jornaes do dia, averá trem gratuito.⁴⁵⁸ (grifo meu)

A denominação do Sindicato e a localização na rua General Câmara, número 335, confirmam se tratar do mesmo Sindicato, fundado em 1908. Outro indício da existência da associação e ações dos têxteis, em 1911, é a fotografia divulgada pela Revista *O Malho*, de um “Grupo da Sociedade dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos, que assistiu ao lançamento da pedra fundamental da Villa Proletaria, em Sapopemba.”⁴⁵⁹ A julgar pela foto, os operários atenderam ao pedido para comparecerem ao lançamento feito pelos militantes dentro do associação e na nota divulgada no jornal “A gente do trabalho” carregava o estandarte do Sindicato no qual se pode ler a palavra “Trabalhadores” e abaixo a palavra “Tecidos”. Concluímos que no estandarte estava o nome Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos.

⁴⁵⁴ *A Voz do Trabalhador*. 01 de julho de 1908, p. 4.

⁴⁵⁵ *Ibidem*.

⁴⁵⁶ Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos apresentado ao Segundo Congresso Operário. In: *A Voz do Trabalhador*. 20 de julho de 1914, p. 3.

⁴⁵⁷ BATALHA, C., 2009, Op. Cit., p. 242.

⁴⁵⁸ *Correio da Manhã*. 30 de abril de 1911, p.3.

⁴⁵⁹ Revista. *O Malho*. 20 de maio de 1911, p.22.

Figura 4- Grupo da Sociedade dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos, que assistiu ao lançamento da pedra fundamental da Vila Proletária, em Sapopemba, em maio de 1911.



Fonte: Revista. *O Malho*. 20 de maio de 1911, p.22.

Identificamos na fotografia apenas uma mulher e alguns meninos. A maioria dos que compuseram a foto era de homens jovens, entre brancos e negros. Os operários e as crianças vestem calça, paletó e usam chapéu. As roupas e os chapéus se alternam entre o preto e o branco. Identificamos uma criança usando uma boina e uma, na parte esquerda e no alto usando aparentemente um boné. Na Inglaterra, “*o uso do chapéu é generalizado, inclusive entre os operários – chapéus das mais variadas espécies, redondos, cônicos e cilíndricos, com abas largas ou estreitas; bonés só são usados nas cidades industriais pelos mais jovens; quem não tem um chapéu, faz para si mesmo, com papelão, um gorro baixo e quadrangular.*”⁴⁶⁰ Segundo Eric Hobsbawm, “*o bonezinho chato e com pala [...] tornou-se o uniforme virtual do trabalhador britânico quando no lazer*” sendo um dos elementos reveladores da identidade compartilhada entre os operários ingleses, no século XIX.⁴⁶¹

O lançamento da pedra fundamental para a construção da Vila Proletária, em Deodoro, no ano de 1911, ocorreu no governo do Marechal Hermes da Fonseca. A inauguração de Vilas Proletárias pelo presidente configurou-se como um meio de “*estabelecer uma ligação mais*

⁴⁶⁰ FRIEDRICH, Engels. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução de: A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010. p.108. Disponível em: <books.google.com.br/books?isbn=8575591045> Acesso em: 27. jun. 2014.

⁴⁶¹ HOBBSAWN, Eric. **Mundos do Trabalho, Novos Estudos sobre História Operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 268.

*estreita entre o Catete e operariado, especialmente do Rio de Janeiro [...].*⁴⁶² Como ficou evidenciado na publicação do *Correio da Manhã*, os trens seriam gratuitos para que os operários pudessem deslocar-se até Deodoro e prestigiar a inauguração da Vila Proletária. Acreditamos que membros do governo buscaram contato com o STFT para que eles participassem, com os seus sócios, da obra do governo que atenderia aos proletários. A participação dos membros do Sindicato não significa que todos concordassem com a construção da vila e entendesse essa medida como contribuinte para resolver a questão da moradia dos operários no Distrito Federal, e nem que não fosse de orientação sindicalista revolucionária. Como demonstramos ao analisarmos a trajetória de Albino, no item anterior, os militantes poderiam recorrer a ideias ou práticas que não eram da orientação ideológica que comungavam.

Os advogados Caio Monteiro de Barros e Evaristo de Moraes criticaram a construção de vilas operárias.⁴⁶³ Eles eram membros exteriores a classe mas que se colocavam na defesa dos interesses dos trabalhadores. Moraes acreditava que as casas seriam “cedidas, na sua maioria, a gente muito diversa daquela a que parecem destinadas”⁴⁶⁴ e mencionou a boa-fé daqueles que confiavam “nas boas intenções dos governos, quando elles sabem [...] declamar discursos retumbantes, ao espoucar do champangne.”⁴⁶⁵ Os militantes do STFT estenderam suas ações, também no ano de 1911, até a cidade de Paracambi, que abrigava as fábricas de tecidos Companhia Têxtil Brasil Industrial, Companhia Tecelagem Santa Luiza e S.A. Fábrica de Tecidos Maria Cândida.⁴⁶⁶ O *Jornal do Brasil* publicou uma nota na qual o Sindicato convidava “*todos os operarios e operarias para assistirem á conferencia que este sindicato realiza [...], no logar denominado ‘Largo do Armazem’, Paracamby.*”⁴⁶⁷ Ulisses Martins estava entre os que discursariam e ele, de acordo com a nota, orientaria “*todos os companheiros sobre a necessidade, meios e modos do operariado se organizar.*”⁴⁶⁸

Como ficou expresso nas notas, os membros do Sindicato atuavam junto aos jornais de grande circulação para divulgar suas atividades e se deslocavam até outras localidades como Deodoro, Bangu e Paracambi, provavelmente mantendo sócios que pagassem mensalidades colaborando para a manutenção dessas atividades. Desse modo, é possível afirmar que o período de recesso nas atividades do STFT não abarcou todo o período de 1910 a 1913.

1.1.1. A atuação dos militantes do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos junto aos têxteis das fábricas Cruzeiro, Confiança e Carioca, nos anos de 1908, 1909 e 1913.

O nosso objetivo principal neste subitem consiste em entender como atuavam os membros do STFT na primeira fase de sua atividade, entre os anos 1908 e 1909 e entre 1913 e 1914, período em que as fontes revelam a atuação de Albino dentro desta associação. Para emprendermos este estudo delimitamos as greves ocorridas na Cruzeiro em 1908 e na Confiança em 1909, que foram comentadas no Relatório do STFT, e, para o período de 1913 e

⁴⁶² OLIVEIRA, Tiago Bernadon de. **Mobilização Operária na República Excludente: Um estudo comparativo da relação entre Estado e movimento operário nos casos de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul nas duas primeiras décadas do século XX.** 2003. 203 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. p. 107.

⁴⁶³ *Correio da Manhã*. 7 de novembro de 1912, p.5.

⁴⁶⁴ *A Epoca*. 19 de julho de 1913, p.2.

⁴⁶⁵ *Ibidem*.

⁴⁶⁶ KELLER, Paulo Fernandes. **Fábrica e Vila Operária. A Vida cotidiana dos Operários Têxteis em Paracambi/ Rj.** Engenheiro Paulo de Frontin/ Rj: Solon, 1997, p.22.

⁴⁶⁷ *Jornal do Brasil*. 27 de agosto de 1911, p. 9.

⁴⁶⁸ *Ibidem*.

1914, os esforços dos militantes para associar os têxteis em um período de crise no trabalho. Analisaremos os esforços de mobilização de Albino e dos membros do Sindicato junto aos operários da Carioca.

Consideramos que ao propormos um estudo sobre a atuação do incipiente Sindicato em duas greves e, em um período de reestruturação, marcado por uma crise econômica, permitirá elaborar um conhecimento acerca da relação dos operários têxteis com o recém-formado sindicato, o posicionamento adotado pelos patrões em relação às reivindicações, as estratégias adotadas pelos militantes e as experiências proporcionadas por essas ações. Consideramos que o desenvolvimento deste subitem corrobora para a compreensão do meio social, político e sindical no qual Albino inseria-se e colaborava com sua agência.

O primeiro acontecimento a ser estudado, ocorreu no mês de novembro de 1908 e teve como cenário a fábrica Cruzeiro. Os acontecimentos que desencadearam a greve foram abordados nos jornais *A Voz do Trabalhador*, *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Notícias*, *O Paiz* e *O Século*.⁴⁶⁹ A greve foi mencionada no Relatório do STFT escrito no ano de 1913. Como o Relatório tinha por finalidade ser um histórico conciso da organização sindical dos têxteis, entendemos que os autores, provavelmente Albino e Pedro Villa, consideraram essa greve como um marco para a história sindical desta categoria.⁴⁷⁰

A Cruzeiro localizava-se na Rua Barão de Mesquita, no Andaraí⁴⁷¹ e pertencia a Companhia América Fabril assim como as fábricas de Pau Grande, localizada na raiz da serra de Petrópolis e a Bonfim situada em São Cristóvão.⁴⁷² A fábrica empregava mil e quinhentos operários sendo que quatrocentos eram tecelões.⁴⁷³ As mulheres e crianças compunham a maior parte dos operários da Cruzeiro.⁴⁷⁴

Nesta fábrica, os problemas com os mestres e contramestres faziam-se presentes cotidianamente e na avaliação dos redatores do jornal operário *A Voz do Trabalhador*, os mestres e contramestres “*se atreviam tanto*”⁴⁷⁵ justamente por estarem diante de mulheres e crianças que não saberiam se defender como saberia um homem.⁴⁷⁶ Os redatores denunciavam a prática de ameaças de dispensa do reclamante e de sua família.⁴⁷⁷ Muitos operários e as operárias deixavam de expor suas reivindicações por medo das repreensões, mas, com a formação do STFT, estabelecia-se uma associação para atuar com os operários e representá-los. Para conseguir a adesão dos operários, os militantes propagandeavam os benefícios da associação através de conversas, panfletagem, reuniões promovidas na sede e nas sucursais.⁴⁷⁸

⁴⁶⁹ Os redatores do jornal *A Voz do Trabalhador* criticaram a abordagem dos acontecimentos na fábrica Cruzeiro, publicados no *Jornal do Brasil*, *Folha do Dia e Imprensa*, sendo o primeiro periódico citado o mais criticado. (*A Voz do Trabalhador*. 22 de novembro de 1908, p.2.) Dentre os jornais citados, trabalharemos apenas com o *Jornal do Brasil*. Este periódico trouxe o acontecimento na Cruzeiro de forma detalhada, diferentemente, de *A Voz do Trabalhador* que não detalhava os casos. Consideramos as diferenças entre os dois jornais. *A Voz do Trabalhador* era de publicação quinzenal, geralmente com quatro páginas, possuindo poucos recursos financeiros e contava com colaboradores para serem produzidos. O *Jornal do Brasil* possuía uma tiragem diária e provavelmente contavam com seus próprios redatores e gráficos.

⁴⁷⁰ Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos apresentado ao Segundo Congresso Operário. In: *A Voz do Trabalhador*. 20 de julho de 1914, p.3

⁴⁷¹ *O Paiz*. 18 de novembro de 1908, p.4.

⁴⁷² *Jornal do Brasil*. 18 de novembro de 1908, p.5.

⁴⁷³ *Ibidem*.

⁴⁷⁴ O jornal *A Voz do Trabalhador* afirmou: “*Na fabrica trabalhavam mais de 1000 pessoas. Os homens, porém, não chegavam a 500; o resto era composto de mulheres e crianças de curta idade na sua maioria.*” *A Voz do Trabalhador*. 22 de novembro de 1908, p.1.

⁴⁷⁵ *A Voz do Trabalhador*. 22 de novembro de 1908, p.1.

⁴⁷⁶ *Ibidem*.

⁴⁷⁷ *Ibidem*.

⁴⁷⁸ *Jornal do Brasil*. 18 de novembro de 1908, p.5.

No dia quatorze de novembro de 1908, quando estava sendo realizado o pagamento dos operários no espaço da fábrica, dois operários, do setor de engomação de pano, perceberam uma falta de dinheiro no pagamento. O “operario Lindolpho José Cardoso encontrou a falta de 3\$800 correspondente a um dia de trabalho, e seu companheiro Francisco de Oliveira, que percebia a diaria de 3\$800, encontrou esta alterada para 3\$200.”⁴⁷⁹ Os operários não reclamaram no dia quatorze, porém sentindo-se prejudicados optaram, na segunda-feira, dia dezesseis, por reclamarem da falta de dinheiro nos seus pagamentos.⁴⁸⁰ Dirigiram-se até o “apontador Attilio Baptistteli, fazendo-lhe ver o que se passava.”⁴⁸¹ O apontador era o responsável por registrar a presença do operário. Este identificou o erro no lançamento feito na folha de pagamento e por isso os operários receberam dinheiro a menos. O apontador comunicou o erro para o gerente técnico da fábrica, senhor Mark Soutton. De acordo com a versão de *O Paiz* e do *Jornal do Brasil*, Soutton determinou “que fosse paga a diferença dos dous operarios, ordenando mais que fossem elles dispensados do serviço.”⁴⁸²

Os redatores do *Jornal do Brasil* informaram que a Companhia, para justificar as demissões, alegou que os operários procederam incorretamente na forma de fazerem a reclamação e, anteriormente, já adotavam comportamentos que desagradavam.⁴⁸³ O Relatório trouxe a informação de que os operários foram dispensados “por fazerem propaganda do Sindicato, embora apresentasse outro pretexto.”⁴⁸⁴ A afirmação, presente no Relatório, indica qual seria o comportamento incorreto dos demitidos, o seu envolvimento com o recém-criado sindicato e a sua propaganda.

A *Voz do Trabalhador* apresentou uma versão diferente da divulgada pelos diretores da Cruzeiro afirmando que os dois operários reclamaram, mas não foram atendidos.⁴⁸⁵ Os trabalhadores teriam reclamado novamente, quando entrou em cena o gerente Soutton, classificado pelo periódico como “famigerado”⁴⁸⁶ e “terrível inimigo dos operarios tecelões aos quaes jurou guerra de morte.”⁴⁸⁷ Soutton, nesse encontro com os operários, afirmou que “se não querem conformar-se, serão despedidos.”⁴⁸⁸ Evidenciava-se uma postura, por parte do gerente, diferente da versão apresentadas no *Jornal do Brasil* e em *O Paiz* que afirmaram que o gerente prontamente ordenou que os operários recebessem o valor justo dos

⁴⁷⁹ Ibidem.

⁴⁸⁰ *O Século*. 17 de novembro de 1908, p.2.

⁴⁸¹ *Jornal do Brasil*. 18 de novembro de 1908, p.5. Na versão do jornal *O Século*, Cardoso e Oliveira se dirigiram ao apontador e exigiram “que rectificasse, no livro do ponto, as faltas que lhes eram imputadas.” O gerente Soutton ordenou que fosse feito o pagamento. Por essa versão, os operários teriam faltado e por isso receberam a menos no pagamento. Entendemos que ocorreu um erro de lançamento de faltas porque o gerente Soutton mandou realizar o pagamento total. Ele, provavelmente, não aceitaria pagar se os operários não tivessem trabalhado. *O Século*. 17 de novembro de 1908, p.2.

⁴⁸² *Jornal do Brasil*. 18 de novembro de 1908, p.5. *O Paiz*. 18 de novembro de 1908, p.4.

⁴⁸³ *Jornal do Brasil*. 18 de novembro de 1908, p.5.

⁴⁸⁴ Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos apresentado ao Segundo Congresso Operário. In: *A Voz do Trabalhador*. 20 de julho de 1914, p. 3.

⁴⁸⁵ *A Voz do Trabalhador*. 22 de novembro de 1908, p.1.

⁴⁸⁶ Ibidem.

⁴⁸⁷ Ibidem.

⁴⁸⁸ Ibidem. O jornal *O Século* publicou afirmações feitas, na redação do jornal, pela comissão do STFT. Informaram que um operário não recebeu por dois dias e meio de trabalho e o outro por quatro dias de trabalho. Eles não foram atendidos após reclamarem. (*O Século*. 17 de novembro de 1908, p.2.) O não atendimento confirma a versão divulgada em *A Voz do Trabalhador*. Porém, a quantidade de dias de trabalho, que os dois operários ficaram sem receber, informadas pela comissão do sindicato, apresenta um número maior do divulgado pelos jornais *O Paiz*, *Jornal do Brasil* e pelo próprio *O Século*. Ambos afirmam que a diferença correspondia a um dia de trabalho.

pagamentos. Pela versão de *A Voz do Trabalhador*, Soutton ameaçava com a demissão caso os operários insistissem em cobrar a diferença nos seus pagamentos.

A Voz do Trabalhador afirmou que os operários lesados mantiveram a calma e foram procurar os seus companheiros de trabalho. Decidiram pela formação de uma comissão para entender-se com o gerente. O periódico afirmou ironicamente que a “*comissão foi recebida com a mesma cortezia que a anterior.*”⁴⁸⁹ A cortesia a que se referiam estava na fala e na atitude de Soutton, “*se não estão de acordo, rua! Não quero dar explicações.*”⁴⁹⁰ Para os redatores “*isso já era demais,*”⁴⁹¹ não tinha como os operários suportarem essas atitudes do gerente. Os operários “*responderam asperamente e o conflito foi inevitável.*”⁴⁹²

O Paiz, o *Jornal do Brasil* e *A Voz do Trabalhador* não divergem quanto à decisão de Soutton em demitir os operários Cardoso e Oliveira. Outra postura de Soutton contribuiu para o descontentamento e reação dos demais operários da fábrica. Segundo o *Jornal do Brasil*, o gerente negou o pedido feito por uma comissão de operários, no dia quatorze de novembro, para saírem mais cedo para visitarem a Exposição. O dia quatorze era um sábado, aguçando o desejo dos operários de poder praticar uma atividade de lazer.⁴⁹³

O *Jornal do Brasil* e *O Paiz* abordaram os antecedentes do conflito dentro da Cruzeiro e estiveram de acordo nas versões publicadas. Ambos jornais afirmaram que os dois operários foram dispensados, mas não receberam o dinheiro que lhes cabiam.⁴⁹⁴ O apontador Baptistteli pediu que retornassem às quatro horas da tarde. Os dois operários, ao saírem da fábrica, esperaram o período do sueto, do descanso dos operários, que ocorria durante o dia, para falarem com outros operários sobre o que tinha ocorrido. Após a conversa, Lindolpho José Cardoso e Francisco de Oliveira retornaram às quatro horas para o escritório atendendo ao que tinha sido estabelecido com Baptistteli⁴⁹⁵ e, enquanto “*o apontador tirava as guias para a thesouraria*”⁴⁹⁶ aproveitaram para “*penetrarem na fabrica e conversarem com os companheiros, que lá trabalhavam.*”⁴⁹⁷ Os operários abandonaram seus respectivos dinheiros demonstrando estarem mais preocupados em não permitirem que as suas demissões fossem aceitas sem questionamentos por parte dos operários da Cruzeiro. Os jornais não relataram uma repreensão a Cardoso e Oliveira por terem entrado na fábrica sem autorização.

No dia seguinte da demissão, dezessete de novembro, Cardoso e Oliveira chegaram à fábrica às sete horas, uma hora depois dos trabalhos terem se iniciado, e confabularam com os companheiros antes de se dirigirem a seção em que trabalhavam.⁴⁹⁸ Afonso Bibiano, mestre geral da fábrica, foi comunicado da presença dos operários demitidos dentro do estabelecimento e se dirigiu até eles para questioná-los.⁴⁹⁹ O *Jornal do Brasil* publicou a conversa entre Bibiano e os demitidos. Bibiano perguntou:

⁴⁸⁹ *A Voz do Trabalhador*. 22 de novembro de 1908, p.1.

⁴⁹⁰ Ibidem.

⁴⁹¹ Ibidem.

⁴⁹² Ibidem.

⁴⁹³ *Jornal do Brasil*. 18 de novembro de 1908, p.5.

⁴⁹⁴ Ibidem. *O Paiz*.18 de novembro de 1908, p.4.

⁴⁹⁵ *O Paiz*.18 de novembro de 1908, p.4.

⁴⁹⁶ Ibidem.

⁴⁹⁷ Ibidem.

⁴⁹⁸ *Jornal do Brasil*. 18 de novembro de 1908, p.5.

⁴⁹⁹ Como foi informado no *Jornal do Brasil*, Afonso Bibiano era mestre geral da fábrica, o que nos conduz a ideia, de que ele era o responsável por todos os setores da Cruzeiro. O periódico apresentou a formação de Bibiano ao afirmar: “*Tendo se bacharelado no Gymnasio desta Capital, foi depois aperfeiçoar-se na Inglaterra em chimica industrial e outras especialidades de fabricação de tecidos.*” Com a sua formação ele desempenhou outras atividades na fábrica vindo a assumir o posto de mestre geral. Bibiano contava com as relações de parentesco já que era filho de Domingos Bibiano, diretor gerente da Companhia. *Jornal do Brasil*. 18 de novembro de 1908, p.5.

- Que fazem ahi?
- Viemos trabalhar, respondeu um delles.
- Não sabem que foram despedidos desde hontem?
- Mas viemos para o serviço...
- Não posso consentir nisto. Isto aqui não é brincadeira... Queiram sahir.
- Não sahimos, sem chegar o gerente...⁵⁰⁰

Bibiano retornou ao escritório e foi informado do que tramavam os operários. Assim, mandou chamar o gerente Soutton que estava em casa e esta se localizava, na mesma rua da fábrica, a Barão de Mesquita. Uma comissão de vinte e cinco operários dirigiu-se até o escritório para interceder, junto aos diretores, pelos operários demitidos. Operários que trabalhavam há doze anos na fábrica compuseram essa comissão. Porém, antes mesmo de chegarem ao escritório, depararam-se com Soutton e Bibiano e estes se recusaram a readmitir Cardoso e Oliveira.⁵⁰¹ De acordo com as informações de *O Paiz*, Soutton teria alegado que “*para o bem da disciplina, estavam definitivamente demittidos.*”⁵⁰²

Provavelmente foi no encontro entre os operários e o mestre, narrado pelo *Jornal do Brasil* e *O Paiz*, que ocorreu a fala publicada em *A Voz do Trabalhador*, com Soutton afirmando que se eles não estavam satisfeitos com os procedimentos da fábrica se retirassem e que ele não daria explicações. Os membros da comissão foram comunicar aos demais operários a decisão do gerente. No interior da Cruzeiro, soaram “*gritos de indignação e protesto*”⁵⁰³ dos operários após serem informados da manutenção da demissão. Operários dirigiram-se para as seções das fábricas e incentivaram que homens, mulheres e crianças abandonassem os seus postos, iniciando assim uma “*algazarra*”⁵⁰⁴ que se desenrolaria de forma violenta.

O *Jornal do Brasil* relatou, de forma mais detalhada, a ação promovida pelos operários da Cruzeiro e afirmou que alguns operários,

empunhavam facas, revólveres e tesouras, enquanto outros disparavam tiros de revólver.

O gerente Soutton foi alvejado com um tiro não atingindo-o o projectil, indo porém, varar uma porta de zinco.

Os amotinados procuraram quebrar tudo que encontravam, inutilizando os machinismos e cortando os novelões de fio a navalha.

A secção dos teares foi a que mais soffreu, tendo os operarios arrancado os braços daquelles aparelhos, com que batiam em tudo, para quebrar os demais.

Cerca de 150 teares ficaram dannificados.

Não limitaram porém, a sua fúria a damnos materiaes, pois os revoltados agrediram tambem nos mestres e contra-mestres que encontravam, tendo recebido forte cacetada no braço direito o de nome Americo José Rodrigues.⁵⁰⁵
(*grifos meus*)

Os redatores de *O Paiz* afirmaram que os operários viram-se como os “*senhores da fábrica.*”⁵⁰⁶ As tesouras que os operários utilizaram como armas eram as que usavam no processo de fabricação do pano. Os operários envolvidos na ação buscaram destruir o “*que*

⁵⁰⁰ *Jornal do Brasil*. 18 de novembro de 1908, p.5.

⁵⁰¹ *Ibidem*.

⁵⁰² *O Paiz*.18 de novembro de 1908, p.4.

⁵⁰³ *Ibidem*.

⁵⁰⁴ *Ibidem*.

⁵⁰⁵ *Jornal do Brasil*. 18 de novembro de 1908, p.5. *O Paiz* informou que Américo José Rodrigues era contramestre da seção de dobração. *O Paiz*.18 de novembro de 1908, p.4.

⁵⁰⁶ *O Paiz*. 18 de novembro de 1908, p.4.

encontraram, machinas, teares, rolos, fios, frizos, estamparias.”⁵⁰⁷ O edifício da Cruzeiro também foi alvo da fúria de seus trabalhadores, com as vidraças sendo quebradas. Objetivavam com tais ações causarem muitos prejuízos. O tumulto generalizava-se, mestres, contramestres e operários eram feridos, e as “*operarias tinham crises nervosas e gritavam desesperadamente.*”⁵⁰⁸ Os fios telefônicos foram cortados para que a polícia não fosse chamada.

Entre várias agressões a mestres e contramestres, a sofrida pelo contramestre português, de quarenta e oito anos, responsável pela seção de teares, Elias Simões Lavoura foi a que mais repercutiu, sendo a única abordada por *A Voz do Trabalhador*. A agressão a Lavoura repercutiu também nos periódicos *O Paiz* e *Jornal do Brasil*. O operário Frederico Justo foi preso acusado de ser o autor da agressão.

Os dois jornais da imprensa diária, porém, divergem quanto à narração da agressão. De acordo com *O Paiz*, como o gerente da Cruzeiro não conseguiu telefonar para chamar a polícia, por estarem os fios telefônicos cortados, a alternativa encontrada foi ordenar que um indivíduo fosse até o 16º Distrito Policial. Lavoura ficou com a tarefa de expedir um portador da notícia e assim o fez. Teria sido justamente “*nessa ocasião que o operario Frederico Justo, inimigo de Lavoura, aproveitando-se da situação, atacou-o, armado de tesoura e produziu-lhe quatro ferimentos, sendo um na cabeça, dois no corpo e um na perna esquerda.*”⁵⁰⁹

Na versão divulgada pelo *Jornal do Brasil*, Lavoura encontrava-se em uma seção de teares, quando um grupo de operários invadiu o local, e o contramestre conservou-se “*no seu posto de trabalho*”⁵¹⁰ enquanto os seus companheiros buscaram se esconder ou fugir.⁵¹¹ Entendemos, que na versão do jornal, Lavoura era caracterizado como um homem de coragem, demonstrando apego por seu local de trabalho e pela função que desempenhava. A sua atitude teve consequências porque Lavoura “*incorreu nas iras dos operarios,*”⁵¹² sendo “*agarrado brutalmente e jogado por terra, recebendo uma cacetada na cabeça que o prostrou.*”⁵¹³ Justo participara da agressão sendo “*um operario dos mais exaltados, armado de enorme tesoura, avançou para o pobre homem, pondo-lhe um joelho no peito e dando-lhe quatro golpes.*”⁵¹⁴

A versão do *Jornal do Brasil* sugere que durante a agressão à Lavoura outros operários estavam presentes. A cacetada que Lavoura recebeu na cabeça não foi atribuída diretamente a Justo, mas, comparando com a versão de *O Paiz*, entendemos que a cacetada também foi dada por ele. O ferimento na cabeça somado com os dois no corpo e um na perna, divulgados em *O Paiz*, totalizam os quatro a que se referiu o *Jornal do Brasil*. A agressão a Lavoura pode ter sido cometida apenas pelo operário Justo, classificado com o mais exaltado, porém os outros operários, que estiveram no local, não repudiaram a agressão. Ao afirmar que Lavoura incorreu nas iras dos operários é porque estes já conservavam repúdio do contramestre e estavam diante de uma ocasião para demonstrarem o que sentiam e pensavam.

A Voz do Trabalhador e o STFT assumiram a defesa do operário Justo. O STFT enviou uma carta aos “*jornais, desmentindo a afirmação por eles feita.*”⁵¹⁵ Os redatores do jornal operário publicavam matérias com as mesmas afirmações presente na carta enviada pelos membros do STFT. Ambas as publicações, consideravam Justo inocente e criticavam a

⁵⁰⁷ Ibidem.

⁵⁰⁸ *Jornal do Brasil*. 18 de novembro de 1908, p.5.

⁵⁰⁹ *O Paiz*. 18 de novembro de 1908, p.4.

⁵¹⁰ *Jornal do Brasil*. 18 de novembro de 1908, p.5.

⁵¹¹ Ibidem.

⁵¹² Ibidem.

⁵¹³ Ibidem.

⁵¹⁴ Ibidem.

⁵¹⁵ *A Voz do Trabalhador*. 22 de novembro de 1908, p.2.

versão divulgada nos jornais da grande imprensa, de modo mais específico, no *Jornal do Brasil*:

Quazi toda a imprensa ocupou-se do caso duma maneira exagerada e alguns jornais, no seu afam de publicar novas notícias, sejam veridicas ou não, chegaram a dar como autor dos ferimentos feito ao contra-mestre Simões, o operario Frederico Juste, prezo e barbaramente espancado pela policia.

Fazer esta afirmação sem provas, acreditando na versão espalhada pela policia, é uma verdadeira infamia.

Distinguiu-se, pela desfaçatez com que relata as mais descaradas mentiras, essa cloaca imunda, receptáculo de todas as porcarias publicaveis que dá pelo nome de *Jornal do Brasil*. Inventa uma tragica cena com todas as peripecias da imaginaria luta entre o contra-mestre e Juste, e diz que este foi prezo quando pretendia fugir pelos fundos da secção dos teares, quando o certo é que ele não é autor dos ferimentos e só foi preso uma hora depois das ocorrencias nas imediações da fabrica!⁵¹⁶

Além de não atribuir a culpa a Justo, identificamos que a versão de *A Voz do Trabalhador*, acerca do início do conflito, também era diferente dos jornais da grande imprensa. As versões presentes em *O Paiz* e *Jornal do Brasil* apontam que o início da ação violenta ocorreu entre os operários, enquanto os mestres, contramestres e o gerente da fábrica ficaram a mercê dos seus ataques. Os alvos da agressão não conseguiram colocar resistência diante de tanta violência, e recorreram à força policial. *A Voz do Trabalhador* afirmou que os operários “responderam asperamente”⁵¹⁷ ao gerente Soutton após ele afirmar que, se não estavam satisfeitos, fossem para a rua, ou seja, deixassem de trabalhar na fábrica. Com a posição de Soutton e a resposta áspera da comissão, que representava a coletividade dos operários da Cruzeiro, “o conflito foi inevitável. Os contra- mestres armaram-se e atacaram [...]”⁵¹⁸

Como se pode perceber, nessa versão os contramestres e mestres também atacaram violentamente os operários e souberam se defender e atacar, não ficando claro no texto quem teria começado a ação. O gerente Soutton também foi alvo de alguns operários que atiraram contra ele, mas o tiro não o atingiu, e, na versão de *A Voz do Trabalhador*, “o carrasco Soutton”⁵¹⁹ ficou levemente ferido.

O delegado do 16º distrito, Cid Braune e os comissários Alves e Braga partiram para a Cruzeiro. A polícia conseguiu dispersar os operários, “indo a maioria para suas casas, mesmo na avenida pertencente á fabrica.”⁵²⁰ O comissário Alves “deu voz de prisão”⁵²¹, prisão injusta para os redatores de *A Voz do Trabalhador* :

[...] a heroica policia não podia conformar-se em ficar sem descarregar contra alguém, fosse quem fosse a sua impotenteira. Era preciso procurar uma victima e esta não tardou em aparecer.

Alguem apontou como grevista o operario Frederico Juste, que andava pelas imediações da fabrica e a policia deu-lhe voz de prisão. Ele indignado rezistiu. Então avançaram muitos contra ele, espancaram-no cobardemente, e um dos heroes deu-lhe uma coronhada no rosto que o prostrou.

⁵¹⁶ Ibidem.

⁵¹⁷ Ibidem, p.1.

⁵¹⁸ Ibidem.

⁵¹⁹ Ibidem.

⁵²⁰ *O Paiz*. 18 de novembro de 1908, p.4. *O Século* afirmou que a maioria dos operários já tinha saído da fábrica quando da chegada da polícia. *O Século*. 17 de novembro de 1908, p.2.

⁵²¹ *Jornal do Brasil*. 18 de novembro de 1908, p.5. Na versão de *O Século*, Frederico Justo estava “armado de tesoura” quando foi preso. A tesoura teria sido usada para atacar um companheiro, no caso, o contramestre Elias Simões Lavoura. *O Século*. 17 de novembro de 1908, p.2.

A honra estava salva. Já não podiam ser acuzados de inativos os mantenedores da ordem.

E um responsável prezuntivo estava nas suas garras...⁵²² (*grifos meus*)

Os redatores de *A Voz do Trabalhador* criticavam a polícia classificando-os ironicamente como heróis, heróis para os mestres, contramestres e gerentes da Cruzeiro. Para os trabalhadores, no entanto, os policiais haviam cometido uma injustiça contra Justo porque precisavam dar uma resposta ao patronato e Justo foi o operário que eles encontraram para depositar a culpa da agressão a Lavoura. Os redatores e membros do STFT também denunciavam e criticavam as ações por parte da polícia, que chamava os operários para a averiguação tendo os membros do sindicato como os maiores suspeitos.⁵²³

O Paiz e o *Jornal do Brasil* relataram a violenta agressão sofrida pelo operário Justo, mas não o colocaram na posição de injustiçado. Segundo aqueles dois jornais, Justo foi agredido porque resistiu à ordem de prisão, e fora preso dentro da fábrica, mais especificamente, nos fundos da seção de teares onde se refugiava.⁵²⁴ Levado preso para o 16º Distrito, “*o delegado mandou lavrar contra elle auto de prisão em flagrante.*”⁵²⁵ O operário estava, portanto, dentro da fábrica e não nas imediações como apontou *A Voz do Trabalhador*, pois se estivesse nas imediações isso indicaria que não estava envolvido nas ações ocorridas dentro da Cruzeiro, confirmando a injustiça que a polícia cometera.

Concluimos que na versão de *A Voz do Trabalhador* o caso ocorrido dentro da Cruzeiro não foi entendido da mesma forma que as versões de *O Paiz* e *Jornal do Brasil*. Os autores da matéria de *A Voz do Trabalhador* não criticaram a forma como os operários optaram por resolver a questão trabalhista. Pelo contrário, entendiam os operários como os prejudicados com as demissões, com postura do gerente Soutton e com as represálias que sofreram da polícia. Como vimos, criticaram o procedimento policial que, segundo eles, escolheram um operário para ser considerado culpado e assim responderiam ao patronato da Cruzeiro que buscava uma punição para os participantes da ação que resultou em danos físicos para os mestres, contramestres e gerentes e danos materiais com a destruição do maquinário. A repressão serviria também para que os operários e as operárias não se manifestassem, novamente, da forma como fizeram e, sim, respeitassem a hierarquia e procedimentos internos da fábrica. Os periódicos *O Paiz* e *Jornal do Brasil* não condenaram a atitude dos operários da Cruzeiro. Porém, as matérias ressaltavam as ações violentas que estes cometeram, não colocaram Frederico Justo como inocente e não condenaram a forma como agiram os patrões e a polícia.⁵²⁶ Os redatores de *O Paiz* e *Jornal do Brasil* publicaram, prioritariamente, a versão oriunda da polícia e, os redatores de *A Voz do Trabalhador* e membros do STFT buscavam rebater essa versão e defender a dos operários da Cruzeiro. Entendemos que os militantes do STFT agiam junto aos redatores de *A Voz do Trabalhador*, podendo ser determinado militante do sindicato autor dos artigos.

⁵²² *A Voz do Trabalhador*. 22 de novembro de 1908, p.1. *A Voz do Trabalhador* foi o único que apresentou a escrita do sobrenome como Juste ao invés de Justo. Optamos por manter o sobrenome Justo que foi divulgado nos jornais de grande circulação.

⁵²³ *A Voz do Trabalhador*. 22 de novembro de 1908, p.2.

⁵²⁴ *O Paiz*. 18 de novembro de 1908, p.4.

⁵²⁵ *Ibidem*.

⁵²⁶ Outra versão diferente entre *A Voz do Trabalhador* e o *Jornal do Brasil* foi quanto ao posicionamento dos operários da Confiança diante do ocorrido na Cruzeiro. Para o jornal operário, os operários da Confiança abandonaram o trabalho devido à presença de policiais na fábrica. (*A Voz do Trabalhador*. 22 de novembro de 1908, pp.1-2.) O *Jornal do Brasil* informou que as sindicâncias concluíram “*que nada havia sido acordado pelos operarios da Fabrica Confiança, que se conservaram em completa calma.*” O diretor gerente Izidoro de Pinho e o presidente da Companhia, Cunha Vasco confirmaram não ter irregularidades. *Jornal do Brasil*. 18 de novembro de 1908, p.5.

Com essa ação violenta deflagrou-se uma greve dentro da Cruzeiro. *O Século*, após receber a visita da comissão do STFT, publicou que trabalhavam mil e duzentos operários na fábrica e estes a abandonaram.⁵²⁷ As sessões que o STFT realizavam em sua sede era de conhecimento do patronato da Cruzeiro e estas se tornavam mais frequentes para discutirem a greve.⁵²⁸

A *Voz do Trabalhador* informou sobre as reuniões e a primeira reunião, no sindicato, ocorreu no mesmo dia da ação desenvolvida dentro da Cruzeiro, na terça-feira, dia dezessete de novembro. Discutiram acerca da necessidade de se contratar um advogado, porém ficou “*aprovado que as questões entre patrões e operarios devem ser tratadas directamente, servindo-se de advogados apenas para as questões judiciais.*”⁵²⁹ Identificamos que os membros do STFT queriam organizar-se por conta própria, o que ficou comprovado nas ações de idas as redações dos jornais, publicações de artigos em *A Voz do Trabalhador* e nas reuniões convocadas. No dia dezoito realizou-se, pela manhã, uma reunião geral no salão da Rua do Hospício que contou com a presença de tecelões de várias fábricas do Distrito Federal. Eles compareceram para “*manifestar a sua solidariedade aos da fabrica Cruzeiro.*”⁵³⁰

No dia dezenove, promoveram uma reunião na sucursal do sindicato em Vila Isabel e nesta deliberou “*enviar aos patrões a seguinte comunicação,*” com suas exigências: “*1º - readmissão de todos os operarios, sem esceção alguma; 2º - Melhoramento do fio; 3º - Uma tabela em cada secção marcando o preço dos ordenados em geral.*”⁵³¹ A reclamação acerca do estabelecimento de uma “*tabella que marque a metragem e o preço fixo*”⁵³² foi levada pela comissão para os redação do jornal *O Século*. A comissão alegou que os operários não sabiam quanto iam ganhar até que recebessem o pagamento e essa falta de preços fixos suscitava acontecimento como o da Cruzeiro, com operários se sentindo lesados no pagamento.⁵³³

A greve na Cruzeiro terminou e os operários retornaram ao trabalho no dia primeiro de dezembro de 1908. *A Voz do Trabalhador* afirma que foram despedidos entre vinte e trinta operários. Para os redatores do periódico “*aparentemente parecerá que a greve foi um desastre,*”⁵³⁴ porém, na opinião deles a greve fora uma vitória:

Até agora os capitalistas tinham-se habituado as greves, não as temiam enquanto elas fossem o simples abandono do trabalho. Os capitalistas em geral podem resistir mais do que os trabalhadores. Ultimamente a solução era mais facil: a grande abundancia de braços permitia substituir imediatamente os grevistas.

Mas quando os operarios, em vez de cruzarem-se de braços assumiram outra atitude, quando pensaram que antes de abandonar o trabalho deveriam destruir os maquinismos e todos os instrumentos de trabalho, quando pensaram em inutilizar o que representa o capital burguez, as coisas mudaram de aspecto.

Os operarios adquirem-se com a maior facilidade e por qualquer preço, mas as maquinas não se podem adquirir da mesma maneira. Custam grandes quantias, das quaes não se pode dispor em todos os momentos.⁵³⁵

Assim a vitória afirmada residia na mudança de postura dos operários que acarretaria uma mudança de postura nos patrões. Afirmam que estes poderiam atender quando os

⁵²⁷ *O Século*. 17 de novembro de 1908, p.2.

⁵²⁸ *Jornal do Brasil*. 18 de novembro de 1908, p.5.

⁵²⁹ *A Voz do Trabalhador*. 22 de novembro de 1908, p.2.

⁵³⁰ *Ibidem*.

⁵³¹ *Ibidem*.

⁵³² *O Século*. 17 de novembro de 1908, p.2.

⁵³³ *Ibidem*.

⁵³⁴ *A Voz do Trabalhador*. 13 de janeiro de 1909, p.1.

⁵³⁵ *Ibidem*.

operários reivindicassem porque tiveram uma prova da força dos operários com os prejuízos causados para a fábrica Cruzeiro.⁵³⁶

Passamos para a análise da greve ocorrida na fábrica de tecidos Confiança Industrial, localizada na rua Souza Franco, em Vila Isabel.⁵³⁷ No dia treze de março de 1909, os operários da Confiança foram até o gerente do estabelecimento pedir a demissão do mestre geral da tecelagem Felipe de Moraes. De acordo com o jornal *O Paiz*, Moraes ocupava esse cargo “há 23 annos”⁵³⁸ e “chegou a essa posição á custa do seu comportamento e da sua pericia no trabalho.”⁵³⁹ A ação dos operários foi motivada pelo fato de Moraes ser “um tirano de primeira ordem”,⁵⁴⁰ sendo “accusado de maltratar não só os homens como as moças que têm occupação naquele estabelecimento fabril.”⁵⁴¹ Além do histórico de maus-tratos, o mestre Moraes “despediu um operario, porque este estava fazendo a cobrança do Sindicato.”⁵⁴² A ação de Moraes foi entendida como arbitrária e o gerente ordenou que o operário demitido voltasse ao trabalho.⁵⁴³ Sendo ou não ligados ao sindicato, os operários e operárias não identificaram a cobrança feita pelo operário como motivo suficiente para a sua demissão, mas sim como uma atitude repressiva do mestre Moraes contra todos eles.

Os operários da Confiança não se conformaram apenas com a revogação da ordem de Moraes feita pelo gerente da fábrica. Organizaram uma comissão e esta foi até ao escritório “pedir ao jerente a demissão do mestre Felipe de Morais.”⁵⁴⁴ Na versão de *O Paiz*, a decisão em pedir a demissão do mestre foi tomada após muita discussão entre os operários reunidos dentro do Sindicato.⁵⁴⁵ A decisão tomada, dentro da fábrica ou no sindicato, foi levada ao gerente e este informou a necessidade do parecer do presidente da Companhia, pedindo que os operários retornassem no fim da tarde para saberem qual seria a posição do presidente.⁵⁴⁶

Os operários retornaram e a gerência da fábrica informou que “não podiam atender á reclamação visto que o tal mestre fazer-lhes grande falta.”⁵⁴⁷ Como foi informado por *O Paiz*, Moraes trabalhava há vinte e três anos na Confiança. Consideramos que seria difícil, para os diretores da fábrica, contratarem outro mestre que conhecesse tão bem os procedimentos da produção e a forma de controlar os operários quanto aquela demonstrada por Moraes ao longo dos anos. De acordo com o relatório, os operários foram entretidos com a promessa de que o caso seria levado ao presidente da Companhia. No entanto, enquanto os operários aguardavam a solução, os diretores da Companhia optaram por fechar a fábrica, demitir os trabalhadores considerados mais influentes e marcar o dia para que os demais pudessem retornar ao trabalho. A gerência da Confiança, para guardar a fábrica, buscou apoio

⁵³⁶ Ibidem.

⁵³⁷ *Jornal do Brasil*. 24 de março de 1909, p.4.

⁵³⁸ *O Paiz*. 19 de março de 1909, p.5.

⁵³⁹ Ibidem.

⁵⁴⁰ Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos apresentado ao Segundo Congresso Operário. In: *A Voz do Trabalhador*. 05 de agosto de 1914, p.3.

⁵⁴¹ *Jornal do Brasil*. 24 de março de 1909, p.4.

⁵⁴² Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos apresentado ao Segundo Congresso Operário. In: *A Voz do Trabalhador*. 05 de agosto de 1914, p.3.

⁵⁴³ Ibidem.

⁵⁴⁴ Ibidem.

⁵⁴⁵ *O Paiz*. 19 de março de 1909, p.5.

⁵⁴⁶ Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos apresentado ao Segundo Congresso Operário. In: *A Voz do Trabalhador*. 05 de agosto de 1914, p.3.

⁵⁴⁷ Ibidem.

com a polícia do 16º Distrito, pois a gerência temia que os operários quebrassem o maquinário, seguindo o exemplo dos operários da Cruzeiro, no ano anterior.⁵⁴⁸

Os autores do Relatório afirmaram que na Confiança ocorreu antes um “*lock-out declarado pelos patrões do que uma greve.*”⁵⁴⁹ Para eles, a ação que culminou na greve dos operários da Confiança partiu dos patrões. A versão dos patrões apontava para os operários como os causadores da greve. As divergências podem ser identificadas nas notas de esclarecimento emitidas pela gerência da fábrica e pelo STFT e que foram publicadas em *O Paiz*. A gerência por meio de nota, afixada na porta do estabelecimento fabril, afirmou:

O procedimento de uma comissão de operarios, que tem ultimamente perturbado a ordem dos serviços, impondo á direcção das fabricas “a demissão de um mestre, sob a ameaça de que, se o não fizesse immediatamente, elles se encarregariam disso”, obrigou-nos, com grande desgosto, depois de esgotar todos os meios de convencimento, e de ouvir o conselho fiscal da companhia, a tomar a resolução extrema de não attender a essa imposição, e de fechar a fabrica até que os seus trabalhos, libertos da acção deprimente desses perturbadores possam ser restabelecidos em condições normaes.

Avisaremos hoje aos Srs. operarios, cujos serviços somos coagidos, desse modo, a dispensar, para que venham amanhã, ao escriptorio da fabrica, receber os saldos de suas contas. [...]

Fabrica, 18 de março de 1909.⁵⁵⁰ (*grifos meus*)

Os grevistas distribuíram boletim afirmando,

Companheiros e companheiras-

Sabeis bem que não queremos a greve, **mas os patrões, afim de se vingarem daquelles que têm um pouco de conhecimento dos seus direitos, nos affrontaram com a maior das affrontas, que se pôde fazer; diante desta violencia, praticada pelos gananciosos patrões da Fabrica Confiança, resolvemos que só compareceremos ao trabalho, perante um accordo entre a directoria e a comissão, sendo assim terminada a greve, que os patrões nos fazem [...].** A comissão.⁵⁵¹ (*grifo meu*)

O discurso dos diretores da Confiança aponta para ameaças dos operários de tirar Moraes à força da fábrica. Afirmaram que o pedido dos operários foi levado para a discussão com o conselho fiscal, mas a decisão foi pelo não atendimento. Como os operários não se convenceram da permanência de Moraes na fábrica e poderiam adotar outras medidas não pacíficas, os diretores optaram pelo fechamento da Confiança e demissão dos envolvidos. Na versão da comissão do STFT, os operários estavam sendo afrontados pela diretoria da Confiança ao não terem o seu pedido atendido e ainda demitir operários. Diante da greve que os patrões fizeram, a comissão esperava chegar a um acordo com a diretoria, buscando a readmissão dos operários e a demissão de Moraes. Por esse trecho, fica claro que a comissão do sindicato era a que negociaria com o patronato.

Observa-se que diante da resposta patronal às greves, a comissão do STFT buscou acordo com os patrões para a retirada da medida punitiva aos operários grevistas, a demissão. A comissão dos têxteis passou a defender prioritariamente a readmissão dos trinta e dois operários demitidos da Confiança, em 1909. Os demitidos provavelmente eram membros do

⁵⁴⁸ Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos apresentado ao Segundo Congresso Operário. In: *A Voz do Trabalhador*. 05 de agosto de 1914, p.3.

⁵⁴⁹ Ibidem.

⁵⁵⁰ *O Paiz*. 19 de março de 1909, p.5.

⁵⁵¹ Ibidem.

sindicato e ativos junto aos operários e as operárias da fábrica buscando o envolvimento destes com a associação.

A comissão do STFT teve que agir mediante o não acordo com a diretoria da fábrica e a presença ativa da polícia, por meio da vigilância ao prédio da Confiança, monitorando e dispersando grupos de operários que conversavam nos arredores da fábrica, agredindo e prendendo operários e as operárias e controlando as atividades do STFT. Dentre as autoridades policiais envolvidos, destacavam-se o delegado do 16º Distrito, Eulálio Monteiro, o comissário Cícero e o guarda civil Juvenal Cardoso da Silva.

Cícero, Juvenal e outros policiais, no dia vinte e três de março de 1909, estiveram na sucursal do Sindicato, à Rua Visconde de Abaeté, nº 10. A sucursal recebia uma “*numerosa comissão de operarios e operarias*”⁵⁵² e a reunião era para discutir as agressões que a polícia do 16º Distrito cometeu contra os grevistas da Confiança. Os policiais puseram fim à reunião, pondo para correr os operários, na expressão divulgada no *Jornal do Brasil*. A redação deste periódico recebeu uma comissão de duzentas pessoas, entre operários e operárias, que “*se mostraram indignados com o procedimento da policia do 16º Districto.*”⁵⁵³ A comissão afirmou que Cícero “*declarou em voz alta, em frente da fabrica, que não temia greves, pois tinha lutado com muito paredista da Saude e sempre sahira de vencida.*”⁵⁵⁴ Em relação as atitudes de Juvenal, afirmaram que ele “*prostou à porta*”⁵⁵⁵ e apitou “*em seguida para que se aproximassem as praças de policia, distribuidas pela circunvisinhança. Os policiaes invadiram a sêde dando logar a grande disturbios e atropelos.*”⁵⁵⁶ Juvenal prendeu “*a torto e a direito, fazendo toda a sorte de violências [...].*”⁵⁵⁷

Percebe-se, portanto, que os membros da sede e da sucursal do Sindicato estavam ativos na defesa dos operários grevistas da Confiança mesmo sofrendo a repressão policial e procuravam apoio na redação do *Jornal do Brasil* ao denunciarem a ação policial junto aos membros do Sindicato. A ação policial objetivava que eles não se reunissem e utilizavam a força para que voltassem ao trabalho. Os membros do Sindicato contavam com o apoio da FORJ que enviou a todas as associações operárias do Brasil uma circular pedindo apoio moral e financeiro para os grevistas da Confiança.⁵⁵⁸

Buscaram também o apoio do Ministro da Justiça.⁵⁵⁹ A comissão do Sindicato dirigiu-se para a Secretaria do Estado, mas foram aconselhados pelo oficial do gabinete do Ministro que se entendessem diretamente com o chefe de polícia. Eles atenderam a recomendação e dirigiram-se para a Repartição Central da Polícia, onde foram recebidos “*pele official de gabinete do Dr. Alfredo Pinto, declarando por sua vez que seriam tomadas providencias.*”⁵⁶⁰ A incansável comissão retornou à redação do *Jornal do Brasil* e “*lavraram*

⁵⁵² *Jornal do Brasil*. 24 de março de 1909, p.4.

⁵⁵³ *Ibidem*.

⁵⁵⁴ *Ibidem*.

⁵⁵⁵ *Ibidem*.

⁵⁵⁶ *Ibidem*.

⁵⁵⁷ *Ibidem*. De acordo com a versão apresentada, pelos operários e, publicadas no *Jornal do Brasil*, indefesas operárias foram presas. As operárias eram “*Carmen Lopes; Josepha de Andrade; Rita Santos; Maria Garcia; Maria Antonia; Calixta Rosa; Carlota Garcia e outras, cujos nomes a comissão não se recordara de pronto.*” (*Ibidem*.)

⁵⁵⁸ *Jornal do Brasil*. 24 de março de 1909, p.4. O *Jornal do Brasil* publicou a circular, assinada por Manuel Domingues, afirmando que “[...] o ‘comité’ da Federação Operária do Rio de Janeiro, de accordo com a comissão do Syndicato dos Trabalhadores em Fabricas de Tecidos resolveu dirigir a todos os camaradas um appello para que auxiliem, que moral, quer pecuniariamente, os companheiros que se acham em greve.” E justificaram esse auxílio afirmando que “*assim é preciso, para que a fome [...] não venha eliminar todo o entusiasmo de que se acham possuidos nesta campanha tão racional, tão justa, e, sobretudo, tão necessaria.*” (*Ibidem*.)

⁵⁵⁹ *Jornal do Brasil*. 24 de março de 1909, p.4.

⁵⁶⁰ *Ibidem*.

mais uma vez o protesto contra as violências de que eram vítimas.”⁵⁶¹ Nas ações da Comissão, identificamos a revolta dos membros do Sindicato com a postura da polícia, levando-os a recorrerem às autoridades competentes com a finalidade de defenderem os associados e garantir o direito de associação.

Dentre os muitos policiais que cumpriram a tarefa de manter a ordem pública, o guarda civil Juvenal continuou a ocupar as páginas dos jornais devido ao seu fim trágico. Como foi denunciado pela Comissão do STFT, Juvenal comandou a ação policial contra os grevistas reunidos na sucursal do Sindicato. Juvenal dava bofetadas no rosto dos operários que encontrasse nas ruas, sendo “considerado como um homem de instintos violentos, existindo muitas queixas contra o seu modo de proceder, entre os moradores do bairro de Vila Isabel.”⁵⁶² Determinados operários revidaram as constantes agressões cometidas pelo guarda civil. De acordo com o *Correio da Manhã*:

os operarios pensaram então que era chegado o momento propicio para uma revanche. Fartos de sofrer as perseguições da policia, tendo sido ainda hontem mesmo, á tarde, provocados e agredidos a bofetadas e pontapés por um sargento de policia e um guarda civil á paisana, de nome Juvenal Cardoso da Silva, cuja má vontade para com elles era manifesta, resolveram, como um recurso de supremo desespero, liquidar os seus inimigos.

Era uma solução terrivel.

Diversos operarios, reunidos em grupo, procuraram, insistentemente, durante todo o resto da tarde, o sargento de policia e o guarda civil Juvenal.

Já ao cair da noite, cerca de 8 horas, foram encontrar, numa casa de pasto, reunidos em uma mesma mesa, o comissário Cicero de tal, o identificador Monção e o tenente Barros Teixeira, da Força Policial.

Não estava o sargento, mas estava Juvenal e elles julgaram propicio o momento de tirar uma desforra contra o seu provocador e aggressor de poucas horas antes.

Uma voz chamou-o: - Juvenal!

E Juvenal levantou-se. Não teve tempo de articular uma palavra. Um revólver disparou uma, duas, doze vezes seguidas. Juvenal caiu para trás, mortalmente ferido. Ninguém pôde reconhecer os aggressores. A confusão estabelecida facilitou-lhes a fuga.

Uma das balas foi attingir um pobre, velho, tambem operario da Confiança, que mais tarde averiguou-se ser o contra-mestre Severino da Cunha, que, despreoccupadamente, tomava a sua refeição.⁵⁶³

A casa de pasto localizava na Boulevard Vinte e Oito de Setembro número 325.⁵⁶⁴ Como se sabe, as casas de pasto eram restaurantes baratos onde os trabalhadores se reuniam para comer e para beber, socializar e conversar sobre a vida e o trabalho após a labuta diária.⁵⁶⁵ Muitos operários da Confiança faziam suas refeições na casa de pasto porque recebiam cartas de fiança da fábrica. Com a greve, as cartas de fiança para as refeições e as correspondentes as moradias foram retiradas. Embora outro contramestre também tivesse sido atingido, o alvo principal dos operários era o guarda civil Juvenal por conta do seu histórico de abusos.⁵⁶⁶ Desse modo, o *Correio da Manhã* afirmou que “esse desfecho horrível era,

⁵⁶¹ Ibidem.

⁵⁶² *Correio da Manhã*. 03 de abril de 1909, p.2.

⁵⁶³ Ibidem. O contramestre Severino Cunha não morreu com a agressão sofrida.

⁵⁶⁴ Ibidem.

⁵⁶⁵ POPINIGIS, Fabiane. **Proletários de Casaca. Trabalhadores do Comércio Carioca (1850-1911)**. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2007. p.43.

⁵⁶⁶ *Gazeta de Notícias*. 03 de abril de 1909, p.2. De acordo com o periódico, Juvenal era um homem benquisto na sua corporação. A agressão que culminou na morte de Juvenal não foi a primeira sofrida por ele. Segundo a *Gazeta de Notícias*, Juvenal sofreu uma agressão, no dia primeiro de dezembro de 1903, quando era “*official de diligencias da 15ª circumscrição policial*”. A agressão foi “*quando passava em frente à estação da Companhia Carris Urbano, á rua General Pedra*”, sendo “*ferido na cabeça por um grupo de empregados*

*mais dia, menos dia, esperado. As provocações contínuas da polícia do 16º distrito não podiam ter outro resultado, sinão aquelle.*⁵⁶⁷

A *Gazeta de Notícias* afirmou que os acusados de envolvimento nas agressões eram, “os ex-operários da fabrica, Manuel Candido, vulgo ‘Bahiano’, Manuel de Castro, Francisco José de Sant’ Anna vulgo ‘Alamiro’ e Francisco Rizo.”⁵⁶⁸ As testemunhas e as vítimas apontaram Bahiano e Alamiro como os “mais salientes [...] que tomaram a frente dos atacantes e atiravam com dous revólveres a um só tempo.”⁵⁶⁹ O *Jornal do Brasil* publicou a busca dos policiais pelo ex-operário de apelido “bahiano” e evidencia que o desejo de prender o autor do crime era tão grande que fazia com que prendessem inocentes.⁵⁷⁰

No início do mês de abril, a sede do STFT foi fechada por ordem do delegado do 16º distrito, Eulálio Monteiro. O delegado considerava “que as reuniões eram sediciosas e perturbadoras da ordem pública.”⁵⁷¹ A polícia continuava a agredir e prender homens e mulheres da Confiança que fossem considerados envolvidos na greve. Caio Monteiro de Barros era o advogado dos operários presos e ele trabalhava para conseguir o habeas corpus para os detidos. A *Voz do Trabalhador* afirmou que os operários soltos retornavam para a prisão porque, mesmo não tendo pretexto, os policiais os encarceravam. O advogado trabalhou pela manutenção da sede do sindicato, mas não conseguiu obter seu funcionamento.⁵⁷² No mês de maio, quando a greve já tinha terminado, os redatores de *A Voz do Trabalhador*, denunciavam a perseguição do delegado Eulálio a um operário acusado de fazer subscrição para ajudar as famílias dos operários grevistas. Estes grevistas haviam sido afastados das suas atividades na fábrica por conta das perseguições policiais. O delegado considerava que se as famílias fossem ajudadas os operários fugidos não se entregariam a polícia.⁵⁷³

Segundo o Relatório, a greve da Confiança foi prejudicada pela ação dos que furavam a greve. O STFT não conseguiu manter suas atividades e fechou no ano de 1909.⁵⁷⁴ O referido ano foi marcado por “[...] uma instabilidade econômica internacional que afetava

da cocheira dessa companhia.” Com a queixa feita por Juvenal ao delegado da 9ª circunscrição policial, foi aberto um inquérito. *Gazeta de Notícias*. 02 de dezembro de 1903, p.2.

⁵⁶⁷ *Correio da Manhã*. 04 de abril de 1909, p.4.

⁵⁶⁸ *Gazeta de Notícias*. 03 de abril de 1909, p.2.

⁵⁶⁹ *Ibidem*.

⁵⁷⁰ *Jornal do Brasil*. 13 de abril de 1909, p.6. No ano de 1910, Alamiro foi julgado e absolvido do crime de homicídio e ferimentos leves. (*O Paiz*. 27 de outubro de 1910, p.5.) Acreditamos que Manoel de Castro que foi acusado de matar Juvenal é Manoel Ignácio de Castro que foi presidente da UOFT, em 1918, tendo Albino como o seu vice. Castro, em janeiro de 1911, foi julgado e absolvido, não sendo comprovado seu envolvimento na morte de Juvenal e nas agressões a Severino. Em março de 1921, ele foi submetido a um segundo júri. A decisão por um novo júri foi decretada após a sua absolvição em 1911, porém o julgamento se realizou somente em 1921. Castro, por conta do julgamento, foi preso em dezembro de 1920, e Caio Monteiro de Barros foi o seu advogado. O réu foi absolvido. Os outros acusados da morte de Juvenal e da agressão a Severino eram foragidos e por isso não foram julgados. *O Imparcial*. 22 de março de 1921, p.9.

⁵⁷¹ *Correio da Manhã*. 03 de abril de 1909, p.2. O *Correio da Manhã* criticou a ação do delegado Eulálio Monteiro e dos seus comissários, Rubem de Carvalho e Cícero de tal, de fecharem da sede do sindicato dos têxteis. Afirmaram que os operários estavam em greve pacífica e que os comissários do delegado eram “crápulas”. Com o fechamento do Sindicato atentaram contra os direitos dos operários de se associarem.

⁵⁷² *A Voz do Trabalhador*. 17 de abril de 1909, p.2.

⁵⁷³ *A Voz do Trabalhador*. 17 de maio de 1909, p.1.

⁵⁷⁴ Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos apresentado ao Segundo Congresso Operário. In: *A Voz do Trabalhador*. 5 de agosto de 1914, p.3.

principalmente os países periféricos e que, no caso brasileiro, entre outros sintomas, podia ser verificado no crescente índice de desemprego na capital da República e na desorganização da massa trabalhadora.”⁵⁷⁵ Como mostramos, o STFT atuou no ano de 1911 e, no ano de 1913, os militantes empreenderam um trabalho em prol da reativação e fortalecimento do Sindicato e Albino foi um dos incentivadores por meio dos seus artigos e da prática sindical.

Consideramos que o posto por ele ocupado de representante do Sindicato intensificou a responsabilidade que Albino lhe atribuía de agremiar os operários para lutarem por direitos. Para cumprir essa tarefa, colocava os seus artigos a serviço de propagar que o Sindicato era o instrumento de luta, no qual os têxteis precisavam confiar e ao qual deveriam se associar. De acordo com Albino:

[...] os operários, e que teem a fazer não é aplaudir os burguezes pela sua hipócrita filantropia, e **sim unirem-se aos seus sindicatos para conquistarem gradualmente, cada vez menos horas de trabalho e salários mais altos, com que se possam alimentar melhor; pois que parece incrível que no século das luzes hajam operários ainda que não estejam associados aos seus sindicatos, onde poderiam adquirir a consciencia dos seus direitos.**⁵⁷⁶(grifo meu)

Os oradores da FORJ e da COB abordaram a crise no trabalho e a carestia de vida em comícios que organizaram em vários locais da cidade do Rio de Janeiro no ano de 1913⁵⁷⁷, quando a produção das fábricas de tecidos e da construção civil estavam muito limitadas. As fábricas de tecidos chegavam a trabalhar somente quinze dias no mês e mesmo assim estavam com os estoques cheios.⁵⁷⁸ Dentre as reivindicações, em prol de “*levar o pão e a alegria aos lares dos famintos*”⁵⁷⁹ estavam “*a abolição das tarifas alfandegarias, a abolição dos impostos interestaduais, redução de 40 por cento sobre os impostos municipais, 30 por cento de redução sobre os atuais alugueis das cazas, conquistar o horario de 8 horas de trabalho para todas as classes operarias, aumento de salarios e outras melhoras de alto alcance social.*”⁵⁸⁰ Ao invés de demitir os operários têxteis, como vinha acontecendo, defendiam que as horas de trabalho fossem diminuídas e os salários não fossem reduzidos. Assim não precisariam demitir e poderiam contratar mais operários que estavam desocupados.⁵⁸¹ Os membros do Sindicato ao defenderem a abolição dos impostos buscavam que estas medidas políticas favorecessem a circulação da produção das fábricas de tecidos.

Albino, no seu artigo, assim como outras matérias divulgadas em *A Voz do Trabalhador* e nos jornais da grande imprensa, denunciava a penúria em que os têxteis viviam. Albino abordou, nos seus artigos, as fábricas têxteis cariocas de um modo geral, mencionando especificamente somente a Carioca e a Aliança.⁵⁸² A Carioca localizava-se na Rua Castorina, na Gávea⁵⁸³ e a Aliança nas Laranjeiras. As condições dos operários da Carioca, que tiveram seus salários diminuídos no período de crise econômica, fez com que ele

⁵⁷⁵ SAMIS, A., 2006, Op. Cit., p. 198.

⁵⁷⁶ *A Voz do Trabalhador*. 01 de novembro de 1913, p. 3-4.

⁵⁷⁷ *A Voz do Trabalhador*. 15 de março de 1913, p. 1- 2.

⁵⁷⁸ *A Voz do Trabalhador*. 1 de novembro de 1913, p.1.

⁵⁷⁹ *A Voz do Trabalhador*. 15 de março de 1913, p.2.

⁵⁸⁰ *Ibidem*

⁵⁸¹ *A Voz do Trabalhador*. 1 de novembro de 1913, p.1.

⁵⁸² Sobre os artigos sobre a Carioca, ver: *A Voz do Trabalhador*. 16de abril de 1913, p.2. *A Voz do Trabalhador*. 1de maio de 1913, p.3. O subtítulo dos artigos era “Na Carioca”. Sobre o artigo com o subtítulo “Na Aliança (Laranjeiras)”, ver: *A Voz do Trabalhador*. 1de junho de 1913, p.1.

⁵⁸³ *A Noite*. 25 de setembro de 1913, p.1.

dedicasse dois artigos para mobilizar os operários daquela unidade.⁵⁸⁴ Avaliando o histórico de luta dos operários da Carioca, o momento que eles viviam em termo de organização sindical e de condições de vida e de trabalho no ano de 1913, Albino afirmou:

Os operários da Fabrica Carioca não podem continuar de fôrma nenhuma nas condições atuais. Depois de fazerem movimentos grandiosos que se prolongaram, alguns deles, por 15 dias e mais, não podemos acreditar que se submetam tão mansamente á exploração dezenfreada que exerceram sobre eles os patrões. **Já sabemos que agora não podem reclamar porque estão desorganizados, mas organizem-se e depois reclamem.**

É uma vergonha, operários que estavam sempre prontos para reclamar contra alguma irregularidade que os patrões ou mestres cometiam; operários que reclamavam sempre que os patrões tentavam rebaixar os ordenados, não podem ficar agora de **braços cruzados diante dessa torpeza imensa dos seus exploradores que não estando satisfeitos com as condições atuais da vida, que não permite aos trabalhadores alimentar o estomago o necessário para produzir, rezolveram rebaixar os ordenados a quazi todos os diaristas, naturalmente para os matar de uma vez, ou para ver si eles assim se ofendem e rezolvem associar-se para, por meio da união, rezistir ás violências dos capitalistas.**⁵⁸⁵
(grifos meus)

A FORJ e o STFT organizavam os comícios para mobilizar os operários do bairro da Gávea que estavam “*a braços com a mais desoladora miséria.*”⁵⁸⁶ Além da fome, as doenças como a varíola e a tuberculose assolavam os operários da Gávea.⁵⁸⁷ O Sindicato divulgava as propagandas que realizavam em Vila Isabel, Deodoro, Laranjeiras e na Fábrica de Chitas.⁵⁸⁸

O comício que a FORJ organizou para o dia cinco de novembro de 1913, na Ponte das Taboas, na Gávea, foi combatido pela polícia. A Ponte das Taboas localizava-se nas proximidades da Vila Orsina da Fonseca que estava para ser inaugurada e, de acordo com os redatores de *A Epoca*, em uma nítida crítica ao governo do Marechal Hermes da Fonseca, o comício atrairia operários da Carioca, Corcovado e São Félix que, insuflados no comício, poderiam vir a atrapalhar a inauguração da Vila. Esta inauguração, estratégica, confirmaria ser o Marechal Hermes o mais socialista dos presidentes, o pai dos operários.⁵⁸⁹

O chefe da polícia, Edwiges de Queiroz, atendeu ao pedido do tenente Palmyro Serra Pulcherio para impedir o comício, marcado para as cinco horas da tarde. No horário marcado para o início do comício, “*um contingente da cavallaria, guardas civis, commissarios, secretas e o dr. Catta Preta, delegado da zona*”⁵⁹⁰ já estavam na Ponte para impedir sua realização.⁵⁹¹ *A Epoca* publicou a entrevista feita com o delegado Catta Preta expondo a

⁵⁸⁴ Os redatores de *A Epoca* publicaram informações sobre a Carioca, fábrica que tinha como especialidade a produção de fazendas de algodão, abrigando mil e quatrocentos operários entre homens, mulheres e crianças. Muitos dos operários moravam em casas da própria fábrica ou em casa higiênicas. Os operários ganhavam uma diária de 4\$ mas, como não estavam trabalhando todos os dias, por conta dos stocks da fábrica, esses operários não conseguiam 18\$ ao fim da semana. O aluguel de uma casa da fábrica custava em média 55\$ por mês e das casas higiênicas entre 85\$ e 130\$ mensais. Os operários da Carioca, assim como os da Corcovado, já não tinham mais crédito no comércio. *A Epoca*. 06 de novembro de 1913, p.1.

⁵⁸⁵ *A Voz do Trabalhador*. 1de maio de 1913, p.3.

⁵⁸⁶ *A Epoca*. 15 de novembro de 1913, p.3.

⁵⁸⁷ *A Epoca*. 06 de novembro de 1913, p.1.

⁵⁸⁸ *A Voz do Trabalhador*. 1de novembro de 1913, p.4.

⁵⁸⁹ *A Epoca*. 6 de novembro de 1913, p.1.

⁵⁹⁰ *Ibidem*.

⁵⁹¹ *Ibidem*. Palmyro Serra Pulcherio (1876-1914) era tenente do Exército e foi escolhido pelo presidente Marechal Hermes, “*no início dos anos 1910 para dirigir a construção das vilas proletárias de Marechal Hermes e Orsina da Fonseca.*” Ele solidarizou-se “*com os operários das vilas quando entraram em greve por falta de pagamento, no final de 1913.*” *A Epoca* atribuiu o atraso do pagamento “*a uma ação do Ministro*

discordância dos redatores do jornal com a ação policial a mando do governo. O jornal reproduziu o diálogo entre o redator e Catta Preta e afirmou:

- **E' verdade que o dr. chefe de policia mandou proibir o "meeting"?**
- **Sim, senhor. Tenho ordens terminantes para proibil-o.**
- **Mas é isso uma ilegalidade, um verdadeiro attentado a um direito consagrado.**
- Mas são ordens e eu tenho que cumpril-as á risca, sem discutir.
- E si os operarios não attenderem?
- Eu começarei por pedir-lhes que se dissolvam.
- **E si, apesar de tudo, elles quizerem realizar o "meeting"?**
- **Eu usarei da força.**
- **Pata de cavalo, espada, etc.?**
- **Exactamente.**
- **Mas, nesse caso, quem promoverá a desordem será a propria policia!**
- **E' verdade, mas eu estou cumprindo ordens.**
- **Mas, si o senhor reconhece que a ordem é ilegal, manda um aphorismo juridico que não se cumpram as ordens ilegais.**
- Mas eu não discuto as ordens que recebo.⁵⁹² (*grifos meus*)

A FORJ enviou uma comissão até a redação de *A Epoca* para "*protestar contra o despotico procedimento da policia proibindo o 'meeting' [...]*".⁵⁹³ Os membros da FORJ conseguiram, no dia oito de dezembro, realizar um comício na Ponte das Taboas, discursando Cecílio Vilar, Constantino Machado e Caralâmpio Trillas que pregaram a adesão ao sindicato de resistência.⁵⁹⁴ Os membros do STFT auxiliados pelo comitê da FORJ organizaram seu primeiro comício no dia vinte e um de dezembro de 1913, na praça Sete de Março, em Vila Isabel.⁵⁹⁵ O comício foi realizado para mais de mil operários sendo a maior parte de tecelões. Os membros do Sindicato abriram os discursos e seguiram os demais militantes. *A Epoca* não citou os nomes dos oradores, mas acreditamos que Albino participou visto que era um membro do Sindicato e através dos seus artigos conclamava os têxteis ao associativismo.⁵⁹⁶ Com o associativismo os operários saberiam se impor e tirariam "*do trabalho o preciso para attender as suas necessidades e ás de sua próle.*"⁵⁹⁷ Os oradores afirmaram que as justificativas dadas pelo patronato para a crise não conferiam, visto que enquanto os operários estavam na miséria e "*vestindo ordinarios tecidos,*"⁵⁹⁸ os patrões tinham condições de promover banquetes, festas e mantinham os tecidos armazenados.⁵⁹⁹

O discurso feito pelos oradores era semelhante aos dos artigos de Albino e das matérias publicadas, no decorrer de 1913, nas páginas de *A Voz do Trabalhador*. Zenon de Almeida expressou a orientação dos líderes do movimento operário, ao questionar as publicações dos jornais da grande imprensa que afirmavam que a crise era no mundo todo e por isso as manifestações dos operários em nada adiantariam. Segundo Almeida, "[...] nós também não queremos saber se esta agitação é ou não justa e de acôrdo ou em dezacôrdo com as necessidades burguesas, simplesmente nos importa saber que as nossas condições de

da Fazenda Rivadávia Correia contra Pulcherio, por conta da luta interna entre os setores hermistas."
BATALHA, C., 2009, Op. Cit, p. 132.

⁵⁹² *A Epoca*. 6 de novembro de 1913, p.1.

⁵⁹³ *Ibidem*.

⁵⁹⁴ *A Voz do Trabalhador*. 15 de dezembro de 1913, p.2. *A Epoca* cita a participação no comício de José Martins. (*A Epoca*. 09 de dezembro de 1913, p.4.) Cecílio Vilar era o pseudônimo de Henrique (Augusto) Martins (1888-1918). Ele foi tipógrafo e anarquista. BATALHA, C., 2009, Op. Cit, p. 99.

⁵⁹⁵ *Jornal do Brasil*. 22 de dezembro de 1913, p.7.

⁵⁹⁶ *Ibidem*.

⁵⁹⁷ *Ibidem*.

⁵⁹⁸ *Ibidem*.

⁵⁹⁹ *Ibidem*.

operários são péssimas. E francamente isso nos basta.”⁶⁰⁰A luta por conquistas morais e materiais impulsionou a ações da FORJ, do STFT e de Albino ano de 1913 junto aos operários.

Com as análises da greve na Cruzeiro em 1908, na Confiança em 1909 e do incentivo à organização dos operários das fábricas têxteis no ano de 1913, identificamos que, mesmo mediante às dificuldades próprias da organização e da repressão sofrida, a COB, FORJ e o STFT empreenderam ações em prol da categoria.

Destacamos que as greves começaram por ação dos operários, da Cruzeiro e da Confiança, descontentes com as práticas que eram submetidos dentro dessas unidades. As ações delinear-se mediante a vontade dos operários em obter novas relações de trabalho e com as discussões dentro do sindicato. Porém, ao tomarem suas decisões tinham que considerar a recusa em negociar por parte do patronato e o apoio policial que este recebia.

A atuação dos membros do STFT foi marcada pela a formação de comissões dentro da sede e nas sucursais. Os membros da comissão buscavam defender e articular as questões dos têxteis em prol de alcançarem a mudança na relação de trabalho, combater as consequências da crise econômica, defender os que sofriam as agressões policiais e propagandear a necessidade da luta e a importância do associativismo. Os membros da comissão sindical eram os porta-vozes dos demais operários junto aos redatores dos jornais, aos patrões e às autoridades policiais. Frequentar as reuniões promovidas pelo Sindicato era uma forma de aperfeiçoarem seus discursos em termos ideológicos, defendendo direitos morais, profissionais e materiais e, para os mais envolvidos com o anarquismo, defender o preceito de revolução social.

Os militantes, como vimos, adotavam estratégias para conseguirem agremiar os operários e superar as perseguições patronais, policiais e os posicionamentos desfavoráveis a eles que por determinadas vezes ocuparam as páginas dos periódicos da grande imprensa. Para conquistar a solidariedade dos operários e pressionar os patrões, investiam em angariar o apoio de alguns órgãos de imprensa e nos discursos, publicados ou divulgados nos meetings e reuniões, rebatiam as versões da polícia e dos patrões divulgadas para os operários da fábrica e para os redatores dos grandes jornais.

O contato com as ideologias e as práticas geradas pelo associativismo, como a formação de comissões, a promoção de comícios, o apoio aos grevistas e seus familiares e o questionamento das ações patronais e policiais fizeram parte da experiência cotidiana dos operários e militantes. Outra experiência importante a ser ressaltada é a adoção da violência pelos grevistas da fábrica Cruzeiro que, segundo os militantes, teria mostrado aos patrões o que os operários poderiam fazer caso suas reivindicações não fossem aceitas e o grupo de operários da Confiança que perseguiu e matou o guarda Juvenal para revidar as constantes humilhações que o policial lhes submetia.

Defendemos que essas experiências vivenciadas pelos operários, operárias e lideranças sindicais contribuíram para o desenvolvimento do movimento operário têxtil carioca, na

⁶⁰⁰ *A Voz do Trabalhador*. 15 de novembro de 1913, p.2. Zenon de Almeida era anarquista e participou do Segundo Congresso Operário de 1913 como representante do Sindicato dos Sapateiros de Maceió. (BATALHA, C., 2009, Op. Cit, p. 24.) Almeida comentou os trechos criticando a agitação dos operários sob a orientação da FORJ e dos seus sindicatos presentes no *Jornal do Comércio*, *O Imparcial*, *O Paiz* e *A Imprensa* (*A Voz do Trabalhador*. 15 de novembro de 1913, p.2.) *O Paiz* publicou um artigo com críticas ao comício que seria realizado no dia vinte e um de dezembro, na praça Sete de Março, sob comando do STFT. Segundo a nota, a finalidade do comício era obrigar os industriais a dar mais dias de trabalho no mês aos operários. O jornal apresentou a seguinte indagação: “*Se ninguém os pôde obrigar a trabalhar, o que seria um atentado á lei e ao bom senso, como é que pretendem que os patrões sejam obrigados a lhes dar o trabalho, que não querem ou de que não precisam?*” E, por meio de uma crítica direta, classificam os dirigentes do sindicato de “*orientadores de uma figa!*” e “*levais o tempo a enganar esse pobre operariado.*” *O Paiz*. 21 de dezembro de 1913, p.4.

década de 1910. O patronato, a polícia e o Estado igualmente tiveram as experiências provenientes da organização do operariado têxtil no sindicato e nas greves. No capítulo três, analisaremos as greves e os conflitos dentro das fábricas têxteis, ocorridos no ano de 1918, nas cidades do Rio de Janeiro e de Petrópolis. Veremos que muitas das práticas identificadas nas ações dos operários têxteis e nas lideranças do STFT em 1908, 1909 e 1913 continuaram sendo adotadas. Assim como se repetiu determinadas práticas adotadas pelos patrões, polícia e Estado. Apesar de determinadas permanências, defendemos que para Albino e para outros operários, operárias e militantes, as experiências oriundas dos anos de funcionamento de STFT foram importantes para gerar um conhecimento da prática da ação direta, das dificuldades de manutenção do sindicato e do associativismo, do que não deveria ser repetido, da forma mais eficaz de construir e difundir o discurso, das respostas a se esperar do patronato, da imprensa, da polícia e do Estado e, sobretudo, como articular os conflitos com a outra parte de modo que os seus representados, os operários têxteis, alcançassem o que reivindicavam.

O STFT encerrou suas atividades em meados de 1914.⁶⁰¹ No ano de 1915, o jornal *A Voz do Trabalhador*, informou sobre os comícios organizados, nos bairros da cidade, pela FORJ. Albino aparece como integrante da comissão responsável por organizar o comício no bairro do Pedregulho.⁶⁰² A FORJ no ano de 1915, por meio dos comícios, buscava agitar as ações operárias nos bairros de Vila Izabel, Catumbi, Pilares, Pedregulho, São Cristóvão e Inhaúma.⁶⁰³ Os anarquistas, socialistas e sindicalistas revolucionários continuaram atuando em vários locais do Brasil entre 1914 e 1916 e sofrendo com as repressões do Estado.⁶⁰⁴

Em 1917 a FORJ foi fechada pela polícia por conta das ações grevistas,⁶⁰⁵ e a partir de abril de 1918 a UGT assumiu suas funções e a orientação ideológica. Dentre as associações e federações que a UGT agremiava estava a UOFT. Esta associação foi fundada em 1917 e novamente os militantes se viam na tarefa de agitar o associativismo entre os têxteis, como fica evidenciado nesta nota, publicada em *A Epoca* e endereçada aos trabalhadores têxteis. A nota afirmava:

Companheiros!

Parece, enfim, que, depois de tantas e repetidas tentativas e insucessos em nosso meio, a classe inteira, num rasgo de franca solidariedade, se mobiliza como um batalhão, que se prepara para o combate, em torno do nosso movimento associativo. Estamos mesmo autorizados a dizer que desta vez a nossa classe aneia e espera com sofredão a fundação deste novo baluarte, para que, em breve, elle possa garantir e melhorar as nossas precarias condições. [...]

A todos os companheiros, sem distincção de classe, raça ou nacionalidade, pedimos o comparecimento hoje [...], para tratármos da nossa organização.

Não se façam de rogados. A entrada é franca...

Viva o operariado da industria têxtil!

Viva a solidariedade operaria!!!⁶⁰⁶ (*grifo meu*)

⁶⁰¹ BATALHA, C., 2009, Op. Cit., p. 242.

⁶⁰² *A Voz do Trabalhador*. 1 de janeiro de 1915, p.1.

⁶⁰³ *Ibidem*.

⁶⁰⁴ Addor relatou várias ações feitas pelos anarquistas entre 1914 e 1916, em cidades como o Rio de Janeiro, Belém do Pará, Pelotas no Rio Grande do Sul e nos Estados de São Paulo e Minas Gerais. ADDOR, C., 2012, Op. Cit., p. 168-171.

⁶⁰⁵ BATALHA, C., 2009, Op. Cit., p. 223-224. De acordo com o autor, a Forj “[...] assumiu os encargos da Federação Operária Regional Brasileira, desaparecida após a realização do 1º Congresso Operário Brasileiro, em abril de 1906 e organizada com base nas decisões daquele congresso [...] A Federação Operária Regional Brasileira foi formada no ano de 1905 e originou-se da Federação das Associações de Classe, fundada um mês após o fim da greve que envolveu várias categorias profissionais em agosto do ano de 1903. Goldmacher. M. 2009, Op. Cit., p.52.

⁶⁰⁶ *A Epoca*. 1 de janeiro de 1917, p.9.

Com a UOFT, Albino retornou ao posto de liderança, tendo sido eleito vice-presidente desta associação em dezembro de 1917. Exerceu o cargo, no ano de 1918 e por conta das atribuições que o seu posto lhe exigia, a sua militância atingiu várias localidades do Rio de Janeiro e, de modo mais específico, a cidade de Petrópolis. Consideramos que entre 1918 e 1931 Albino atuou na UOFT de Petrópolis que começou como sucursal da UOFT da cidade do Rio de Janeiro e depois se tornou independente.

1.2. A vida de Albino Moreira Dias

O presente item tem por objetivo analisar a conexão das esferas pública e privada na vida de Albino. Hannah Arendt afirmou que os assuntos que eram somente da esfera privada na Antiguidade e em parte de Idade Média, “*transformam-se em preocupação coletiva*” na Idade Moderna e na Idade Contemporânea. Para Arendt, “*no mundo moderno, os dois domínios constantemente recobrem-se um ao outro, como ondas no perene fluir do processo da vida.*”⁶⁰⁷ A autora ressalta a relação entre a esfera privada e pública visto que a política passou a gerir os assuntos da vida privada e as necessidades dos homens próprias da sua vida privada passaram a interferir na organização política. Assim, a autora não desconsiderou a possibilidade de pensar na esfera pública e na esfera privada, mas ressaltou que na contemporaneidade uma interfere na outra.⁶⁰⁸

Os acontecimentos a serem analisados foram revelados durante as entrevistas feitas com as senhoras Nilza Dias e Maria Luíza Dias, filha e neta de Albino respectivamente. Nilza é a única filha viva de Albino e a memória herdada de acontecimentos como, a vida difícil pela qual a sua família passava, durante os anos vividos em Petrópolis, os esforços realizados pelo pai Albino e a mãe Belmira Dias para sustentar os filhos, o incêndio que destruiu todos os pertences da família, as prisões de Albino e o desgosto do irmão mais velho Sílvio Dias em falar da vida na cidade de Petrópolis, podem ser considerados acontecimentos “marcos” para a senhora Nilza e por extensão serem considerados acontecimentos “marcos” para Belmira. A afirmação baseia-se na consideração de que a memória desses acontecimentos só foi possível para Nilza devido a conversas que mantinha com a sua mãe.⁶⁰⁹ Diante da seletividade da memória, Belmira, quando conversava com a sua filha Nilza e a sua neta Maria Luíza, sobre os anos de casamento com Albino, selecionava esses acontecimentos.⁶¹⁰

A vida familiar é fundamental para a formação de um indivíduo. Consideramos que os pais de Albino, Manoel Joaquim Moreira Dias de Carvalho e Marcelina de Souza eram portugueses que emigraram para o Brasil. Albino foi casado duas vezes; primeiro com Maria Dolores Ojeda Marreiro e a segunda vez com Belmira. A informação acerca do ano e do motivo do término do primeiro casamento é desconhecida entre os familiares do militante. Porém é mais provável que, durante a militância na cidade do Rio de Janeiro, Albino ainda

⁶⁰⁷ ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11^o ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, pp.39-40.

⁶⁰⁸ Ibidem.

⁶⁰⁹ As memórias das senhoras Nilza Dias e Maria Luíza Dias são formadas por acontecimentos vividos por tabela, segundo a classificação de Pollak. O autor afirma que a memória de um acontecimento pode ser construída pela pessoa, porque esteve presente no acontecimento. Outra forma de obter determinada memória ocorre por tabela, por meio do contato que a pessoa teve com envolvidos na situação. A identificação com a história ocorre porque o acontecimento é inerente ao grupo social, à coletividade, do indivíduo que entrou em contato com a história. POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, RJ: FGV, v.5, n^o.10, 1992. p.201-202.

⁶¹⁰ Ibidem, p.203. Sobre a memória marco, o autor Pollak afirmou que em entrevistas de história de vida podemos identificar “*algo de invariante,*” referindo-se aos acontecimentos que o entrevistado menciona várias vezes durante a entrevista. Ibidem.p.201.

fosse casado com Maria Dolores. Albino teve uma irmã, chamada Margarida.⁶¹¹ Desse modo, associamos com a autora Sabina Loriga ao afirmar que “*o ser humano está impregnado de história: nasce no seio de uma família, de um povo, de uma linguagem, de um Estado, de uma religião, e assim por diante.*”⁶¹² Mas este indivíduo não agirá somente influenciado por esses aprendizados, ele conhece a liberdade, ou seja, estabelece novas relações, comunga de novas ideias e com a mudança de país insere-se em nova cultura. Este processo favorece as mudanças nas formas de pensar e agir do indivíduo.⁶¹³

Albino começou a militar em Petrópolis no início de 1918. Acreditamos que no ano de 1919 ele estabeleceu residência na cidade serrana de onde saiu somente em 1931. Questionamos Nilza a respeito do motivo da transferência de seu pai para Petrópolis e ela respondeu:

Isso eu não sei nada. Não sei, porque ele foi pra Petrópolis, quando ele foi para Petrópolis, trabalhava lá, ele trabalhava num, ele era tecelão, **ele trabalhava e a minha mãe, que era solteira, também trabalhava, então se conheceram, entendeu?** Porque ele tinha quase o dobro da idade dela [...].⁶¹⁴ (*grifo meu*)

Belmira conheceu Albino durante um discurso que ele fazia para os operários de Petrópolis.⁶¹⁵ Acreditamos que a união de Albino e Belmira ocorreu em 1919. Eles ficaram casados até a morte de Albino em 1933. No decorrer dos anos de casamento, Belmira conviveu com a militância de Albino, na cidade de Petrópolis. Nilza rememorou sobre como a sua mãe retratava a vida que teve ao lado de Albino:

Ela retratava assim, **que foi de muito sofrimento porque ela não tinha sossego em casa, porque se ele tava na rua, ela tava pensando que acontecesse alguma coisa com ele, porque ele tinha aquela ideia fixa, sabe, de ficar no sindicato, falar, quando ele demorava ela ficava nervosa, porque tinha medo que acontecesse alguma coisa com ele, né?** Porque aquele tempo política não é como hoje, né? Que hoje todo mundo fala o que quer, **naquele tempo comunista não tinha vez, então ela dizia a ele, pra tirar essas coisas da cabeça, mas ele dizia que era injusto, que era injusto, que era injusto,** que ele tinha que, o operário tinha que ter oito horas de trabalho só, tinha que ter hora de almoço, e tinha que ter regalias que não tinha, né? [...] **ele não tinha medo de nada, sabe? Não tinha medo de nada.**⁶¹⁶ (*grifos meus*)

A narração feita por Nilza revela a interpretação de sua mãe Belmira. Consideramos que esta interpretação é muito significativa por ter sido construída a partir das vivências dentro do âmbito privado entre Albino e Belmira. Nilza, com a repetição da palavra injusto, expressou as práticas de militância de Albino como sendo uma ideia fixa. Ele, por não se conformar com essas injustiças, mantinha-se na luta operária desde 1906, dedicando muito tempo de sua vida para a esfera pública. Ele atuava no sindicato, deslocava-se para as fábricas

⁶¹¹ Entrevista Nilza Dias concedida a Leila Cristina Pinto Pires em 17 de novembro de 2012.

⁶¹² LORIGA, Sabina. **O pequeno X da biografia à História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.83.

⁶¹³ Loriga recorreu ao pensamento de Johan Gustave Droysen que afirmou, “[...] *O indivíduo não está sempre ligado à espécie- mas é livre, não é simplesmente determinado e modelado de uma vez por todas, mas determina ele próprio e continua a formar; retroage, pela força de sua livre personalidade, sobre a universalidade, tendo sobre esta um poder que pode se elevar a ponto de a controlar e transformar plenamente.*” LORIGA, S., 2011, Op.Cit., pp.83-84.

⁶¹⁴ Entrevista Nilza Dias concedida a Leila Cristina Pinto Pires em 17 de novembro de 2012.

⁶¹⁵ Ibidem.

⁶¹⁶ Ibidem.

objetivando articular às questões com os dirigentes dos estabelecimentos e com os operários e deslocava-se de Petrópolis para outros locais para participar de comícios.

Soma-se à afirmação de Nilza, a narração do jornalista Antônio Santos Junior, que era contemporâneo de Albino e relatou a sua opinião, em julho de 1918, na coluna que possuía no jornal *Tribuna de Petrópolis*. A opinião foi formada após assistir o discurso de Albino na sucursal da UOFT de Petrópolis. De acordo com Santos Junior:

Hontem, mais por acaso que por curiosidade, fui ver, ali, na União dos Trabalhadores, uma sessão de grevistas. **A sala estava cheia de operarias**, algumas com o brilho duma mocidade que o trabalho há de destruir cedo, outras precocemente envelhecidas nas lides da fabrica. **Albino Dias, um revoltado e um profundo conhecedor da questão social, dirigia a sessão.**

Ha neste homem, que fala devagar e sem gestos largos nem largos entusiasmos, qualquer coisa de inexplicavelmente captivante.

A sua voz é firme com firme são os seus principios. Não tem a phisionomia dum apostolo, mas no lume do olhar sente-se viver uma convicção profunda. Vê-se sobretudo que é sincero, porque é trabalhador, que é verdadeiro, porque é escravo.⁶¹⁷ (*grifos meus*)

O envolvimento de Albino na luta operária foi interpretado por Santos Junior e por Nilza baseado na memória herdada de sua mãe Belmira da mesma forma. Nilza expressou esse envolvimento como ideia fixa e, Santos Junior, de convicção profunda. Albino expressou no seu artigo, escrito em 1913, o porquê do seu envolvimento com a luta operária. O militante afirmou:

Quando um homem se impõe a si mesmo a tarefa de esquadrihar o que se passa dentro destes antros de miséria e exploração, não imagina nem de longe o quadro que por vezes se apresenta diante de seus olhos estupefactos. Assim acontece ao observador imparcial que se dá ao trabalho de ir á fábrica Aliança observar o que se passa. Ainda que esteja acostumado a vêr quadros desta natureza, ainda que como operario prezencie a miséria a que os patrões reduziram os trabalhadores, ha fatos de tal fôrma monstruosas que ultrapassam as raias do verosimil; e, si não tivesse verificado por mim mesmo a veracidade de tais fatos, não acreditaria nunca isso fosse verdade, tal é quadro negro que se me apresenta diante dos olhos e na sua qualidade de operario que penso, não me sentisse obrigado a profligar o procedimento infame dessa burguezia asqueroza que por aí anda, quebraria a pena e renunciaria a essa tarefa, não pensando mais em semelhante couza. Mas não. Não no-lo permite a nossa consciencia de homens livres [...].⁶¹⁸ (*grifos meus*)

Ele afirma que a sua consciência de homem livre o fazia se sentir obrigado a não desistir de conscientizar os homens da necessidade de não se subordinarem à exploração patronal.⁶¹⁹ O jornalista Santos Junior exaltou a postura de Albino e nos aproximou dele ao apresentar as suas características de falar devagar, sem gestos largos, cativando os presentes na sessão. Os princípios firmes, identificados por Santos Junior, no discurso de Albino, eram

⁶¹⁷ *Tribuna de Petrópolis*. 4 de julho de 1918, p. 2.

⁶¹⁸ *A Voz do Trabalhador*. 01 de junho de 1913, p. 1.

⁶¹⁹ Mendonça ao estudar a trajetória de Evaristo de Moraes afirmou que nas duas últimas décadas do século XIX, Evaristo “trilhou os caminhos pelos quais procurou introduzir-se nos espaços letrados da cidade do Rio, em que buscou ocupação com escritos seus debaixo do braço, quando tratou de conhecer pessoas influentes que o pudessem ajudar, fez discursos nas reuniões de militantes e literatos, publicou improperios contra a família real - esses anos imprimiram na vida de Evaristo uma confluência entre a dimensão pessoal e a dimensão política da vida. Nunca mais Evaristo separaria uma coisa da outra.” Evaristo assim como Albino tinha suas convicções pessoais e estas os impulsionaram para a vida pública, tornando-se ativos militantes políticos. MENDONÇA, J., 2007, Op. Cit., p. 53.

reconhecidos também pelos operários e operárias. Além de abordar a admiração que teve por Albino, Santos Júnior também abriu espaço, na sua coluna, para comentar sobre a sucursal da UOFT, que havia se estabelecido recentemente na cidade serrana e passava a ser um centro de intermediação para as questões dos têxteis petropolitanos.

A ideia fixa ou convicção profunda preocupava Belmira e as preocupações se acentuavam ainda mais em períodos de prisão de Albino. Como revela a memória de Nilza, a sua mãe agia em prol da liberdade do Albino.⁶²⁰ De acordo Nilza,

Eu sei que ela [Belmira] falava que ele até teve preso, por duas vezes prenderam ele, porque uma vez foram na casa da minha mãe lá em Petrópolis, a polícia e revirou tudo, a casa toda, e achou um livro lá, de comunista, entendeu, que ele lia, então prenderam porque era comunista. O livro era comunista, prenderam, mas a minha mãe conseguiu pedir a um e a outro, eles soltaram. Depois, outra vez, prenderam ele porque diz que ele, não tinham o porquê dizer, disseram que ele tinha rasgado a bandeira do Brasil, aí ele pegou e respondeu: Aonde estava essa bandeira do Brasil para eu rasgar? Porque hoje tem bandeira do Brasil em cada esquina, mas naquele tempo, bandeira do Brasil era uma coisa sagrada, não vivia assim à toa para qualquer um pegar, não é isso? Então eles fizeram caso daquilo, nesse meio tempo, não sei se era um tal de Plínio Salgado ou Plínio Salgado que era, foi esse lugar que minha mãe foi, falar com este homem, e dizia ela que ela tinha cinco filhos menores e que ela precisava, ele não podia ficar preso, porque, ela lá se lamentou e eles soltaram ele. Então ele veio para casa, daí para cá acabaram com a perseguição, agora não sei se isso foi aqui no Rio, mas eu acho que não, acho que isso foi em Petrópolis, sabe? Eu também assim nunca perguntei a ela se foi em Petrópolis que ele foi preso ou se foi aqui no Rio, sabe?⁶²¹ (*grifos meus*)

⁶²⁰ As pesquisas revelaram outro caso de familiares que agiam em prol de um militante preso. Em setembro de 1911, ações reivindicatórias dos operários da fábrica de tecidos de Deodoro geraram reações por parte dos proprietários e do delegado. Os proprietários optaram por fechar a fábrica e o delegado “*altas horas da noite, invadiu varias casas da Villa 22 de Julho, dellas arrancando, violentamente, os respectivos chefes.*” De acordo com o jornal *A Noite*, essa era mais uma atitude arbitrária cometida pelo delegado. Dentre os que foram presos estavam “*Benício Braga, Francisco Silva, Manuel Neves e Antonio José Pereira.*” Os presos ficaram incomunicáveis na repartição em que foram levados. É comum em casos de prisões de operários grevistas, outros operários requererem a liberdade dos seus companheiros. Nesse caso “*a mãe dos dois primeiros, Maria da Gloria da Silva, assim como as esposas dos dois ultimos, respectivamente Julia de Souza Neves e Maria Luiza Pereira, correram [...] afflictissimas ao palácio da policia, afim de solicitar do Dr. Belisario Tavora uma providencia em beneficio das quatro victimas do violento e perverso delegado auxiliar.*” A mãe e as esposas não conseguiram falar com o Dr. Belisario Tavora porque ele não se encontrava no local. As três senhoras falaram com o 2º delegado auxiliar e ficaram de voltar, no dia seguinte, “*á repartição central, afim de implorar ao chefe de policia a soltura daqueles homens.*” (*A Noite*. 13 de setembro de 1911, p.2.) Através da presença da polícia, à noite, nas casas dos acusados percebemos como a militância interferia na vida privada do militante e de seus familiares. Diante da vontade de proteger seus filhos e maridos e diante da má fama do delegado, as mulheres foram até a autoridade superior para implorarem ajuda. Entendemos que o ato de implorar não se restringe a um favor que as mulheres estariam recebendo do delegado Belisário Tavora. A atitude de se dirigirem para o palácio da polícia visando falar com o delegado é reveladora das interpretações que essas mulheres faziam do ocorrido e das arbitrariedades cometidas. Consideramos que elas se indignavam com o fato de terem suas casas invadidas e presenciarem seus filhos ou maridos serem retirados do convívio com a família. A ação das três mulheres citadas e também de Belmira Dias são reveladoras da atuação feminina, das interpretações que elas faziam da realidade vivida e do comportamento que adotavam por conviverem com militantes que propagavam os seus preceitos ideológicos.

⁶²¹ Entrevista Nilza Dias concedida a Leila Cristina Pinto Pires em 17 de novembro de 2012. A entrevistada não conseguiu ter certeza de que o nome era Plínio Salgado. Acreditamos que não se trata do integralista Plínio Salgado e sim de Plínio Casado, interventor político do Estado do Rio de Janeiro, no ano de 1930. Existe a possibilidade de ser Plínio Travassos, que foi delegado em Petrópolis, no ano de 1918. Travassos participou da articulação de questões operárias juntamente à Albino, no ano de 1918, quando era o vice-presidente da UOFT. Logo, Belmira pode ter feito o pedido a uma autoridade que conhecia a liderança de Albino junto aos têxteis petropolitanos.

Mediante a afirmação da entrevistada, percebemos a ação de Belmira interferindo na vida de militância do seu marido Albino, seja por meio de pedidos para que ele parasse de se envolver em atividades de contestação, seja por meio de sua atuação direta na liberdade do seu marido.⁶²² Assim, a sua participação foi além da esfera privada, atingiu a esfera pública na vida do militante. Ressaltamos também que foi Belmira que relatou para a sua filha as atitudes que tomava quando da prisão do seu marido; desse modo, tais atitudes configuraram-se em marcos de memória para Belmira, quando ela se atribuía a necessidade de pedir em prol do seu marido.

Além de esposa, Belmira era operária, como revelou sua neta Maria Luíza e os dados da sua carteira de trabalho. Consideramos que Belmira, inserida dentro das fábricas, elaborava as suas opiniões acerca do vivido pelos homens, mulheres e crianças da categoria a qual ela e seu marido pertenciam, a têxtil. A postura de Belmira de pedir para soltarem o seu marido está marcada pelo seu papel de esposa, de mãe e de operária, revelando um pensamento de ser injusto manter Albino preso por ele estar defendendo os interesses dela, dele e dos demais operários e operárias. A entrevistada Maria Luíza, ao ser questionada sobre a interpretação de sua avó Belmira quanto às atitudes de militância de Albino, afirmou “*era de que era uma pessoa que tinha sido importante na época dele*”⁶²³ e completa afirmando em relação à sua avó “*apesar dela ser uma pessoa muito simples, praticamente analfabeta, mas ela tinha essa visão.*”⁶²⁴

No tocante às prisões de Albino, as fontes impressas revelam que ele foi exposto ao artigo 107 do Código Penal, por ter participado da ação grevista de novembro de 1918, iniciada na cidade do Rio de Janeiro e que alcançou Petrópolis. Albino foi o responsável por sublevar os operários da cidade serrana.⁶²⁵ Outra prisão, de acordo com a entrevistada Nilza, foi pelo motivo de Albino guardar livros classificados como “comunistas” em casa. No ano de 1930, Albino foi novamente preso e o motivo principal foi porque Albino teria rasgado a bandeira nacional. A memória da senhora Nilza foi precisa ao mencionar a prisão ocorrida sob a acusação de rasgar a bandeira. O jornal *Correio da Manhã*, de dezembro de 1930, publicou:

Adeantou o dr. Sylvio Leitão da Cunha que, na semana passada, foram presos Antonio Rux, vulgo “Carioca”, que é segundo afirmou, vagabundo, o Albino Dias, estrangeiro, por ter rasgado a bandeira brasileira, sendo este remetido, para

⁶²² Assim como Belmira interferia na vida de Albino, ele também interferiu na vida de sua esposa, como no tocante a religiosidade. Segundo Nilza Dias, a sua mãe era católica, mas quando se casou parou de frequentar as missas por pedido do seu marido. Os seis filhos do casal Albino e Belmira não foram batizados, o que aconteceu somente tempos depois, quando já eram adultos e Albino não era mais vivo. Percebemos o preceito anarquista anticlerical sendo colocado em prática por Albino. Segundo Nilza, o seu pai era espírita. Oliveira, em sua tese, cita o depoimento da militante anarquista Elvira Boni, no ano de 1983. Boni considerava que os anarquistas não souberam “*captar a simpatia das mulheres.*” Para Boni “*a religião é a última coisa que se tira de uma mulher [...].*” (GOMES, Ângela de Castro; FLAKSMAN, Dora Rocha & STOTZ, Eduardo. *Velhos Militantes: depoimentos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1988, p. 38. apud OLIVEIRA, T., 2009, Op. Cit., p. 79.). A interferência de Albino na religiosidade de sua esposa evidencia a prática dos militantes afirmada por Elvira. Destaca-se que a afirmação de Elvira, no ano de 1983, era baseada na memória de acontecimentos por ela vividos nas décadas de 1910 e 1920. Elvira envolveu-se em atuações que divulgavam o preceito anticlerical, como a sua participação em festas anticlericais e publicação de um artigo intitulado “Festa da Penha” em que abordava sobre os pagadores de promessas que subiam a escadaria da Penha. Ela conclamou as mulheres a deixar essa prática religiosa e lutarem em prol das causas dos trabalhadores. Elvira foi uma das fundadoras, no ano de 1919, da União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas. Cf: RODRIGUES, EDGAR. *Os Companheiros*. Rio de Janeiro: VJR. 1994.

⁶²³ Entrevista Maria Luíza Dias concedida a Leila Cristina Pinto Pires em 17 de novembro de 2012.

⁶²⁴ *Ibidem*.

⁶²⁵ *Correio da Manhã*. 29 de dezembro de 1918, p.1.

Nictheroy, á disposição do chefe de polícia do Estado. Além dessas, concluiu, não foi feita, em absoluto, outra qualquer prisão.⁶²⁶ (*grifos meus*)

A *Batalha* também publicou um telefonema de Cunha para os redatores do periódico. Ao telefonar, ele objetivava “*desmentir categoricamente*”⁶²⁷ a “*noticia publicada em um matutino, segundo a qual a policia de Petropolis está detendo arbitrariamente operarios [...]*.”⁶²⁸ Cunha afirmou que:

mandou effectuar, ha dias, a prisão de dois individuos sem occupação certa, um, anachoreta, e o outro, comunista declarado, que vinham fazendo propaganda subversiva entre o operariado petropolitano, que, aliás, não lhes prestava atenção e até os destesta.

São taes individuos Antonio Roux, vulgo “Carioca”, e Albino Dias que ás vezes se disfarça em vendedor a prestações.⁶²⁹ (*grifos meus*)

Cunha apresentou várias justificativas para a validade da prisão dos operários de Petrópolis e, de modo mais específico, destacamos as apresentadas para a prisão de Albino. A justificativa principal foi à acusação de Albino ter rasgado publicamente a bandeira nacional. Cunha justificou afirmando que Albino e os demais indivíduos que propagandeavam ideias subversivas, no caso, o comunismo, eram detestados pelos operários petropolitanos, criando um discurso de que esses operários estariam firmes no propósito de manter a ordem social e política. E afirmou que Albino era comunista, não tinha uma ocupação certa, chegando a se disfarçar de vendedor à prestação. Nesta afirmação, Cunha fez uma acusação a Albino, no sentido de ele utilizar da estratégia de se disfarçar de trabalhador para conseguir atuar junto aos operários petropolitanos.

A memória de Nilza, acerca da ocupação profissional do seu pai, confirma o seu trabalho em fábricas de tecidos. Mas, no início da década de 1930, ele estaria trabalhando em casa, com tecidos de casimira. Afirmou que já morando na cidade do Rio de Janeiro, a partir de 1931, Albino viajava à Petrópolis para vender fumo. Quando ele não podia ir, por estar com a saúde debilitada, quem ia era a sua esposa Belmira. Entendemos, portanto, que a função de vendedor à prestação citada pelo delegado, poderia estar voltada para o trabalho de Albino com os tecidos de casimira ou com a venda do fumo.

As justificativas de Cunha para a prisão de Albino foram questionadas nas páginas do *Correio da Manhã*. O periódico publicou a carta recebida da cidade de Petrópolis e esta dizia,

“Petrópolis, 12 – Não creia nas informações telephonicas do delegado politico Sylvio Leitão. Mande aqui um seu representante para constatar. O operario

⁶²⁶ *Correio da Manhã*. 12 de dezembro de 1930, p. 2. O delegado Silvio Leitão da Cunha foi chefe da Aliança Liberal em Petrópolis, sendo defensor de Getúlio Vargas para presidente e João Pessoa para vice-presidente. (*A Manhã*. 20 de novembro de 1929, p.4.) Em fevereiro de 1930 “*realizou-se [...] no populoso bairro de Retiro, concorrido comício promovido pelo Comité da Alliança Liberal em Petropolis. Falaram os srs. dr. Alvaro Jorge, Arlindo Fonseca, João Severino Duarte, dr. Heitor Antonino Condé e dr. Silvio Leitão da Cunha. [...] Ao terminar o comício, o primeiro viva ao dr. Getulio Vargas foi levantado por um numeroso grupo de senhoras e senhoritas presentes[...]*.” (*Diário da Noite*. 18 de fevereiro de 1930, p. 2.) Com a formação da União Revolucionária Libertadora foi escolhido como o primeiro presidente. (*Correio da Manhã*. 22 de novembro de 1930, p.3.) Leitão participou da cerimônia de posse de Plínio Casado como interventor político do Estado do Rio de Janeiro. (*Correio da Manhã*. 18 de novembro de 1930, p.3.) A Aliança Liberal defendia que “*aos poderes públicos deveria caber a responsabilidade de intervir nas relações de trabalho para que os conflitos – decorrentes da inércia governamental – pudessem ser sanados.*” MENDONÇA, J., 2007, Op. Cit., p. 383.

⁶²⁷ *A Batalha*. 12 de dezembro de 1930, p.5.

⁶²⁸ *Ibidem*.

⁶²⁹ *Ibidem*.

Albino Dias é um pobre homem, pae de seis filhos menores, e, ha poucos mezes perdeu toda roupa, moveis, emfim, tudo que tinha em sua modesta casa por occasião de um incendio num predio vizinho, sendo necessario que os outros vizinhos e amigos abrissem uma subscrição para comprar roupas para elle, sua mulher e filhos. O sr. Sylvio conserva odio antigo deste infeliz, ele nunca rasgou bandeira nenhuma, é um pretexto para vingança.⁶³⁰ (*grifos meus*)

A carta, aparentemente escrita por pessoas ligadas a Albino e conhecedoras das necessidades de sua família, defendia a liberdade do militante. Segundo os autores da carta, o delegado Cunha “*conserva ódio antigo*” de Albino, por ser o responsável pela manutenção da ordem na cidade de Petrópolis, ordem que era abalada pelas ações de Albino, Antônio Roux e outros militantes.⁶³¹ Cunha negou que mantivesse operários presos em Petrópolis e que

⁶³⁰ *Correio da Manhã*. 16 de dezembro de 1930, p. 11.

⁶³¹ O jornal *A Batalha* classificou Antônio Roux como operário e não como vagabundo. No mês de fevereiro de 1930, o jornal publicou uma matéria questionando violentas ações cometidas contra operários em Petrópolis. Entre os operários estavam Domingos Braz, Antônio Roux e Antônio Esteves. O jornal afirmou que Domingos Braz foi preso, no fim de janeiro de 1930. Para os redatores, não foi apresentado um motivo para a prisão de Braz. Afirmaram que a prática de prisões sem uma justificativa era recorrente em Petrópolis. Acreditavam que o motivo da prisão era a participação de Braz em ações grevistas, na cidade serrana. Braz, após ser preso, foi mandado para a 4º Delegacia Auxiliar da cidade do Rio de Janeiro. Com a transferência para a Delegacia, os companheiros de Braz não souberam notícias, considerando a possibilidade dele ter sido morto pela polícia política do presidente Washington Luís. Os redatores de *A Batalha* se atribuíram a tarefa de verificar o ocorrido e conseguiram comprovar que Braz estava vivo, porém estava a oito dias incomunicável, na 4º Delegacia, devido a ordem do chefe de Segurança Nacional. Os redatores assumiram uma clara oposição aos métodos do governo de Washington Luís para com os indivíduos considerados perturbadores da ordem. (*A Batalha*. 4 de fevereiro de 1930, p.8.) A preocupação dos companheiros de Braz, com a sua transferência para a 4º Delegacia, era justificada com o histórico de ações desta unidade policial. A Delegacia foi criada em novembro de 1922, no primeiro mês do governo do presidente Artur Bernardes e desde então atuava por meio de prisões e deportações dos indivíduos considerados subversivos, anarquistas e comunistas. Com o estado de sítio decretado por Bernardes e que durou a maior parte do seu governo, encerrado no ano de 1926, os agentes da Delegacia “*tiveram maiores facilidades para o exercício do ofício*”, que era a repressão política. (SAMIS, Alexandre Ribeiro. Presenças Indômitas: José Oiticica e Domingos Passos. In: REIS, Daniel Aarão & FERREIRA, Jorge (Orgs). **A formação das tradições (1889-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.99.) Os operários presos foram classificados pelos redatores de *A Batalha* como mortos vivos. Antônio Roux e Antônio Esteves foram presos em Petrópolis, em 1930, pelos mesmos motivos que Braz, o envolvimento com a causa operária. Eles desafiavam o governo que não permitia as manifestações. Os redatores referindo-se a Roux e Esteves, afirmaram: “[...] ‘*Esses rapazes são propagandistas da causa proletária, e, como a situação actual não permite tratar disso, devido á politica presidencial, dahi as suas prisões que devem ser encaradas com cuidado pelos adeptos da questão social proletaria*’
Questão social...

Nos outros paizes, é tolerado; para o Barbado, é uma questão de ... policia.” (*A Batalha*. 4 de fevereiro de 1930, p.8.) Destacamos a crítica aberta ao presidente Washington Luís, feita pelos redatores. A década de 1920 foi marcada por uma forte repressão estatal aos que se dispusessem agitar as causas dos trabalhadores e propagandear o anarquismo e o comunismo. A postura crítica dos redatores somou-se a ação dos indivíduos que, mesmo vivendo em um contexto de forte repressão, não desistiam de contestar. Albino, Roux e Esteves compuseram o grupo dos que criticavam, defendiam suas ideologias junto aos trabalhadores e, por isso, sofreram as repressões. O autor Alexandre Samis, abordou a trajetória do brasileiro negro Domingos Passos que era carpinteiro de profissão e anarquista, tendo sido considerado o “Bakunin brasileiro”. A trajetória de Passos, iniciada no fim da década de 1910 e tendo sido mantida na década de 1920 foi marcada por sua luta junto aos operários da construção civil, tendo ocupado postos de direção dentro da União dos Operários da Construção Civil (UOCC). (SAMIS, Alexandre Ribeiro. Presenças Indômitas: José Oiticica e Domingos Passos. In: REIS, D. & FERREIRA, J., (Orgs). 2007, Op. Cit., p. 101-104.) Compuseram também a trajetória de Passos, o seu autodidatismo e as participações em “*conferências nas sedes sindicais [...] festivais operários, atuando nas peças teatrais organizadas pelo Grupo Renovação, declamando e palestrando sobre temas sociais.*” Devido a sua regularidade na militância, Passos foi alvo de constantes prisões. (Ibidem. p. 106.)

perseguisse “aos obreiros sem ocupação.”⁶³² A dificuldade de manutenção da ordem se tornava ainda mais difícil em períodos de crise econômica, como a vivida pelas indústrias têxteis e pelos operários dessas indústrias, no ano de 1930. Segundo informações presentes no jornal *Correio da Manhã*:

A situação creada em Petrópolis, pelo fechamento de varias fábricas, é de verdadeiro desespero. Os industriaes estão em crise... Enquanto isso, os operarios passam fome (...) Varias reclamações já dirigiram esses pobres desgraçados a quem de direito, inclusive ao sr. Plinio Casado, interventor do Estado do Rio. (...) A policia de Petropolis, quando um desses operarios grita um pouco mais alto o seu desespero, mette-o na cadeia.⁶³³ (*grifos meu*)

O cenário de 1930 era de crise mundial por conta dos efeitos da crise econômica iniciada nos Estados Unidos, no ano de 1929.⁶³⁴ Como relatou o *Correio da Manhã*, as dificuldades se abateram sobre os donos das fábricas de tecidos petropolitanas e, conseqüentemente sobre os trabalhadores. Os trabalhadores que agitassem ações reivindicatórias, assim como Albino, acusado de rasgar a bandeira em uma manifestação eram duramente repreendidos e essa repressão aos que reivindicavam perdurou por todo o governo do presidente Getúlio Vargas (1930-1945).⁶³⁵

O ano de 1930 era de muitas dificuldades para Albino e sua família, devido à crise na indústria têxtil, à prisão de Albino e a perda de todos os seus pertences com o incêndio, necessitando da ajuda de vizinhos e provavelmente dos membros do sindicato. Analisaremos, no terceiro capítulo, a ajuda que Albino ofereceu à sócios da UOFT que tiveram sua casa queimada, no ano de 1918, na cidade de Petrópolis.⁶³⁶ Evidenciamos a prática sindical de fazer as subscrições em prol dos seus membros necessitados. Albino organizou essas ajudas e também precisou delas.

A entrevistada Nilza possui a memória herdada do episódio do incêndio em sua casa no ano de 1930. Segundo ela relatou:

quando a nossa casa pegou fogo, nós morávamos num sobrado em cima de uma serralheria. A serralheria pegou fogo. Minha mãe acordou com o fogo dentro de casa e chamou ele [Albino], nós, ela veio [com] os filhos todos para fora. Tinha um que já morreu, é o Alcino, até esqueceram ele lá em cima. Quando aí meu pai, quando

⁶³² *Correio da Manhã*. 12 de dezembro de 1930, p. 2.

⁶³³ *Correio da Manhã*. 11 de dezembro de 1930, p. 4. Os operários relacionavam-se com o interventor político do Estado do Rio de Janeiro, Plínio Casado. Durante a sua posse, no mês de novembro de 1930, Casado recebeu os operários do bairro industrial de Barretos. Eles liderados por Arlindo Américo dos Santos, diretor da *Gazeta Operária*, foram até o Palácio do Ingá, saudar Casado, “pela investidura no elevado cargo, com que foi honrado pela confiança do chefe do governo revolucionário.” *Correio da Manhã*. 18 de novembro de 1930, p.3.

⁶³⁴ MESQUITA, P., 2012, Op. Cit., p. 72. Mesquita ao analisar o Relatório da Companhia Petropolitana constatou que em 1929 ocorreu uma redução no número de empregados homens por conta destes receberem um salário maior do que os das mulheres e crianças. A Companhia enfrentou a crise, no decorrer da década de 1920, e dessa crise culminou as ações grevistas nos anos de 1927 e 1929. (Ibidem, p. 69-71.) O operário da Petropolitana e redator do jornal da *Cascatinha*, João Dias Carneiro, afirmou, em seu artigo, que o ramo têxtil enfrentava uma grande crise, porém considerava que as fábricas que investiam na produção de “roupas da moda, aos quais seriam panos mais leves, baratos e melhores para a saúde” estavam conseguindo manter-se mesmo nesse período de crise. Em contrapartida, as que produziam tecidos pesados e caros enfrentavam muitas dificuldades para se manterem. Ibidem, p. 72-73.

⁶³⁵ Mendonça citou a autora Elizabeth Canceli que ao abordar a “atuação da polícia da era Vargas,” constatou “que as orientações autoritárias do governo vigentes estavam definidas desde sua implantação [...]” CANCELI, Elizabeth. *O mundo da violência – a política da era Vargas*. 2.ed. Brasília: Editora Unb, 1994, p.5. apud MENDONÇA, J., 2007, Op. Cit., 461.

⁶³⁶ *Tribuna de Petrópolis*. 6 de Julho de 1918, p. 1

contou que faltava, ele correu lá em cima e desceu as escadas até no meio do fogo que chamuscou os olhos, o cabelo, pra trazer ele para baixo. Nessa época eu tinha dois anos, **então tudo o que ele tinha, que ele tinha até muito livro, que ele lia muito, de comunista**, entendeu? **Tinha muitos cortes de casimira, porque ele tava desempregado, vendia cortes de casimira porque ele trabalhava em fábrica de tecidos, queimou tudo.** Então queimou tudo lá, depois que pegou fogo, nós ficamos na casa de um parente, de outro, **ele começou a sofrer do coração [...].**⁶³⁷ (*grifos meus*)

Segundo a senhora Nilza, foi por recomendações médicas que o seu pai e família saíram de Petrópolis e vieram para a cidade do Rio de Janeiro, provavelmente no ano de 1931. Albino sofria de pressão arterial alta e a altitude de Petrópolis prejudicava sua saúde.⁶³⁸ A entrevistada afirmou que ele ainda viveu por mais dois anos, na cidade do Rio de Janeiro, antes de morrer, em maio de 1933. Belmira não possuía condições para fazer o enterro do seu marido, precisando de ajuda. Nilza afirmou: *“eu acho que era o pessoal do sindicato ou eram trabalhadores, eu não sei, eu sei que foi feito uma subscrição pra poder enterrar ele, porque não tinha dinheiro nem para enterrar.”*⁶³⁹

A falta de dinheiro da família para fazer o enterro de Albino ficou na memória da esposa Belmira e na memória herdada de Nilza. A condição financeira difícil que marcou a vida de Albino e família é representativa de como a sua vivência interferia na sua prática de militância, lutando em prol das melhores condições materiais e morais. A vida de Belmira após o falecimento do seu marido foi marcada pela dedicação em criar os cinco filhos. Albino morreu no mês de maio de 1933 e em setembro deste ano Belmira recebeu a carteira profissional à qual havia dado entrada. Os registros feitos na carteira foram de duas fábricas de tecidos da cidade do Rio de Janeiro: ela trabalhou como espinçadeira, entre os anos de 1933 e 1935, na Companhia Lanifício e, em 1935, trabalhou como bobineira na Companhia Fiação e Tecidos Confiança.⁶⁴⁰

A carteira de trabalho possuía uma parte reservada para as informações pessoais do trabalhador e uma parte para ser colocado o número da matrícula e o nome do Sindicato. Na carteira de trabalho de Belmira consta o número de sua inscrição na UOFT. Belmira possuía também a carteira de sócia da UOFT.⁶⁴¹ Interessante notar que a UOFT, criada por Albino, em 1917, e que nos anos posteriores continuou a contar com sua militância, anos esses nos quais estava casado com Belmira, levando-a a acompanhar o desenvolvimento desta associação, continuou a fazer parte da vida de Belmira mesmo após a morte de Albino.

⁶³⁷ Entrevista Nilza Dias concedida a Leila Cristina Pinto Pires em 17 de novembro de 2012.

⁶³⁸ *Ibidem*.

⁶³⁹ *Ibidem*. Muitas sociedades de auxílios mútuos, atuantes no século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, incluíam o auxílio funeral e pensão para a família em caso de falecimento do sócio. Estas e outras funções mutualistas foram incorporadas por determinadas sociedades de resistência, no século XX. Como demonstramos neste capítulo, Albino atuou em uma sociedade de auxílio mútuo e em sociedades de resistência, vivenciando a prática de auxílios aos membros da categoria têxtil. Albino e sua família também foram auxiliados em momentos de dificuldades, o incêndio em sua casa em Petrópolis e falta de recursos de Belmira para realizar o enterro de Albino. A ajuda recebida por Belmira nos permite afirmar da importância dos auxílios para as famílias operárias, que eram amparadas pelas sociedades nos momentos de dificuldades. A ajuda era proveniente das contribuições financeiras feitas pelos sócios. BATALHA, C., 1999, Op. Cit., p. 60-62.

⁶⁴⁰ Carteira de Trabalho de Belmira Moreira Dias. Arquivo pessoal. Cedido por Fátima Dias Amado. A carteira apresenta a entrada de Belmira, na Fábrica Confiança, em quinze de abril de 1935 e sua saída em vinte oito de dezembro de 1988. Consideramos que ocorreu um erro neste lançamento porque Belmira morreu em oito de setembro de 1984 em decorrência de um traumatismo craniano causado por um acidente de carro. Ela morreu com oitenta e quatro anos. Certidão de Óbito de Belmira Moreira Dias. Arquivo pessoal. Cedido por Fátima Dias Amado.

⁶⁴¹ Carteira da União dos Operários em Fábricas de Tecidos de Belmira Moreira Dias. Arquivo pessoal. Cedido por Fátima Dias Amado. Nesta carteira confirmava a profissão de bobineira para Belmira.

Entendemos que a militância de Albino repercutiu na organização da vida de trabalhadores têxteis, como Belmira e dos outros milhares que compunham a categoria.

A memória dos acontecimentos vividos em Petrópolis e na cidade do Rio de Janeiro, nos últimos dois anos de vida de Albino, não agradava o filho mais velho do militante e Belmira, chamado Sílvio Dias. As entrevistadas Nilza e Maria Luíza, irmã e filha, respectivamente, de Sílvio apontam para o fato dele selecionar a sua memória, visto que não gostava de lembrar a vida na cidade de Petrópolis. Nilza, ao ser questionada sobre o porquê do seu irmão Sílvio não gostar de rememorar a vida ao lado do pai, afirmou:

Quando o meu irmão mais velho, ele não, **eu acho que ele não gostava de tocar nesse assunto porque era um assunto doloroso para ele, porque ele era o mais velho, né? Quando papai morreu ele tinha 14 anos, então ele procurou apagar isso da cabeça, eu acho porque ele achava deprimente, disse que aquilo machucava ele, porque se ele tinha 14 anos ele já entendia muita coisa da vida,** tava estudando, então ele não comentava nada a respeito disso, não comentava. Quem falava, minha mãe conversando muitas vezes com outras pessoas e ela falava essas coisas e eu gravei isso na minha mente, entendeu? ⁶⁴² (*grifo meu*)

Desse modo entendemos que a vida de militância de Albino, na cidade de Petrópolis, pela década de 1920 e início da de 1930, interferiu nas relações familiares, mas de modo algum tais atividades geraram desprezo para com a figura do pai. Pelo contrário, quando citamos a recusa de Sílvio em relembrar os acontecimentos, não nos foi informado que ele tinha raiva do seu pai; era uma seleção da memória para evitar assuntos que, como afirmou Nilza, o machucavam por ele ter participado mais diretamente, devido ser o filho mais velho. Pelo que foi identificado na entrevista, os familiares preservam uma memória positiva das ações de Albino, entendendo que ele fora uma pessoa importante do seu tempo, um agente requerendo mudanças nas relações trabalhistas.

⁶⁴² Entrevista Nilza Dias concedida a Leila Cristina Pinto Pires em 17 de novembro de 2012. No jornal *Diário da Noite*, foi identificada a informação da morte e do local em que Albino Moreira Dias foi enterrado. De acordo com a “Segunda Edição” do jornal *Diário da Noite*, do dia dezanove de maio de 1933, foi enterrado “no cemitério de S. João Baptista: Albino Moreira Dias. Hospital Hanemanionno.” Um pouco acima dessa informação constava na página do periódico, “No cemitério São João Baptista: [...] Albino Moreira Dias. Rua Frei Caneca 94.” A entrevista com a senhora Nilza Dias foi anterior ao contato com a fonte citada e durante a entrevista a senhora Nilza mencionou o nome do hospital que o seu pai passou os últimos dias de vida. Devido à distância temporal, o fato de a senhora Nilza possuir apenas quatro anos de idade em 1933 e também pelo diferente nome do hospital que gera uma dificuldade em pronunciar, a senhora Nilza falou um nome que se assemelhava ao real nome do hospital. A entrevistada rememorou a localização do hospital e afirmou: “[...] não sei se é na Mén de Sá que é um hospital que fica assim retirado.” A fonte encontrada no *Diário da Noite* permitiu confirmar os dados provenientes da memória herdada da senhora Nilza e a pesquisa na internet contribuiu para precisar os dados, visto que, até os nossos dias o hospital funciona e localiza-se na mesma rua, Frei Caneca, número 94. A rua fica perto da Mén de Sá citada pela senhora Nilza. O nome correto do hospital é Hahnemanniano. Com relação a constar a informação da morte e local de enterro de Albino Moreira Dias acredita-se que era comum, no período histórico estudado, noticiarem mortes e nascimentos, visto que no decorrer das pesquisas nos jornais identificamos várias dessas notícias. *Diário da Noite*, Segunda Edição, 19 de maio de 1933, p.2.

CAPÍTULO III - A ORGANIZAÇÃO DA UNIÃO DOS OPERÁRIOS EM FÁBRICAS DE TECIDOS, NAS CIDADES DO RIO DE JANEIRO E DE PETRÓPOLIS, E A AGÊNCIA DE ALBINO MOREIRA DIAS (1917-1919)

O terceiro capítulo possui como objetivo estudar a agência dos dirigentes na organização da União dos Operários em Fábricas de Tecidos (UOFT), entre os anos de 1917 e 1919. Ressalta-se que o ano de 1918 foi o mais estudado porque Albino Moreira Dias ocupou o posto de vice-presidente da associação. Ele voltou a ocupar esse posto no ano de 1920.⁶⁴³ A UOFT atuou por toda a década de 1920, atingindo a década de 1930.

Em janeiro de 1918 os dirigentes definiram os estatutos da associação e no decorrer do ano os jornais da grande imprensa abordaram as reuniões que ocorriam na sede e nas sucursais da UOFT. Os estatutos e os jornais geraram um interessante corpus documental para desenvolvermos a compreensão da trajetória da UOFT, que se organizou em 1917 e, no fim de 1918 e início de 1919, lutou pela permissão do governo para voltar a atuar. O fechamento da UOFT foi uma retaliação à participação na organização da ação grevista de novembro de 1918.

As fontes consultadas revelam que os operários dentro das fábricas têxteis questionavam os salários que recebiam, as longas horas de trabalho semanal, a obrigatoriedade das operárias varrerem o local de trabalho e os abusos dos mestres e contramestres, entre outros. As contestações dos operários eram discutidas dentro da UOFT e cabia aos dirigentes da associação deslocarem-se até as fábricas para conversarem com os diretores e apresentarem a posição dos operários e assim saber qual era a posição dos diretores da fábrica. Aos dirigentes da UOFT cabia explicar aos operários o que era decidido pelos diretores das fábricas e discutiam com eles a melhor forma de se proceder.

Sendo a sede da UOFT, localizada na cidade do Rio de Janeiro e de suas sucursais, como a de Petrópolis, os locais designados para a discussão das questões dos operários têxteis, consideramos de suma importância construir um conhecimento acerca dessa organização. Buscamos analisar a sua organização interna, a formação do quadro dirigente, as assembleias, a prática de deslocamentos dos dirigentes e as ajudas financeiras aos operários associados. Igualmente, buscamos abordar os conflitos entre os têxteis e o patronato para analisar a atuação dos dirigentes da UOFT na articulação das greves e a ação dos patrões. Procuramos investigar, em particular, como a ação grevista e insurrecional de novembro de 1918 se desenvolveu em Petrópolis e o papel de Albino naquela ação, já que a UOFT foi uma das principais associações responsáveis pela greve e Albino foi designado para sublevar a cidade de Petrópolis.

1.3. A organização da União dos Operários em Fábricas de Tecidos (1917-1919)

O presente item possui como objetivo a análise da organização da União dos Operários em Fábricas de Tecidos (UOFT), através da ação de seus militantes, enfatizando a agência de seu vice-presidente, Albino Moreira Dias.

A UOFT era uma das associações confederadas à União Geral dos Trabalhadores (UGT). A UOFT e a UGT funcionavam na mesma sede.⁶⁴⁴ A sede própria da UOFT se

⁶⁴³ A *Razão*. 24 de dezembro de 1919, p.6. O presidente eleito foi Antônio da Silva. Os membros das sucursais da UOFT votavam, para escolher os dirigentes. A chapa composta por Antônio e Albino era a mais cotada para vencer na sucursal de Petrópolis. A *Razão*. 20 de dezembro de 1919, p.6.

⁶⁴⁴ BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. **Dicionário do Movimento Operário - Rio de Janeiro do século XIX aos anos de 1920 militantes e organizações**, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009. p. 279.

localizava na rua Acre, número dezenove. A sede recebeu muitas reuniões que contavam com a presença dos seus dirigentes, dos delegados da UOFT que atuavam nas fábricas e dos operários. Os jornais divulgavam notas sobre as reuniões apresentando o dia e a hora em que se realizariam.⁶⁴⁵ Antes de sua fundação, os operários têxteis não tinham onde se reunir e utilizavam a sede de outras associações. No ano de 1916, a reunião ocorreu na Associação dos Marinheiros e Remadores.⁶⁴⁶ Como demonstramos, após o fechamento do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos (STFT), no ano de 1914, os têxteis ficaram sem um sindicato oficial para representa-los, mas isso não significou uma interrupção nas ações organizativas da categoria.

A fundação da UOFT ocorreu em primeiro de janeiro de 1917.⁶⁴⁷ Porém a data oficial para a sua criação, reconhecida por seus membros, foi quatro de agosto de 1917.⁶⁴⁸ Segundo o *Dicionário do Movimento Operário*, “a possível explicação para a diferença das datas seria o fechamento da União depois das greves de julho, com sua reorganização/refundação em agosto.”⁶⁴⁹ Albino foi um dos criadores da UOFT.⁶⁵⁰

Em agosto de 1917 os tecelões realizaram uma reunião na sede da União dos Operários Estivadores. Durante a sessão aberta “por um dos membros do Comitê da Greve,”⁶⁵¹ diversos oradores discursaram e demonstraram “a necessidade imperiosa de se organizar uma União em que todas as fabricas do Districto Federal tivessem representação por meio de dois delegados opportunamente indicados pelos operarios de cada fabrica que tambem devem ser socios.”⁶⁵² Com a sessão “ficou definitivamente assentado que se fundasse uma associação de classe com a denominação de União dos Operarios em Fabrica de Tecidos.”⁶⁵³

Nas assembleias dos dias quatorze e vinte e um de outubro de 1917 foram aprovados os estatutos da UOFT e estes eram passíveis de mudanças no decorrer dos anos.⁶⁵⁴ No mês de dezembro de 1917, realizaram eleições para ocupar os cargos da diretoria. Foram ao todo cinco mil seiscientos e trinta e três votos⁶⁵⁵ e estes elegeram:

⁶⁴⁵ A afirmação fica evidenciada na seguinte nota: “União dos Operarios em Fabricas de Tecidos - A directoria desta União convida a todos os delegados junto às fabricas, para reunirem-se, hoje, às 7 horas da noite, na sede social, á rua Acre n. 19, afim de discutir assumptos de importancia para a collectividade.” *Gazeta de Notícias*. 27 de fevereiro de 1918, p.6.

⁶⁴⁶ *A Lanterna*. 14 de dezembro de 1916, p.4.

⁶⁴⁷ *O Imparcial*. 04 de janeiro de 1917, p.4. A reunião para a fundação da UOFT foi presidida por Joaquim Soares da Rocha. Os escolhidos para gerir interinamente a associação foram Ernesto Alves para presidente, vice-presidente, José Ramalho, secretário Annio da Silveira Pires, tesoureiro Odorico dos Santos e como procurador Joaquim Soares da Rocha. (*A Epoca*. 04 de janeiro de 1917, p.4.) O jornal *A Razão* afirmou que com poucos meses de atividade a UOFT contava com dez mil associados. *A Razão*. 15 de outubro de 1917, p.6.

⁶⁴⁸ Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro n°.910. 24 de janeiro de 1918. (art. 1°).

⁶⁴⁹ BATALHA, C., 2009, Op. Cit., p. 271.

⁶⁵⁰ Albino Moreira Dias, Manoel Ignácio de Castro, Joaquim Moraes, Guilhermino Leite Nery, Adolpho Pereira da Silva, Roque Coelho Baptista, Raphael Garcia são apontados como os criadores da UOFT. Eles faziam parte da diretoria executiva da associação, no ano de 1918. Extrato da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro n°.910. 24 de janeiro de 1918.

⁶⁵¹ *A Razão*. 05 de agosto de 1917, p.5.

⁶⁵² *Ibidem*.

⁶⁵³ *A Epoca*. 13 de agosto de 1917, p.2.

⁶⁵⁴ Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro n°.910. 24 de janeiro de 1918. p.1. A assembleia do dia quatorze foi presidida por Albino. *A Razão*. 15 de outubro de 1917, p.6.

⁶⁵⁵ *Gazeta de Notícias*. 18 de dezembro de 1917, p.6.

[...] para presidente Manoel Ignácio de Castro; **vice- presidente, Albino Dias Moreira:** 1º secretário, Joaquim Moraes: 2º secretário, Guilhermino Leite Nery: 1º thesoureiro, Adolfo Pereira da Silva: 2º thesoureiro, Roque Coelho Baptista: procurador, Rafael Garcia. Conselho Fiscal: José Pereira de Oliveira, Servan Heitor de Carvalho, Joaquim Herrera, Lindolpho Cardoso, Domingos Carreira, Manoel Piadena e Jorge Sobral.⁶⁵⁶ (*grifo meu*)

Como previa os estatutos, a nova diretoria atuou por um ano, assumiu em janeiro de 1918 e permaneceu até dezembro.⁶⁵⁷ A *Gazeta de Notícias* relatou a cerimônia de posse da diretoria e afirmou que por a UOFT obedecer “*a uma orientação segura, ella vai arregimentando em seu seio os elementos mais importantes existentes no meio dos trabalhadores em fabricas de tecidos.*”⁶⁵⁸ O periódico abordou os temas referentes à fundação e à postura da associação. Relatou que a UOFT era “*nascida de uma barricada [...] não trepidou em aceitar a luta que lhe offereceram os capitalistas nos primeiros dias da sua organização,*”⁶⁵⁹ sendo considerada “*como a mais forte associação operaria do Brasil.*”⁶⁶⁰

⁶⁵⁶ Ibidem. A ordem correta é Albino Moreira Dias e não Albino Dias Moreira como foi publicado. A *Razão* apresentou a formação de duas chapas disputando a diretoria de 1918. Albino participou das duas. Na primeira chapa candidatava-se no posto de vice-presidente e na outra ao posto de procurador. Venceu a chapa em que era candidato ao posto de vice-presidente. (*A Razão*. 18 de novembro de 1917, p.5.) No tocante as atribuições dos membros da diretoria executiva, os estatutos estabeleciam os seus deveres. Do décimo sexto ao vigésimo terceiro artigos, ficaram estipulados os deveres de todos os diretores, do presidente, vice-presidente, primeiro secretário, segundo secretário, tesoureiro, segundo tesoureiro e procurador. Priorizamos abordar os deveres a serem cumpridos por Albino. Entre os deveres de todos os diretores citamos os de “*executar e faser executar os presentes estatutos e mais disposições regulamentares, resolver qualquer medida ao bem e interesse da classe*” e “*representar aos directores das fabricas quando o caso o exigir.*” (Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro nº.910. 24 de janeiro de 1918, art. 12 a; b). O décimo oitavo artigo estabeleceu como deveres do vice-presidente “*substituir o presidente em seus impedimentos ou faltas, assumindo as responsabilidades*” e “*organizar e manter o serviço bibliothecario e o da estatística.*” Caso o presidente e o vice-presidente faltasse seria o secretário que assumiria as responsabilidades. (Ibidem, art. 14º a; b). Era o presidente que representava a UOFT, constituindo-se no principal cargo e este foi ocupado, no ano de 1918, por Manoel Ignácio de Castro. Da diretoria, que atuou com Albino, no ano de 1918, destacamos a agência do presidente Castro e do primeiro secretário, Joaquim de Moraes. Castro e Moraes articularam os conflitos da categoria têxtil a serem apresentados nesta dissertação. As fontes revelam ambos atuando, juntamente com Albino, nas reuniões dentro da associação, em comícios organizados para os grevistas e em palestras nas sucursais. Castro e Moraes participaram ativamente da ação grevista e insurrecional de novembro de 1918, sendo considerados anarquistas e coautores da ação. Os seus nomes foram lançados no rol dos culpados e expedidos mandados de prisão contra eles. *O Imparcial*. 25 de março de 1919, p.3.

⁶⁵⁷ Após a saída da diretoria de 1918 foi feita uma assembleia, no dia quatro de janeiro de 1919, para eleger uma junta governativa para a UOFT. Para participarem da assembleia os sócios tinham que apresentar suas carteiras. (*A Epoca*. 04 de janeiro de 1919, p.8.) Os membros eleitos foram Claudino José Soares como presidente, Antenor da Silva Faria como secretário e Servan Heitor de Carvalho como tesoureiro. *A Epoca*. 14 de janeiro de 1919, p.4.

⁶⁵⁸ *Gazeta de Notícias*. 02 de janeiro de 1918, p.5.

⁶⁵⁹ Ibidem.

⁶⁶⁰ Ibidem. No Primeiro de Maio de 1918, os dirigentes inauguraram a bandeira da UOFT. O pavilhão “*era todo vermelho, tendo no centro um círculo branco, no meio uma fabrica e por baixo da fabrica duas mãos dadas. As letras do pavilhão são pretas.*” Vários oradores discursaram e “*Alfredo Pires fez um discurso descrevendo o significado do pavilhão que será o conductor de todos os operarios como a bandeira é dos soldados que vão para os campos de batalha lutar pelo progresso.*” A operária Elisa Gonçalves foi convidada para inaugurar “*o pavilhão da União.*” (*A Razão*. 02 de maio de 1918, p.7.) A bandeira é um símbolo e contribui para a construção ideológica. A bandeira da UOFT era composta por elementos que transmitiam a sua ideologia, o vermelho era a cor do socialismo, a fábrica representava o espaço de trabalho dos operários que a associação representava e as mãos unidas, correspondia à união e solidariedade entre os operários.

De acordo com o jornal, os presentes na cerimônia estavam contentes com a posse da diretoria: eram representantes de outras associações operárias e de trabalhadores como os carroceiros, cocheiros, chauffeurs e trabalhadores da Marinha, membros da imprensa, da liga anticlerical e do Partido Socialista.⁶⁶¹ A presença dos outros dirigentes revela que as organizações diversas como as ligas e partidos, atuantes na cidade do Rio de Janeiro, apoiaram a diretoria eleita e as funções que caberiam a UOFT.

A presença de membros de outras associações era comum em sessões de inauguração ou de posse de diretorias,⁶⁶² conduzindo à identificação da existência de uma solidariedade abrangendo a classe trabalhadora. Os dirigentes das outras associações e partidos discursaram, e a ocasião constituiu-se em uma oportunidade para troca de experiências entre os militantes presentes, membros de determinadas categorias profissionais ou de organizações com ideologias específicas como no caso da Liga Anticlerical e do Partido Socialista.

A sessão de posse da UOFT e os seus estatutos nos permitiram identificar a manifestação do antagonismo entre os operários e o patronato e Estado.⁶⁶³ O antagonismo era gerado entre os operários devido à realidade de trabalho a eles imposta e pela dificuldade de aceitação da associação por parte dos donos das fábricas têxteis. Consideramos que um dos fatores que geravam antagonismo por parte dos capitalistas era a orientação ideológica adotada pela UOFT. De acordo com os seus estatutos, esta se destinava a:

a) **Trabalhar para o desenvolvimento moral, intelectual e material da classe, defendendo obrigatoriamente os seus associados nos limites da ordem e do direito; defendendo-os em caso de perseguição e injustiças**, e prestando-lhes os

⁶⁶¹ Estiveram presentes e falaram, na sessão de posse da diretoria da UOFT, em janeiro de 1918, membros das seguintes associações: “*Sindicato dos Operários das Pedreiras, Sindicato Federal dos Manipuladores de Tabaco, Liga Federal dos Empregados em Padarias, Centro dos Operários Marmoristas, União Geral dos Metallúrgicos, Associação de Resistência dos Cocheiros, Carroceiros e Classes Anexas, Centro dos Chauffeurs do Rio de Janeiro, Montopio dos Operários da Fábrica de Tecidos Bangu’, Liga dos Operários em Calçado, União dos Cortadores, União dos Operários Virados e Ponto Esteira, Centro dos Empregados em Bebidas, União Geral dos Trabalhadores em Calçado, Liga Anticlerical, União dos Alfaiates, Protectora dos Catraeiros, Gremio dos Machinistas da Marinha Civil, Partido Socialista do Brasil, Sociedade de Resistência dos T. em T. e Café, União dos Operários Estivadores.*” Discursou também João Leuenroth “representante da Associação Graphica do Rio de Janeiro.” Representantes da imprensa estiveram presentes e discursaram apoiando a Revolução Russa. *Gazeta de Notícias*. 02 de janeiro de 1918, p.5.

⁶⁶² Albino Moreira Dias participou da sessão de posse da diretoria da União dos Oficiais Barbeiros do Rio de Janeiro. A sessão ocorreu na sede da União que se localizava na Rua do Rosário esquina da Rua dos Andradas. O jornal *Gazeta de Notícias* apresentou os nomes dos representantes de cada associação que discursaram na sessão de posse. Albino e Joaquim Moraes discursaram representando a UOFT. Assim observamos que dois meses após assumir a diretoria da UOFT, Albino se deslocava para representar a associação e discursava. Entendemos que a presença e o discurso eram reveladores do apoio da UOFT para a nova organização e um meio dos dirigentes propagarem as orientações ideológicas por eles postas em prática para a organização dos trabalhadores. A *Gazeta de Notícias* publicou que “logo após a sessão foi oferecido aos presentes uma mesa de doces. Em seguida teve início o baile, que se prolongou até a madrugada [...]” A informação sobre a recepção oferecida pela União dos Oficiais Barbeiros do Rio de Janeiro revela sobre a sociabilidade gerada pelo associativismo entre os trabalhadores. *Gazeta de Notícias*. 25 de fevereiro de 1918, p.5.

⁶⁶³ De acordo com Edward Palmer Thompson “[...] as pessoas se vêem numa sociedade estruturada de um certo modo (por meio das relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os explorados), identificam os nós dos interesses antagonicos, debatem-se em torno desses mesmos nós e, no curso de tal processo de luta, descobrem-se a si mesmas como uma classe. Classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real.” (THOMPSON, Edward Palmer. *Algumas Observações Sobre Classe e Falsa Consciência*. In: NEGRO, Antônio Luigi. & SILVA, Sérgio. (Orgs). *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*. Campinas: Unicamp, 2001.p. 274.) Entendemos que as ações geradas pelos antagonismos entre operários têxteis e o patronato, geraram a luta de classes vindo a repercutir na formação da consciência e da classe operária têxtil. Albino foi um dos incentivadores da luta de classes e um dos articuladores das questões geradas pelos antagonismos entre operários e patrões.

recursos moraes e judiciais que forem necessarios de accordo com o serviço de advocacia.

b) **Regulamentar e melhorar as condições de trabalho nas fabricas de tecidos;** empregar todos os meios necessarios para dirimir quaesquer duvidas controversias e questões sobre o mesmo.⁶⁶⁴

A realização dos objetivos da UOFT seria através da conscientização e da união dos seus associados e pela obtenção de conquistas materiais como “o *augmento progressivo dos salários, diminuição das horas de trabalho e abolição completa dos extraordinários.*”⁶⁶⁵ Os associados não seriam “forçados a executar serviços excessivos e brutos, e que os trabalhos ofereçam todas as necessarias condições de segurança e hygiene e comodidade, para evitar os accidentes e moléstias [...]”⁶⁶⁶ As crianças menores de quatorze anos não trabalhariam assim como os maiores de quatorze com físico deficiente.⁶⁶⁷ Os trabalhos que exigiam “*maior robustez e resistencia*” deveriam ser realizados somente por homens.⁶⁶⁸ Em casos de acidentes sofridos pelos operários durante o trabalho nas fábricas, eles receberiam indenizações, o tratamento seria pago pelos patrões e receberiam uma pensão em caso de impossibilidade para continuar trabalhando.⁶⁶⁹ O trabalho “*por obra, por hora ou por peça, pois que o mesmo representa mais uma forma de exploração,*” seria abolido.⁶⁷⁰ As conquistas, defendidas pela UOFT abarcavam também a exigência de respeito para com os operários por parte dos patrões, gerentes, mestres e contramestres, pelo investimento na cultura dos operários, criando escolas e bibliotecas, e pela promoção de “*continua campanha contra o alcool e outros vícios*”, considerados um dos maiores obstáculos para a emancipação do operariado.⁶⁷¹

Diante do exposto, consideramos que a UOFT buscava regular o trabalho dos operários dentro das fábricas e a vida fora das fábricas, incentivando o associativismo. A UGT também defendia nos seus estatutos os esforços para melhorar as condições morais e profissionais.⁶⁷² O incentivo à luta por conquistas trabalhistas pela ação direta, por meio de greves, desagradava ao patronato e ao Estado. Outros posicionamentos que geravam antagonismo por parte do patronato e do Estado era o apoio que a UOFT legava à Revolução Russa de 1917, manifestado na sessão de posse da diretoria em janeiro de 1918⁶⁷³ e também pela presença de militantes anarquistas dentro da associação. Em lugar da colaboração de classes esperada pelo patronato, a UOFT pregava a luta de classes.

As assembleias realizadas na UOFT eram um dos meios para investir na conscientização e união dos operários. De acordo com o jornal *A Razão*, a sede promovia uma sessão semanal fixa.⁶⁷⁴ Tanto as sessões fixas quanto as sessões organizadas para discutir

⁶⁶⁴ Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro nº.910. 24 de janeiro de 1918. (art. 2º a ; b).

⁶⁶⁵ Ibidem. (art. 3º b)

⁶⁶⁶ Ibidem, (art. 3º e)

⁶⁶⁷ Ibidem ,(art.3º g)

⁶⁶⁸ Ibidem.

⁶⁶⁹ Ibidem, (art.3º h)

⁶⁷⁰ Ibidem ,(art.3º i)

⁶⁷¹ Ibidem, (art.3º d)

⁶⁷² *Jornal do Brasil*. 26 de março de 1918, p.6.

⁶⁷³ *Gazeta de Notícias*. 02 de janeiro de 1918, p.5.

⁶⁷⁴ *A Razão*. 24 de março de 1918, p. 5. A sessão semanal ocorreu no dia vinte e três de março de 1918, à noite. Destaca-se que a *Gazeta de Notícias* informou sobre a mesma reunião, porém afirmou que a “*reunião foi convocada para resolver alguns casos importantes que se têm dado em várias dependencias da Fabrica Alliança, sem prévia consulta á União dos Operarios em Fábricas de Tecidos.*” (*Gazeta de Notícias*. 24 de março de 1918, p. 5.) Logo, entendemos que os questões internas de uma determinada fábrica de tecido poderiam ocupar a sessão semanal, como ocorreria com as questões da fábrica Aliança na sessão do dia vinte e três.

questões de uma determinada fábrica, geralmente, ocorriam à noite.⁶⁷⁵ As reuniões começavam entre sete e oito horas da noite e algumas delas chegaram a ir até às onze da noite.⁶⁷⁶ Eram feitas atas das sessões e estas eram lidas para os presentes.⁶⁷⁷ Os dirigentes da UOFT participavam dessas reuniões e presidentes e secretários eram escolhidos para coordenarem as sessões. Identificamos que na maioria dos casos eram os membros da comissão dirigente da UOFT que as coordenavam. Porém, sindicalizados que não constam entre os dirigentes também foram coordenadores das sessões.⁶⁷⁸

Os dirigentes, os operários e operárias têxteis atuantes lutavam pelo reconhecimento da UOFT, por parte dos patrões, como a associação oficial para resolver as questões próprias da realidade de trabalho. As greves promovidas em várias fábricas, no ano de 1918, apresentavam como uma das exigências o reconhecimento desta associação como a representante dos operários. Em situações de greves, muitos diretores do estabelecimento preferiam negociar diretamente com os operários da fábrica e não com membros da UOFT. O seu reconhecimento, por parte Centro Industrial, que representava os donos das fábricas de tecidos e buscava controlar os trabalhadores dentro das fábricas de forma que obtivessem maior lucro,⁶⁷⁹ ocorreu durante uma reunião, no mês de agosto de 1918, no Centro Industrial do Brasil, e contou com a presença de industriais e de operários.⁶⁸⁰ O acordo estabeleceu que:

1º O Centro Industrial do Brasil, legítimo representante das fabricas brasileiras de tecidos, reconhece na União dos Operarios em Fabricas de Tecidos, o órgão directo e representativo da respectiva classe, cabendo, portanto, a esta União, o

⁶⁷⁵ Segundo os estatutos as assembleias gerais que “*representar o poder colectivo e soberano em suas resoluções no que não constar nestes estatutos*” deveriam “*ser sempre convocadas para o dia ou hora em que as fabricas não estejam laborando.*” A resolução dessas assembleias dependiam de determinado número de sócios, que era de no mínimo duzentos na primeira convocação e de no mínimo cento e cinquenta na segunda convocação. Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro n°.910. 24 de janeiro de 1918. (art.27º).

⁶⁷⁶ A sessão de organização da UOFT, ocorrida em quatro de agosto de 1917, começou às sete e meia da noite e terminou às onze horas. *A Razão*. 05 de agosto de 1917, p.5.

⁶⁷⁷ *A Razão* ao publicar sobre a reunião para a reorganização da UOFT, ocorrida em quatro de agosto de 1917, afirmou: “*Constituída a mesa, o secretario procedeu a leitura da acta da sessão anterior, que foi aprovada sem observações da assembléa.*” (*A Razão*. 05 de agosto de 1917, p.5.) No mesmo jornal, consta, na edição do dia quinze de janeiro de 1918, página 5, a informação de reunião na UOFT, sendo iniciada com a leitura e aprovação da ata da sessão anterior.

⁶⁷⁸ A sessão semanal, do dia vinte e três de março, foi presidida pelo associado Raphael Garcia. Aurélio Lago e Manoel da Cunha foram os secretários. (*A Razão*. 24 de março de 1918, p. 5.) Garcia ocupava o posto de procurador da UOFT, mas Lago e Cunha não participavam da comissão diretora da UOFT, no ano de 1918. (*Gazeta de Notícias*. 18 de dezembro de 1917, p.6.) Acreditamos que a participação de sócios, em cargos assumidos nas assembleias, mesmo não pertencendo à diretoria da UOFT, era um dever dos sócios, presente nos estatutos. De acordo com o oitavo artigo, um dos deveres dos sócios era “*comparecer às assembleias e acatar as resoluções destas, aceitando o cargo ou comissão para que for eleito ou nomeado, dando cabal desempenho.*” Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro n°.910. 24 de janeiro de 1918. (art 8º c).

⁶⁷⁹ GOLDMACHER, Marcela. **A “greve geral” de 1903 – O Rio de Janeiro nas greves de 1890 a 1910**. 2009. 181 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.p.24.

⁶⁸⁰ O Centro Industrial recebia pressões por parte dos dirigentes da UOFT para que a associação fosse reconhecida. A pressão era feita por meio da ameaça de greves. NÉBIAS, Wellington Barbosa. **A greve geral e a insurreição anarquista de 1918 no Rio de Janeiro: um resgate da atuação das associações de trabalhadores**. 2009. 220 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Universidade Federal do Rio de Janeiro.p.183.

direito de pleitear junto á directoria de qualquer fabrica de tecidos todas as causas que digam respeito aos interesses dos seus associados [...].⁶⁸¹ (*grifo meu*)

Os dirigentes da UOFT atuaram frequentemente nas questões mesmo antes de receber o reconhecimento do Centro Industrial. As questões eram levadas pelos operários têxteis ou pelos delegados da associação em cada fábrica. O acordo também estabeleceu normas para a relação dos operários com a UOFT e desta com a diretoria das fábricas. Entre elas destacam-se:

2º Perante os directores, gerentes e mestres das fabricas brasileiras de tecidos, todos os operarios são iguaes e têm os mesmos direitos, não podendo os mesmos exercer função nenhuma executiva no serviço administrativo das fabricas, cabendo-lhes, sim, o direito de fazer as suas queixas ou reclamações pessoalmente ou por intermedio de outrem, que trabalhe na mesma secção ou na fabrica;

3º **As reclamações collectivas ou pessoases quando ao serem feitas por delegação serão endereçadas directamente á União, que agirá perante as directorias das fabricas, como representante autorizado da referida classe. Essas reclamações, com as necessárias informações, serão enviadas á União por operarios que esta para tal fim designará;**

4º Quando qualquer pena infligida a um operario fôr reconhecida injusta por ambas as partes, ella será revogada em todos os seus efeitos, sendo o operario reintegrado no seu lugar, se essa pena tiver sido suspensão ou demissão, sem prejuízo de seus vencimentos.⁶⁸² (*grifo meu*)

O Centro Industrial atendeu as reivindicações dos dirigentes da UOFT com relação ao estabelecimento da semana de cinquenta e seis horas de trabalho, a serem adotada em todas as fábricas, e a concessão de trinta por cento de aumento.⁶⁸³ As normas acima apresentadas estipulavam a presença de delegados da UOFT dentro das fábricas de tecidos e eram eles que levariam para a sede da UOFT ou para as sucursais as questões apontadas pelos operários. O artigo vinte e quatro dos estatutos da UOFT determinava que os delegados fossem eleitos pelos operários de cada fábrica.⁶⁸⁴ De acordo com o jornal *Gazeta de Notícias*, no mês de setembro 1918 esse artigo foi modificado passando para a diretoria da UOFT a incumbência de nomear os delegados.⁶⁸⁵

O acordo entre os industriais e os operários estabeleceu para os diretores da fábrica a incumbência de receber os dirigentes da UOFT que se dirigissem para as unidades fabris objetivando articularem as questões operárias. Assim, estabelecia-se uma relação entre os dirigentes da UOFT e os operários, os delegados da associação e os diretores das fábricas. Os dirigentes deveriam ir até as fábricas para dialogar com os patrões e diretores a respeito das reivindicações dos operários. No caso de Albino identificamos também a articulação das questões operárias sendo feitas, no ano de 1918, com várias autoridades e instâncias de poder: o delegado, o presidente da Câmara Municipal e o prefeito de Petrópolis.

O campo de atuação de Albino se estendia por duas importantes cidades do ramo industrial têxtil: Rio de Janeiro e Petrópolis. A primeira informação da presença de Albino na cidade serrana remete ao mês de fevereiro de 1918. Este ano foi marcado por ações simultâneas de Albino nas duas cidades. Consideramos que em 1919, Albino passou a residir

⁶⁸¹ *O Paiz*. 07 de setembro de 1918, p.8.

⁶⁸² *Ibidem*.

⁶⁸³ *Ibidem*.

⁶⁸⁴ Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Officio de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro nº.910. 24 de janeiro de 1918. (art. 24º).

⁶⁸⁵ *Gazeta de Notícias*. 15 de setembro de 1918, p.5.

em Petrópolis e casou-se com Belmira, também uma operária têxtil. Residiu com a família por toda a década de 1920 e início de 1930 na cidade serrana, exercendo ali sua militância.⁶⁸⁶

Após o estabelecimento da sede da UOFT, no Rio de Janeiro, em agosto de 1917, Petrópolis recebeu uma delegação da entidade, e a efetivação da criação de uma sucursal na cidade ocorreria em fevereiro de 1918.⁶⁸⁷ Albino fez parte da delegação atuante no ano de 1918.⁶⁸⁸ Diante do exposto, lança-se a questão: Por qual motivo a cidade de Petrópolis foi escolhida para estabelecer uma sucursal da UOFT?

A presença de fábricas de tecidos na cidade serrana vinha desde a segunda metade do século XIX e o capital empregado na instalação dessas fábricas era proveniente dos proprietários de indústrias localizadas na cidade do Rio de Janeiro, que consideraram a cidade serrana propícia para novos investimentos.⁶⁸⁹ O operariado têxtil que crescia em Petrópolis, entre fins do século XIX e início do século XX, vinha sendo representado por associações que atuavam de forma separada, mas não existia uma associação central para representar os interesses dos trabalhadores de todas as fábricas de tecidos da cidade. Esse papel veio a ser exercido pela UOFT de Petrópolis, que passou a ser a associação oficial para tratar os assuntos referentes à classe trabalhadora têxtil da cidade.⁶⁹⁰

Consideramos também a hipótese de que a motivação para a instalação da sucursal na cidade serrana deveu-se à participação das fábricas têxteis de Petrópolis na greve realizada no ano de 1917, acompanhando a onda de greves em São Paulo e Rio de Janeiro. A fábrica que iniciou as ações grevistas em Petrópolis foi a Cometa do Alto da Serra. Os operários da Cometa contaram “*com a adesão de cerca de oito mil operários de outras fabricas entre estas as de Santa Isabel, Santa Helena, S. Pedro de Alcântara, Valparaíso, Castellania,*

⁶⁸⁶ Entrevista Nilza Dias concedida a Leila Cristina Pinto Pires em 17 de novembro de 2012.

⁶⁸⁷ MESQUITA, Pedro Paulo Aiello. **A Formação Industrial de Petrópolis: Trabalho, Sociedade e Cultura Operária (1870-1937)**. 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora, p. 94.

⁶⁸⁸ *Tribuna de Petrópolis*. 05 de agosto de 1918, p.1.

⁶⁸⁹ MESQUITA, P. 2012, Op. Cit., p.22.

⁶⁹⁰ A pesquisa nas edições do jornal *Tribuna de Petrópolis*, lançados no ano de 1918, permitiu a identificação da presença de associações que representavam os operários das fábricas de tecidos da cidade serrana. Como exemplos citam-se, a Sociedade 24 de Maio, o Centro Operário 1º de Maio e União Beneficente de Cascatinha. (Cf: *Tribuna de Petrópolis*. 15 de janeiro de 1918, p.2; *Tribuna de Petrópolis*. 28 de janeiro de 1918, p.2; *Tribuna de Petrópolis*. 01 de fevereiro de 1918, p.1.) O Centro Operário Primeiro de Maio, pelo menos desde 1913, já atuava na cidade de Petrópolis. A associação pertencia a Confederação Operária Brasileira e participou do Segundo Congresso Operário. (Cf: *A Voz do Trabalhador*. 01 de fevereiro de 1914, p.4.) O jornal *Diário da Manhã*, que circulou em Petrópolis, na primeira metade do ano de 1918, apresentou os nomes de outras associações presentes em Petrópolis. A nota publicada no jornal abordava sobre o festival ocorrido na Sociedade Musical Escolar e Beneficente São Pedro de Alcântara. O festival contou com a presença de várias associações. Apresentamos os nomes de algumas delas visando evidenciar a variedade de associações existente em Petrópolis, na década de 1910. Porém não podemos afirmar que todas eram associações operárias, exceto as que trazem “operárias” em suas denominações. As associações participantes do festival foram: União Beneficente da Colônia Portuguesa, Liga Operária do Alto da Serra, Sociedade dos Cocheiros e Carroceiros, Sociedade Operária 14 de Julho; Clube Estrela do Oriente, Sociedade Brasileira, Sociedade Neopetropolitana e o Grêmio da Rainha das Flores. (*Diário da Manhã*. 01 de janeiro de 1918, p. 9.) Representantes das já citadas Sociedade Portuguesa de Beneficência, Sociedade Beneficente São Pedro de Alcântara, Sociedade Beneficente Protetora dos Cocheiros e Carroceiros, Liga Operária do Alto da Serra, juntamente com os representantes do Sindicato de Canteiros em Pedras e Granito em Petrópolis, Sociedade 24 de Maio, Liceu de Artes e Ofícios e Bogary- Club estiveram presentes na sessão de comemoração de um ano de fundação da UOFT realizada em Petrópolis e que contou com a participação e o discurso de Albino. A presença desses representantes demonstra que essas Sociedades, atuantes há mais tempo, na cidade serrana, reconheciam a sucursal e o trabalho da delegação da UOFT juntamente aos têxteis petropolitanos. Indica também as redes de relacionamentos estabelecidos por Albino. *Tribuna de Petrópolis*. 05 de agosto de 1918, p.1.

Cascatinha, Itamaraty e oficinas da Leopoldina, no Alto da Serra.”⁶⁹¹ As greves ocorreram entre os meses de julho e agosto de 1917, justamente no período de reorganização da UOFT, na cidade do Rio de Janeiro, e do envio da delegação para a cidade de Petrópolis. Desse modo, o diálogo entre as lideranças operárias têxteis da cidade do Rio de Janeiro e de Petrópolis eram mantidos desde meados de 1917.

Sobre a inauguração da sucursal da UOFT, em fevereiro de 1918, o jornal *Tribuna de Petrópolis* divulgou a seguinte nota:

A convite da “União dos Operários em Fabrica de Tecidos do Rio de Janeiro”, reuniu-se hontem, ás 8 ½ horas da noite, no Theatro Rio Branco, grande numero de operarios.

O fim da referida reunião foi da criação, nesta cidade, de uma succursal daquella associação operaria.

Sobre a sua organização e bases falaram os srs. Manoel de Castro, Albino Dias, Joaquim Moraes e Guilherme Leite Mello, respectivamente presidente, vice-presidente e 1º e 2º secretários da “União dos Operários em Fabricas de Tecidos do Rio”; Manoel Leal, do Centro Operario 1º de Maio e o dr. Alberto Moreira.

Os oradores foram entusiasticamente applaudidos pela numerosa assistência, sendo todos os assumptos nella tratados somente de interesses da classe operaria, cuja politica, segundo um dos oradores deveria ser a do trabalho.

Falou por fim um operario, que concitou os seus companheiros alli presentes a se inscreverem como socios da nova succursal da União, que acabava de ser fundada.

A reunião, que teve a presença do sr. tenente Prelidiano Pinto, delegado de policia, terminou ás 10 horas da noite [...].⁶⁹²(*grifos meus*)

A publicação destaca a presença de uma autoridade policial na reunião, e trabalhamos com a hipótese de que Prelidiano Pinto foi convidado para a inauguração da sucursal. O convite caracterizava o reconhecimento, por parte dos dirigentes da UOFT, do seu posto de autoridade municipal. Por Prelidiano ter aceitado o convite e participado da reunião, consideramos que ele reconheceu aquele espaço para a reunião dos trabalhadores e os dirigentes como seus representantes. Destaca-se que um dos oradores afirmou que a política da UOFT era a do trabalho, ou seja, valorizariam o preceito sindicalista revolucionário de lutar por melhorias morais e materiais para os trabalhadores.

Como características da organização do movimento operário têxtil, destacamos a busca por criar sucursais. A UOFT buscava estabelecer sucursais na cidade do Rio de Janeiro e em outras cidades. As áreas em que se instalavam contavam com a presença de fábricas de tecidos.⁶⁹³ A presença dos dirigentes da UOFT, em Petrópolis, denota a ligação da sede com as sucursais e permite apontarmos outra característica do movimento operário têxtil, a disponibilidade dos militantes de se deslocarem em função da luta sindical.

⁶⁹¹ *Gazeta de Notícias*. 04 de agosto de 1917, p.1.

⁶⁹² *Tribuna de Petrópolis*. 27 de fevereiro de 1918, p.1. A UOFT de Petrópolis localizava-se em um sobrado na Avenida 15 de novembro, nº. 734. *Voz do Povo*. 16 de abril de 1920, p.3.

⁶⁹³ Sérgio Mesquita afirmou: “De acordo com declaração feita em fins de 1918 por um membro de seu conselho fiscal ao jornal *A Razão*, a UOFT reunia então 27.000 associados, e além da sede central tinha dez sucursais. Seus diretores visitariam, diariamente, tanto as sucursais da capital, quanto as de Niterói, Petrópolis, Magé, Santo Aleixo e Paracambi.” (MESQUITA, Sérgio. *O sindicalismo revolucionário entre os operários têxteis de Magé - RJ (1917-1919)*. Boletim do Núcleo de Pesquisa Marques da Costa. Ano IV. n. 11. Fevereiro de 2009. p.1.) Através das pesquisas foi possível identificar outras sucursais da UOFT localizadas na Gávea, Vila Isabel, Laranjeiras, Caju, Bangu, Jardim Botânico, Barreto e Pau- Grande. *Gazeta de Notícias*, 22 de junho de 1919, p.7.

Os estatutos da UOFT estabeleciam a promoção de conferências, palestras e excursões como um dos meios para a realização dos objetivos da UOFT,⁶⁹⁴ que eram os de “trabalhar para o desenvolvimento moral, intelectual e material da classe [...]”⁶⁹⁵ e “regulamentar e melhorar as condições de trabalho nas fabricas de tecidos [...]”.⁶⁹⁶ As conferências, palestras e excursões contavam com a participação dos dirigentes da associação que buscavam propagar a ação da associação e conquistar novos sócios.

Em 1918 Albino esteve, a serviço da UOFT, discursando para os operários têxteis em Bangu, Petrópolis e Paracambi e no ano de 1919, em Magé e Niterói.⁶⁹⁷ Assim, afirmamos que o discurso e as ações de articulação de Albino se estenderam pelas principais áreas industriais têxteis do Rio de Janeiro e colaboraram para o desenvolvimento moral, intelectual e material da classe operária.⁶⁹⁸ Consideramos também que a sua atuação e dos demais dirigentes contribuíram para o desenvolvimento de uma cultura operária.

⁶⁹⁴ De acordo com os estatutos. “Exforçando-se pela cultura dos seus, a União fundará escolas diurnas e nocturnas em todos os bairros fabris, creará uma bibliotheca, promoverá conferencias, palestras e excursões.” Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro n.º.910. 24 de janeiro de 1918. (art. 3º c).

⁶⁹⁵ Ibidem,(art.2º a).

⁶⁹⁶ Ibidem, (art.2º b).

⁶⁹⁷ A *Razão* apresentava os comícios realizados pela sede e sucursais da UOFT, em Bangu, Gávea, Paracambi, Vila Isabel e os nomes dos militantes que discursavam nos comícios. Albino esteve presente nos comícios de Bangu e Paracambi. O jornal noticiou a sua presença em Paracambi, juntamente com Joaquim de Moraes e Alfredo Reis, no mês de março de 1918. Os oradores discursaram e defenderam que “só a união de todos e a fé na causa que são paladinos poderão operar o milagre do triumpho completo do proletariado, tanto aqui, como no mundo inteiro.” (A *Razão*, 11 de março de 1918, p.6.) A *Razão*, na edição de dezoito de março, voltou a informar sobre a presença e discurso de Albino para os operários em Paracambi. (A *Razão*, 18 de março de 1918, p.6.) A atuação de Albino no comício na sucursal de Bangu realizou-se no dia trinta e um de março de 1918 e contou com a assistência de quase mil operários. A *Razão* destacou “a affluencia do elemento feminino.” (A *Razão*. 01 de abril de 1918, p.6.) Albino foi o presidente da sessão e novamente Joaquim de Moraes esteve ao seu lado. Decidiram com a sessão que os dirigentes da UOFT atuariam junto aos donos da fábrica de tecidos de Bangu em prol do adicional de dez por cento “que já gosam os tecelões do Rio, em virtude do accordo feito.” (A *Razão*. 01 de abril de 1918, p.6.) Observamos que os dirigentes da sede da UOFT não tomavam decisões sem consultar a direção e os sócios da sucursal. Os dirigentes tinham a proposta de atuar junto ao patronato de Bangu, e apresentaram esse proposta para os presentes na sucursal para obter a aprovação ou não da proposta. Esta foi aceita e às “6 horas, sob o crepusculo que envolvia as montanhas”, os dirigentes da UOFT e redator de A *Razão* tomaram “o expresso, rumo á capital, trazendo a convicção de que os tecelões do Rio constituem, o baluarte das classes proletarias do Districto Federal pelo numero e pelo sopro de energia fecunda que os impulsiona.” (A *Razão*. 01 de abril de 1918, p.6.) Albino participou ao lado de Manoel Ignácio de Castro, Adolpho Silva, Mariano Garcia e Candido Costa da organização de um meeting em Marechal Hermes. O meeting estava sendo organizado pela UOFT. (A *Razão*. 21 de janeiro de 1918, p.4.) Em junho de 1919, operários que produziam tecidos de algodão, na cidade do Rio de Janeiro, Paracambi, Petrópolis e Magé, reclamavam das condições e realizaram greve. As sucursais de Laranjeiras, Cajú, Barreto, Magé, Santo Aleixo, Bangu, Sapopemba, Vila Isabel, Gávea, Paracambi e Pau Grande receberiam “os trabalhos de propaganda” a serem feitos por pessoas designadas. Albino ao lado de Antonio Escano foi designado para atuar em Pau Grande. (Gazeta de Notícias, 22 de junho de 1919, p.7.) Albino nesse mesmo período discursou na sucursal da UOFT em Barreto, Niterói. O discurso foi direcionado para os operários da fábrica Manufatura Fluminense. (A *Razão*. 20 de junho de 1919, p.2.) (A *Razão*. 21 de junho de 1919, p.2.)

⁶⁹⁸ Na década de 1920, os deslocamentos de Albino a serviço da UOFT continuaram. Representando a UOFT de Petrópolis ele esteve presente, no ano de 1923, na cidade de Entre Rios, próximo a Petrópolis, e, no ano de 1925, participou na cidade do Rio de Janeiro das comemorações do Primeiro de Maio. As fontes permitem observar a sociabilidade entre os operários gerada pela vida associativa. A vida de militância de Albino o colocou em contato com as experiências de inúmeros operários. Consideramos que as suas experiências somadas com as dos outros operários, conduziram sua militância. O jornal *O Pharol*, de Juiz de Fora, Minas Gerais, relatou que “ha tempos, os operarios de Entre Rios e Petropolis , com o fim de tornar cada vez mais firme a união das classes trabalhadoras, realizaram, vindos daquellas cidades fluminenses, uma excursão até esta cidade, com o fim de visitar aos seus colegas que aqui mourejam.” Os visitantes esperavam que os

Os deslocamentos dos dirigentes para outras localidades e até as fábricas, naturalmente geravam custos, e no período em que os dirigentes estavam na associação eles não geravam renda para sustentarem a si e as suas famílias. Desse modo, nos questionamos se os operários ativos na luta recebiam algum tipo de remuneração pelos serviços em postos de direção. Os estatutos e o jornal *A Razão* informaram sobre ordenados de determinados cargos da associação. De acordo com os estatutos, os diretores e os empregados da associação, como os serventes e os escriturários recebiam ordenados.⁶⁹⁹ O artigo quinze do estatuto determinava que: “o presidente ou qualquer director ou socio que por qualquer imergencia tenha que ficar ao serviço da União, receberá vencimento de accordo com o seu ordenado.”⁷⁰⁰ Infelizmente os estatutos não mencionam o valor dos ordenados, mas o jornal *A Razão* informou esses valores ao publicar que a assembleia deliberou “que o ordenado do escriptuario fosse elevado a 150\$000 e que ficasse estipulado para o presidente e secretarios os ordenados mensaes de 200\$000.”⁷⁰¹ Consideramos, portanto, que é provável que Albino, enquanto vice-presidente da UOFT, ganhasse também o valor de 200\$000.

Para manter os gastos com os deslocamentos, pagamento dos ordenados e com a manutenção da associação fazia-se necessária à cobrança de mensalidades aos operários sindicalizados.⁷⁰² O capital acumulado com as mensalidades dos sócios também era destinados à ajudas materiais. Apesar da UOFT não ser uma associação de cunho beneficente,

operários de Juiz de Fora retribuíssem a visita. Não foi possível identificar os operários, da cidade de Petrópolis, que estiveram presentes em Juiz de Fora. A retribuição ocorreu em vinte e seis de novembro de 1923. *O Pharol* informou que “cerca de 200 operarios, em carros especiaes, de primeira classe, ligados ao trem que parte desta cidade ás 7:25, daqui parseguiram anteontem, pela manhã para Entre-Rios [...]. Ali eram aguardados, na <gare>, por uma numerosa multidão, á frente da qual se achava a banda de musica <Primeiro de Maio> de Entre-Rios. Autoridades, pessoas de destaque e grande numero das principaes familias de Entre-Rios ali tambem se achavam [...]”. Operários de Petrópolis também foram para Entre-Rios. Após os excursionistas mineiros serem recepcionados na estação, dirigiram-se “para a sede do club operário Primeiro de Maio.” A sessão solene que se realizou contou com os discursos de “Antonio Vieira Junior, da redacção de <O Trabalho>, de Parahyba do Sul [...]. Em seguida, representando a <União dos Operarios em Fabricas de Tecidos de Petropolis> saudando tambem aos nossos colegas excursionistas, falaram os operarios Albino Dias, Manuel da Cunha e Vicente Llorca, todos de Petropolis.” Operários de Entre-Rios discursaram e, em seguida, operários e operárias de Entre-Rios, Petrópolis e Juiz de Fora participaram do lanche, com “finos doces e bebidas” ao som da banda de música do Grêmio Operário Primeiro de Maio. (*O Pharol*. 27 de novembro de 1923, p.1.) A ligação dos operários de Petrópolis com os de Entre-Rios havia conduzido, no ano de 1922, a visita “dos operários das fabricas de tecidos de Petrópolis” a Entre-Rios, onde foram recebidos “festivamente.” Calculou-se “mais de mil o numero de operarios vindos de lá, em trem especial.” Realizaram um convescote, ou seja, um piquenique as margens do Rio Paraíba do Sul. (*A Noite*. 16 de agosto de 1922, p.4.) Albino, no ano de 1925, participou da sessão comemorativa do Primeiro de Maio realizada na sede da UOFT. Para representar a UOFT de Petrópolis, ele se deslocou da cidade serrana, em que morava, para a cidade do Rio de Janeiro. *Gazeta de Notícias*. 2 de maio de 1925, p.3.

⁶⁹⁹ Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro nº.910. 24 de janeiro de 1918. (art. 15º).

⁷⁰⁰ *Ibidem*. A forma como foi redigido este artigo, não ficou explicado se estavam se referindo a trabalhos extras que surgissem para a diretoria e os trabalhos que sócios tivessem que executar.

⁷⁰¹ *A Razão*. 13 de janeiro de 1918, p.5.

⁷⁰² Na sessão para reorganização da UOFT, “foi feita uma collecta entre os presentes para acudir ás primeiras despesas da novel sociedade, que rendeu 82\$300, sendo a mesma entregue ao 1º thesoureiro recentemente nomeado.” (*A Razão*. 05 de agosto de 1917, p.5.) Os delegados da UOFT, nas fábricas de tecidos, recolhiam as mensalidades dos operários e as levavam para a sede da UOFT. (*A Razão*. 17 de março de 1918, p.9.) As práticas relatadas em *A Razão* seguiam o que regia os estatutos. De acordo com esse documento, as contribuições deveriam ser feitas nos estabelecimentos onde os operários trabalhavam ou na sede social. (Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro nº.910. 24 de janeiro de 1918. art.3º b). Os “delegados ou cobradores devem prestar as suas contas ao thesoureiro, dentro de cinco dias apoz os pagamentos das fabricas.” *Ibidem*, (art. 25º g).

em caso de necessidades ajudava materialmente os seus sócios. No período de greves, os grevistas recebiam um valor para sustentarem a si e as suas famílias até o fim da greve, quando retornariam aos seus postos e voltariam a receber o ordenado.⁷⁰³ Albino, representando a UOFT de Petrópolis, esteve envolvido em uma ajuda que evidenciou a sua atitude enquanto dirigente da UOFT.

No dia cinco de julho de 1918, “o fogo destruiu [...] um barracão situado à rua Thereza, que servia de cocheira, no pavimento terreo, e no superior, de moradia, de propriedade do sr. Jacob Brand [...]”.⁷⁰⁴ Os residentes no pavimento superior eram a “preta Porcina Maria da Conceição”⁷⁰⁵ e “Arminda Moura, com 2 filhos, operarios, Maria Christina e Alice Miranda, operaria, com 3 filhas.”⁷⁰⁶ A descrição dos ocupantes foi feita por Porcina que não atribuiu a si o posto de operária.⁷⁰⁷ Diante do incêndio, “o sr. Albino Dias, vice-presidente da <<União dos Operarios em Fabrica de Tecidos>> no louvavel intuito de que aquella associação concorra com algum auxilio para os operarios que residiam no barracão e tudo perderam, convocou para hoje uma reunião, afim de se resolver sobre esse assumpto de máxima importância.”⁷⁰⁸ O jornal *Tribuna de Petrópolis* relatou que a atitude louvável da UOFT não envolveu Porcina e noticiou:

A preta Porcina Maria da Conceição, de 48 annos de idade, encontra-se bastante pezarosa pelos prejuizos que teve com o incendio. Sozinha, sem ninguém por si, deve haver quem se interesse pela sua sorte, para que esta não seja inferior ás de suas companheiras de infortunio, que tiveram o auxilio da << União>>, associação a que pertencem, como operarias que são.⁷⁰⁹ (*grifos meus*)

A forma como eram redigidas as matérias do *Tribuna de Petrópolis*, conduz ao entendimento de que a ajuda partiria da sede da UOFT. Mas, as leituras do periódico do ano de 1918, permitiram identificar que mesmo não apontando que se referia a sucursal, à ação da delegação da UOFT em Petrópolis, que o jornal se referia. Os sócios foram amparados materialmente e provavelmente liberados de pagar as mensalidades, porque os estatutos estabeleciam ser facultativo o pagamento destas, em casos de “doença ou desocupação forçada por mais de trinta dias, ou quando ainda privado de sua liberdade em defesa da classe.”⁷¹⁰ A ajuda seria obtida por meio de contribuições dos operários sócios e da própria UOFT. O *Tribuna de Petrópolis* afirmou que “as duas famílias de operarios que tiveram prejuizos totaes no incendio [...] vão ser auxiliadas, tendo sido aberta uma subscripção em

⁷⁰³ *Gazeta de Notícias*. 13 de março de 1918, p.6.

⁷⁰⁴ *Tribuna de Petrópolis*. 6 de julho de 1918, p.1.

⁷⁰⁵ *Ibidem*.

⁷⁰⁶ *Ibidem*.

⁷⁰⁷ *Ibidem*.

⁷⁰⁸ *Ibidem*. Os estatutos da UOFT, no segundo capítulo, regulamentam a admissão e contribuição dos sócios e no terceiro capítulo regulamentam os direitos e deveres dos sócios. Para ser sócio era “necessario ser maior de quatorze annos e ser operário em qualquer mister nas fábricas de tecidos.” Indivíduos que não trabalhassem em fábricas de tecidos, não seriam aceitos. (Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Officio de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro n° 910. 24 de janeiro de 1918. Art. 7° b). Como sócio era necessário contribuir para a UOFT mensalmente. Propunham que após a admissão, o novo sócio concorresse como uma “joia de 5\$000 (cinco mil reis) a titulo de defesa da greve, e 1\$0000 Rs (mil reis) de sua mensalidade.” *Ibidem*, (art. 7° c).

⁷⁰⁹ *Tribuna de Petrópolis*. 7 de julho de 1918, p.2.

⁷¹⁰ Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Officio de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro n° 910. 24 de janeiro de 1918. (art. 8° g).

seu favor, na qual já foram apurados 17\$300, quantia essa que deverá juntar-se com a que a <<União>>, por sua vez, também concorrerá.”⁷¹¹

Quando do término da realização da subscrição, Porcina também recebeu ajuda. O dinheiro foi distribuído da seguinte forma: “Alice Miranda, 99\$; a Arminda Moura, 49\$; a Maria Christina; 36\$600; a Porsina Maria da Conceição, 36\$600.”⁷¹² Os responsáveis por organizar a subscrição foram Miguel Gonçalves e Reynaldo Fuck.⁷¹³ Consideramos que ambos estavam a serviço da UOFT de Petrópolis revelando que a associação optou por ajudar Porcina, mesmo esta não pertencendo à categoria têxtil.⁷¹⁴ A ajuda prestada pela UOFT vêm de acordo com a posição historiográfica que afirma a presença das práticas mutualistas em determinadas sociedades de resistência, no decorrer das duas décadas iniciais do século XX.⁷¹⁵

A organização interna da UOFT gerava conflitos e Albino esteve envolvido em um conflito interno que colabora para compreendermos a organização da associação. O conflito era sobre a expulsão de Alberto Soares, irmão de Claudino José Soares que viria a ser, no ano de 1919, o presidente da UOFT.⁷¹⁶ Ele e mais alguns associados não se conformaram com a expulsão de Alberto e requereram a discussão da questão em assembleia extraordinária.⁷¹⁷

Claudino foi o primeiro a falar e “defendeu calorosamente o seu irmão sustentando que elle não podia ser expulso uma vez que não estava presente quando foi ‘julgado’.”⁷¹⁸ Em seguida falaram os dirigentes da UOFT, Manoel Ignacio de Castro, Joaquim Moraes e José Pereira de Oliveira. Castro afirmou,

que a directoria agiu com justiça, **eliminando um associado que, além de perturbar as assembleas, a ponto de originar o não comparecimento ás mesmas dos operarios insultou os membros da directoria.**

⁷¹¹ *Tribuna de Petrópolis*. 08 de julho de 1918, p.1.

⁷¹² *Tribuna de Petrópolis*. 14 de agosto de 1918, p.1. Consideramos a hipótese de Alice ter recebido um valor maior porque tinha três filhas e, provavelmente, estas não trabalhavam. Arminda tinha dois filhos que eram operários. Estes poderiam continuar trabalhando para ajuda-la. Maria Christina e Porcina receberam o mesmo valor e este foi menor do que os recebidos por Alice e Arminda. A fonte não informou que Maria Christina e Porcina tivessem filhos. Logo, as suas necessidades financeiras eram menores do que as operárias com filhos, e também, Porcina recebeu um valor menor porque a ajuda era uma caridade. Como foi demonstrado, essa ajuda não estava prevista, mas diante das dificuldades de Porcina, a subscrição realizada a incluiu na lista das beneficiadas. (*Tribuna de Petrópolis*. 6 de julho de 1918, p.1.) A publicação do dia oito de julho de 1918 ressalta a informação de Porcina e Maria Christina serem solteiras. A publicação informou que a subscrição ajudaria duas famílias operárias que perderam tudo com o incêndio e estas famílias, provavelmente, eram as de Alice e Maria Christina. *Tribuna de Petrópolis*. 08 de julho de 1918, p.1.

⁷¹³ *Tribuna de Petrópolis*. 14 de agosto de 1918, p.1.

⁷¹⁴ Consideramos que Miguel Gonçalves e Reynaldo Fuck eram operários e anarquistas. Ambos foram acusados de participarem nas ações grevistas e insurrecionais de dezoito de novembro de 1918, na cidade de Petrópolis. No decorrer das investigações, foram considerados “impronunciados”, ou seja, não conseguiram provas contra eles. *O Imparcial*. 25 de março de 1919, p.3.

⁷¹⁵ Segundo Cláudio Batalha, “a ideia de que as novas sociedades de resistência substituíram definitivamente as velhas sociedades mutualistas é falsa. O processo foi lento e bastante complexo. As sociedades mutualistas puras nunca desapareceram inteiramente. Por outro lado, algumas das velhas sociedades acabaram incorporando funções de resistência, do mesmo modo que algumas das novas sociedades de resistência adotaram práticas assistenciais. De fato, mesmo sem ter sido tão radical quanto se costuma supor, certamente houve uma mudança visível nas formas de organização operária no início do século XX.” BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. *Sociedades de Trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: Algumas reflexões em torno da formação da classe operária*. Cadernos AEL, vol.6, n.10/11, 1999.p.47.

⁷¹⁶ *A Epoca*. 14 de janeiro de 1919, p.4.

⁷¹⁷ *A Razão*. 13 de janeiro de 1918, p.5. Servan Heitor de Carvalho foi eleito, pelos presentes, para presidir a assembleia. (Ibidem). Carvalho era membro do conselho fiscal da diretoria da UOFT, no ano de 1918. (*Gazeta de Notícias*. 18 de dezembro de 1917, p.6.) Na diretoria que assumiu em 1919 ocupou o posto de tesoureiro. *A Epoca*. 14 de janeiro de 1919, p.4.

⁷¹⁸ *A Razão*. 13 de janeiro de 1918, p.5.

Acha, portanto, que a resolução da assembléa deve ser mantida enquanto o sócio atingido pela deliberação da assembléa, que o julgou pernicioso ao bom andamento da União, não se justificar perante outra reunião, para tal fim convocada.⁷¹⁹ (*grifo meu*)

Moraes condenou a atitude de Alberto Soares e afirmou que “*se este companheiro [...] está disposto a modificar a sua attitude, sou de accordo que elle volte ao nosso meio, no entanto, se elle está convencido de que o seu procedimento é digno e que o acto da directoria foi illegal, então, acha que deve prevalecer a deliberação anterior.*”⁷²⁰ Oliveira ao discursar enalteceu “*as boas qualidades do expulso e aprovando tambem os actos da directoria em referencia á eliminação.*”⁷²¹ Mesmo concordando com a validade da expulsão propôs a readmissão de Alberto.⁷²²

Manoel Augusto Leal também discursou e “*defendeu o sócio eliminado dizendo que o presidente que por elle foi desfeitoado devia ter chamado a policia para o intimidar a abandonar o recinto.*”⁷²³ Interpretamos que para Leal o procedimento a ser adotado não era a expulsão do sócio acusado de ofensa à diretoria. A punição sugerida por Leal seria a retirada de Alberto Soares da sede da UOFT, onde estava perturbando a ordem e agredindo verbalmente a diretoria. Albino discordou da opinião de Leal e “*deu o seguinte aparte,*”⁷²⁴

- O dia que a policia aqui entrar para intimidar um sócio desta casa a retirar-se eu deixarei de fazer parte desta União.

Este aparte foi apoiado por toda a assembléa, exclamando todos á “uma você:”

- Apoiado.⁷²⁵ (*grifo meu*)

Os estatutos estabeleciam como penalidades, a expulsão ou suspensão de um sócio, por “*calumniarem a directoria visando interesses proprios ou intuitos maldosos,*”⁷²⁶ para “*os que desautorarem qualquer membro da directoria ou conselho em materia social, e os que perturbarem a ordem em qualquer reunião no recinto social.*”⁷²⁷ No caso de Alberto Soares ele era acusado de perturbar a ordem na reunião e insultar a diretoria da UOFT. De acordo com a fala de alguns dirigentes, sua postura fazia com que outros sócios não quisessem participar das reuniões e era dever dos sócios “*comparecer as assembleias.*”⁷²⁸ Os dirigentes decidiram que a penalidade a ser aplicada era a expulsão. A forma como foi realizada levou alguns indivíduos a contestarem a falta de defesa por parte de Alberto durante ou depois do que o jornal *A Razão* denominou de “julgamento”. A comissão requeria a possibilidade de o caso ser revisto e de Alberto se defender. A requisição foi atendida e os dirigentes se reuniram para a revisão do caso.

Interessante notar como a UOFT configurou-se em um espaço de discussões e vivências para os operários e militantes acerca dos seus direitos e deveres para com a associação, que era a representante e instrumento de luta dos têxteis. Cabia a eles viverem a

⁷¹⁹ Ibidem.

⁷²⁰ Ibidem.

⁷²¹ Ibidem.

⁷²² Ibidem.

⁷²³ Ibidem. Acreditamos que Manoel Augusto Leal era o mesmo que participou da sessão de inauguração da UOFT em Petrópolis, realizada em fevereiro de 1918, representando o Centro Operário Primeiro de Maio que atuava na cidade serrana. *Tribuna de Petrópolis*. 27 de fevereiro de 1918, p.1.

⁷²⁴ *A Razão*. 13 de janeiro de 1918, p.5.

⁷²⁵ Ibidem.

⁷²⁶ Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro n.º.910. 24 de janeiro de 1918. (art.10º a).

⁷²⁷ Ibidem, (art.10º c).

⁷²⁸ Ibidem. (art.8º c).

dinâmica da vida associativa e esta era marcada por conflitos tanto acerca das relações trabalhistas quanto acerca da organização da associação. Destacamos a visão de Albino sobre as relações estabelecidas na associação. *A Razão* publicou a fala indignada de Albino a respeito da proposta da convocação da polícia para retirar um sócio do estabelecimento. Para Albino, elementos externos à categoria não decidiriam as questões internas, ainda mais a polícia. Eram os operários e militantes que com suas discussões e seguindo os estatutos deveriam administrar os conflitos surgidos. A assembleia decidiu pela readmissão de Alberto Soares.⁷²⁹

Os dirigentes eram ativos na militância. Os cargos ocupados demandavam o incentivo à associação dos operários e o deslocamento para as fábricas objetivando conversar com os diretores do estabelecimento fabril, com os delegados da UOFT e com os operários. Nas reuniões dentro da associação eles eram os responsáveis por colocar os operários a par do ocorrido, de como estavam conduzindo a questão, de como os operários deveriam se comportar no decorrer da ação grevista e também de solucionarem os conflitos internos da associação. As sessões, presididas pelos dirigentes, e com a presença dos operários e dos delegados da fábrica envolvidos na questão a ser discutida, caracterizavam os momentos de discussão e de busca por um acordo que caracterizasse a posição da classe operária têxtil. Ao procurarem a sede ou a sucursal, os operários legitimavam a responsabilidade da articulação dos conflitos para os dirigentes da UOFT. Os patrões, na maioria das vezes por intermédio dos diretores da fábrica que negociavam com os dirigentes da associação, reconheciam neles os responsáveis pela condução das questões próprias da categoria têxtil.⁷³⁰

Os discursos dos dirigentes da UOFT e as suas posturas na articulação dos conflitos eram decisivos para a conquista da confiança dos operários, que repercutia na manutenção da sindicalização e no incentivo para que atuassem na divulgação dos benefícios da associação. A manutenção da sindicalização não era tarefa fácil, exigia contribuição financeira e não serem bem vistos pelos mestres, contramestres, diretores, donos da fábrica e pela polícia.

Os dirigentes relacionavam-se com os operários dentro do sindicato e nas fábricas e também com a polícia e o patronato. Essas relações geravam experiência na prática do associativismo. Consideramos que o movimento operário têxtil, nos anos de 1917 a 1919, contou com a agência dos dirigentes, operários, patronato e Estado, como procuraremos demonstrar neste capítulo. De modo mais específico investigaremos a ação dos dirigentes da UOFT e de modo mais destacado Albino diante dos conflitos de classe e que tipo de relação se estabeleceu entre os operários e os dirigentes da UOFT e entre estes e os patrões. Os dois subitens que se seguem constituem-se em um esforço de análise dessas questões.

⁷²⁹ *A Razão*. 13 de janeiro de 1918, p.5.

⁷³⁰ Ao considerarmos que os dirigentes da UOFT eram articuladores dos conflitos surgidos entre os operários e entre estes e o patronato, nos baseamos no conceito de “tribuno” de Edward Palmer Thompson. O conceito faz alusão aos radicais que se deslocavam pelos distritos da Inglaterra, no fim do século XVIII e início do século XIX, para propagarem os seus preceitos radicais, apoiando a reforma parlamentar. (Cf: THOMPSON, Edward Palmer. *Demagogos e Mártires*. In: _____ **A Formação da Classe Operária Inglesa III- a Força dos Trabalhadores**. 3º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.) O autor Alexandre Fortes afirmou que os tribunos eram homens que “*cumpriam o papel de elos de articulação nacional entre os movimentos locais de trabalhadores, diante de sua fragilidade organizacional e do isolamento imposto pelo contexto de repressão política.*” (FORTES, Alexandre. **Formação de Classe e Participação Política: E.P.Thompson e o populismo**. Anos 90, Porto Alegre, v.17, n.31, 2010. p.185-186.) Entendemos que os dirigentes da UOFT agiram como tribunos ao se deslocarem até as fábricas e para outras cidades, visando entrar em contato com os operários e com os patrões. Esse contato poderia ser para propagar a UOFT como também para buscar resolver os conflitos surgidos entre operários ou entre estes e os patrões. Assim, as articulações eram feitas e partiam da agência de indivíduos como Albino, que era um operário e militante. Esses homens estavam sujeitos às respostas dadas pelos patrões e dirigentes da fábrica para a questão apresentada.

1.3.1. A União dos Operários em Fábricas de Tecidos como espaço de gerenciamento de conflitos (1918)

Caracterizamos como antagonismos as posições contrárias que se desenvolvem entre homens e mulheres que convivem dentro de um mesmo espaço, no caso, as fábricas de tecidos, onde se geravam conflitos entre os próprios operários e entre estes e os proprietários ou diretores da fábrica. Muitos conflitos culminaram em greves.

Os conflitos e greves, no ano de 1918, foram motivados pelo contexto de crise econômica gerada em decorrência da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).⁷³¹ As reuniões que a UOFT promovia constituíam-se em oportunidades para criticar a carestia de vida que abatia-se sobre os trabalhadores e o envolvimento do Brasil na guerra. O desabastecimento dos gêneros de primeira necessidade, as precárias condições de vida e de trabalho e a convocação, por parte do governo, de brasileiros para lutarem na guerra, contribuía para agravar as precárias condições de vida.⁷³² Esse período foi marcado também pela epidemia de influenza espanhola que matava muitos trabalhadores.⁷³³

O internacionalismo estava presente no movimento operário e o estabelecimento de uma forma de governo socialista na Rússia, a partir do ano de 1917 muito agradou aos dirigentes da UOFT que buscavam colocar-se a par dos acontecimentos. Com o exemplo russo, intensificou-se entre os dirigentes da UOFT, a consciência da necessidade de pôr em ação manifestações para cobrar dos patrões e do Estado mudanças nas relações entre capital e trabalho. Os antagonismos geram conflitos e greves. O espaço da UOFT foi o designado para representar os têxteis e articular os conflitos e greves que surgiam. Analisaremos, neste item, alguns dos conflitos evidenciados pelos periódicos, focando na figura de Albino como um dos articuladores das negociações.

O primeiro conflito a ser abordado ocorreu entre os operários e os mestres e contramestres cujo comportamento era considerado como abusivos, pois excediam-se no controle do ritmo de trabalho das crianças, das mulheres e dos homens. Albino, no seu artigo publicado no jornal *A Época*, no ano de 1913, abordou criticamente a posição desses empregados e afirmou:

Nas antigas fazendas, os senhores tinham os verdugos, denominados feitores, que, de retho em mão, impunham aos escravos uma obediencia passiva á sua

⁷³¹ Ressalta-se que a Primeira Guerra Mundial não gerou somente dificuldades para o Brasil. O jornal *A Lanterna* publicou uma matéria com o título “*Um benefício da guerra europeia.*” Os benefícios apontados foram a produção, dentro do Brasil, de anilinas para tingir os tecidos. Antes, a anilina era comprada da Alemanha, mas com o envolvimento direto desse país na guerra cessou o comércio do produto com o Brasil. O setor de estamparia das fábricas foram prejudicados até a produção de anilinas ser feita no Brasil. Outro benefício para o Brasil foi à ampliação do mercado consumidor interno e o jornal apontou perspectivas de ampliar o mercado externo pelo menos para a América do Sul. *A Lanterna* apresentou vários dados relativos ao progresso das indústrias de algodão no Brasil. Como exemplos o número das fábricas que eram de 110 no ano de 1905 e atingiu 230 no ano de 1916. De 26.420 teares passava para 49.648 teares e de um total de 39.159 empregados atingia a marca dos 80 mil empregados no ano de 1916. Segundo *A Lanterna*, o ramo industrial dos tecidos de algodão era o que o mais se beneficiava com a guerra na Europa. Apesar dos avanços da indústria de algodão no Brasil, o jornal reconheceu que houve crises como a de 1913 em que a indústria sofreu com a retração do crédito e do capital. *A Lanterna*. 09 de dezembro de 1916, p.2.

⁷³² NÉBIAS, W., 2009, Op. Cit., p.165.

⁷³³ O jornal *Tribuna de Petrópolis*, no decorrer do ano de 1918, apresentou várias matérias sobre a gripe espanhola, que assolava a cidade do Rio de Janeiro e de Petrópolis. Apresentava informações de missas que seriam celebradas a pedido dos donos de fábricas de tecidos em prol da memória dos seus funcionários mortos, noticiava redatores do próprio jornal que haviam sido vitimados e como a doença prejudicava a organização da vida na cidade. Cf: *Tribuna de Petrópolis*. 1918.

vontade despotica; os industriaes modernos têm os mestres e contra-mestres, que fazem o mesmo papel.

Nas fabricas de tecidos, tudo é prohibido. E' prohibido conversar, prohibido fumar, prohibido lêr, prohibido sahir das machinas, e até é prohibido estar na privada o tempo que se necessita, **acontecendo muitas vezes aos mestres e contra-mestres irem lá buscar os operarios, que, no entender delles, demoram mais do que o tempo necessário, como aconteceu, há pouco, na fabrica Bomfim, no Caju', onde um tyrannete estúpido e sem vergonha se atreveu a entrar na privada das senhoras, para mandar trabalhar as que lá estavam.**⁷³⁴ (*grifos meus*)

A posição contrária por parte de Albino ao comportamento dos mestres e contramestres, na qual o militante buscou registrar e divulgar no ano de 1913, novamente se manifestou em 1918. No dia dois de fevereiro de 1918, foi discutido na sede da UOFT o caso do contramestre da fábrica de tecidos de Sapopemba, “*situada na estação de Deodoro.*”⁷³⁵ O contramestre era o português⁷³⁶ Joaquim Gonçalves Junior e “*devido aos seus modos grosseiros, foi ha dias espancado pelos seus companheiros no interior da propria fabrica.*”⁷³⁷ O caso de agressão ocorreu no dia trinta de janeiro e de acordo com o periódico *O Imparcial*, “*os operarios da fabrica de tecidos de Deodoro, devido ao máo trato recebido do contra-mestre Joaquim Gonçalves Junior, revoltaram-se hontem, pela manhã e espancaram Gonçalves sem dó nem piedade, produzindo-lhe diversos ferimentos na cabeça e fortes contusões pelo corpo.*”⁷³⁸

O Paiz também relatou o caso e afirmou que o contramestre Gonçalves retornava de uma reunião quando a agressão ocorreu. Além de Gonçalves, os demais chefes de serviço participaram da reunião e esta foi convocada pelo gerente da fábrica de Sapopemba, o senhor Rossato. Ele convocou a reunião porque estava recebendo uma comissão de delegados enviados pela UOFT, que pediram para serem colocados diante dos mestres de oficinas da fábrica.⁷³⁹ Os delegados receberam reclamações de que em Sapopemba era “*onde mais se accentua a prepotencia dos chefes de serviço.*”⁷⁴⁰ Os redatores de *A Razão* informaram que “*há tempos [...]vem recebendo cartas de operarios daquelle estabelecimento reclamando contra o máo trato que ali recebem, dos contra-mestres e mestres [...].*”⁷⁴¹ Informou também que Gonçalves e Amadeu Pereira eram os contramestres acusados de maus tratos pelos operários.⁷⁴²

Após a reunião, Gonçalves retornou para o seu posto de trabalho, descontente com a situação a que fora submetido na reunião com o gerente e com os delegados da UOFT e com o que escutou na reunião, pois o gerente Rossato afirmou que “[...] esse estado de coisas não podia nem devia continuar.”⁷⁴³ Um grupo de operários perguntou à Gonçalves o que estava acontecendo já que os chefes de serviço haviam todos sido chamados para a reunião. Ele,

⁷³⁴ *A Epoca*. 9 de novembro de 1913, p. 9. Ressalta-se que, no segundo capítulo da dissertação, trabalhamos com a contestação dos operários da Confiança, no ano de 1909, no tocante aos abusos do contramestre Felipe de Mores. O caso foi mencionado no Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos, no ano de 1913. (Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos. In: *A Voz do Trabalhador*. 05 de agosto de 1914, p. 3.) O objetivo do relatório era ser um histórico conciso da classe operária têxtil. Logo, os seus autores, que acreditamos serem Albino e Pedro Villa consideraram importante retratar a ação abusiva dos mestres e dos donos das fábricas de tecidos e como os operários reivindicaram esse comportamento.

⁷³⁵ *O Paiz*. 31 de janeiro de 1918, p.7.

⁷³⁶ *O Paiz* afirmou, “[...] sendo então Gonçalves, que é de nacionalidade portuguesa [...].” *O Paiz*. 31 de janeiro de 1918, p.7.

⁷³⁷ *Gazeta de Notícias*. 03 de fevereiro de 1918, p. 5.

⁷³⁸ *O Imparcial*. 31 de janeiro de 1918, p.5.

⁷³⁹ *O Paiz*. 31 de janeiro de 1918, p.7.

⁷⁴⁰ *Ibidem*.

⁷⁴¹ *A Razão*. 31 de janeiro de 1918, p. 4.

⁷⁴² *A Razão*. 03 de fevereiro de 1918, p. 5.

⁷⁴³ *A Razão*. 31 de janeiro de 1918, p. 4.

“numa exaltação injustificada, prorrompeu em improperios contra os operarios, criticando o acto do gerente da fabrica”⁷⁴⁴ e “tendo palavras de desprezo para com os seus inferiores.”⁷⁴⁵ A discussão se acentuou entre Gonçalves e os operários, que “atiraram-se sobre o contra-mestre, armados de pao, sovando-o até prostal-o no chão.”⁷⁴⁶

O Paiz associou os acontecimentos de janeiro de 1918 com a greve que havia ocorrido na fábrica no final do ano de 1917. Mesmo com o fim da greve “os interesses do operariado continuam pendentes de cabal solução.”⁷⁴⁷ Para relatar o que vinha acontecendo na fábrica após a greve, o jornal afirmou que “os mestres de officinas, algumas vezes mais realistas que o proprio rei, se arvoram em catões e impõem aos operarios sob suas ordens, as mais absurdas exigencias.”⁷⁴⁸ Desse modo, os operários não haviam conseguido o que exigiram com a greve no ano de 1917 e os contramestres continuavam com uma postura abusiva.

No mesmo dia, trinta de janeiro, porém antes de responder grosseiramente, Gonçalves havia discutido “acaloradamente com o de nome Antenor de tal, um a favor e outro contra a greve.”⁷⁴⁹ A discussão ocorreu provavelmente porque Gonçalves não gostou de presenciar indivíduos na fábrica Sapopemba propagando a greve. A *Epoca* classificou de “maos elementos”⁷⁵⁰ os homens que estavam “aliciando o mundo trabalhador.”⁷⁵¹ Gonçalves mais uma vez se colocou ao lado dos patrões, discutindo provavelmente com Antenor de Oliveira, o representante dos operários de Sapopemba na UOFT.

Fora provavelmente Antenor de Oliveira, delegado da UOFT na fábrica de Sapopemba, quem fez a reclamação na sede da associação a respeito do comportamento dos contramestres. De acordo com os estatutos, os delegados eram “os unicos representantes da directoria dentro das fabricas, pessoa alguma, a não ser elles poderá faser-se representar juntos aos mestres ou gerentes para fins que visem interesses da União, e só assim a directoria reconhecerá as suas resoluções.”⁷⁵² Cabia a eles procurar “sempre a maneira amigavel para a solução de qualquer questão. Porem, num caso grave deve participal-o á directoria pedindo a sua intervenção para o resolver.”⁷⁵³

Os estatutos estabeleciam um contato dos delegados junto aos mestres e contramestres porque os primeiros eram os únicos autorizados a representar a UOFT. No caso ocorrido em Sapopemba, o delegado Oliveira estava diante do comportamento dos contramestres que eram acusados pelos operários de maus tratos. Oliveira, trabalhando na fábrica, também presenciava esses maus tratos e discordava destes e do posicionamento do contramestre contrário às greves. Caso Oliveira tenha seguido as orientações dos estatutos, ele primeiramente procurou resolver a questão dentro da própria fábrica, junto aos contramestres e diretoria. Mas, diante da não possibilidade de resolver amigavelmente, solicitou a interferência da diretoria da UOFT.

⁷⁴⁴ *A Razão*. 03 de fevereiro de 1918, p. 5.

⁷⁴⁵ *A Razão*. 31 de janeiro de 1918, p. 4.

⁷⁴⁶ *O Paiz*. 31 de janeiro de 1918, p.7. De acordo com *O Imparcial*, “Gonçalves foi socorrido pela Assistencia e ficou em tratamento em sua residencia, á rua Santa Izabel, n.9.” A polícia do 23º distrito atuou e prendeu “o operario Arthur Silva, apontado como o principal responsavel pela aggressão.” E “depois de serenado os animos, os trabalhos continuaram normalmente” na fábrica Sapopemba. *O Imparcial*. 31 de janeiro de 1918, p.5.

⁷⁴⁷ *O Paiz*. 31 de janeiro de 1918, p.7.

⁷⁴⁸ *Ibidem*.

⁷⁴⁹ *A Epoca*. 31 de janeiro de 1918, p.3.

⁷⁵⁰ *Ibidem*

⁷⁵¹ *Ibidem*.

⁷⁵² Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro nº.910. 24 de janeiro de 1918. (art 24º parágrafo 3º).

⁷⁵³ *Ibidem*, (art. 25º e).

Os periódicos narravam uma agressão “*sem dó nem piedade.*” Vários operários teriam se juntado para agredir Gonçalves fisicamente, a ponto dele ter precisado de cuidados médicos. Diante desse caso, problematizamos as relações estabelecidas dentro do espaço das fábricas. O contramestre, que era um operário também, se sentia privilegiado, ocupando um cargo de confiança diante dos diretores da fábrica. Os operários, em contrapartida, o considerava um traidor.

A postura dos mestres e contramestres geraram respostas por parte dos demais operários. Essas respostas foram dadas por via das reclamações feitas na UOFT e por via da agressão. De certa forma, a prepotência dos mestres e contramestres ao tratarem diariamente os operários estava sendo devolvida mediante a ação violenta à qual Gonçalves foi submetido, pois verificamos que, ao longo do período pesquisado, muitos mestres e contramestres foram agredidos pelos operários que repudiavam o comportamento abusivo dos chefes de serviço.

A presença da UOFT na articulação desse caso foi além do deslocamento de uma comissão de delegados para averiguar, em Deodoro, as acusações apresentadas pelos operários na sede da associação. Ocorreu, em fevereiro, na sede da UOFT, uma sessão para discutir-lo e esta contou com a participação de operários da fábrica em questão. Os operários estavam “*revoltados contra os desmandos e violências*”⁷⁵⁴ dos contramestres e exigiam “*a sahida de seus oppressores, que, caso não sahissem, não trabalhariam.*”⁷⁵⁵

A sessão contou com a presença e o discurso dos dirigentes da UOFT, participando o presidente da associação Manoel Ignácio de Castro, o vice-presidente Albino Moreira Dias, o primeiro secretário Joaquim Moraes e o membro do conselho fiscal José Pereira de Oliveira. O contramestre Gonçalves também participou da sessão.⁷⁵⁶ A *Razão* afirmou que o contramestre Amadeu Pereira juntamente com Gonçalves foram os “*causadores do protesto altivo dos operarios de Deodoro.*”⁷⁵⁷ Ambos os contramestres tiveram a oportunidade de falar na sessão.⁷⁵⁸

Interessante notar a presença dos contramestres dentro da UOFT para passar por uma espécie de “*juízo*,” revelando que os diretores da fábrica Sapopemba, os sócios, os dirigentes da UOFT e os próprios contramestres Gonçalves e Pereira, acusados de maus-tratos, reconheceram nesta associação, o espaço legítimo de debate sobre a acusação dos operários. Tudo nos leva a crer que ambos os contramestres eram associados à UOFT, pois os estatutos admitiam a associação de contramestres e encarregados e não aceitavam a associação de mestres e diretores.⁷⁵⁹ Os contramestres e encarregados não podiam se candidatar a cargos na direção da associação.⁷⁶⁰

O presidente Castro “*abriu a sessão, fazendo a seguir uma exposição dos factos havidos na Fabrica de Tecidos Sapopemba. Depois teve a palavra o contra-mestre acusado de tratar mal os seus companheiros, o qual mostrando-se humilhado e arrependido, tratou de fazer sua defesa.*”⁷⁶¹

O delegado da fábrica Sapopemba, Antenor de Oliveira, na sessão, expôs “*o caso tal e qual se deu.*”⁷⁶² Coube ao delegado Oliveira relatar o que aconteceu, o que exigiria dele

⁷⁵⁴ *A Razão*. 03 de fevereiro de 1918, p. 5.

⁷⁵⁵ *Ibidem*.

⁷⁵⁶ *Gazeta de Notícias*. 03 de fevereiro de 1918, p. 5.

⁷⁵⁷ *A Razão*. 03 de fevereiro de 1918, p. 5.

⁷⁵⁸ *Ibidem*.

⁷⁵⁹ Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro nº.910. 24 de janeiro de 1918. (art.7 b).

⁷⁶⁰ *Ibidem*, (art. 9º a).

⁷⁶¹ *Gazeta de Notícias*. 03 de fevereiro de 1918, p. 5.

⁷⁶² *Ibidem*. O jornal *A Razão* apresentou o nome de Antenor Silva como delegado da UOFT na fábrica de Sapopemba. *A Razão*. 03 de fevereiro de 1918, p. 5.

afirmar as ações dos operários agressores e as dos contramestres Gonçalves e Pereira. Pela afirmação de que o delegado expôs “o caso tal e qual se deu,” identificamos a confiança depositada pelos dirigentes da UOFT nas palavras que ele proferiu.

Os dirigentes falaram após o caso ter sido exposto e louvaram “a ação dos operários.”⁷⁶³ A *Razão* afirmou que Gonçalves teve chances de fazer a sua defesa e emitiu uma “declaração categorica de que não mais opprimiria os operarios e promettia cumprir o seu dever.”⁷⁶⁴ O presidente Castro, “deu por terminado o incidente, afirmando que os operarios poderiam estar tranquilos, porque os seus algozes se haviam comprometido, solememente que saberiam cumprir religiosamente o compromisso assumido, e deu por finda a assembléa.”⁷⁶⁵ Ficou decidido que “o contra-mestre volte amanhã, ás suas antigas occupaões.”⁷⁶⁶

Consideramos que Gonçalves, ao se mostrar arrependido, reconheceu o seu erro. O presidente Castro afirmou, para os operários, que os seus algozes se comprometeram a não os maltratarem,⁷⁶⁷ o que leva a crer que Pereira também se desculpou pelo seu comportamento diante da assembleia. Vendo-se diante dos operários requerendo suas demissões e, dos dirigentes da UOFT apoiando a agressão cometida pelos operários contra Gonçalves, desculpar-se reitera a condição de operários dos contramestres e parece representar o desejo de se manterem na UOFT, e de serem aceitos pelos outros sócios e dirigentes.

Os abusos que Gonçalves cometia e provavelmente a sua postura contrária à greve foram motivos para que os dirigentes não repudiassem o ato dos operários agressores.⁷⁶⁸ Albino foi um dos dirigentes que apoiou a agressão, mesmo tendo sido feita contra um operário que assim como ele era português. Ou seja, a identidade que pode ser gerada entre homens da mesma nacionalidade nesse caso foi suplantada por uma identidade formada entre os operários submetidos à mesma realidade de trabalho.

Albino, como ficou expresso no artigo de sua autoria, discordava do comportamento dos mestres e contramestres que se excediam nas funções do seu cargo desrespeitando assim os demais operários. De acordo com suas orientações anarquistas e sindicalistas revolucionárias, ele interpretava a realidade que vivia, juntamente com os demais operários, como de exploração, e os mestres e contramestres, mediante as suas posturas, ocupavam, juntamente com os patrões, o posto de exploradores. Assim, a identidade criada entre os que se sentem explorados e injustiçados foi maior do que um possível sentimento de solidariedade por Gonçalves também ser português.⁷⁶⁹ Gonçalves foi autorizado a retornar ao seu trabalho, configurando-se como um “perdão” por parte dos dirigentes da UOFT e do delegado da fábrica Sapopemba, Antenor de Oliveira.

Ressalta-se que a requisição dos operários da Sapopemba, de demissão dos contramestres, não foi atendida e talvez nem discutida pelos dirigentes da UOFT. Devemos considerar que a UOFT não poderia demitir os contramestres e sim requerer juntamente aos dirigentes dos estabelecimentos fabris a demissão de um operário. Mas, no caso da Sapopemba, o reconhecimento de culpa e o comprometimento em não mais cometer abusos

⁷⁶³ *Gazeta de Notícias*. 03 de fevereiro de 1918, p. 5.

⁷⁶⁴ *A Razão*. 03 de fevereiro de 1918, p. 5.

⁷⁶⁵ *Ibidem*.

⁷⁶⁶ *Gazeta de Notícias*. 03 de fevereiro de 1918, p. 5.

⁷⁶⁷ *A Razão*. 03 de fevereiro de 1918, p. 5.

⁷⁶⁸ *Ibidem*.

⁷⁶⁹ Cláudio Batalha afirma que muitas associações operárias foram criadas para reunirem os imigrantes de uma mesma nacionalidade e era comum a proibição de outras pessoas se associarem. O autor aponta também para os conflitos étnicos que existiram no decorrer da Primeira República e que prejudicaram a organização operária no Brasil. BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. *Formação da Classe Operária e Projetos de Identidade Coletiva*. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lúcia Almeida Neves. (Orgs). **O Brasil Republicano - O Tempo do Liberalismo Excludente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 166.

contra os operários, feito pelos contramestres Gonçalves e Pereira, diante dos operários e dos dirigentes da associação, pode ter evitado a tentativa da UOFT requerer a demissão dos contramestres e realizar uma paralisação dos operários até que fossem atendidos.

No dia quatorze de março de 1918 ocorreu outro caso de operários e operárias ofendidos com o que escutaram dentro da fábrica. O conflito, que gerou greve, teve como cenário a Fábrica de Tecidos de Malha Aldeia Campista localizada na Rua Ribeiro Guimarães, nº69.⁷⁷⁰ O motivo foi o comportamento da mestra Margarida que supervisionava o trabalho das operárias e, segundo os relatos, há tempos as maltratava. O delegado da UOFT, na fábrica Aldeia Campista, cumprindo com as obrigações do seu posto, no dia quatorze de março, “*advertiu aquella senhora sobre a attitude que vinha tendo para com as suas subordinadas.*”⁷⁷¹ Margarida ficou furiosa e disse “*que não tinha satisfações a dar a quem quer que fosse e que elle delegado bem como os seus companheiros não passavam de uns vagabundos.*”⁷⁷² De acordo com a *Gazeta de Notícias*, a mestra proferiu “*num assomo de irreflexão, uma phrase contra certos operarios daquelle estabelecimento e pelos mesmos julgada injuriosa aos seus brios.*”⁷⁷³

A injúria aos brios fez com que as operárias e os operários ofendidos apoiassem os delegados da UOFT contra a mestra Margarida. Os operários da Aldeia Campista, segundo a *Gazeta de Notícias*, deixaram os seus postos de trabalho e se dirigiram para a sede da UOFT para contar o ocorrido e requerer que “*solicitasse do gerente da fabrica de Malhas, uma completa satisfação para o seu caso, sob pena de nenhum delles voltar ao trabalho, até serem attendidos.*”⁷⁷⁴

Os jornais *Gazeta de Notícias* e *A Razão* foram os que abordaram o caso da mestra. *A Razão* abordou o caso de forma mais detalhada do que a *Gazeta de Notícias*. A versão apresentada pela *Gazeta de Notícias* informa que para ser evitada a parede “[...] *bastava chamar á ordem e reprehender a senhora que tão desastradamente maguára os homens [...]*.”⁷⁷⁵ *A Razão* informou que os operários buscaram resolver o conflito com o proprietário da fábrica, senhor Correia, exigindo a demissão imediata de Margarida. Logo, essa atitude dos operários, provavelmente orientados pelo delegado da UOFT, na Aldeia Campista, estava de acordo com os estatutos que estabeleciam a tentativa de resolver a questão dentro da fábrica.⁷⁷⁶ Os estatutos orientavam também que a questão fosse resolvida de forma amigável.⁷⁷⁷ Pela versão da *Gazeta de Notícias* os operários optavam por resolver amigavelmente, contentando-se com a repreensão. Porém, na versão de *A Razão*, os brios feridos fizeram com que os operários e o delegado da UOFT exigissem a demissão da mestra, não recorrendo à solução amigável. A postura amigável dos operários se dava por conta de não terem decretado a greve imediatamente após a agressão verbal e nem agredido fisicamente a mestra, como ocorreu na fábrica de Sapopemba. O proprietário Correia queria evitar a greve, mas discordava da demissão de Margarida e, por não serem atendidos, os operários procuraram a UOFT, objetivando que os dirigentes da associação intermediassem a questão.⁷⁷⁸

⁷⁷⁰*A Razão*. 15 de março de 1918, p.5.

⁷⁷¹ *Ibidem*.

⁷⁷² *Ibidem*.

⁷⁷³ *Gazeta de Notícias*. 16 de março de 1918, p.5.

⁷⁷⁴ *Ibidem*.

⁷⁷⁵ *Ibidem*.

⁷⁷⁶ Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro nº.910. 24 de janeiro de 1918. (art. 25º e).

⁷⁷⁷ *Ibidem*.

⁷⁷⁸ *A Razão*. 15 de março de 1918, p.5.

A solidariedade, caracterizada pelo abandono dos postos de trabalho, pode ter sido incentivada pelos delegados da UOFT após terem sido chamados de vagabundos. Para esses delegados, a mestra errava ao maltratar as operárias e ao considerar a atuação dos representantes sindicais, dentro da fábrica, como um meio para não trabalhar. Consideramos que a solidariedade não se constituiu apenas no momento da ocorrência do caso. Somou para a adesão dos operários a atuação anterior dos delegados, a interpretação própria dos operários e das operárias com relação ao papel da UOFT e dos seus representantes e as suas opiniões acerca da realidade de trabalho da fábrica e do comportamento da mestra.

A demissão ou repreensão para Margarida não estava nos planos do senhor Correia e do gerente Gonçalves. Este, temendo agressões à Margarida ou aos diretores da fábrica, “*pediu garantias á policia, ficando o estabelecimento guardado por alguns policiaes.*”⁷⁷⁹ Manoel Ignácio de Castro, Roque Coelho Batista e Adolpho Pereira compuseram a comissão da UOFT que no mesmo dia, quatorze de março, se dirigiram para a fábrica objetivando conversarem com o proprietário Correia. O encontro para discutirem a questão resultou nos dirigentes da UOFT colocando-se a par da decisão de Correia em não demitir a mestra e em demitir os dois delegados da UOFT. A demissão dos delegados revela que o entendimento do proprietário da fábrica era diferente dos operários e operárias paredistas. Para o proprietário, os delegados eram os causadores de desordem dentro da fábrica e, para os paredistas, os delegados eram os seus representantes dentro do sindicato e os insultados pela mestra. A opção pela parede revela o reconhecimento dos operários e operárias para com os delegados. Não entendemos que todos os operários e operárias atribuíssem uma importância aos delegados da UOFT, mas os que se envolveram na parede revelam essa consciência acerca da função dos companheiros de trabalho, de serem seus representantes dentro da fábrica e no sindicato.

O número de paredistas era aproximadamente cem e estes participaram da sessão que ocorreu às oito horas da noite, na sede da UOFT, para abordarem o caso. As mulheres eram a maioria na fábrica e estas, que questionavam o comportamento da mestra, estiveram presentes em grande número na sessão.⁷⁸⁰ Logo, ressaltamos a agência das mulheres operárias dentro da fábrica e no sindicato. A participação na reunião revela o desejo dessas operárias por continuarem a luta por mudanças nas suas relações de trabalho.

Os presentes escutaram as palavras de Castro, presidente da UOFT e da sessão. Castro felicitou “*os seus companheiros pela maneira energica e altiva com que agiram, repellindo um insulto lançado a uma collectividade de trabalhadores honestos e dignos. De clara que é systhematicamente contraria ás greves precipitadas, no emtanto acha que no caso vertente os trabalhadores agiram com acerto.*”⁷⁸¹ Os insultos, referidos por Castro, faziam menção a classificação de vagabundos que a mestra atribuiu aos delegados da UOFT. Para Castro, esse insulto atingiu a coletividade, a classe operária, e de modo mais específico, a têxtil. Entendia que os representantes da UOFT não eram vagabundos e sim trabalhadores honestos e dignos, merecendo ser respeitados assim como as mulheres da fábrica diariamente ofendidas pela mestra.

O secretário da sessão, Joaquim de Moraes, ao discursar elogiou “*o gesto altivo dos seus companheiros*”⁷⁸² e lamentou “*que estes não houvessem communicado previamente á União as suas intenções de fazer parede. Isso, porém affirma o orador, não quer dizer que esta sociedade não vos emprestara toda a solidariedade.*”⁷⁸³

Castro e Moraes consideraram a greve uma ação que não contou com um planejamento prévio, porém, não contestaram a sua necessidade, diante do ocorrido na Aldeia

⁷⁷⁹Ibidem.

⁷⁸⁰Ibidem.

⁷⁸¹Ibidem.

⁷⁸²Ibidem.

⁷⁸³Ibidem.

Campista. O histórico das greves entre os têxteis somadas com a ideologia sindicalista revolucionária apontavam que greves precipitadas não tinham muitas chances de se manterem. A solidariedade deveria estar estabelecida, com os operários conscientes da necessidade de lutar.⁷⁸⁴ Para Moraes, o desconhecimento da situação por parte dos dirigentes da UOFT, impossibilitou que estes agissem na questão, em termos de diálogo com os diretores da fábrica e de preparação dos operários da Aldeia Campista para a greve, colocando-os conscientes da importância da união. Os dirigentes da UOFT tiveram que atuar com a greve já em andamento.

Os membros da comissão que foram até a fábrica, Roque Coelho Batista e Adolpho Pereira, ao discursarem contaram para os presentes o posicionamento do proprietário Correia. Os operários e as operárias presentes na assembleia se indignaram com as demissões dos delegados e a permanência da mestra,⁷⁸⁵ e decidiram pela manutenção da greve e “*que a União, por seus directores procurasse os proprietarios da fabrica para estabelecer um accordo que não prejudicasse nem uma nem outra parte.*”⁷⁸⁶ Os participantes da reunião decidiram que não aceitariam a demissão de nenhum operário.⁷⁸⁷

A leitura de *A Razão* nos leva à ideia de que o acordo era o principal objetivo dos dirigentes da UOFT, que buscava não prejudicar nenhuma das partes. A reunião ocorreu no dia quinze de março e à noite os operários se reuniram novamente na sede da UOFT. A sessão contou com a presença dos dirigentes da associação, Albino, o presidente Castro e o secretário Moraes.⁷⁸⁸ A reunião e o discurso dos dirigentes era um meio de os presentes terem “*sciencia da acção desenvolvida pela União,*”⁷⁸⁹ juntamente com a diretoria da fábrica. O resultado da negociação foi comunicado: os diretores da fábrica voltaram atrás na demissão dos dois operários. Diante dessa posição os dirigentes da UOFT afirmaram que: “*nós os operarios devemos tambem retrocedermos alguma coisa de nossa intenção de fazer despedir a mestra.*”⁷⁹⁰

A mudança de posicionamento, caracterizada pela desistência da exigência de demitir a mestra foi explicado, para os membros da Aldeia Campista, como necessário já que os gerentes da fábrica também revogaram sua decisão. Para os dirigentes, os operários podiam ficar tranquilos porque “*essa senhora doravante não terá mais a ousadia de proceder mal, e que em caso contrario a União intervirá e a fará mudar de attitude.*” Como decisão final resolveram “*voltar ao trabalho.*”⁷⁹¹

A *Gazeta de Notícias* afirmou que os presentes na reunião foram comunicados, “*que o gerente havia atendido a sua reclamação, desaparecendo, assim, o motivo que os levára a*

⁷⁸⁴ Albino defendeu a formação da solidariedade entre os trabalhadores. A solidariedade, para os sindicalistas revolucionários, seria formada dentro dos sindicatos. De acordo com Tiago Bernardon, acerca das orientações da CGT francesa, propagadora do sindicalismo revolucionário, “*nas práticas sindicais, se desenvolveriam as experiências de solidariedade não apenas entre os trabalhadores de uma mesma categoria, mas também com os das demais, promovendo e fortalecendo a identificação de interesses comuns entre eles e um antagonismo com os patrões, proprietários das fábricas e das terras [...]*” (OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil. (1906-1936)*. 2009. 267f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense. p.61.) Nos seus artigos, Albino incentivou a formação da solidariedade entre os têxteis cariocas, como ficou expresso na seguinte afirmação, “[...] *é forçoso que unamo-nos na mais forte solidariedade para combatermos esses bárbaros potentados que nos exploram torpemente aniquilando-nos e matando-nos num trabalho degradante.*” *A Voz do Trabalhador*. 15 de junho de 1913, p.1.

⁷⁸⁵ *A Razão*. 15 de março de 1918, p.5.

⁷⁸⁶ *Ibidem*.

⁷⁸⁷ *Ibidem*.

⁷⁸⁸ *A Razão*. 16 de março de 1918, p.5.

⁷⁸⁹ *Ibidem*.

⁷⁹⁰ *Ibidem*.

⁷⁹¹ *Ibidem*.

tomar aquella attitude.”⁷⁹² Vários oradores falaram “*aconselhando os homens a voltarem a fabrica, o que ficou deliberado [...].*”⁷⁹³ No dia dezesseis de março a *Gazeta de Notícias* publicou, “*tendo sido atendidos em suas justíssimas reclamações, voltaram hoje ao trabalho os operarios da fabrica de Malhas Aldeia Campista.*”⁷⁹⁴

Os delegados da UOFT não foram demitidos, mas tiveram que abandonar o posto de representantes do sindicato, sendo “*substituidos por outros nos cargos de delegados.*”⁷⁹⁵ Os diretores da Aldeia Campista reconheceram a UOFT como a associação que interviria representando os operários e aceitaram a presença dos delegados na fábrica.⁷⁹⁶ Como ficou expresso no discurso do dirigente Adolpho Pereira “*a grêve pacífica, terminou com a victoria dos operarios.*”⁷⁹⁷

Entendemos que a vitória, afirmada por Pereira, não foi completa. A exigência de demissão da mestra feita pelos operários e delegados da Aldeia Campista e que originou a greve não foi atendida. Consideramos que os dirigentes da UOFT buscavam, desde o início, o acordo com os proprietários da fábrica pois, na primeira reunião com os operários da Aldeia Campista os dirigentes da UOFT já falavam em estabelecer acordo que não prejudicasse nenhuma das partes. Consideramos, portanto, que o referido caso revela um impasse entre os operários e os dirigentes da UOFT, que tiveram que negociar uma greve a partir de conflitos internos à fábrica. A presença dos dirigentes na fábrica anterior à parede para articularem a questão, não foi possível por conta da postura dos operários em decretar a greve.

Finalmente, o acordo desejado pelos dirigentes da UOFT foi possível com concessões de ambas as partes: os dirigentes concordaram com a manutenção da mestra e os patrões concordaram em reconhecer a UOFT como representante dos operários da Aldeia Campista, em manter os dois operários trabalhando na fábrica e permitir que delegados da associação agissem dentro do estabelecimento. A mestra Margarida ficava ciente de que se voltasse a cometer os abusos de antes seria repreendida. Apesar de não ter sido demitida e de não ter sofrido nenhuma repreensão mais séria por parte da diretoria do estabelecimento, após a greve, a mestra se veria diante de uma fiscalização feita pelos operários e operárias, que informariam aos dirigentes da UOFT. Margarida se mostrou uma mulher que enfrentava os homens, chegando a classificá-los de vagabundos, correndo o risco de sofrer agressões físicas. Foi justamente esse temor que fez com que o diretor Correia chamasse a polícia.

Talvez os operários e os delegados não tenham ficado tão satisfeitos com o acordo feito pelos dirigentes da UOFT com os diretores da fábrica, já que tiveram os seus brios feridos por uma mulher que não sofreu uma concreta punição por enfrenta-los, ao passo que os delegados acabaram retirados do posto por motivos que não estavam estabelecidos nos estatutos.⁷⁹⁸ Porém, para os dirigentes da UOFT, que buscavam um acordo e o restabelecimento da ordem, ceder foi a decisão mais correta a ser tomada para por fim a uma greve que eles até consideravam acertada e por motivos justos, mas que poderia ter sido evitada com uma interferência prévia dos dirigentes da UOFT.

⁷⁹² *Gazeta de Notícias*. 16 de março de 1918, p.6.

⁷⁹³ *Ibidem*.

⁷⁹⁴ *Ibidem*.

⁷⁹⁵ *A Razão*. 16 de março de 1918, p.5.

⁷⁹⁶ *Ibidem*.

⁷⁹⁷ *Ibidem*.

⁷⁹⁸ Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro n°.910. 24 de janeiro de 1918. Art. 24º parágrafo 2º. Segundo esse documento, “*nenhum delegado poderá ser suspenso da sua missão sem que para isso haja uma accusação official, na secretaria por parte dos associados ou associado da mesma fabrica, cabendo á directoria syndicar immediatamente sobre a sua incompatibilidade e, uma vez esta apurada será aclamado o seu substituto.*” *Ibidem*.

No mês seguinte, dia doze de abril, a sede da UOFT voltou a ser palco de articulação de questões internas da Fábrica Aldeia Campista. A sessão foi presidida por Manoel Ignacio de Castro e secretariado por Albino e Joaquim Moraes.⁷⁹⁹ Os proprietários da fábrica pediram que os delegados da UOFT fossem substituídos porque não estavam de acordo com eles.⁸⁰⁰ Provavelmente esses delegados eram os que substituíram os dois delegados envolvidos na repreensão a mestra Margarida. A decisão dos dirigentes da UOFT foi diferente da anterior na qual aceitaram substituir os delegados. Dessa vez, os dirigentes optaram por não atender ao pedido dos proprietários da fábrica. Entenderam que “*se elles não servem aos patrões, é porque serviam exactamente aos seus companheiros.*”⁸⁰¹ A UOFT, de acordo com os seus estatutos, tinha por fim defender “*obrigatoriamente os seus associados nos limites da ordem e do direito*”⁸⁰² e os seus delegados eram os que exerciam essa representação dentro da unidade produtiva.⁸⁰³ Desse modo, os interesses a serem cuidados e defendidos eram os dos operários mesmo que desagradassem aos patrões. A resposta dada pela comissão diretora da UOFT evidenciava que o patronato da Aldeia Campista não se sentiria satisfeito com nenhum delegado escolhido porque esperavam que estes não fizessem o definido nos estatutos da associação, representar e lutar pelas questões dos têxteis.

Os casos das fábricas Sapopemba e Aldeia Campista evidenciam que os operários têxteis não estavam dispostos a aguentar os maus-tratos físicos e nem verbais. Consideramos que a trajetória do movimento operário têxtil evidencia a ação de muitos militantes que questionavam a exploração e apontavam os comportamentos pacíficos dos operários exigindo-lhes posturas reivindicativas; as ações dos operários e das operárias que adotavam práticas de resistência cotidiana dentro das fábricas; o reconhecimento da legitimidade da UOFT por parte dos operários e a presença de delegados da UOFT por fábricas foram práticas que se coadunaram. O resultado da coadunação foi a adoção de uma reivindicação imediata por parte dos operários quando da ocorrência de abusos patronais ou dos contramestres, mestres e mestras.

Outra questão que foi levada para discussão na sede da UOFT envolveu o trabalho feminino. As operárias trabalhavam na fábrica de meias Bochen localizada na Rua Conde de Bonfim, na Tijuca.⁸⁰⁴ A sessão que ocorreu na UOFT, no dia treze de março de 1918, contou “*com a presença de grande numero de operarios, na sua maioria mulheres [...]*”⁸⁰⁵ A presença de uma maioria de mulheres conduziu a conclusão por parte do presidente de ter se constituído em “*uma assembléa das mais curiosas,*”⁸⁰⁶ em referência à presença das mulheres, que estavam em maioria. As operárias da fábrica Bochen dirigiram-se para a sede da UOFT para discutirem os seus interesses. O redator de *Gazeta de Notícias* assim como o

⁷⁹⁹ *A Razão*. 13 de abril de 1918, p.5.

⁸⁰⁰ *Ibidem*.

⁸⁰¹ *Ibidem*.

⁸⁰² Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro nº.910. 24 de janeiro de 1918. (art. 2º a).

⁸⁰³ *Ibidem*, (art. 24º parágrafo 3º).

⁸⁰⁴ A relação entre os dirigentes da UOFT e os operários da Fábrica Bochen mantinha-se, pelo menos, desde janeiro de 1918 como ficou evidenciado no convite divulgado na *Gazeta de Notícias*. O periódico publicou a seguinte nota emitida pelo secretário da UOFT, Joaquim de Moraes: “*Convido os companheiros da fabrica Carlos Bochen a se reunirem hoje, ás 7 horas da noite, na séde desta União, afim de se tratar de assumptos que interessam os mesmos companheiros [...]*” *Gazeta de Notícias*. 18 de janeiro de 1918, p.4.

⁸⁰⁵ *Gazeta de Notícias*. 14 de março de 1918, p.5.

⁸⁰⁶ *Ibidem*. O nome do presidente da reunião na UOFT não foi divulgado na matéria publicada na *Gazeta de Notícias*. O presidente da UOFT eram Manoel Ignácio de Castro, porém era característico da organização da UOFT elegerem um membro para presidir a sessão e secretários para auxiliar o presidente. Desse modo, não podemos apontar quem estava como presidente da sessão que discutiu os questionamentos dos operários da fábrica Bochen.

presidente da reunião na UOFT, também se admirou da presença das mulheres e intitulou a matéria apresentada no periódico como, “*A mulher operária agita-se*”⁸⁰⁷ e como subtítulo “*Uma concorrida reunião para a defesa dos seus direitos.*”⁸⁰⁸

Os operários e operárias da fábrica Bochen reclamavam da jornada de trabalho, de pagarem a contribuição obrigatória para os serviços médicos e das operárias terem que varrer o local de trabalho.⁸⁰⁹ O inconformismo dos operários com o pagamento para os serviços do médico era porque este não cumpria com os seus deveres. Desse modo, os operários eram obrigados a retirar uma quantia do seu salário, quantia esta que faria muita falta, devido ao salário ser baixo, para pagar por um serviço que não recebiam.⁸¹⁰ A reunião concluiu sobre a necessidade de se contratarem outros funcionários para fazerem a limpeza dos setores da fábrica já que não entendiam como sendo de responsabilidade das operárias.

A questão de gênero fica evidenciada nessa imposição que recaía sobre as mulheres. Como elas eram responsáveis pelo serviço doméstico seria muito natural que elas se responsabilizassem também pela limpeza dos setores da fábrica em que trabalhavam. Observamos que a realidade pertencente à esfera privada da vida das operárias se transportava para a esfera pública, o ambiente de trabalho. Porém, com a reivindicação das operárias e a presença em grande número na reunião da UOFT, identificamos uma reinterpretação da prática. As operárias da Bochen já haviam percebido que a fábrica não era uma extensão das suas casas e por isso não eram obrigadas a trabalhar na limpeza. Essa prática era um trabalho extra pelas quais não eram remuneradas. Corroborava para tal percepção os preceitos divulgados próprios das ideologias contrárias aos abusos patronais.

As mulheres operárias atuaram na UOFT levando suas reivindicações para as sessões e colaborando em eventos organizados pela associação. Identificamos o caso da operária Josepha Werdeska. Ela candidatou-se ao posto de vice-presidente da UOFT para exercer o posto no ano de 1918. Porém, venceu a outra chapa que tinha Albino ocupando este posto.⁸¹¹ Werdeska recebeu, durante uma reunião na UOFT, no ano de 1917, o convite para ser delegada da associação na fábrica Confiança. Ela havia discursado pedindo a sua demissão da UOFT por conta de um desentendimento com o delegado da associação na fábrica Confiança. Os presentes na sessão discordaram do pedido e em seguida os membros da diretoria da UOFT a convidaram para assumir o posto de delegada. O convite denota o reconhecimento que os membros da associação tinham para com a militância de Wederska.⁸¹²

Destacamos a atuação das operárias da fábrica Aliança, nas Laranjeiras, e de modo específico de Elisa Gonçalves. A greve na Aliança começou no mês de outubro de 1917, entre os menores da fábrica e aderiram os operários e as operárias.⁸¹³ A greve prosseguiu atingindo o mês de dezembro. Os patrões demitiram operários envolvidos na parede fazendo com que os paredistas não retornassem ao trabalho enquanto seus companheiros não fossem readmitidos.⁸¹⁴ Gonçalves e outras operárias que participaram de reuniões na sede da UOFT, foram ao encontro de autoridades policiais para solicitar a intervenção na decisão dos patrões

⁸⁰⁷ *Gazeta de Notícias* apresentou escrito em maiúsculo o título: “*A MULHER OPERÁRIA AGITA-SE.*” Publicou também uma foto da reunião ocorrida, no dia treze de março de 1918, na UOFT, na qual se via “*um considerável número de mulheres.*” *Gazeta de Notícias*. 14 de março de 1918, p.5.

⁸⁰⁸ *Ibidem*.

⁸⁰⁹ *Ibidem*.

⁸¹⁰ *Ibidem*.

⁸¹¹ *A Razão*. 18 de novembro de 1917, p.5. Na chapa de Werdeska, Servan Heitor de Carvalho era o candidato ao posto de presidente.

⁸¹² *A Razão*. 11 de novembro de 1917, p.5.

⁸¹³ *Jornal do Brasil*. 25 de outubro de 1917, p.7.

⁸¹⁴ *Gazeta de Notícias*. 08 de dezembro de 1917, p.1.

em demitir os operários, arrecadaram donativos para ajudar os paredistas e discursaram para os operários e as operárias grevistas.⁸¹⁵

Elisa Gonçalves discursou em uma sessão convocada pela UOFT para tratar da greve na Aliança. De acordo com o *Jornal do Brasil*, ela fez um,

vibrante discurso com facilidade demonstrando inteligência viva e verdadeiros dotes oratorios, prendeu por algum tempo a atenção da numerosa assembléa com as apreciações feitas sobre o caso da Aliança e terminou pedindo a solidariedade de todos os companheiros e companheiras para a unificação da classe e o prestígio da associação de resistencia.⁸¹⁶

A imagem a seguir revela a agência de Gonçalves junto à numerosa assembleia. Sua postura corporal, com o braço levantado, num gesto que expressava convicções ideológicas de defesa do associativismo e de lutas por melhorias nas condições morais e materiais dos trabalhadores, endossa a narração do redator do *Jornal do Brasil* de que ela produziu um vibrante discurso. As operárias, sentadas à frente, apoiando e admirando a companheira partilhavam com ela a rotina de trabalho nas fábricas, a decisão de deixarem os seus lares e irem à Polícia Central conferenciar com o delegado e de se deslocarem para outros centros operários em prol de arrecadar fundos. O envolvimento revela a coragem e a importância destas operárias e militantes na condução do movimento operário têxtil.

Figura 5- A operária Elisa Gonçalves discursando na UOFT, em outubro de 1917.



Fonte: *Jornal do Brasil*. 25 de outubro de 1917, p.7.

⁸¹⁵ Ibidem. A comissão que foi a Polícia Central, para conferenciar com o chefe de polícia era composta pelas operárias, “Elisa Gonçalves, Sarita Aguiar Teixeira, Gabriela Botoni, Ignacia Toledo e Brasilina P. Aviloni.” Para angariar os donativos, comissões de operárias foram formadas e dividiam-se da seguinte forma: “Primeira: Elisa Gonçalves, Miquelina Vieira, Antonia Ramos de Oliveira, Dorina Mattos, Noemia Fernandes e Maria Ferreira; segunda: Santa de Azevedo Teixeira, Amelia da Conceição Pereira, Balbina Augusta, Hercilia Rodrigues dos Santos, Maria Costa e Maria Victoria; terceira: Amelia Fiugueiras, Davina da Motta, Rosa Branca e Carolina Rodrigues e Maria Pereira da Silva; quarta: Gabriela Botoni, Maria Joaquina, Maria Brites, Guilhermina de Carvalho, Cecília Blã e Carmem dos Santos; quinta: Amelia Blã, Angelina Vaz, Eugenia Maria do Carmo, Maria do Carmo Faria, Constancia de Jesus Tomé e Maria Ignacia; sexta: Ignacia Toledo, Felicidade de Jesus, Albertina Augusta Alves e Maria Lima Toledo.” Cabiam a essas operárias percorrerem os centros operários buscando donativos. *Gazeta de Notícias*. 08 de dezembro de 1917, p.1.

⁸¹⁶ *Jornal do Brasil*. 25 de outubro de 1917, p.7.

As operárias comandaram sessões dentro da UOFT. A sessão do dia seis de abril de 1918 esteve “sob a presidência da senhorita Josepha Wisneska, servindo de secretarios a sra. Elisa Gonçalves e senhorita Carolina Ferreira.”⁸¹⁷ O presidente Manoel Ignácio de Castro e o vice-presidente Albino estiveram presente e trataram de assuntos da classe. Evidencia assim o consentimento que as operárias tinham por parte dos dirigentes para se reunirem na UOFT. Mais do que consentimento, elas tinham a confiança dos dirigentes e disputavam postos de lideranças.

A Fábrica Aliança, em janeiro, voltou a ser palco de atuação das operárias em prol do associativismo. No dia dezanove de janeiro de 1918, realizou-se um festival “na sede da antiga Federação Operaria, á praça Tiradentes n. 71.”⁸¹⁸ Este foi “promovido por uma comissão de senhoras da Fabrica de Tecidos Alliança em beneficio dos cofres da União,”⁸¹⁹ no caso a UOFT, associação que representava a elas, seus maridos e filhos. As operárias, integrantes da comissão organizadora, esperavam “todo o concurso de suas companheiras a quem pede com todo o empenho que concorram com a sua presença para o brilhantismo da festa.”⁸²⁰

O festival contou com a conferência de Evaristo de Moraes⁸²¹ e o orador teve como assunto principal a mulher e as crianças operárias.⁸²² A escolha da temática da conferência pode ter partido do próprio Evaristo de Moraes, advogado e político comprometido com a questão operária ou pode ter sido um pedido das próprias operárias que organizaram o festival. Muitas operárias conclamavam as companheiras a participarem do festival, a refletirem sobre questões que lhes eram próprias e a colaborarem para que a UOFT tivesse recursos para prosseguir com suas atividades. As operárias têxteis, portanto, reconheciam a UOFT como sua representante de classe e trabalhavam por essa associação.

No festival, realizado à noite, foi “enorme a concorrência, notando-se numerosas senhoras, senhoritas e operarios.”⁸²³ A *Razão* afirmou que Evaristo de Moraes “se ufana de ser um destemido e incansavel paladino”⁸²⁴ da causa operária e que ele “discorreu, com erudição e clareza admiraveis, sobre o papel da mulher e da creança a que so dedicava o thema da sua conferencia.”⁸²⁵ Os redatores de *A Razão* publicaram informações sobre o discurso, afirmando que o orador tratou,

[...] do problema do trabalho das mulheres e creanças nas fabricas, e discorre com elevação de vistas e em surtos de rhetorica, sobre a função moral e social da mulher, combatendo o capitalismo quando as explora em proveito da sua ganancia e do seu egoísmo, referindo-se ao martyrio e ao crime de obrigarem as mulheres gravidas ao trabalho rude, que tanto mal causa as humildes companheiras dos operarios e aos filhos que nascem pagando esse pezado e hodiendo tributo “ao industrialismo que não tem entranhas” – exclama o

⁸¹⁷ *A Razão*. 07 de abril de 1918, p. 5.

⁸¹⁸ *A Razão*. 20 de janeiro de 1918, p. 5.

⁸¹⁹ *Ibidem*.

⁸²⁰ *A Razão*. 15 de janeiro de 1918, p. 6.

⁸²¹ Antônio Evaristo de Moraes (1871-1939) foi o advogado de defesa dos acusados de envolvimento na ação insurrecional de dezoito de novembro de 1918. *A Rua*. 14 de janeiro de 1919, p.4.

⁸²² O programa planejado pelos organizadores do festival na Aliança era composto: “I- Conferencia pelo dr. Evaristo de Moraes, II- Drama em 1 acto “O Iº de Maio”, III- Leilão de prendas; IV- Baile familiar.” (*A Razão*. 15 de janeiro de 1918, p. 6.) Durante a realização do festival foi acrescentado a apresentação de “Uma comedia”. (*A Razão*. 20 de janeiro de 1918, p. 5.) Para conseguirem as prendas para o leilão, a comissão organizadora divulgava entre os operários e o jornal *A Razão* publicou que “na sede da União se recebem quaesquer brindes para o leilão de prendas.” A comissão organizadora “antecipadamente agradecem, qualquer brinde que lhes seja enviado para tão symphatico fim.” *A Razão*. 15 de janeiro de 1918, p. 6.

⁸²³ *A Razão*. 20 de janeiro de 1918, p. 5.

⁸²⁴ *Ibidem*.

⁸²⁵ *Ibidem*.

orador com emphases, - porque sé se preocupa com o seu lucro, com a especulação do esforço dos proletarios!

Fala ainda sobre a iniquidade das 10, das 14 horas, de trabalho, que até neste começo de seculo, em, 1900, eram communs: aborda o trabalho nocturno, e após um brilhante exposição, entra na parte final da sua admiravel conferencia, **vendo surgir para o operariado brasileiro a hora da redempção, e esse papel desempenha-o a mulher trabalhando, contendo, ás vezes, os operarios á sofreguidão da luta e ao direito das greves, combatendo-lhes ainda o alcoolismo e os desviando do crime.**

Mas, a elle, a quem chamam de “grevista honorário”, mas que, ás vezes, tem sido, grevista de facto, estava reservada uma coisa surpreendente que não previa, apesar dos seus 35 annos de lutas: **a mulher operaria, que era quem por vezes fazia fracassar as greves com a sua intervenção de bondade e de tolerancia, a mulher tinha ultimamente tomado parte saliente na greve, com rara abnegação e indomavel energia!**

Esse gesto servia para dar um exemplo ao mundo!

... E num, rasgo de eloquencia, em palavras vibrantes, que despertavam delirantes ovações, terminou, sendo aclamado pela vasta assistencia, que de pé, o cobriu de freneticos applausos.⁸²⁶ (*grifos meus*)

A atuação das operárias no movimento da categoria têxtil foi de suma importância. O discurso de Evaristo de Moraes, a atuação das operárias da Aliança, as reivindicações das operárias da fábrica Bochen e Aldeia Campista são reveladoras de que as mulheres operárias interpretavam a sua realidade de trabalho, as consequências dessa realidade para a vida nos seus lares, a posição do patronato e do Estado para com as suas causas e lutavam por transformações. Apesar de integrarem a UOFT e da importância destas nas adesões às greves visto serem as em maior número da categoria era mais comum que os homens intermediassem as questões juntamente com os patrões ou agentes do Estado, objetivando as conquistas para as mulheres.⁸²⁷

A UGT e a UOFT defendiam, no ano de 1918, em que os trabalhadores enfrentavam períodos de carestia de vida, a jornada de oito horas sendo que para crianças de quatorze a dezesseis anos deveria ser de seis horas. Menores de quatorze anos não poderiam trabalhar. Defendiam o salário mínimo e a equiparação do salário das mulheres ao dos homens. A equiparação dos salários nos revela uma atuação importante da UGT e da UOFT em prol das mulheres.⁸²⁸ Reivindicavam licença para as mulheres grávidas que totalizariam dois meses, sendo distribuídos, um mês antes do parto e um mês depois após o parto, com o recebimento total do salário. Consideramos que Albino foi um dos defensores da licença para as mulheres grávidas. Na greve que ele intermediou na Fábrica Cometa do Alto da Serra, na metade do ano de 1918, ele apresentou na Câmara Municipal de Petrópolis uma série de requisições a serem adotadas e entre elas estava a licença para as grávidas. Essas medidas haviam sido elaboradas pela UGT associação que agremiava a UOFT na qual Albino era o vice-presidente.⁸²⁹ Logo, defendemos que Albino participou ativamente das discussões e da luta para a regulamentação dos direitos dos trabalhadores, inclusive para as mulheres.

Albino como dirigente da UOFT articulava as questões apresentadas pelos operários e operárias. Consideramos que as suas ações como articulador agregava novas experiências. As experiências que Albino já acumulava, de lutas anteriores em prol de resolver questões a favor dos têxteis, foram resgatados em 1918. Podemos observar que conflitos surgiam entre os operários e os patrões, entre os operários e o Estado e entre os próprios operários. Os conflitos dentro do grupo corroboram para a ideia de não ser possível pensarmos em homogeneidade dentro de uma classe. Assim como o conflito entre os grupos corrobora para percebermos

⁸²⁶ Ibidem.

⁸²⁷ GOLDMACHER, M., 2009, Op. Cit., p.44-46.

⁸²⁸ *O Imparcial*. 13 de julho de 1918, p. 6.

⁸²⁹ *Tribuna de Petrópolis*. 02 de agosto de 1918, p.1

ações em que os interesses de uma classe era defendido em manifestações cotidianas e publicamente. A greve foi uma manifestação pública recorrente entre os têxteis. Albino era um defensor das greves, como ficou expresso no seu artigo intitulado “Divagando”:

E depois que nós a melhor arma que temos para fazer valer os nossos direitos é a greve, pois que a burguezia demonstra, pelas reclamações dos trabalhadores o mais solene desprezo desde que estas não estejam acompanhadas de argumentos bastante fortes que os façam tomá-los em consideração: isto é, enquanto **os operários reclamarem pacificamente, platonicamente dentro da lei, continuarão a passar fome**; mas **o dia que nos fizermos acompanhar pela greve as nossas reclamações então eles serão obrigados a atender**, porque vale mais um cruzar de braços dos trabalhadores do que todos os canhões e carabinas do universo.⁸³⁰ (*grifos meus*)

Albino escreveu o artigo no ano de 1913, quando era representante do STFT. No ano de 1918 várias greves promovidas pelos têxteis chegaram à sede e nas sucursais da UOFT para serem articuladas pelos dirigentes da associação. Albino, como vice-presidente da associação, articulou várias greves constituindo-se em acontecimentos que permitem a observação de como seus dirigentes se posicionavam diante das greves.

1.3.2. Os dirigentes da UOFT articulando os casos de greves (1918)

As greves da década de 1910 foram as de maior mobilização na cidade do Rio de Janeiro.⁸³¹ Entre os anos de 1917 e 1919, ocorreram várias greves promovidas pelas fábricas de tecidos e os dirigentes da UOFT articulavam essas greves juntamente aos operários e aos diretores e donos das fábricas. Para o presente item, centramos nas greves realizadas no ano de 1918, nas cidades do Rio de Janeiro e de Petrópolis, e que tiveram o dirigente Albino Moreira Dias como um dos articuladores.

No ano de 1918 houve greve nas fábricas têxteis da cidade do Rio de Janeiro como exemplos a Aliança, Confiança⁸³², Moinho Inglês⁸³³, Aldeia Campista⁸³⁴ e na Fábrica do sr. Luiz Durão.⁸³⁵ Como exemplos de greves na cidade de Petrópolis citam-se as realizadas pela Companhia de Tecidos Nossa Senhora do Rosário,⁸³⁶ Fábrica São Pedro de Alcântara⁸³⁷, Fábricas de Tecidos Dona Isabel,⁸³⁸ Cometa do Meio da Serra⁸³⁹ e na Cometa do Alto da Serra.⁸⁴⁰

As greves eram promovidas em uma dada fábrica e não pela união das fábricas, desse modo analisaremos os motivos para a ocorrência dessas greves e a ação dos dirigentes da UOFT na construção de estratégias para o movimento. Ressaltamos que não trabalharemos detalhadamente todas as greves citadas, mas apenas aquelas sobre as quais encontramos mais informações e nas quais Albino esteve envolvido na articulação: fábrica Moinho Inglês, Confiança, Cometa do Alto da Serra e São Pedro de Alcântara.

⁸³⁰ *A Voz do Trabalhador*. 01 de novembro de 1913, p.3-4.

⁸³¹ GOLDMACHER, M., 2009, Op. Cit. p.11.

⁸³² *Gazeta de Notícias*. 12 de julho de 1918, p.2.

⁸³³ *Gazeta de Notícias*. 20 de março de 1918, p.6.

⁸³⁴ *Gazeta de Notícias*. 16 de março de 1918, p.5.

⁸³⁵ *Gazeta de Notícias*. 22 de setembro de 1918, p.5. O motivo da greve pacífica na fábrica Luiz Durão foi pela demissão de operários que eram delegados da UOFT.

⁸³⁶ *Tribuna de Petrópolis*. 03 de fevereiro de 1918, p.1. *Tribuna de Petrópolis*. 07 de fevereiro de 1918, p.1.

⁸³⁷ *Tribuna de Petrópolis*. 28 de junho de 1918, p.2.

⁸³⁸ *Tribuna de Petrópolis*. 16 de outubro de 1918, p.1.

⁸³⁹ *Tribuna de Petrópolis*. 27 de janeiro de 1918, p.1.

⁸⁴⁰ *Tribuna de Petrópolis*. 02 de julho de 1918, p.1.

A fábrica Moinho Inglez, localizada na rua Gambôa⁸⁴¹, era um importante estabelecimento e “*uma empresa de grande capital e que explora um serviço de vulto, tal é o abastecimento de trigo moido.*”⁸⁴² Possuía um setor de moagem de trigo e a seção de produção de panos, como o brim, e de panos para ensacar o trigo.

No Moinho Inglez, no início do ano de 1918, havia antagonismos entre os operários do setor da tecelagem e os patrões. Os operários desse setor, no mês de janeiro, procuraram a redação de *A Razão* e relataram as precárias condições de trabalho. Os operários afirmaram que entravam

às 6 horas da manhã e sahem às 5 horas da tarde. Durante essas longas horas de serviço, têm apenas 1 hora, sendo 45 minutos para o almoço e 15 para o café. Esses operarios vivem num compartimento exíguo, de 30 metros de largura por 80 de extensão, mais ou menos onde trabalham, neste tempo, com todo o rigor do verão e sob nuvens de poeira, 120 homens.

E é necessario que se note: nesse recinto acanhado se agglomeram 437 teares.

Não ha a menor ventilação, o ar é deficiente, pois não existe janella alguma, e apenas um numero reduzido de pequenas claraboias. Dá a impressão de um enorme camarote lugubre, um verdadeiro e horrendo carcere!

A altura desse compartimento não corresponde ás condições higienicas imprescindiveis a um edificio, onde trabalham 120 operarios.

O chão de quadrilateros de cimento armado não soffre, a mais comesinha lavagem.

É fartamente sabido que o trabalho de tecelagem do algodão prejudica a saude e ataca os pulmões.

E ainda por cima as condições pessimas da secção, onde não ha o menor resquicio de asseio e a menor hygiene!

Mas há ainda cousa peor: - na parte interna da fabrica na sala de teares, existe ao fundo um tanque pequeno, cheio d’agua suja, onde vem ter um cano que despeja os vapores quentes das caldeiras.

Esse tanque d’agua infectas, (proximo a uma sentinal) serve para aquecer as parcas refeições dos pobres operarios.

A agua em deposito nesse tanque se conserva, ás vezes, um mez nesse estado!⁸⁴³

Após denunciar as condições do edificio do Moinho Inglez, o autor do artigo passa a “*relatar as injustiças por que passam os operarios,*” revelando o desespero de cento e vinte homens que trabalhavam diariamente em um “*um inferno, sem o menor exaggerro!*” O relato das injustiças prosseguiu com a afirmação de que muitos operários “*moram longe, nos subúrbios e logares distantes da cidade, e quando, por esse motivo ou por moléstia, faltam sem licença ao serviço, são suspensos por uma semana!*” Recebiam baixos salários para realizarem “*um esforço inaudito, um grande sacrificio, pois trabalham numa fornalha*” recebendo “*apenas, 30\$000 por semana!*”⁸⁴⁴

A Razão e a *Gazeta de Notícias* relataram que esta configurava como um protesto dos operários do setor da tecelagem do Moinho Inglez em relação à demissão de um operário. No dia onze de fevereiro de 1918, às sete horas da manhã, os operários do setor da tecelagem abandonaram os seus postos. Os diretores da fábrica reagiram demitindo todos os operários que eles consideravam terem incentivado a paralisação ocorrida.⁸⁴⁵

No dia doze de fevereiro, depois que os empregados demitidos haviam sido impedidos de entrar na fábrica, a diretoria da UOFT se fazia representar no Moinho Inglez, por meio do presidente, Manoel Ignacio de Castro, que “*lá estava, para entender-se com o gerente sobre*

⁸⁴¹ *Gazeta de Notícias*. 12 de março de 1918, p.4.

⁸⁴² *A Razão*. 31 de janeiro de 1918, p.7.

⁸⁴³ *Ibidem*.

⁸⁴⁴ *Ibidem*.

⁸⁴⁵ *Gazeta de Notícias*. 14 de fevereiro de 1918, p.2.

as demissões referidas.”⁸⁴⁶ A atitude do gerente foi a de se recusar “*a dar qualquer explicação, mandando fechar os portões do estabelecimento.*”⁸⁴⁷ Dessa forma, percebemos que o gerente adotou uma postura contrária à dos diretores das fábricas Aldeia Campista e de Sapopemba, que haviam optado por receber a diretoria. Este conflito entre operários e os dirigentes ocorreu em fevereiro de 1918 e, somente em agosto deste ano, os operários e o Centro Industrial acordaram que os diretores da fábrica deveriam receber os representantes dos operários.

O presidente Castro aproveitou que às nove e meia se iniciava o horário de almoço dos operários e “*mandou que após a entrada, depois do almoço, todos os tecelões abandonassem os seus trabalhos.*”⁸⁴⁸ Os operários, às dez e quinze, atenderam a ordem do Castro e abandonaram seus postos. Dirigiram todos os operários para a sede da UOFT a fim de discutir o que seria exigido do patronato.⁸⁴⁹

Os operários que abandonaram o trabalho foram os da seção de tecelagem. Mesmo não sendo todos os operários da fábrica a abandonarem seus postos é possível ressaltar como a decisão de Castro, tomada diante da recusa do gerente da fábrica em recebê-lo, propagou-se pelos operários em horário de almoço. Castro não foi recebido e o gerente mandou fechar os portões da fábrica. Assim, provavelmente ele não adentrou o estabelecimento. Consideramos a possibilidade do delegado da UOFT, atuante no Moinho Inglez, ter sido o agente a divulgar a decisão de Castro.

Ao formular as exigências para que voltassem ao trabalho, a UOFT exigiu da diretoria a “*readmissão dos 6 operarios demitidos,*” o reconhecimento da UOFT, como representante dos operários e “*a regulamentação da proporção e preço da mão de obra.*”⁸⁵⁰ Os diretores não responderam o ofício com as exigências.

A greve prolongou-se e no dia dezanove de fevereiro ocorreu uma reunião na UOFT com a presença dos tecelões do Moinho Inglez, ficando decidido que os operários mantivessem em greve pacífica “*emquanto os industriaes não se resolverem a atender às suas reclamações.*”⁸⁵¹ No dia vinte e um de fevereiro, outra reunião ocorreu na UOFT com a presença dos grevistas e a diretoria afirmou a manutenção da greve e a espera pela resposta ao ofício enviado.⁸⁵²

Na reunião, um operário afirmou ter tido conhecimento através de uma pessoa de sua confiança, “*que a fabrica recebeu por estes dias uma encomenda de dous milhões de metros de brim e que, não sendo esse panno para o ensacamento do trigo da casa, os patrões teriam que ceder forçosamente daqui até o dia 1º de março próximo.*”⁸⁵³ Identificamos a estratégia do tecelão grevista que era a de procurar obter informações sobre o funcionamento da produção e da administração da fábrica.

O fato de precisarem de dinheiro e temer serem demitidos foram fatores que fizeram com que muitas greves não fossem mantidas pelos operários. Como a previsão do tecelão grevista falhou e a diretoria da fábrica continuava sem responder ao ofício foi necessário providenciar o auxílio para os grevistas que se encontravam há mais de dez dias em parede e, portanto, sem receber salário e correndo o risco de serem demitidos. No dia dois de março, a UOFT se disponibilizou a ajudar por até um ano os operários grevistas do Moinho Inglez.⁸⁵⁴

⁸⁴⁶ Ibidem.

⁸⁴⁷ Ibidem.

⁸⁴⁸ Ibidem.

⁸⁴⁹ Ibidem.

⁸⁵⁰ Ibidem.

⁸⁵¹ *Gazeta de Notícias*. 20 de fevereiro de 1918, p.6.

⁸⁵² *Gazeta de Notícias*. 22 de fevereiro de 1918, p.6.

⁸⁵³ Ibidem.

⁸⁵⁴ *Gazeta de Notícias*. 13 de março de 1918, p.6.

Em reunião ocorrida em doze de março, com a presença dos grevistas, Albino discursou sobre a necessidade da união entre os operários: “[...] *sem a união nada conseguirá o operário e hoje, diz elle, o operario que não tiver unido estar condenado a desaparecer.*”⁸⁵⁵ A união propagada por Albino se fazia necessária porque os patrões se mantinham em “*attitude intransigente e egoista,*” não cedendo às exigências dos grevistas. Um mês após a greve, não se tinha “*uma proposta seria e razoavel por parte do Moinho Inglez, afim de pôr um termo á situação.*”⁸⁵⁶ Os dirigentes da UOFT mandaram que os operários das outras seções da fábrica também parassem de trabalhar e estes atenderam a ordem. De forma semelhante ao que fizera em seus escritos ao longo do ano de 1913, Albino estimulou a solidariedade para com os grevistas. Ao incentivar a união entre os operários, procurava evitar o desânimo dos operários frente a recusa dos patrões em ceder.

Os dirigentes da UOFT agiam de acordo com os interesses dos operários, o de melhorarem as condições de trabalho, que era de extrema penúria, de se recusarem a aceitar as demissões dos operários, mas também era necessário agir considerando a posição dos outros envolvidos, no caso o patronato. Os dirigentes não pretendiam realizar uma greve extensa, mas frente a posição intransigente dos patrões, mantiveram a greve:

E´ logico que a União dos Operarios em Fabricas de Tecidos, como orgao legitimo e defensor dos operarios grevistas, não reccusaria um accordo digno que visasse os interesses em jogo.

Mas desde já podemos com absoluta segurança declarar que essa almejada e urgente solução só se dará quando as reclamações e os interesses dos operarios sejam harmonisados e plenamente satisfeitos pela directoria do Moinho Inglez.

Cedo ou tarde, por maiores ameaças e habeis recursos de que lancem mão, os operarios terão de sahir moralmente vencedores nessa questão, a menos que a secção de tecelagem da empresa mencionada fique para sempre no estado em que está, pois não haverá operarios de tecidos que possam trahir esses companheiros, justamente revoltados contra a attitude indebita do Moinho Inglez.⁸⁵⁷

Os dirigentes da UOFT e os operários sofriam com o prolongamento da greve e os diretores do Moinho Inglez também viam-se em dificuldades. A falta de operários na tecelagem resultou em “*falta de panno para o fabrico dos saccos destinados á exportação da farinha, pois a formula recentemente adoptada de exportar em saccaria de aniagem, tem produzido resultados negativos e dado margem a constantes e repetidas reclamações dos consumidores que, recebem os saccos quase vasio.*”⁸⁵⁸ Eram essas dificuldades que traziam esperanças de um acordo para os membros da UOFT. Porém os patrões buscavam alternativas para não atender as exigências dos grevistas, como a de contratar outros operários para exercer as funções na seção dos teares.⁸⁵⁹ A UOFT, buscando combater essa alternativa, publicou notas nos jornais recomendando que os operários não buscassem trabalho na fábrica. A nota emitida pela diretoria afirmava,

Moinho Inglez - Prevenimos a todos os trabalhadores que não devem procurar trabalho nesta fabrica, cujos operarios se encontram em greve, por ter a directoria da mesma despedido, sem motivo justificado, seis companheiros. Prevenimos mais que os annuncios que diariamente apparecem nos jornaes, pedindo tecelões para a rua da

⁸⁵⁵ Ibidem.

⁸⁵⁶ *A Razão*. 13 de março de 1918, p.5.

⁸⁵⁷ Ibidem.

⁸⁵⁸ *A Razão*. 24 de março de 1918, p.5.

⁸⁵⁹ O jornal *A Noite* informou, no dia quatorze de março de 1918, que estavam trabalhando no Moinho Inglez os encarregados das seções de teares e “*alguns tecelões, hontem contratados para tal serviço [...]*,” evidenciando a prática dos dirigentes da Moinho em recorrer a contratação de outros operários diante do afastamento dos operários. *A Noite*. 14 de março de 1918, p. 2.

Gambôa, são daquela fabrica, não devendo, por isso, os trabalhadores ir procurar trabalho ali sem primeiro pedir informações á rua Acre 19. – A directoria.⁸⁶⁰

A publicação das notas na *Gazeta de Notícias* e nas edições de *A Razão*, configuravam-se em uma ação incisiva dos dirigentes da UOFT. Enquanto os patrões assumiam uma postura de tentar inibir as ações para amenizar os efeitos da greve, manter a fábrica funcionando e não desagradar os clientes, o movimento grevista se articulava para que os patrões não tivessem os seus lucros garantidos por intermédio de outros trabalhadores.

O número de tecelões grevistas era superior a cem, mas havia os poucos que resistiam a greve e continuavam trabalhando, garantidos pela polícia do 11º distrito.⁸⁶¹ Dentre os que trabalhavam estavam os tecelões Raul Dantas e Estanislaio Mischarff, que nas *primeiras horas da manhã*” dia quatorze de março de 1918, dirigiram-se ao “*botequim da rua da Gamboa n. 35, pertencente a Antonio Mendes*”⁸⁶² para tomar café.⁸⁶³ No botequim,

os tecelões Estanislaio e Raul encontraram mais seis collegas que tambem trabalham no Moinho Inglez. **Entre os recém chegados e os outros, havia uma certa animosidade devido a uma questão de serviço.**

Estabeleceu-se então entre os tecelões calorosa discussão, que terminou por um sério conflicto, que poz grande parte da rua da Gamboa em polvorosa, em consequencia dos gritos dos contendores e dos tiros que foram disparados.

Os populares que se achavam próximo [sic] ao local do conflicto apitaram, comparecendo então as autoridades policiaes do 11º Districto, representadas por um commissario, o agente Léo Osorio e o anspeçada n.486, do 2º batalhão da Brigada Policial, **que prenderam o tecelão Candido Ferreira Lessa, de côr preta,** com 25 annos de edade e morador da casa n. 45 da rua da Gamboa, **o qual ainda estava de revolver em punho, ameaçando os seus adversários.**

No conflicto sahiram feridos os tecelões Raul Dantas, que é pardo, casado, tem 26 annos de edade e **reside no proprio Moinho Inglez; e Estanislaio Micharff, que é russo,** casado, tem 30 annos de edade e reside á rua Senador Soares n. 48.

Micharff, que declarou ter sido agredido por Ferreira Lessa, apresenta um ferimento por projectil de arma de fogo, na cabeça; e Dantas recebeu quatro ferimentos por faca, sendo dous nas costas um no peito e outro no queixo. (*grifos meus*)⁸⁶⁴

A imagem abaixo foi publicada no jornal *A Noite* e mostra os envolvidos no conflito da Gamboa. O registro da imagem foi feito após a briga que resultou em feridos e na prisão de Lessa.

⁸⁶⁰ *Gazeta de Notícias*. 12 de março de 1918, p.4. A nota incentivando aos operários a não aceitarem trabalho na fábrica Moinho Inglez também foi publicada no jornal *A Razão*. A seção intitulava-se “Movimento Operário” e as notas foram publicadas entre os dias treze e dezessete de março de 1918, na sexta página do periódico, exceto na edição do dia dezessete que ocorreu na nona página.

⁸⁶¹ *Gazeta de Notícias*. 15 de março de 1918, p. 2.

⁸⁶² *Ibidem*.

⁸⁶³ *Jornal do Brasil*. 15 de março de 1918, p. 8. A *Gazeta de Notícias* apresentou uma versão diferente quanto ao momento que ocorreram as agressões dentro do botequim. De acordo com o periódico, Raul Dantas e Estanislaio Micharff “*ao meio dia deixaram a officina, para o lunch*” e dentro do botequim foram atacados por um grupo de reclamantes. *Gazeta de Notícias*. 15 de março de 1918, p. 2.

⁸⁶⁴ *Jornal do Brasil*. 15 de março de 1918, p. 8. O jornal *A Epoca* apresentou uma foto de Candido Ferreira Lessa e abaixo da foto a afirmação “*O estivador Candido Ferreira Lessa, que foi preso.*” No decorrer da matéria classificou Lessa como tecelão. *A Epoca*. 15 de março de 1918, p. 4.

Figura 6- Fotos dos tecelões grevistas do Moinho Inglez.



Fonte: Jornal. *A Noite*. 14 de março de 1918, p.2.

Os jornais, que noticiavam o caso ocorrido no dia quatorze de março de 1918, apontavam as referências dos tecelões envolvidos na briga:⁸⁶⁵ Candido Ferreira Lessa e Raul Dantas eram brasileiros sendo o primeiro preto e o segundo de cor parda. Estanisláo Micharff era de nacionalidade russa, evidenciando assim as diferenças étnicas entre os operários de tecidos na Primeira República.⁸⁶⁶

Dentre todos os jornais consultados, apenas a notícia publicada em *A Epoca* afirmou que o russo Estanisláo Micharff seria contramestre.⁸⁶⁷ Caso ele ocupasse o posto de contramestre da seção de tecelagem do Moinho Inglez seria mais um fator para gerar animosidades entre o russo e os operários grevistas, pois os operários viam os contramestres como indivíduos que colaboravam com o patronato.

⁸⁶⁵ Os jornais *Gazeta de Notícias* e *A Epoca* publicaram as fotos de Lessa e de Micharff. *A Epoca* publicou a foto de Micharff, mas afirmou ser Dantas. (*Gazeta de Notícias*. 15 de março de 1918, p.2.) (*A Epoca*. 15 de março de 1918, p.4.)

⁸⁶⁶ Baseamos nas leituras dos jornais *A Epoca* e *A Noite* para afirmar que Raul Dantas era brasileiro. De acordo com *A Epoca*, “no botequim de propriedade de propriedade de Antonio Mendes, [...], deu-se um conflicto, do qual resultou saírem feridos o nacional Raul Dantas, casado, tecelão ali residente e o russo Estanisláo Micharff.” (*A Epoca*. 15 de março de 1918, p. 4.). De acordo com *A Noite*, “Raul Dantas e Estanisláo Michalski, o primeiro brasileiro e o ultimo russo.” (*A Noite*. 14 de março de 1918, p. 2.) O autor Sidney Chalhoub, ao analisar os processos crimes da Primeira República, encontrou vários casos que o levou a concluir sobre a existência de rivalidade entre os membros da classe trabalhadora, na cidade do Rio de Janeiro, provocadas pelas diferenças de raça e de nacionalidade. A rivalidade entre os brasileiros e portugueses se fez mais comumente presente. Cf: CHALHOUB, Sidney. *Sobrevivendo. In: Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: Unicamp, 2001.

⁸⁶⁷ *A Epoca*. 15 de março de 1918, p. 4.

Com a análise das fontes consideramos que Raul e Estanisláo eram operários e não contramestres.⁸⁶⁸ O *Jornal do Brasil*, informou que Raul era morador “no proprio Moinho Inglez”⁸⁶⁹ configurando-se em um vínculo mais antigo desse operário com a fábrica. A *Gazeta de Notícias* ao relatar a agressão informou que os grevistas aguardavam “a sahida dos operarios que não os acompanham nas suas pretensões, no intuito de aggredilos.”⁸⁷⁰ Diante das informações, presentes nos periódicos, consideramos que Raul e Estanisláo eram operários do Moinho Inglez não fazendo parte do grupo contratado para suprir a falta dos trabalhadores da seção de tecelagem.

Os jornais relataram uma agressão com tiros e facadas. Segundo os relatos o preto Lessa “deu o tiro que atingiu Estanisláo,”⁸⁷¹ sendo autuado em flagrante⁸⁷² e o único preso. Ele foi “apresentado como um dos cabeças do grupo atacante.”⁸⁷³ Apesar de ter sido preso sozinho estava “andando a policia no encalço de Penna, o autor das facadas, e de seus companheiros.”⁸⁷⁴ Os redatores de *A Epoca* referiam-se ao tecelão Manuel Penna, que estava foragido, e aos demais operários participantes da briga no botequim da Gamboa.

A prisão de Lessa chegou até a sede da UOFT e quase um mês depois da prisão, a diretoria da UOFT pediu para os redatores de *A Epoca*, publicarem a seguinte nota,

Sobre o incidente ocorrido no dia 14 de março?

Um espesso véo caiu sobre o caso?

Assim acham-se com direito de perguntar alguns dos companheiros do **infeliz Ferreira Lessa, pois o desgraçado e involuntario autor sofre mui pesadamente suas consequencias, sem que seus companheiros procurem levar-lhe o devido conforto.**

Quem sabe como passará esse infeliz, de alma e de corpo?

Assim, pois, alguns dos seus verdadeiros companheiros pedem alguma providencia em favor daquelle infeliz.

Pedem os mesmos, por intermedio desta folha, um pouco de atenção para o caso de 14 de março, como de direito, pois nós, os verdadeiros companheiros do infeliz, temos certeza de que não ha de ser preciso chamar pela segunda vez, por intermedio desta digna folha, os direitos daquelle martyr.⁸⁷⁵ (*grifo meu*)

A nota, escrita pelos dirigentes da UOFT, nos leva a considerar que os companheiros do tecelão Lessa questionavam, dentro da UOFT, a sua prisão que já se estendia por um mês e também a falta de solidariedade de muitos operários em fábricas de tecidos e principalmente do Moinho Inglez. A nota acusava os operários de não demonstrarem interesse em saber sobre as condições do preso e de não trabalharem pela sua liberdade. Destacamos a agência dos dirigentes da UOFT no tocante às questões provenientes da greve no Moinho Inglez, ainda que fosse sob a cobrança de operários próximos a Lessa. A leitura da nota nos conduz à percepção de que os companheiros de Lessa, não aceitando a sua prisão, levaram a questão para os dirigentes da UOFT, demonstrando assim a solidariedade para com o companheiro e o reconhecimento da UOFT como o instrumento para agir em prol do tecelão, classificado como mártir. Em janeiro de 1919, Lessa foi julgado e absolvido da acusação de tentar matar Estanisláo Micharff. O júri entendeu que a discussão entre os operários foi devido à greve e a

⁸⁶⁸ *A Noite*. 14 de março de 1918, p.8.

⁸⁶⁹ *Jornal do Brasil*. 15 de março de 1918, p. 8.

⁸⁷⁰ *Gazeta de Notícias*. 15 de março de 1918, p. 2.

⁸⁷¹ *Jornal do Brasil*. 15 de março de 1918, p. 8.

⁸⁷² *O Paiz*. 15 de março de 1918, p. 4.

⁸⁷³ *Gazeta de Notícias*. 15 de março de 1918, p. 2.

⁸⁷⁴ *A Epoca*. 15 de março de 1918, p. 4.

⁸⁷⁵ *A Epoca*. 13 de abril de 1918, p. 5.

agressão, cometida por Lessa, foi em legítima defesa.⁸⁷⁶ Na nota escrita pela diretoria da UOFT, afirma que Lessa foi “*involuntário autor.*”

A greve no Moinho Inglês chegou ao fim no dia dois de abril de 1918, após cinquenta e cinco dias de parede.⁸⁷⁷ O *Jornal do Brasil* noticiou a realização de uma reunião que resultou em “*acordo entre os diretores da União dos Operários em F. de Tecidos e a empresa do Moinho Inglês.*”⁸⁷⁸ Entende-se que os diretores do Moinho Inglês participaram da reunião e discutiram as propostas com os dirigentes da UOFT e com os operários presentes. A sessão para a discussão das propostas foi longa e terminou com um acordo que agradou aos presentes.⁸⁷⁹ O periódico afirmou que durante a sessão fizeram “*referências lisonjeiras a alguns dos diretores do Moinho Inglês.*”⁸⁸⁰ Interpretamos que foram elogiados aqueles que se dispuseram a buscar um acordo, reconhecendo a validade dos requerimentos dos operários do Moinho.

A greve no Moinho Inglês é representativa da atuação direta dos dirigentes da UOFT. O *Jornal do Brasil* afirmou que a greve, de quase dois meses, foi sustentada pela UOFT por “*meios de subsistências aos operários parados [...] para dessa forma fazer valer a sua integridade de associação organizada.*”⁸⁸¹ A UOFT desejava um acordo com os diretores da fábrica, mas esse acordo não podia ser desfavorável aos operários. Na resistência e nos esforços para sustentar a greve nos deparamos com as atitudes dos dirigentes da UOFT que eram delineadas a partir de sua inserção no movimento operário. Colaborava para as decisões dos dirigentes a defesa do papel que eles assumiram, de representantes do órgão da classe, defensores dos interesses dos associados e o posicionamento dos homens e mulheres envolvidos no conflito e associados à UOFT. Enquanto os diretores do Moinho Inglês não reconhecessem a UOFT como órgão representativo da categoria têxtil, recusando-se a negociar as reivindicações dos operários, os dirigentes da UOFT continuariam se esforçando para manter a greve.

A sequência de análises das greves, com a atuação da UOFT, prossegue com a greve iniciada no dia seis de julho de 1918, na Fábrica Confiança, localizada em Vila Isabel. Realizou-se, nesse mesmo dia, uma reunião na sede da UOFT para discutirem sobre a greve e as reivindicações dos operários. De acordo com o jornal *A Noite*, os grevistas reivindicavam diminuição das horas de trabalho, aumento de \$200 para duas horas de serão⁸⁸² e a readmissão

⁸⁷⁶ *Jornal do Brasil*. 25 de janeiro de 1919, p.8.

⁸⁷⁷ *A Razão*. 3 de abril de 1918, p. 6.

⁸⁷⁸ *Jornal do Brasil*. 3 de abril de 1918, p. 7.

⁸⁷⁹ *Ibidem*.

⁸⁸⁰ *Ibidem*.

⁸⁸¹ *Ibidem*.

⁸⁸² *A Noite*. 07 de julho de 1918, p.3 Na fábrica Confiança, as insatisfações dos operários, com a realização de serões, já se fazia presente há mais tempo. Os operários da fábrica redigiram uma carta e entregaram ao redator de *A Razão*. A leitura da fonte nos permite concluir que o redator do periódico estava presente, na sessão realizada, no dia três de janeiro, na UOFT. A presença dos redatores dos jornais era comum e no dia seguinte publicavam informações sobre as sessões ocorridas nas associações operárias. A seção de *A Razão*, que publicava as informações referentes à UOFT, intitulava-se “Última Hora” e como subtítulo “Movimento Operário à noite.” Os operários aproveitaram a presença do redator para lhe entregar a carta e começaram a redação desta afirmando que por serem “*assíduos leitores do vosso apreciado jornal, temos observado a forma digna como tendes advogado a causa dos trabalhadores, e isso nos anima a vós dirigir estas linhas certos de que vós tratareis com mais largueza do assumpto que elle tem- em vista.*” (*A Razão*. 04 de janeiro de 1918, p.5.) O assunto da carta era sobre as condições da fábrica Confiança e os operários afirmaram: “*Há mais de um anno que na fabrica onde trabalhamos (Confiança), em Villa Izabel, que os operarios são forçados a fazer serão sem uma remuneração equitativa com que possamos restabelecer as horeas que perdemos no estenuante trabalho de tocar tres e quatro machinas. E’ esta uma fabrica em que mais mal se*

de trinta e dois operários demitidos.⁸⁸³ O jornal *Correio da Manhã* apresenta outra exigência dos grevistas, a demissão do mestre da seção de tinturaria Mathias Villa Longa.⁸⁸⁴ A demissão do mestre era uma resposta que os operários queriam dar porque Villa Longa havia demitido doze oficiais da tinturaria da fábrica Confiança.⁸⁸⁵

A reunião na sede da UOFT contou com a participação de mil e quinhentos operários, número que revela um grande envolvimento dos operários da Confiança na questão travada entre eles e o patronato.⁸⁸⁶ Durante a reunião chegou a notícia de que os donos da fábrica Confiança mandaram “*cassar todas as cartas de fiança, quer das casas de morada de seus operários, quer dos armazéns que forneciam generos alimenticios.*”⁸⁸⁷ Assim os operários

paga a mão de obra e por consequencia, onde mais explorados são os depauperados obreiros ganhando um ordenado que mal chega para tomar café.” (Ibidem.) Afirmaram que a realização dos serões deixavam os operários tuberculosos, citando os exemplos de duas operárias, que estavam tuberculosas e dependendo de subscrições realizadas pelos demais operários para ajuda-las. As condições da Confiança eram precárias, “*sem ar, sem luz,*” que asfixiavam os operários. O calor que fazia, na cidade do Rio de Janeiro, contribuía para tornar as condições da fábrica ainda mais insatisfatórias para a saúde dos operários. (Ibidem.) No dia oito de janeiro, *A Razão* voltou a apresentar as considerações dos operários da Confiança e estas foram transmitidas pelo secretário da UOFT, Joaquim de Moraes. Recorreram ao jornal por ter sido feito um acordo entre os “*operários e directores da Fabrica, para a terminação desse sacrificio.*” (Ibidem.) Os diretores relutaram para pôr fim aos serões, que era sacrifício para os operários e, para eles, garantia de produção e rendimentos. Alegaram “*que a fabrica vinha fazendo serões por absoluta necessidade de produção.*” (Ibidem.) Os operários e Moraes interpretaram criticamente a afirmação que chegou até eles sendo atribuída ao diretor da Confiança. Para os operários, se os serões ocorriam por uma maior demanda na produção, “*fácil se nos afigura a solução desse problema, há bastantes profissionaes, paralyzados pela falta de trabalho e assim a companhia poderia, á semelhança do que adoptou a fabrica Bangú e que vae adoptar a Carioca, estabelecer duas turmas, diurna e nocturna e assim conseguiria muita producção, sem o extenuante dos seus proletarios; como acima dizemos, não queremos, porque era tolice, intromettermos na administração da fabrica, consignámos este alvitre a titulo de resposta áquella afirmação.*” (Ibidem.) Os operários mostraram que o argumento do diretor não era aceito porque tinha outra solução para garantir a produção sem necessitar obrigar aos operários a fazer serões, prejudicando sua saúde e não sendo remunerados adequadamente. Destacamos o jornal *A Razão* como um veículo de comunicação no qual os operários da Confiança liam, interpretavam a postura dos redatores para com a causa operária e reconheciam no jornal um meio de luta para as suas questões. Consideramos que era no espaço da fábrica e da UOFT que se desenvolviam as interpretações a respeito das questões operárias e foram divulgadas em *A Razão*.

⁸⁸³ *Correio da Manhã*. 10 de julho de 1918, p.4

⁸⁸⁴ *Correio da Manhã*. 11 de julho de 1918, p.3. No ano de 1903, os operários da Corcovado que não residiam na vila operária da fábrica recebiam carta de fiança da diretoria da unidade fabril. *Correio da Manhã*. 23 de agosto de 1903, p.2.

⁸⁸⁵ *A Noite*. 07 de julho de 1918, p.3. *A Noite* relatou que no final da sessão, ocorrida na sede da UOFT, no dia seis de julho, foi informado para os presentes sobre as demissões que Mathias Villa Longa tinha realizado na Confiança. Pela redação do periódico, entendemos que as demissões foram utilizadas para confirmar, para os mil e quinhentos operários presentes, a necessidade de se manterem unidos nas reivindicações que empreendiam contra o patronato da Confiança. Os despedidos acrescentaram “*que Mathias fora há tempos expulso da fabrica Laranjeiras por não se ter conduzido com fidelidade.*” *A Noite*. 07 de julho de 1918, p.3.

⁸⁸⁶ Destacamos o número de mil e quinhentos operários, presentes na sede da UOFT, informado por *A Noite*. (*A Noite*. 07 de julho de 1918, p.3.) O *Correio da Manhã* informou o número de quinhentos operários, presente na reunião, realizada no terreno da Boulevard 28 de setembro. (*Correio da Manhã*. 11 de julho de 1918, p.3.) O terreno era devoluto e próximo a Confiança. (*Jornal do Brasil*. 12 de julho de 1918, p.6.) Consideramos a diferença de mil operários entre as duas reuniões. Problematicamos o número apresentado por *A Noite*, considerando que a sessão ocorreu na sede da UOFT, um espaço fechado. Supostamente esta sessão abrigou mil pessoas a mais do que a reunião em um espaço aberto. Diante do exposto, levanta-se a questão se o espaço da sede seria grande para abrigar tantos operários ou se ocorreu um exagero na informação divulgada por *A Noite*. A leitura do *Jornal do Brasil* permitiu obter a informação de que era vasto o salão que funcionava como sede da UOFT, na rua Acre, nº.19. Logo consideramos que o salão abrigou os mil e quinhentos operários mencionados por *A Noite* e este dado revela o envolvimento dos trabalhadores da Confiança que abandonaram os seus postos e buscaram se colocar a par da condução da greve pelos dirigentes da UOFT. *Jornal do Brasil*. 12 de julho de 1918, p.6.

⁸⁸⁷ *A Noite*. 07 de julho de 1918, p.3.

perderiam a autorização para comprar os gêneros alimentícios que precisavam nos armazéns ligados a Fábrica Confiança. A atitude gerou revolta entre os operários,⁸⁸⁸ que pretendiam agitar uma greve geral que poderia envolver todo o Brasil. Os operários da Confiança conseguiram a adesão de fábricas na cidade do Rio de Janeiro, Petrópolis e em Paracambi, locais que possuíam sucursais da UOFT.⁸⁸⁹

A UOFT promoveu reuniões entre os dias oito e dez de julho nos terrenos da Boulevard Vinte e oito de Setembro.⁸⁹⁰ Os jornais informaram que essas reuniões possuíam um grande público, formado pelos operários da fábrica Confiança. Na reunião do dia oito de julho, presidida pelo presidente da UOFT, Manoel Ignacio de Castro e tendo como secretários Albino e Adolpho Pereira, o presidente pediu calma e união aos operários enquanto aguardavam “*nova resolução dos proprietários*”⁸⁹¹ da fábrica. Uma comissão de dirigentes da UOFT havia se reunido com a administração da Confiança, requerendo a readmissão dos trinta e dois operários, porém esta se recusava a atender.⁸⁹² O presidente Castro, no seu discurso realizado para os operários presentes, informou a resolução, instruiu-os a não comparecer ao trabalho, tranquilizando-os quanto a vida que eles levariam durante a greve. Castro assegurou que a UOFT “*socorreria a todos e não haviam de morrer de fome.*”⁸⁹³ A fome tinha grande chance de atingir os grevistas e suas famílias devido o não recebimento do pagamento e a retirada da carta de fiança. A reunião ocorreu com a presença do delegado do Distrito e de uma numerosa força policial. Após a reunião, os operários saíram tranquilamente e “*dando vivas á classe e a União dos Operarios em Fabricas de Tecidos.*”⁸⁹⁴

No mesmo dia em que os diretores da Confiança deram uma resposta negativa, para a requisição da comissão da UOFT, de readmissão dos trinta e dois operários, o gerente da Fabrica Confiança, Jeronymo José Ferreira Braga Neto, recebeu um representante do jornal *Gazeta de Notícias*. Neto respondeu as perguntas que lhe eram feitas e através de suas respostas podemos entender a greve do seu ponto de vista.

Neto começou a entrevista demonstrando a sua surpresa com a parede dos operários e afirmou,

[...] a resolução extrema dos nossos operarios surpreendeu-nos, pois tudo temos feito para melhorar cada vez mais a situação de todos elles: **assim, desde o dia em que assumi as funções de gerente desta fabrica, sempre procurei harmonizar os seus interesses com os dos operarios na medida das minhas forças** porque julguei que esses mesmos operarios fossem mais dignos de atenção.⁸⁹⁵ (*grifo meu*)

A surpresa do gerente Neto, com a greve, suscitou o questionamento do principal motivo para a sua ocorrência e ele declarou: “*o motivo nem eu mesmo conheço, pois, ao que ouço dizer os operarios querem trabalhar 54 horas por semana, quando nós apenas lhes exigimos 55 horas – uma hora de menos, portanto.*”⁸⁹⁶ A pergunta seguinte foi “*sobre o*

⁸⁸⁸ Ibidem.

⁸⁸⁹ Ibidem.

⁸⁹⁰ *Jornal do Brasil*. 09 de julho de 1918, p.7.

⁸⁹¹ Ibidem.

⁸⁹² Ibidem.

⁸⁹³ Ibidem. A *Gazeta de Notícias* também publicou uma matéria sobre a reunião realizada, no dia 8 de julho, e com relação à ajuda que poderia ser concedida aos operários demitidos da Confiança noticiou que o presidente Castro leu “*uma carta do negociante Sr. Manoel dos Santos Patrício, que se offereceu para socorrel-os.*” *Gazeta de Notícias*. 09 de julho de 1918, p.3.

⁸⁹⁴ *Jornal do Brasil*. 09 de julho de 1918, p.7.

⁸⁹⁵ *Gazeta de Notícias*. 09 de julho de 1918, p.3.

⁸⁹⁶ Ibidem.

augmento de salario pleiteado pelos grevistas, para as horas que trabalham a mais”⁸⁹⁷ e Neto respondeu,

Esse ponto é, como se diz, o “pivot” da questão. Entretanto, a casa aqui sempre pagou aos seus operarios uma adicional de 57 réis para cada tear, por hora de serviço; mas, ha dias procurou-me uma comissão que, em nome dos seus companheiros, pediu que lhes fizéssemos um augmento nas horas de serão. Fiz ver, então, a essa comissão que eu, pela minha parte, concedia o augmento de mais tres réis por cada hora de serão. Dias depois outra comissão veio comunicar que os seus companheiros, reunidos em assembléa geral, resolveram pedir mais 40 réis. Ora, o senhor comprehende, eu de prompto não podia dar uma resposta satisfatoria, porque, antes, tinha de conferenciar a respeito com o meu colega de direcção do estabelecimento, o qual desde esse tempo se acha enfermo, mas pela minha parte declarei logo á comissão que não seria possivel o augmento solicitado.⁸⁹⁸

Na versão de Neto, os operários insatisfeitos com a recusa no aumento da remuneração dos serões decidiram entrar em greve, e declarou: “[...] *achando eu que aquillo era um desaforo, resolvi demittir os trinta e dous que mais inconvenientes se portavam. Os outros, devido a isso, no dia immediato resolveram não entrar para o trabalho e aquelles que entraram não quiseram trabalhar, razão porque mandei fechar a fabrica, até segunda ordem.*”⁸⁹⁹ A afirmação de Neto permite ressaltar a prática adotada pelos diretores das fábricas em situações de questionamentos e recusa dos operários. Os diretores optavam por identificar e demittir os operários considerados agitadores. A punição serviria como exemplo para que os demais operários não fizéssem o mesmo e os afastariam da influencia daqueles mais ativos na luta operária. A resposta dos operários foi a reivindicação da revogação das demissões através da greve, estimulada pelos dirigentes da UOFT, por meio de discursos para os operários e da articulação e negociação junto a direção.

Entretanto, Neto e os demais diretores assumiram uma postura contrária ao pedido de readmissão dos operários. Na versão dos grevistas, dentre os trinta e dois demittidos havia os que estavam sendo injustiçados. Neto discordou dessa versão e concluiu:

Injustamente? Sim... Agora todos se consideram demittidos injustamente, porém, ainda outro dia, entrando eu na sala da tinturaria, lá encontrei alguns destes, na maior orgia, dansando e batendo palmas. Avisados por alguém da minha presença ali, elles voltaram-se e disseram: “o trunfo aqui agora é pão”. Veja o senhor se eu posso consentir que essa gente volte a trabalhar sob a minha direcção.⁹⁰⁰

Com relação às desavenças com o contramestre Villa Longa, Neto não citou nomes de contramestres mas fez questão de afirmar que os operários andam “*por ahi dizendo que os causadores da greve são os mestres, o que não é verdade, pois todos são bastante intelligentes e dedicados, nada me constando que desabone qualquer delles.*”⁹⁰¹ A postura do gerente entrevistado foi de negativa aos requerimentos que conduziram à ação dos operários da Confiança e dos dirigentes da UOFT.

No dia dez de julho, ocorreu novamente nos terrenos da Boulevard uma reunião com grande número de operários.⁹⁰² Castro, o presidente da UOFT, aconselhou que a greve continuasse pacífica, com os operários evitando agrupamentos que poderiam ser pretextos

⁸⁹⁷ Ibidem.

⁸⁹⁸ Ibidem.

⁸⁹⁹ Ibidem.

⁹⁰⁰ Ibidem.

⁹⁰¹ Ibidem.

⁹⁰² *Correio da Manhã*. 11 de julho de 1918, p.3.

para violências.⁹⁰³ Atendendo a esta solicitação, no dia onze de julho, quando da reabertura da fábrica, pelo gerente Neto, compareceram somente vinte e dois dos dois mil operários.⁹⁰⁴ A referida informação confirma o que os dados numéricos da participação dos operários nas reuniões na sede da UOFT e no terreno da Boulevard demonstravam: a grande adesão dos trabalhadores da Confiança à greve. Diante de tamanha adesão, Neto convidou “*pelo telephone, os membros do conselho fiscal da companhia e o Dr. Ozorio de Almeida, 2º Delegado auxiliar.*”⁹⁰⁵ A reunião ocorreu à tarde com a presença do delegado e de Henrique Rody Corrêa do conselho fiscal. Na reunião, Neto expôs as suas medidas, como o fechamento da fábrica e a demissão dos trinta e dois operários e teve “*os seus actos plenamente sancionados, pelos conselheiros.*”⁹⁰⁶ Ele apresentou a proposta de os diretores e do delegado Almeida ouvirem “*o presidente da União dos Operarios em Fabricas de Tecidos*”⁹⁰⁷ para que assim resolvessem “*o incidente como melhor lhes aprouvessem.*”⁹⁰⁸

A leitura da fonte transmite a ideia de que Neto não estava mais tão seguro em manter as negativas para os requerimentos dos operários como demonstrou na entrevista concedida a *Gazeta de Notícias*. Ele quis que outros responsáveis pela fábrica se colocassem a par e opinassem na condução do conflito. A proposta de Neto foi ousada e inovadora, trazer o presidente da UOFT para expor as questões defendidas pelos operários. Os diretores presentes “*recusaram o alvitre, declarando-se solidarios com o gerente que lhes merecia toda a confiança, bem como a aprovação do que fizera.*”⁹⁰⁹ O delegado Almeida então se ofereceu “*para negociar um accordo com os paredistas.*”⁹¹⁰ Os diretores aceitaram a intermediação do delegado e definiram as bases para a negociação. Em seguida, Almeida “*foi ao encontro do Sr. Manuel de Castro [...] que se achava presidindo a sessão dos paredistas no Boulevard 28 de Setembro.*”⁹¹¹ Almeida conferenciou com Castro e “*regressou à fabrica, trazendo-o, e o vice-presidente da sociedade Sr. Albino Dias Moreira, em seu automovel.*”⁹¹²

A reunião foi longa e terminou com um acordo entre as duas partes pondo fim à greve. Os diretores da Confiança aceitaram readmitir os trinta e dois operários.⁹¹³ O presidente

⁹⁰³ Ibidem.

⁹⁰⁴ *Jornal do Brasil*. 12 de julho de 1918, p.6.

⁹⁰⁵ Ibidem.

⁹⁰⁶ Ibidem.

⁹⁰⁷ Ibidem.

⁹⁰⁸ Ibidem.

⁹⁰⁹ Ibidem.

⁹¹⁰ Ibidem.

⁹¹¹ Ibidem.

⁹¹² Ibidem. A ordem correta é Albino Moreira Dias.

⁹¹³ O *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã* afirmaram que os trinta e dois operários foram readmitidos. (*Correio da Manhã*. 12 de julho de 1918, p.3.) (*Jornal do Brasil*. 12 de julho de 1918, p.6.) Os trinta e dois operários demitidos eram: “*Domingos Custodio, José Ferreira da Costa, Nunciata Matheus, Luciano Capponi, Celencina de Abreu, Celestino Victorio, Deocleciano de Carvalho, Paulino Garcia Fernandes, Benedicto Ramos, Dionysia da Silva, Damazio Antonio de Souza, Franklin Barbosa, Josepha Wisnescha, Miguel Martins, Octavio Alves Pereira, Manuel Marçal de Oliveira, Deolinda de Souza, Joaquim Gonçalves, Manuel Antonio da Silva, Joaquim Monteiro, Adelina Gonçalves, Argeu da Rocha, Domingos Rodrigues, Joaquim Moreira, Francisco Pereira Godinho, Armando Lemos, João Ferreira da Silva, Francisco Marques, José Neves, Martinho Corrêa, José Marques e Francisco Arenas.*” (*Jornal do Brasil*. 12 de julho de 1918, p.6.) Alguns readmitidos continuaram a agir no movimento operário, participando da insurreição anarquista de novembro de 1918. O *Correio da Manhã* publicou: “*As autoridades do 16º districto prenderam hontem varios individuos conhecidos como agitadores e que nos movimentos recentes se salientaram de modo tal, que o fizeram recommendar á vigilancia policial como effectivamente perigosos á tranquillidade publica. Esses individuos presos são os seguintes: Oscar de Carvalho Filho e Damasio Antonio da Silva, brasileiros; Luciano Caponi, italiano; Benedicto José Ramos, brasileiro; Francisco Cotta, italiano e Floriano Pio de Moraes, brasileiro. Na mesma ocasião, foi preso uma conhecidissima agitadora hespanhola Adelina Gonçalves, que vem sendo de ha muito observada pelas autoridades policiaes e que então agora estava sendo activamente procurada. Essa mulher, cuja única occupação tem sido esta de tentar*

Castro teve que assinar um termo que dizia: “*Declaro que, como presidente da União dos Tecelões me responsabilizo pelo comportamento dos operários [...] e que nesta data sido readmitidos.*”⁹¹⁴

Após o término da reunião Albino e Manuel retiraram-se da fábrica “*com o dr. Osorio de Almeida, no seu automóvel.*”⁹¹⁵ A leitura da fonte indica que Almeida levou-os para o mesmo local que estavam antes de serem convidados a conferenciar com os diretores da fábrica, o terreno na Boulevard.⁹¹⁶ A reunião continuou após a saída de Castro e Albino, sendo comandada pelo secretário da UOFT Joaquim de Moraes e este discursou para os presentes.⁹¹⁷ Castro assumiu o discurso e, de forma rápida, porque já passava das cinco da tarde e outra reunião ocorreria à noite, na sede da associação têxtil, informou o acordo feito com os diretores da fábrica.⁹¹⁸ Os operários ficaram “*satisfeitos com a solução do caso e do modo por que o foi, irromperam em francos applausos ao orador, erguendo vivas á União e aos operários.*”⁹¹⁹ A reunião, na sede da UOFT, informou sobre o acordo e do retorno ao trabalho marcado para o dia seguinte.⁹²⁰

A atuação do delegado Osório de Almeida, mais especificamente o seu direcionamento para o terreno da Boulevard, local de reunião dos dirigentes com os operários da Confiança e o transporte dos representantes da UOFT em seu automóvel nos obrigam a pensar sobre as relações estabelecidas entre os dirigentes da UOFT as autoridades policiais. Afinal, a mesma polícia que assegurava a proteção aos operários que quisessem trabalhar durante a greve,⁹²¹ na Confiança, e repreendia os grevistas, era a que reconhecia os dirigentes da UOFT como os articuladores da greve. Esse reconhecimento fez com que o delegado Almeida escutasse as reivindicações dos dois dirigentes da UOFT que articulavam a causa dos operários da Confiança. Logo, defendemos que, por intermédio dos dois, eram apresentadas e defendidas, para o delegado, as ideias, convicções ideológicas, experiências do dia a dia dentro da Confiança da maioria dos grevistas. Almeida arbitrou o conflito e mediante as

perturbar a boa ordem entre os operários, vivia de fabrica em fabrica, a pregar idéas subversivas ou então tomando parte em comícios de agitadores conhecidos da policia. [...] Todos esses perigosos propagandistas, que foram seguros pelo commissario Affonso Fereira, do 16º districto, depois de ligeiramente ouvidos, foram mandados em “viuva-alegre” para Polícia Central, onde lhes será dado o destino conveniente.” (Correio da Manhã. 22 de novembro de 1918, p.1.) De acordo com o dicionário, viúva-alegre refere-se a “viatura de polícia, para transporte de soldados e presos.” Damásio, Luciano, Benedicto e Adelina foram demitidos da Confiança, em julho de 1918 e, em novembro, foram presos sob a acusação de serem anarquistas e participantes da ação insurrecional. Observamos a diferença de nacionalidades entre os têxteis. Desconhecemos a trajetória desses militantes, se tiveram ou não participação em movimentos anarquistas nos seus países de origem trazendo essa experiência para o movimento operário delineado juntamente com os brasileiros, na cidade do Rio de Janeiro. Ressaltamos as classificações feitas à operária espanhola Adelina Gonçalves, era propagadora das ideias anarquistas, e sua militância se estendia de fábrica em fábrica e em comícios. Com o caso da operária Adelina e dos outros operários presos como anarquistas, evidenciamos a presença dos anarquistas entre os têxteis cariocas, contribuindo com suas posições ideológicas para o desenvolvimento do movimento operário. Anarquistas também atuaram dentro da UOFT, mesmo que nos estatutos desta, estipulasse a luta pelas conquistas morais e materiais para os trabalhadores e não a revolução.

⁹¹⁴ *Jornal do Brasil*. 12 de julho de 1918, p.6.

⁹¹⁵ *Gazeta de Notícias*. 12 de julho de 1918, p.2.

⁹¹⁶ *Jornal do Brasil*. 12 de julho de 1918, p.6.

⁹¹⁷ *Ibidem*. Com o primeiro secretario Joaquim de Moraes assumindo o comando da assembleia verificamos os estatutos sendo colocados em prática. Na ausência do presidente e vice-presidente quem assumiria as responsabilidades era o primeiro secretario. Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro n°.910. 24 de janeiro de 1918. (Art. 19º a).

⁹¹⁸ *Jornal do Brasil*. 12 de julho de 1918, p.6.

⁹¹⁹ *Ibidem*.

⁹²⁰ *A Noite*. 07 de julho de 1918, p.4.

⁹²¹ *Ibidem*.

concessões de ambas as partes, dos diretores da fábrica e dos dirigentes da UOFT, conseguiu a concordância pelo fim da greve.

A greve na Fábrica Confiança, que possuía então dois mil operários,⁹²² revela os dirigentes da UOFT articulando uma ação que contou com a adesão de muitos operários. A primeira reunião promovida pela associação contou com a presença de mil e quinhentos operários e, em outra reunião, participaram quinhentos. Somente vinte e dois operários retornaram ao trabalho quando da reabertura da fábrica pelo diretor Neto, o que demonstra o grau de articulação e de união entre os membros da classe têxtil. Essa ação exigia dos dirigentes da UOFT que de fato exercessem sua função de representação e negociação, e para os diretores da Confiança e das demais fábricas era um demonstrativo do que os operários unidos poderiam fazer.

Entre os meses de maio e agosto de 1918 ocorreu, na cidade de Petrópolis, uma sucessão de greves nas fábricas São Pedro de Alcântara, Cometa do Alto da Serra, Castellania, Fábricas de Rendas do Valparaíso e a Fábrica de Casimira. Albino, membro da delegação da UOFT atuante em Petrópolis, articulou a greve juntamente aos operários, delegados da UOFT e autoridades municipais, como os policiais, o presidente da Câmara Municipal, Arthur Barbosa e o prefeito Oscar Weinschenck. Enfocaremos a participação de Albino nas greves ocorridas na São Pedro de Alcântara e na Cometa do Alto da Serra.

A greve na Cometa iniciou-se no dia vinte de maio de 1918, devido a reclamação dos operários menores de idade de que os colegas da Fábrica São Pedro de Alcântara recebiam salário maior pelo mesmo serviço.⁹²³ O gerente da Cometa, senhor Henriette, realizou um aumento no salário mas, os menores não ficaram satisfeitos porque já desejavam que a equiparação ocorresse “*aos de seus colegas da fabrica <<D. Izabel.>>*”⁹²⁴ Os operários menores da São Pedro de Alcântara, no dia vinte e sete de maio, declararam-se em greve exigindo que os seus salários fossem equiparados aos da Cometa.⁹²⁵ A greve durou apenas um dia porque a diretoria da fábrica concedeu o aumento.⁹²⁶ Uma comissão da UOFT articulou a greve juntamente aos diretores da fábrica.⁹²⁷

Os trabalhadores menores da São Pedro de Alcântara demonstravam disposição para as contestações. No dia em que voltaram ao trabalho, vinte e nove de maio, “*se insurgiram contra uma tabella de pagamento que a gerencia havia affixado na fabrica e segundo a qual o accrescimo era o mesmo reclamado pelos paredistas. Todavia, allegando que essa tabella era incompleta, além de não declinar os nomes [...]*.”⁹²⁸ Interessante notar a agência dos menores que foram conferir a tabela e identificaram que estava incompleta, sendo motivo para voltarem a parar os seus trabalhos. Acreditamos que esses paredistas menores deviam ter em média quatorze anos. Os pais desses menores, provavelmente eram operários e sujeitos a mesma realidade de trabalho dentro da fábrica. O trabalho dos menores era uma forma de aumentar a renda da família e o salário pago a crianças e mulheres eram menores do que os pagos aos homens. O desejo de aumentar o salário e a vivência da dura realidade nas fábricas e em casa foram motivadores para a greve na São Pedro de Alcântara.

⁹²² *Gazeta de Notícias*. 09 de julho de 1918, p.3. *A Noite* informou que em junho de 1919 trabalhavam mil quatrocentos e sessenta operários na Confiança. *A Noite*. 27 de junho de 1919, p.1.

⁹²³ *Tribuna de Petrópolis*. 21 de maio de 1918, p.1.

⁹²⁴ *Tribuna de Petrópolis*. 23 de maio de 1918, p.1.

⁹²⁵ *Tribuna de Petrópolis*. 28 de maio de 1918, p.1.

⁹²⁶ *Tribuna de Petrópolis*. 29 de maio de 1918, p.2.

⁹²⁷ *Ibidem*.

⁹²⁸ *Tribuna de Petrópolis*. 30 de maio de 1918, p.2.

A leitura do *Tribuna de Petrópolis* nos remete à ideia de que os menores estavam desenvolvendo sozinhos a ação na fábrica, mas acreditamos que delegados da UOFT de Petrópolis atuavam com esses menores. A nossa hipótese não desmerece o poder de organização desses menores que, como mencionamos, viviam a realidade de trabalho desde muito cedo mediante suas próprias experiências e pela observação da rotina de trabalho dos seus pais.⁹²⁹ Consideramos a atuação dos delegados da UOFT porque o caso era discutido e articulado por Albino junto aos operários dentro desta associação. Albino também articulava junto aos gerentes da Cometa e da São Pedro de Alcântara, o delegado Preliadiano Pinto e com o prefeito Oscar Weinschenck.⁹³⁰

Albino, no dia vinte e nove, falou para os grevistas, “*aconselhando-lhes calma e o raciocínio preciso para a boa solução da sua causa.*”⁹³¹ Na opinião de Albino, seria pouco prático para a diretoria citar os nomes e que esta havia garantido o aumento. Concordou com a crítica dos reclamantes quanto à tabela omitir o trabalho de alguns operários. Para “*pôr um termo à questão, propunha que a sociedade designasse um dos membros de sua diretoria para, em companhia de uma comissão dos operários menores, ir entender-se hoje, a respeito, com a gerência da fábrica S. Pedro.*”⁹³² Destacamos que os grevistas foram na associação se colocar a par da opinião de Albino e este analisou o conflito em vigência expondo os erros e os acertos nas avaliações feitas pelos operários menores. Albino, desde 1906, estava inserido no universo das fábricas de tecidos, conhecendo os procedimentos dos patrões, dirigentes, mestres e contramestres e não via necessidade da realização da proposta dos menores que era listar os nomes dos operários novos e antigos e seus respectivos salários. A ansiedade dos menores em garantir o aumento fez com que ao se depararem com a tabela incompleta, considerassem que os patrões não cumpririam com o prometido.

A proposta feita por Albino de os menores comparecerem à reunião, junto aos diretores da fábrica, revela um reconhecimento por parte do dirigente na ação realizada pelos grevistas. A presença da comissão de menores seria uma oportunidade para que eles fossem introduzidos na luta operária por via da negociação com os patrões. As tabelas de salários foram organizadas pela gerência da fábrica e os operários decidiram, em reunião na UOFT, retornarem ao trabalho.⁹³³

Os menores da Cometa do Alto da Serra, no início de junho, abandonaram novamente o trabalho alegando que “*a diretoria daquelle estabelecimento fabril deixou de observar o contrato que promettera cumprir.*”⁹³⁴ A UOFT de Petrópolis recebeu, novamente os grevistas e Albino “*produziu um vibrante e eloquente discurso, fazendo vêr o mal das <<greves>> repentinas, sem prévio aviso á << União>>, que mais acertadamente poderia trabalhar no sentido de evital-as, entendendo-se por meio de comissões com os directores de fabricas, aos quaes transmitiria, após discutidas convenientemente, as reclamações dos operarios.*”⁹³⁵ Albino isentou “*de culpa a diretoria da <<Cometa>>, na nova << greve>> dos menores [...] atribuiu-a aos mestres, que não soubeream equiparar as tabellas, de acordo com o resolvido entre aquella e a comissão da << União>>.*”⁹³⁶ Albino informou aos presentes

⁹²⁹ Mencionamos, neste capítulo, a greve iniciada pelos menores da Fábrica Aliança em outubro de 1917. Alegaram que a diretoria não cumpriu a promessa de aumento dos salários. *Jornal do Brasil*. 25 de outubro de 1917, p.7.

⁹³⁰ *Tribuna de Petrópolis*. 22 de maio de 1918, p.1.

⁹³¹ *Tribuna de Petrópolis*. 30 de maio de 1918, p.2. O jornal publicou, de forma errada, Albino Reis.

⁹³² *Ibidem*.

⁹³³ *Tribuna de Petrópolis*. 31 de maio de 1918, p.1.

⁹³⁴ *Tribuna de Petrópolis*. 06 de junho de 1918, p.1.

⁹³⁵ *Tribuna de Petrópolis*. 07 de junho de 1918, p.1. Além de Albino, outros oradores falaram. Entre eles estavam José Ferreira Gonçalves e Manoel Leal. Cogitamos a possibilidade de Leal representar o Centro Operário Primeiro de Maio.

⁹³⁶ *Ibidem*.

que uma delegação da UOFT iria se entender com a diretoria da Cometa. Os diretores iriam até Petrópolis para resolver a greve.⁹³⁷

Albino se via novamente com uma greve deflagrada sem discussões dentro da sucursal da UOFT de modo que os dirigentes pudessem aconselhar e intervir em prol de acordos que evitassem a greve. As várias greves realizadas pelos operários da Cometa por discordâncias na procedência dos diretores do estabelecimento poderiam prejudicar a imagem do operariado têxtil petropolitano, desencadeando a repressão policial e a não aceitação de negociação da questão por parte do delegado da cidade, dos patrões e do prefeito. Albino era o dirigente que iria até essas autoridades para articular e representar os têxteis.

Sabemos, através da trajetória e discursos de Albino, que ele pregava um operariado forte e reivindicativo. No entanto, sua atuação no contexto de 1918, demonstra que ele achava que a melhor estratégia era que esse operariado soubesse debater e aguardar conquistas também pela via da negociação e manutenção da ordem.

A Cometa e a São Pedro de Alcântara, no fim de junho e início de julho voltaram a ser palco de greves. Segundo informou o *Tribuna de Petrópolis*, a greve na São Pedro de Alcântara iniciou-se através de reclamações das operárias por aumento na remuneração, que não foram atendidas e declararam-se em greve. As operárias se reuniram na sucursal da UOFT para discutirem o caso, mas nada ficou resolvido.⁹³⁸ Por meio de outra reunião na sucursal da UOFT, foi decidido que os empregados da São Pedro de Alcântara voltariam ao trabalho, em três de julho de 1918, recebendo o aumento de 5% da diretoria da fábrica. Os operários representantes da fábrica entenderam que naquele momento esse era o aumento possível, mas esperavam confiantes que em breve pudessem receber outro aumento.⁹³⁹ A expectativa dos operários foi comunicada por Albino à Bikerdick, gerente da fábrica, por intermédio de um ofício enviado pela UOFT no qual Albino também o agradecia pelo “*interesse que tomou pelos seus operarios.*”⁹⁴⁰ O envio do ofício é revelador da interferência de Albino, tanto para requerer benefícios como para agradecer a decisão do gerente da fábrica, considerada favorável aos operários pela direção da UOFT.

De acordo com o *Jornal do Brasil*, Bikerdick cumpriu com o prometido a Albino e aos operários da fábrica, de conceder o aumento de 10% solicitado quando estivesse em condições.⁹⁴¹ Bikerdick convidou os operários para uma reunião na sede da UOFT, “*onde aquelle cavalheiro fez a declaração de aumento dos salários do pessoal que trabalha mencionada fabrica, concedendo-lhe em vez de 5 por cento – 10 por cento.*”⁹⁴² Ressalta o local que Bikerdick escolheu para comunicar aos operários, a sede da UOFT em Petrópolis, configurando-se como reconhecimento da associação como intermediadora das questões dos operários.

A greve na Cometa recomeçou no início de julho e a diretoria da fábrica, após uma reunião sobre a greve “*deliberou conceder aos tecelões 10% e aos das demais repartições 5%*

⁹³⁷ Ibidem.

⁹³⁸ “O sr. Bickerdick, gerente da Fabrica São Pedro de Alcantara, sita á rua 14 de Julho, foi hontem, pela manhã, procurado por uma comissão de operarias, das que trabalham na secção dos carreteis, que lhe pedia o augmento de 5 réis em cada Kilo de sua produção. Não sendo attendidas de prompto, as operarias declararam-se em <<greve>>, aguardando assim a solução do gerente.” *Tribuna de Petrópolis*. 28 de junho de 1918, p.2.

⁹³⁹ *Tribuna de Petrópolis*. 02 de julho de 1918, p.1.

⁹⁴⁰ Ibidem.

⁹⁴¹ *Jornal do Brasil*. 31 de julho de 1918, p.6.

⁹⁴² Ibidem.

de aumento nos salários, reforçando as horas de trabalho.”⁹⁴³ Resolveram dispensar catorze operários.⁹⁴⁴ Os operários da Cometa não aceitaram a demissão dos funcionários por estarem envolvidos na greve, revelando a identidade de interesses entre os seus operários. A greve prolongou-se e os dirigentes da UOFT buscavam recursos para ajudar os grevistas. Os recursos eram arrecadados também com os operários de outras fábricas.⁹⁴⁵ A Noite noticiou que “o Centro Operario de Petrópolis, de dous em dous dias, distribue approximadamente 3 contos de réis em generos as famílias dos operarios em greve.”⁹⁴⁶ Assim fica evidenciado que, além da UOFT de Petrópolis, outra associação, que era mais antiga na cidade, o Centro Operário, também atuava em prol dos operários grevistas. Durante a sessão realizada na UOFT de Petrópolis, no dia onze de julho, Albino “communicou que a greve dos operarios cariocas, da <<Fabrica Confiança>>, havia terminado, em virtude da sua directoria ter readmittido 32 operarios que dispensára e abolido os serões.”⁹⁴⁷ A comunicação feita por Albino evidencia a negociação da greve realizada por ele nas duas cidades, o seu orgulho com a conquista dos trabalhadores e da UOFT. Ele utilizou essa vitória como um meio de incentivar os operários da Cometa a continuarem a luta.

Albino articulava o prolongado movimento grevista com os representantes dos operários, com os patrões, com o delegado da cidade e com o prefeito. O encontro de Albino e sua comissão com o delegado Plínio Travassos, ocorreu no dia vinte e dois de julho, e o local foi a delegacia de polícia de Petrópolis.⁹⁴⁸ Travassos “procurou então estabelecer as bases de um accordo entre os operarios e a directoria da <<Cometa>>, para que terminasse a <<gréve>> de modo honroso para ambas as partes.”⁹⁴⁹ Albino não deu uma resposta porque considerou necessário conferenciar com operários da fábrica, para assim saber “qual deveria ser o accôrdo a que elles se submeteriam.”⁹⁵⁰ Albino, colocou em prática o estabelecido com Travassos e conferenciou com os operários dentro da UOFT.

De acordo com o *Tribuna de Petrópolis*, Albino louvou para os presentes “a maneira delicada com que o dr. Plinio Travassos recebeu a commissão, procurando interceder em favor da classe, junto á directoria da <<Cometa>>.”⁹⁵¹ Albino, articulou a greve da fábrica Confiança e a da Cometa com uma autoridade policial. Na Confiança foi com o delegado Osório de Almeida e na Cometa com o delegado Travassos. Evidencia-se que os dirigentes da UOFT não somente aceitavam como recorriam à intermediação dos delegados juntamente, ao patronato da fábrica, objetivando o acordo para pôr fim a greve.

Entretanto, os dirigentes da associação esforçaram-se para manter as greves da Confiança e da Cometa, visando que os operários obtivessem acordos que lhes fossem favoráveis. A adesão dos operários das duas fábricas foi quase total, estes não somente pararam de trabalhar como frequentavam as reuniões convocadas pela UOFT. Albino, na sua atitude de não fechar um acordo com Travassos sem antes conferenciar com os maiores interessados, os operários da Cometa, demonstrou que os dirigentes respeitavam a opinião dos grevistas. Os dirigentes eram seus representantes, sugeriam posturas a serem adotadas, mas

⁹⁴³ *Tribuna de Petrópolis*. 02 de julho de 1918, p.1. Na redação do *Tribuna de Petrópolis*, o operário Antonio Luiz Junior declarou que o motivo principal “é haver a gerencia daquella fabrica entregue novamente as caldeiras da mesma a Manoel Rodrigues, que não pôde merecer a confiança da administração do citado estabelecimento, pois que foi ha certo tempo por ella accusado de pretender arrebenatar as caldeiras, além de ter agredido o gerente.”(*Tribuna de Petrópolis*. 03 de julho de 1918, p.2.) Os operários afirmaram que “não querem expor-se a nenhum perigo, pela maldade ou pela impericia daquelle homem [...]”*Ibidem*.

⁹⁴⁴ *Tribuna de Petrópolis*. 02 de julho de 1918, p.1.

⁹⁴⁵ *Tribuna de Petrópolis*. 12 de julho de 1918, p.2.

⁹⁴⁶ *A Noite*. 25 de julho de 1918, p.2.

⁹⁴⁷ *Tribuna de Petrópolis*. 12 de julho de 1918, p.2.

⁹⁴⁸ *Tribuna de Petrópolis*. 23 de julho de 1918, p.1.

⁹⁴⁹ *Ibidem*.

⁹⁵⁰ *Ibidem*.

⁹⁵¹ *Ibidem*.

não decidiam sozinhos, a decisão era fruto da discussão entre os dirigentes e os operários. Nessas discussões, os operários iam imbuídos dos seus desejos de conquistar melhorias e os dirigentes, imbuídos das suas ideologias e experiências como operários e líderes do movimento têxtil.

De acordo com o que ficou estabelecido, Albino iria se encontrar novamente com Travassos para comunicar a decisão dos operários da Cometa. Porém, retornou à delegacia, no dia vinte e dois, ao lado de Bertho Condé para negociar a liberação de operárias que haviam sido presas por terem “*vaiado as suas companheiras que haviam ido trabalhar.*”⁹⁵² Condé era o advogado do Centro Operário Primeiro de Maio.⁹⁵³ A fábrica estava funcionando com operários que vieram do Meio da Serra e a polícia já havia solicitado aos dirigentes da UOFT esforços junto aos grevistas para que não perturbassem a ordem na fábrica.⁹⁵⁴ Albino e Condé “*ouviram os conselhos dados pelo sr. Pereira Travassos ás operarias, conselhos oriundos da tolerancia da acção policial até hoje observada, tendo ambos promettido empregar os seus esforços junto aos demais operarios para que estes, por motivo algum, venham a perturbar a ordem.*”⁹⁵⁵ As operárias foram soltas pelo delegado.⁹⁵⁶ A presença de Albino na delegacia para acompanhar as operárias presas foi, provavelmente, por convocação de Travassos, que mantinha relações com Albino e o reconhecia como uma autoridade junto aos operários. A atuação de Travassos junto às operárias que vaiaram suas companheiras de trabalho nos confirma a ativa presença policial na articulação dos conflitos dos têxteis petropolitanos e, novamente, comprova a militância das mulheres.

As medidas em prol de acordarem o fim da greve na Fábrica Cometa conduziram o presidente, vice-presidente e o secretário da UOFT ao encontro “*com a autoridade da fábrica, o comendador Amoroso Lima, termos para o fim da greve.*”⁹⁵⁷ O encontro ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, no dia vinte e sete de julho de 1918. Albino se deslocou de Petrópolis para a cidade do Rio para se encontrar com o representante da fábrica, mas o encontro não resultou na aceitação dos operários pelo fim da greve, que se mantinha pacífica na cidade serrana.

O presidente da UOFT, Manoel Ignácio de Castro foi para Petrópolis e “*conferenciou detidamente com o Sr. Coronel Arthur Alves Barbosa, Presidente da Camara Municipal e com o Sr. Albino Dias, da Associação Operaria. Dessa conferencia resultou a descida daquela cidade do Sr. Arthur Barbosa para conferenciar com o Sr. Commendador Amoroso Lima, Presidente da Companhia Cometa.*”⁹⁵⁸

Os dirigentes da UOFT de Petrópolis, antes da reunião na cidade do Rio de Janeiro, entregaram na Câmara Municipal de Petrópolis uma série de reivindicações em prol dos operários, como as “*oito horas diárias de trabalho; fixação de ordenado mínimo para os adultos; fim dos descontos no salário; não obrigação de trabalhar em mais de duas máquinas; não admissão de menores de 14 anos; licença para a mulher um mês antes do parto e um mês depois, com totais vencimentos.*”⁹⁵⁹ As reivindicações foram avaliadas pelo prefeito Oscar e pelos dirigentes da fábrica Cometa. A solução para o fim da greve ocorreu em dois de agosto, após a avaliação das reivindicações operárias.⁹⁶⁰ Albino atuou diretamente na condução das negociações para o fim da greve, mas não é possível afirmar se essas conquistas seriam estendidas para os operários das outras fábricas têxteis de Petrópolis.

⁹⁵² *Tribuna de Petrópolis*. 24 de julho de 1918, p.1.

⁹⁵³ *Tribuna de Petrópolis*. 01 de fevereiro de 1918, p.1.

⁹⁵⁴ *Tribuna de Petrópolis*. 23 de julho de 1918, p.1. A Cometa possuía uma fábrica no Meio da Serra.

⁹⁵⁵ *Tribuna de Petrópolis*. 24 de julho de 1918, p.1.

⁹⁵⁶ *Ibidem*.

⁹⁵⁷ *Tribuna de Petrópolis*. 28 de julho de 1918, p.1.

⁹⁵⁸ *Jornal do Brasil*. 31 de julho de 1918, p.6.

⁹⁵⁹ *Tribuna de Petrópolis*. 02 de agosto de 1918, p.1.

⁹⁶⁰ *Ibidem*.

O *Tribuna de Petrópolis* acompanhou a condução da greve na Cometa e publicou a análise do processo e do fim da greve. De acordo com o periódico,

Ha uma semana que o illustre prefeito municipal, sr. dr. Oscar Weinschenck, o honrado presidente da Camara, sr. Arthur Barbosa e os directores da União, **especialmente o sr. Albino Dias**, trabalham activamente no sentido de resolver a questão que a irreductibiliidade das duas partes parecia querer eternisar.

A greve terminou sem transigencias, sem humilhações e sem derrotas [...].

A União dos Operarios em Fabricas de Tecidos, que muitos olhavam com mal contida raiva e visivel desconfiança, demonstrou claramente que sua acção, ordeira e consciente, muito pode fazer pelos seus associados [...].⁹⁶¹ (*grifos meus*)

Destacamos a visão positiva que o jornal atribuiu a Albino, não apenas como representante dos trabalhadores da Cometa que contribuiu para a afirmação da sucursal da UOFT na cidade de Petrópolis, mas sobretudo como liderança comprometida com a articulação das questões operárias de uma forma ponderada, considerando as opiniões e necessidades dos operários, dos patrões e das autoridades municipais.

1.4. A participação de Albino Moreira Dias nas ações grevistas e insurrecionais de novembro de 1918

Neste item temos como objetivo analisar as causas que incentivaram a ação grevista de novembro de 1918 na cidade do Rio de Janeiro, quando os dirigentes da UOFT⁹⁶² atuaram ativamente na organização e no incentivo à realização da greve.

As ações desempenhadas na cidade do Rio de Janeiro, no mês de novembro, contaram com a participação de várias associações operárias e de militantes anarquistas. Addor considerou que a greve geral promovida, em novembro de 1918, na cidade do Rio de Janeiro, constitui-se em uma greve insurrecional, visando à promoção de uma sociedade baseada nos princípios anarquistas. A dissertação de Wellington Barbosa Nébias apresenta outra visão e considera que a Insurreição Anarquista, devido à repressão policial, ocorreu apenas no dia dezoito de novembro. A greve planejada pelos sindicatos e que já estava em andamento, no dia dezoito de novembro, prosseguiu. Para Nébias, essas ações contaram com a participação de homens com orientação ideológica diversa e não apenas a anarquista.⁹⁶³

A greve foi preparada “*de maneira a estalar em tres lugares: nesta capital, em Petropolis e em Magé.*”⁹⁶⁴ A greve atingiu as três cidades, porém o nosso interesse reside na análise de Petrópolis porque Albino atuava, desde o início de 1918, na sucursal da UOFT estabelecida nesta cidade. Ocupando o posto de vice-presidente da UOFT, Albino foi o escolhido para sublevar os operários têxteis petropolitanos.⁹⁶⁵

⁹⁶¹ *Tribuna de Petrópolis*. 03 de agosto de 1918, p.1.

⁹⁶² O autor Wellington Barbosa Nébias afirmou que “*cinco associações de trabalhadores participaram da greve geral de novembro de 1918. Estas eram a União dos Operários em Fábricas de Tecidos (UOFT), a União Geral dos Metalúrgicos (UGM), A União Geral da Construção Civil (UGCC), O Centro dos Operários em Pedreiras (COP) e a União Geral dos Trabalhadores do Rio de Janeiro (UGT).*” (NÉBIAS, W., 2009, Op. Cit., p.72.) Para Nébias “*a maioria dos grevistas pertencia ao setor têxtil, devido à existência de um grande número de trabalhadores nesse setor. No entanto, a greve também foi de proporções significativas nos setores metalúrgico, da construção civil e de pedreiras.*” Ibidem, p. 175.

⁹⁶³ Cf: ADDOR, Carlos Augusto. **A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986. & NÉBIAS, Wellington Barbosa. **A greve geral e a insurreição anarquista de 1918 no Rio de Janeiro: um resgate da atuação das associações de trabalhadores**. 2009. 220 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁹⁶⁴ *Correio da Manhã*. 29 de dezembro de 1918, p.1.

⁹⁶⁵ Ibidem.

O Centro Industrial, composto pelos donos das fábricas de tecidos, após a pressão dos operários, operárias e dos dirigentes da UOFT, reconheceu esta associação como representante dos trabalhadores. O reconhecimento ocorreu no final do mês de agosto, mas com o passar do tempo, os dirigentes da UOFT consideraram que o Centro Industrial não estava colocando em prática o que havia acordado, como o aumento de trinta por cento no salário e a semana de cinquenta e seis horas de trabalho para todas as fábricas.⁹⁶⁶ Desse modo, o momento era de críticas feitas pelos dirigentes da UOFT ao descumprimento do acordo pelos membros do Centro Industrial e de críticas com relação à postura do governo optando por manter o Brasil na guerra e propagandear o alistamento militar enquanto os operários sofriam com a carestia e viviam dificuldades econômicas.

Os membros do Centro Industrial não reconheceram que descumpriram o acordo com a UOFT. Os dirigentes desta associação optaram por realizar uma greve geral, em novembro de 1918, o que configurou em motivo para os industriais pôr fim às relações estabelecidas com a associação acusando-a de manter ligação com os anarquistas.⁹⁶⁷ Os dirigentes enfrentaram as acusações dos donos das fábricas de tecidos que atuavam no Centro Industrial, de que não se comportavam como deveriam pois, ao invés de trabalhar em prol das conquistas para os têxteis, estavam investindo em greves que só traziam perdas para a categoria.⁹⁶⁸

O Estado também empreendeu medidas de combate à greve e o delegado Aurelino Leal teve grande destaque na tarefa de restaurar a ordem na cidade do Rio de Janeiro, fechando a UGT e a UOFT e suas sucursais e as outras associações operárias envolvidas na ação grevista. A UGT, que agremiava as associações envolvidas na greve, foi classificada como um foco de anarquistas. Como a UGT formou-se a partir da FORJ e esta era vista como uma federação que reunia muitos anarquistas, as autoridades policiais consideravam que por extensão a UGT também agremiava anarquistas. Nos relatórios elaborados pelo delegado Leal, os anarquistas da UGT foram responsabilizados pelo envolvimento dos dirigentes da UOFT na proposta de greve e insurreição.⁹⁶⁹

Determinados anarquistas buscavam aproximar-se das associações objetivando difundir os preceitos anárquicos entre os trabalhadores. A UOFT não adotava uma orientação política ou religiosa específica, o que facilitava a presença dos anarquistas.⁹⁷⁰

⁹⁶⁶ NÉBIAS, W., 2009, Op. Cit., p.183.

⁹⁶⁷ Ibidem.

⁹⁶⁸ Ibidem, p.182.

⁹⁶⁹ A *Epoca*. 23 de novembro de 1918, p.2.

⁹⁷⁰ Os anarquistas atuavam na UOFT, por meio de palestras, como as realizadas por Álvaro Palmeira na cidade do Rio de Janeiro. Palmeira discursou, na sede da associação, sobre a seguinte temática, “*Como procede e como deve proceder o operario na sociedade presente.*” (A *Razão*.03 de fevereiro de 1918, p.5.) A palestra do anarquista José Elias da Silva, na sede da UOFT, intitulou-se “*A Situação Universal.*” (Gazeta de Notícias. 20 de fevereiro de 1918, p.6.) A sucursal da UOFT localizada no Jardim Botânico recebeu a conferência do anarquista Carlos Dias com o tema “*Generalidade sobre questão econômica.*”(Gazeta de Notícias. 05 de abril de 1918, p.6.) Ambos os palestrantes estiveram envolvidos na Insurreição Anarquista de novembro de 1918. Palmeira fez parte do comitê central de organização da Insurreição. (A *Noite*. 11 de fevereiro de 1919, p.2.) José Elias da Silva foi um dos que compareceu na casa de José Oiticica em prol de organizar a ação dos anarquistas. (NÉBIAS, W., 2012, Op. Cit., p.193.) Carlos Dias foi preso juntamente com o líder Oiticica. A prisão ocorreu na casa de uma aluna de Oiticica na rua Alfandega. Oiticica estava na casa para supostamente dar aula de grego para a sua aluna Maria de Lourdes Nogueira. Quando os agentes chegaram à casa, no dia dezoito de novembro, para prender Oiticica, encontraram os anarquistas Carlos Dias, Manoel Campos e Ricardo Corrêa Perpetua. Alguns foram presos na rua em que se situava a casa e outros dentro da casa juntamente com Oiticica. Os presos negaram o envolvimento com a ação grevista dos tecelões e metalúrgicos e justificaram a proximidade com Oiticica. Campos alegou que estava procurando Oiticica porque queria a indicação de um remédio de homeopatia. Dias e Perpetua alegaram que estavam somente andando na rua. Ou seja, a presença deles não tinha ligação com questões políticas. A polícia, que já estava investigando os propagadores do anarquismo, prendeu os quatro anarquistas. *Correio da Manhã*. 29 de dezembro de 1918, p.1.

Os dirigentes da UOFT ficaram sujeitos à perseguição policial porque estes viam neles indivíduos desordeiros e dispostos a promover uma ação insurrecional. Entretanto, os discursos contrários aos dirigentes da UOFT, não vinham apenas da parte da polícia e dos patrões, mas também dos próprios operários. Após a greve, no início do mês de dezembro de 1918, os dirigentes da UOFT foram acusados pelo mestre da fábrica Aliança, Floriano de Moraes, de planejar a ação grevista para justificar o desvio do capital social que era em torno de 80:000\$. Os operários que estavam em dia com suas mensalidades para a UOFT cogitavam em prestar queixa crime contra os dirigentes, que tiveram que responder a essas acusações e prestar contas do período de sua gestão mesmo depois de não ocuparem mais os postos de dirigentes, no início do ano de 1919.⁹⁷¹

O envolvimento da UOFT na greve gerou o fim das relações com o Centro Industrial e perseguições aos os membros da diretoria. Concordamos com a produção historiográfica que considera que a associação entre os anarquistas e os dirigentes da UOFT resultou em uma tentativa de Insurreição Anarquista que ganhou as ruas da cidade do Rio de Janeiro no dia dezoito de novembro de 1918 e foi repreendida pela polícia. A greve dos militantes têxteis e de outras categorias continuou, reivindicando as melhorias para os trabalhadores diante das dificuldades econômicas e atingiu Niterói, Petrópolis e Magé.⁹⁷²

1.4.1. A greve geral e a tentativa insurrecional em Petrópolis (1918)

A análise da insurreição anarquista e da greve de novembro de 1918, na cidade de Petrópolis, é de suma importância para a composição da trajetória de Albino porque como ficou noticiado nas páginas do *Correio da Manhã*, “Albino Dias foi o encarregado de sublevar as fábricas de Petrópolis não sabendo a quem idêntico encargo tenha sido confiado às de Magé.”⁹⁷³ Albino, que no decorrer de sua trajetória havia ocupado postos de direção das associações, agora como vice-presidente da UOFT, recebia a incumbência de organizar a greve em uma cidade com milhares de operários têxteis.

Embora não tenhamos encontrado informações sobre a participação de Albino nas ações grevistas em Petrópolis, ele foi enquadrado no artigo 107 do Código Penal, que se referia “ao crime de atentado.”⁹⁷⁴ O enquadramento em crime de atentado nos leva a analisar ações que atingiram Petrópolis em novembro de 1918 e que Albino pode ter se envolvido, ao lado de outros militantes que, segundo o *Correio da Manhã*, “constituíram-se em comitê, agindo de conformidade com as instruções que lhes eram ministradas pelos desordeiros desta cidade por intermédio de Americo Falleiro.”⁹⁷⁵

Os nomes dos militantes que agitaram Petrópolis compuseram um ofício feito pelo delegado de polícia da cidade, e o testemunho de Francisco de Paula Fonseca foi utilizado para embasar a participação desses militantes. Fonseca “os acusa com firmeza de turbulentos e dinamiteiros e principais instigadores do movimento ocorrido naquela cidade.”⁹⁷⁶

Em contraposição ao testemunho de Fonseca, segundo as notícias publicadas pelo *Tribuna de Petrópolis* sobre as ações grevistas e insurrecionais de novembro de 1918, na cidade do Rio de Janeiro, a situação de Petrópolis era de tranquilidade:

⁹⁷¹ *Gazeta de Notícias*. 12 de janeiro de 1919, p.5.

⁹⁷² NÉBIAS, W., 2009, Op. Cit., p.171-172.

⁹⁷³ *Correio da Manhã*. 29 de dezembro de 1918, p.1.

⁹⁷⁴ BATALHA, C., 2009, Op. Cit., p.57.

⁹⁷⁵ Os outros citados eram: Antonio José de Souza ou Antonio Souza, Reynaldo Fuks, Luiz Ramos Athanagildo, Antonio Cavalcante de Albuquerque Filho, Antonio Luiz Gonçalves, Miguel Ferrer Gonçalves, Pedro Medina. (*Correio da Manhã*. 29 de dezembro de 1918, p.1.) Pedro Medina, em novembro de 1919, ocupou o posto de presidente da UOFT de Petrópolis. *O Imparcial*. 19 de novembro de 1919, p.1.

⁹⁷⁶ *Ibidem*.

A despeito de alguns boatos forjados pelas notícias dos jornais do Rio, a nossa cidade manteve-se ontem na mais perfeita calma.

Algumas fábricas funcionaram regularmente, nada constando a respeito de qualquer adesão ao movimento do Rio de Janeiro.

No próprio edifício da << União dos Operários em Fábricas de Tecidos >>, poucos foram os sócios que comentavam os fatos, pelo noticiário dos jornais.

As autoridades policiais, de acordo com as ordens recebidas do Governo, mantiveram-se activas, percorrendo a cidade e providenciando sobre a manutenção da ordem pública. Foram proibidos <<meetings>> e reuniões.⁹⁷⁷

O forte discurso de manutenção da ordem e da existência de uma consciência dos operários petropolitanos, no tocante a prática organizativa, foi novamente defendida, na edição do dia vinte e um de novembro:

A cidade continuou com sua vida normalizada, todas as fábricas funcionaram com regularidade, a despeito dos inúmeros boatos que circularam, em sua maioria forjados, nas mesas de cafés e botequins, por grupos desocupados.

Conhecemos bem a índole do proletariado petropolitano, para não acreditarmos no que dizem os boateiros.

E a atitude que elle vem mantendo, negando-se a ouvir os conselhos dos agitadores, esperamos continuar ser seguida com o seu comparecimento ao trabalho diário. Essa atitude é louvável e servirá para demonstrar que os operários desta cidade só combatem pelas causas justas e não acompanham movimentos subversivos que aproveitam apenas aos que pretendem explorar-os em prol de seus interesses.⁹⁷⁸

Sabemos, entretanto, que determinadas fábricas de tecidos de Petrópolis participaram da greve, como a “*São Pedro de Alcantara, cujos operários que haviam comparecido a hora regulamentar, foram forçados a abandonar o serviço por um grupo de agitadores.*”⁹⁷⁹ O evento ocorrido na fábrica São Pedro de Alcântara foi no dia dezanove de novembro, um dia após o início das ações na cidade do Rio de Janeiro, o que nos conduz à percepção de como o movimento grevista atingiu rapidamente Petrópolis. A greve continuou e no dia vinte e dois de novembro,

todas as fábricas da cidade de Petrópolis começaram a funcionar sem o menor incidente. Às nove horas, porém, os empregados das fábricas ‘Cometa, Santa Helena e ainda outra, cujo nome não nos foi dado saber resolveram não regressar ao trabalho, sendo, por isso, fechados aquelles estabelecimentos industriaes. [...] As demais fábricas de Petrópolis estão com os serviços das suas officinas regularizados.⁹⁸⁰

A *Razão* divulgou que em Petrópolis existiam “*dez mil operários em greve pacífica, excessivamente calma.*”⁹⁸¹ Além da Cometa, Santa Helena e São Pedro de Alcântara citaram as fábricas Dona Izabel, Seda do Bingue, Palatindo, D. Anna e Nossa Senhora do Rosário.⁹⁸² E, no dia vinte e cinco de novembro, “*a greve em Petrópolis generalizou-se, estando em parede todos os operários ali existentes, não só das classes dos tecelões, como de outras.*”⁹⁸³ A diretoria da UOFT mesmo estando com a associação fechada agiram em prol de agitar a

⁹⁷⁷ *Tribuna de Petrópolis*. 20 de novembro de 1918, p.1.

⁹⁷⁸ *Tribuna de Petrópolis*. 21 de novembro de 1918, p.2.

⁹⁷⁹ *A Epoca*. 20 de novembro de 1918, p.1.

⁹⁸⁰ *A Epoca*. 23 de novembro de 1918, p.2.

⁹⁸¹ *A Razão*. 23 de novembro de 1918, p. 2.

⁹⁸² *Ibidem*.

⁹⁸³ *A Razão*. 26 de novembro de 1918, p. 3.

greve, as ordens eram provenientes da sede e atingiam as sucursais. A *Razão* publicou uma nota assinada pela diretoria da UOFT conclamando os operários a manterem-se firmes com a greve pacífica para mostrar aos industriais que eles lutavam para pôr “*termo á fome que em parte soffremos e libertarmo-nos da oppressão de que somos victimas nas fabricas.*”⁹⁸⁴ Lutavam por completa liberdade de pensamento, seis dias de trabalho por semana, salário mínimo e oito horas de trabalho por dia.⁹⁸⁵

No tocante à ação de cunho insurrecional do dia dezoito de novembro, os anarquistas na cidade do Rio de Janeiro aproveitaram-se da reunião de quatrocentos trabalhadores, no Campo de São Cristóvão, para dispararem tiros, explodirem bombas, intencionando ocupar o prédio da Intendência da Guerra. A reunião ocorria por conta da greve que estava em desenvolvimento. Os anarquistas e outros grupos de trabalhadores promoveram cortes de linha telefônicas e a invasão da delegacia, mas foram contidos mediante repressão policial. A Insurreição Anarquista deu-se somente no dia dezoito de novembro.⁹⁸⁶ Segundo o relato do delegado Aurelino Leal a “*tentativa dynamiteira*” dos “*assaltantes da delegacia do 10º districto e da Intendencia da Guerra*” não foi bem sucedida porque as forças policiais embargaram essas ações.⁹⁸⁷ Na sua avaliação, essas ações foram “*de gravidade excepcional, de modo que a autoridade não arrefeceu nem arrefecerá nas medidas de vigilância que lhe cumpre exercer para premunir a cidade do Rio de Janeiro das praticas truculentas que se seguem às sortidas da ação direta.*”⁹⁸⁸

Leal afirmou que, em Petrópolis, circulou um boato de associação entre os “*mashorqueiros*” desta cidade com os do distrito federal para saquearem a cidade serrana e assaltarem o Colégio Sion, “*onde se educam os filhos das nossas melhores famílias.*”⁹⁸⁹ Leal não duvida que uma ação contra o Colégio Sion poderia ter sido colocado em prática porque ele comparou com o que havia ocorrido em Buenos Aires, na Argentina, com a invasão do Convento Sagrado Coração de Jesus, quando as religiosas foram feridas por balas com o ataque.⁹⁹⁰ A *Razão* publicou que segundo Leal, bastava para a condenação do movimento maximalista “*saber-se que um dos detalhes do plano dos agitadores em Petropolis era o ataque e tomada do Collegio Sion.*”⁹⁹¹ Diante das ações anarquistas promovidas na cidade do Rio de Janeiro e da tentativa ocorrida na cidade de Petrópolis, Leal considerava necessária a ajuda da Polícia Marítima para combater a entrada de anarquistas.⁹⁹²

A ação dos anarquistas também foi planejada para a cidade de Paracambi que possuía três fábricas de tecidos e a sucursal da UOFT. De acordo com o jornal *A Rua*, os anarquistas teriam arquitetado um “*plano audacioso*” de arremessar sobre a usina de Ribeirão das Lages quatro bombas de dinamite que o português Antônio Fernandes Coelho tinha em seu poder.⁹⁹³

Os fatos verificados e a ameaça de novas ações, na cidade serrana, por parte dos operários têxteis e anarquistas, exigiram repressão. O prefeito Oscar Weinschenek solicitou “*a força federal para manter a ordem publica naquela cidade serrana.*”⁹⁹⁴ A solicitação, segundo o *Correio da Manhã*, foi feita de forma insistente. O mesmo jornal publicou: “*O governo fluminense tendo conhecimento de que em Petropolis e Magé irromperam greves, fez seguir hontem para aquelles municipios fortes contingentes da Força Militar do Estado,*

⁹⁸⁴ *A Razão*. 27 de novembro de 1918, p. 3.

⁹⁸⁵ *A Razão*. 21 de novembro de 1918, p. 2.

⁹⁸⁶ NÉBIAS, W., 2009, Op. Cit., p. 171-172.

⁹⁸⁷ *Correio da Manhã*. 13 de janeiro de 1919, p.3.

⁹⁸⁸ *Ibidem*.

⁹⁸⁹ *Ibidem*.

⁹⁹⁰ *Ibidem*.

⁹⁹¹ *A Razão*. 24 de novembro de 1918, p.1.

⁹⁹² *Correio da Manhã*. 13 de janeiro de 1919, p.3.

⁹⁹³ *A Rua*. 14 de janeiro de 1919, p. 3.

⁹⁹⁴ *Correio da Manhã*. 21 de novembro de 1918, p.1.

fartamente municidadas [...].”⁹⁹⁵ O *Tribuna de Petrópolis* se contradisse nas informações de manutenção da ordem ao publicar sobre a ida de duzentos homens do exército para a cidade.⁹⁹⁶ Quando da intensificação da greve em Petrópolis, em vinte e cinco de novembro, “a polícia petropolitana estabeleceu a censura telegraphica e telephonica sobre o movimento grevista ali declarado.”⁹⁹⁷

Como punição pela ação grevista e insurrecional, a sede da UOFT e suas sucursais foram fechadas. O tesoureiro da UOFT afirmou à polícia que a participação da associação era em defesa da jornada de oito horas de trabalho e que os operários não queriam a revolução e a instauração de um governo comandado por eles. Afirmou também que os operários não tinham dinheiro para comprar alimentos quanto mais dinamites.⁹⁹⁸ Os agentes policiais não acreditaram na afirmação de não envolvimento da UOFT com os anarquistas e fecharam a associação. Em reunião ocorrida no ano de 1919, na UOFT, foram lembrados os membros da associação acusados injustamente de serem anarquistas.⁹⁹⁹ O sentimento de injustiça era dos militantes já que a polícia, mesmo antes de ocorrer a greve e a tentativa de Insurreição Anarquista, já vinha monitorando a presença dos anarquistas nas associações operárias. A reabertura da UOFT e suas sucursais ocorreram no início do ano de 1919 como fica evidenciado nessa nota de *A Epoca*: “o sr. Dr. Aurelino Leal, chefe de polícia do Distrito Federal, resolveu permitir a reabertura da sede e sucursais da União dos Operarios de Fábrica de Tecidos.”¹⁰⁰⁰

Albino atuou na reativação da sucursal da UOFT de Petrópolis¹⁰⁰¹ e esta, no dia nove de setembro de 1920, tornou-se autônoma da sede. Os participantes da reunião ocorrida na sede consideraram “que os companheiros de Petropolis já se podem dirigir por si próprios.”¹⁰⁰² Os vínculos seriam mantidos através da solidariedade entre os operários têxteis e por meio do envio de representantes da associação independente de Petrópolis às assembleias gerais da UOFT.¹⁰⁰³

Como já vimos, a diretoria da UOFT elaborou de regras de funcionamento e o estabelecimento de sucursais para expandir a ação da associação para outras cidades. Uma delegação da UOFT atuava em Petrópolis desde o início do ano de 1918, resolvendo os antagonismos surgidos entre operários e os patrões de várias fábricas de tecidos da cidade serrana. Albino era tido como uma liderança pelos operários petropolitanos e acreditamos que as experiências anteriores levaram ao comprometimento daqueles operários com a greve de novembro de 1918.

Essa ação grevista exigiu uma forte mobilização dos patrões e do Estado para restaurar a ordem e foi essencial para que o Estado repensasse as políticas em prol dos trabalhadores.¹⁰⁰⁴ A ação grevista de novembro de 1918 soma-se às outras ações que marcaram a luta de Albino Moreira Dias em prol da organização do movimento operário têxtil objetivando mudanças nas relações trabalhistas.

⁹⁹⁵ Ibidem.

⁹⁹⁶ *Tribuna de Petrópolis*. 21 de novembro de 1918, p.2.

⁹⁹⁷ *A Razão*. 26 de novembro de 1918, p. 3.

⁹⁹⁸ *A Noite*. 20 de novembro de 1918, p.1.

⁹⁹⁹ *Gazeta de Notícias*. 12 de janeiro de 1919, p.5.

¹⁰⁰⁰ *A Epoca*. 13 de janeiro de 1919, p.2.

¹⁰⁰¹ *A Razão*. 10 de abril de 1919, p.6.

¹⁰⁰² *A Voz do Povo*. 14 de setembro de 1920, p.3.

¹⁰⁰³ Ibidem.

¹⁰⁰⁴ ADDOR, Carlos Augusto. Anarquismo e movimento operário nas três primeiras décadas da República. In:

_____. & DEMINICIS, Rafael (Orgs). **História do Anarquismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Achiamé, v. 2. 2009.p. 31.

Fica clara, a partir da análise desses movimentos grevistas, a importância da diretoria da União dos Operários em Fábricas de Tecidos (UOFT), atuante no agitado ano de 1918, para a organização e consolidação desta associação de classe. Albino, ocupando o posto de vice-presidente, atuou ao lado do presidente Manoel Ignácio de Castro, do primeiro secretário Joaquim de Moraes, do segundo secretário, Guilhermino Leite Nery, do primeiro tesoureiro Adolfo Pereira da Silva, do segundo tesoureiro, Roque Coelho Baptista, do procurador, Rafael Garcia e dos membros do conselho fiscal, José Pereira de Oliveira, Servan Heitor de Carvalho, Joaquim Herrera, Lindolpho Cardoso, Domingos Carreira, Manoel Piadena e Jorge Sobral – todos homens - em prol da organização da sede e das sucursais. Além desses dirigentes, colaboraram para a construção da UOFT, os delegados atuantes nas fábricas, os sócios e as sócias que buscavam a associação, para articulação de suas questões.

A convicção profunda de Albino e a necessidade de levar a associação para todos os operários e as operárias têxteis fez com que sua agência se espalhasse por várias locais que abrigavam trabalhadores das fábricas de tecidos. Logo, consideramos que o contato com os operários e lideranças têxteis de várias localidades do Rio de Janeiro proporcionou muitas experiências para Albino.

O cargo que ocupou lhe exigiu articular as questões juntamente aos patrões, delegados, prefeito e presidente da Câmara Municipal de Petrópolis. Os conflitos trabalhados neste capítulo permitiram identificar que o objetivo por conquistas materiais e morais para os trabalhadores norteou as ações de Albino na resolução dos conflitos. Os operários e as operárias, objetivando conquistas materiais, investiam na promoção da ação direta por meio de greves e paralisações. A UOFT era o espaço para que os operários, juntamente com os dirigentes, decidissem as medidas que tomariam para conseguirem o que desejavam. Porém, nem sempre as ações desencadeadas partiram de um consenso dos operários com os dirigentes. Estes tiveram que agir em conflitos delineados no dia a dia dos operários de uma dada fábrica e em greves desencadeadas sem uma consulta prévia à UOFT.

Durante as greves e paralisações, os dirigentes da UOFT buscavam o acordo com o patronato. Mas, caso estes não aceitassem o diálogo ou oferecessem acordos desvantajosos para os operários, a opção das lideranças era a de enfrentar as dificuldades de manutenção de uma greve e a repressão policial. Os patrões e o operariado buscaram a intermediação das autoridades policiais. Os dirigentes precisaram dessas autoridades para intercederem junto aos patrões em prol de um acordo. O contrário também ocorreu, com os patrões recorrendo a essas autoridades para intercederem junto aos dirigentes em prol do acordo. Mas o acordo não foi o único caminho que os dirigentes da UOFT adotaram. A greve geral e a insurreição anarquista, de novembro de 1918, indicam a radicalização do movimento operário, que contou com a participação e liderança dos dirigentes têxteis.

O posto de dirigente exigia conhecimento da categoria que representava, disposição para se deslocar, uma boa oratória junto aos operários e as autoridades e a capacidade para liderar considerando as opiniões daqueles que representavam, os operários, e daqueles a quem requeriam o reconhecimento dos direitos trabalhistas, os patrões e o Estado. Com a composição da trajetória de Albino entendemos que as suas qualidades e convicções ideológicas o levou ao posto de dirigente da categoria têxtil, a maior em número de trabalhadores do Rio de Janeiro. A trajetória sindical de Albino, iniciada em 1906, perdurou pelas décadas de 1910, 1920 e início da de 1930. A sua liderança foi decisiva para o desenvolvimento do movimento operário têxtil carioca e petropolitano no período da Primeira República.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Albino Moreira Dias (1882-1933), imigrante português, residiu no Brasil pelo menos desde 1904, quando tinha vinte e dois anos.¹⁰⁰⁵ Residiu, inicialmente, na cidade do Rio de Janeiro e a partir de 1919, na cidade de Petrópolis. No período que residiu no distrito federal foi casado com Maria Doleres Ojeda Marreiro com quem teve três filhos¹⁰⁰⁶ e, em 1919, já em Petrópolis, casou-se pela segunda vez com a operária de fábrica de tecidos, Belmira Dias com quem teve seis filhos. A vida pública e privada de Albino perpassa pelas duas cidades citadas.¹⁰⁰⁷ Em ambas viveu na condição de pai de família, operário de fábricas de tecidos e líder sindical.

A vida pública de Albino no tocante a sua participação no desenvolvimento do movimento operário têxtil carioca e petropolitano, entre os anos de 1906 e 1919, constituiu-se no objeto central desta dissertação. Apesar de não termos conhecimento acerca das experiências anteriores a 1904, resgatamos suas experiências oriundas das relações que estabeleceu no Brasil ao entrar em contato com os operários e militantes da categoria têxtil, de outras categorias, com os patrões, autoridades policiais e as municipais.

Albino, no espaço das fábricas de tecidos, compartilhou com outros indivíduos as mesmas práticas de trabalho. As práticas eram marcadas pela longa jornada, baixos salários, fábricas com condições insalubres e o emprego de mulheres e crianças que garantiam ao patrão o pagamento de uma remuneração inferior a dos homens colaborando para o aumento do seu lucro. O Estado oligárquico e liberal intervinha nas relações trabalhistas, como exemplo, por meio de políticos que propunham leis, mas, a intervenção não era sistemática resultando nas relações de trabalho sem um aparato das leis.¹⁰⁰⁸ Albino também se relacionava com os operários em situações fora da rotina de trabalho na fábrica. As referidas situações são as que abarcam o dia a dia de um ser humano, como andar nas ruas, na compra nos armazéns, nos festejos, ou seja, em situações que geram a sociabilidade.

O espaço que Albino mais almejava encontrar os seus companheiros era no sindicato da categoria têxtil. Por isso, ele foi um dos organizadores do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos (STFT), da Sociedade Beneficente Progressiva dos Operários em Fábricas de Tecidos (SBPOFT) e da União dos Operários em Fábricas de Tecidos (UOFT). Ele trabalhava em prol da manutenção destas associações porque acreditava ser esse o instrumento para a promoção da transformação social.

Albino era um autodidata, estudava as ideologias contestadoras da ordem vigente, lia os jornais operários e os da grande imprensa e debatia as suas convicções ideológicas com outros operários e militantes. Albino também era escritor, publicando artigos em *A Voz do Trabalhador*, *A Epoca* e *O Cosmopolita*. As ideologias presentes no cenário da Primeira República (1889-1930) era o anarquismo, socialismo, sindicalismo revolucionário, comunismo e as correntes ideológicas que integravam o reformismo.

As sessões de inauguração de associações operárias, os Congressos Operários de 1906 e 1913, as reuniões organizadas pela Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ) e, em 1917 e 1918, pela União Geral dos Trabalhadores (UGT), assim como as organizadas pelas associações dos têxteis, contavam com a presença de Albino. Estas reuniões eram

¹⁰⁰⁵ Cf. Certidão de Casamento. Disponível em: <https://familysearch.org/pal:/MM9.3.1/TH-266-11018-72290-56?cc=1582573&wc=M9MD-32Q:n1150705713>. Acesso em: 25 de junho de 2014.

¹⁰⁰⁶ Ibidem.

¹⁰⁰⁷ Entrevista Nilza Dias concedida a Leila Cristina Pinto Pires em 17 de novembro de 2012.

¹⁰⁰⁸ NÉBIAS, Wellington Barbosa. **A greve geral e a insurreição anarquista de 1918 no Rio de Janeiro: um resgate da atuação das associações de trabalhadores**. 2009. 220 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Universidade Federal do Rio de Janeiro. p. 17.

oportunidades para ele entrar em contato com militantes que comungavam de uma dada ideologia e prática, de compartilhar as experiências dos têxteis e saber das experiências das outras categorias profissionais. Diante disso, defendemos que essas reuniões eram oportunidades para Albino e outros militantes refletirem acerca dos resultados que a combinação da orientação ideológica e a sua aplicação geravam para o movimento operário.

Albino foi um dos responsáveis pela formação da “palavra operária” dirigida aos têxteis nas duas décadas iniciais da Primeira República. Através da “palavra operária” divulgava os preceitos do anarquismo e do sindicalismo revolucionário entre os têxteis estimulando-os a sair da posição de conformismo e para isso afirmava os benefícios da associação no sindicato para a luta e a transformação das suas condições de vida e de trabalho.

A formação da “palavra operária” provinha do seu trabalho nas fábricas de tecidos e no sindicato. As atividades sindicais requeriam a visita em fábricas de tecidos do distrito federal e de outras cidades para tomar conhecimento das condições que o patronato oferecia ao seu operariado, para a promoção dos benefícios da associação ou para articular as questões que chegavam aos sindicatos através dos operários. Essas experiências, somadas às ideologias revolucionárias que circulavam entre os trabalhadores, foram as responsáveis pela formação da “palavra operária” por parte de Albino e a sua divulgação era impulsionada mediante os postos de liderança sindical que ocupava.

A construção da “palavra operária” ficou registrada no Relatório do STFT, nos artigos de sua autoria, nos discursos realizados dentro do STFT, FORJ, UGT, UOFT e nas sucursais da UOFT como as de Paracambi, Bangu, Magé, Niterói e, principalmente, na de Petrópolis, onde militou por mais tempo. O Relatório e os artigos publicados em *A Voz do Trabalhador* e *A Epoca*, no ano de 1913, revelam o conhecimento de Albino acerca do histórico do movimento operário e das condições de vida e de trabalho dos têxteis.

O conhecimento revelado por Albino em seus escritos era proveniente da sua participação em muitas das ações que caracterizavam o movimento. O registro do primeiro envolvimento de Albino é do ano de 1906, quando organizou a greve entre os operários da fábrica em que era empregado, a Corcovado. Ele foi um dos que representou os anseios dos operários da Corcovado e requereram do patronato mudanças nas práticas adotadas, como a cobrança de multas para a cooperativa da fábrica.¹⁰⁰⁹ No ano mesmo ano, representando o Centro dos Operários do Jardim Botânico, atuou no Primeiro Congresso Operário e levou para as sessões a experiência vivenciada como operário da Corcovado ao propor como tema a abolição das multas nas oficinas e fábricas.¹⁰¹⁰ Ele foi um grande incentivador da reorganização do STFT, no ano de 1913. O STFT funcionou entre 1908 e 1909, 1911 e após um período de recesso retornou em 1913 perdurando até 1914. No ano de 1913, representou o STFT, nas sessões do Segundo Congresso Operário.¹⁰¹¹ Desde o ano anterior já vinha atuando na SBPOFT.¹⁰¹² Em 1917, depois de dois anos sem uma associação oficial, os militantes têxteis fundaram, com a participação de Albino, a UOFT. No fim do primeiro ano de funcionamento da UOFT, foi eleito o vice-presidente desta associação para exercer o cargo em 1918.¹⁰¹³ Na década de 1920 e início da de 1930, continuou atuando junto aos têxteis petropolitanos.¹⁰¹⁴

A inserção de Albino, em diferentes temporalidades, próprias das três décadas iniciais do século XX, repercutia na formação da “palavra operária” e na sua agência. A inserção na temporalidade da primeira década do século XX nos permitiu entender que a trajetória de

¹⁰⁰⁹ *Correio da Manhã*. 29 de maio de 1906, p.2. *Jornal do Brasil*. 30 de maio de 1906, p.2.

¹⁰¹⁰ *Gazeta de Notícias*. 12 de maio de 1906, p.6.

¹⁰¹¹ *A Voz do Trabalhador*. 01 de outubro de 1913, p.2

¹⁰¹² *A Epoca*. 26 de outubro de 1913, p.10.

¹⁰¹³ *Gazeta de Notícias*. 18 de dezembro de 1917, p.6.

¹⁰¹⁴ *Gazeta de Notícias*. 2 de maio de 1925, p.3. *A Batalha*. 12 de dezembro de 1930, p.5.

Albino perpassa pelo período das tentativas de organização do movimento operário com a realização do Primeiro Congresso Operário, em 1906. Os militantes e os operários lutavam para organizar uma associação para os têxteis após a desestruturação da Federação dos Operários em Fábricas de Tecidos (FOFT), no ano de 1903 e, no ano de 1908, conseguiram fundar o STFT e as sucursais de Vila Isabel, Andaraí e Sapopemba, mantendo suas atividades até o ano de 1909.¹⁰¹⁵

As contestações referentes às condições de trabalho e às práticas mantidas pelos responsáveis diretos pelo controle do trabalho, no caso os mestres, contramestres, gerentes e diretores dos estabelecimentos fabris, eram recorrentes. O inconformismo com essas práticas levou Lindolfo Cardoso e Francisco de Oliveira a contestarem a falta de dinheiro em seus pagamentos junto aos administradores da fábrica Cruzeiro em 1908¹⁰¹⁶ e os operários da Confiança a contestarem, em 1909, os procedimentos adotados pelo mestre Felipe Moraes.¹⁰¹⁷ Nestas contestações, os operários expressaram o descontentamento com práticas como: os abusos dos mestres e contramestres com os homens, mulheres e crianças, a falta de tabela fixa que regulasse o valor a ser recebido pelo operário na produção da metragem do pano e a demissão de operários por reivindicarem e serem ligados ao sindicato.¹⁰¹⁸ Os militantes e sócios do incipiente STFT agiram junto a esses operários que adotavam a prática de resistência cotidiana e a ação direta. O espaço do STFT foi local de reuniões e decisões acerca das greves.¹⁰¹⁹

As referidas ações grevistas foram abordadas no Relatório do STFT. Consideramos que o Relatório foi escrito por Albino e Pedro Villa. Logo, essa consideração nos conduz a acreditar na participação de Albino nas greves. Assim, buscamos identificar quais foram as experiências provenientes das greves na Cruzeiro e na Confiança para Albino e para os operários e operárias envolvidos ou não no movimento. Com a análise detalhada das greves da Cruzeiro e da Confiança, identificamos que os operários e os militantes, ao externarem suas reclamações enfrentavam a repressão policial e patronal, a não adesão de muitos operários, a desistência por parte daqueles que temiam as repressões e a ação daqueles que denunciavam os grevistas para os patrões e policiais. Muitos operários recorriam à violência, a mesma violência na qual eram submetidos com as repressões policiais e patronais. As violentas ações policiais englobavam a invasão e fechamento do sindicato, as agressões físicas e verbais de muitos policiais para com os operários ferindo a sua honra. Os patrões também recorriam às práticas violentas, acionando imediatamente a polícia em caso de reclamações e greves, submetendo os operários ao controle dos mestres e contramestres que para manter a produção e a ordem recorriam, muitas vezes, aos castigos corporais e despediam os que tinham certeza ou suspeitavam serem sócios do Sindicato. A resposta violenta dos operários foram a destruição dos maquinários da Cruzeiro¹⁰²⁰ e o assassinato do guarda civil Juvenal Cardoso da Silva.¹⁰²¹

Os membros do STFT optaram por manterem-se firmes ao lado dos operários, defendendo suas reivindicações e os grevistas acusados. Os redatores do jornal *A Voz do Trabalhador* construía um discurso igual aos dos membros do STFT, igualdade que nos permitiu concluir que indivíduos ligados ao sindicato também eram redatores do jornal operário, assim como Albino foi redator no ano de 1913.

¹⁰¹⁵ Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos apresentado ao Segundo Congresso Operário. In: *A Voz do Trabalhador*. 20 de julho de 1914, p.3.

¹⁰¹⁶ *Jornal do Brasil*. 18 de novembro de 1908, p.5.

¹⁰¹⁷ *Jornal do Brasil*. 24 de março de 1909, p.4.

¹⁰¹⁸ Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos apresentado ao Segundo Congresso Operário. In: *A Voz do Trabalhador*. 20 de julho de 1914, p.3. Ibidem, 05 de agosto de 1914, p.3.

¹⁰¹⁹ *A Voz do Trabalhador*. 22 de novembro de 1908, p.2.

¹⁰²⁰ *Jornal do Brasil*. 18 de novembro de 1908, p.5.

¹⁰²¹ *Correio da Manhã*. 03 de abril de 1909, p.2.

Os representantes do sindicato buscavam apoio dos operários de outras fábricas de tecidos do distrito federal, nas redações dos jornais da grande imprensa, locais que se direcionavam para denunciar as práticas abusivas que sofriam. Combateram a versão da polícia que atribuíam culpa ao operário da Cruzeiro, Frederico Justo, pela agressão ao contramestre Elias Simões Lavoura¹⁰²² e a que atribuiu culpa a um grupo de operários da Confiança pelo assassinato do guarda Juvenal.¹⁰²³ Ao assumir essa postura de defesa dos operários, os redatores do jornal e os representantes do sindicato criticavam diretamente as ações policiais e patronais.¹⁰²⁴

O patronato de ambas as fábricas não se mostraram dispostos a atender as reivindicações dos operários. Albino concluiu que o patronato era favorecido pelo apoio policial, pela ação dos operários que não aderiam à causa defendida, dos fura-greves e daqueles que denunciavam os planos ao invés de somarem seus esforços com os dos grevistas. De acordo com Albino, os operários não tinham consciência dos seus direitos e por isso não se envolviam na luta e no sindicato.¹⁰²⁵ Ele investiu sobremaneira em ações e na formação da “palavra operária”, no ano de 1913, objetivando a formação da consciência e da solidariedade entre os têxteis. Com o operário unido, ele acreditava que o movimento obteria resultados positivos, no ano de 1913, diferentemente dos resultados alcançados nas ações grevistas de 1903, 1908 e 1909, quando a repressão e a falta de preparo dos operários levaram ao fechamento da FOFT e o STFT.¹⁰²⁶

Neste sentido, recorremos a uma afirmação de Albino, no ano de 1913, publicada em *A Epoca*, no qual afirmou que o movimento, inclusive o da associação têxtil, não tinha avançado da forma como ele almejava após os sete anos que separavam o Primeiro do Segundo Congresso. Mesmo assim, ele reafirma a posição defendida em 1906 na qual considerava ser o sindicalismo revolucionário a melhor forma a ser adotada para continuar com as ações em prol de organizar e impulsionar o movimento. O sindicato não teria orientação política e ideológica.¹⁰²⁷ Com a forte convicção na necessidade de associação, Albino comungou de práticas de beneficência objetivando atrair o operariado. Ele ajudou a fundar o SBPOFT em 1912 e, no ano de 1913, atuava nas duas associações, o STFT e o SBPOFT. Com o funcionamento do SBPOFT, constatou que a beneficência não atraía os sócios e, desse modo, confirmou a necessidade de investir na divulgação dos preceitos sindicalistas revolucionários entre os têxteis.

De acordo com a historiografia, a falta de orientação ideológica dos sindicatos aproximou muitos anarquistas que buscavam um maior alcance para as suas propostas entre os trabalhadores.¹⁰²⁸ A análise acerca dos discursos de Albino e das ações que promoveu junto ao SBPOFT, STFT e a UOFT na cidade do Rio de Janeiro e na sucursal de Petrópolis nos permitiu concluir que Albino era anarquista, sindicalista revolucionário e, quando necessário, recorria a práticas reformistas. Os preceitos do sindicalismo revolucionário de defesa da luta de classes em prol de conseguir melhorias morais, materiais e profissionais e esta luta sendo feita dentro dos sindicatos e via ação direta foram os mais recorrentes no seu discurso e agência. Esses preceitos foram definidos nos congressos, propagandeados em seus artigos e colocados em prática com as formações do STFT, da UOFT e com as realização das greves na

¹⁰²² *A Voz do Trabalhador*. 22 de novembro de 1908, p.2.

¹⁰²³ *A Voz do Trabalhador*. 17 de maio de 1909, p.1.

¹⁰²⁴ *A Voz do Trabalhador*. 22 de novembro de 1908, p.1. *A Voz do Trabalhador*. 17 de maio de 1909, p.1.

¹⁰²⁵ Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos apresentado ao Segundo Congresso Operário. In: *A Voz do Trabalhador*. 05 de agosto de 1914, p.3.

¹⁰²⁶ *Ibidem*.

¹⁰²⁷ *A Epoca*. 26 de outubro de 1913, p.10.

¹⁰²⁸ TOLEDO, Edilene. **Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 49.

Cruzeiro, na Confiança e nos conflitos e greves articulados pela diretoria da UOFT no ano de 1918.

Albino, como vice-presidente da UOFT, em 1918, participou da organização desta associação através da formação dos seus estatutos e com a presença nas reuniões para solucionar as divergências internas. Ele e os demais dirigentes buscaram o reconhecimento da UOFT por parte do Centro Industrial, representante dos donos das fábricas de tecidos. O reconhecimento ocorreu em agosto de 1918.¹⁰²⁹ A análise dos conflitos que dirigentes articularam nos permitiu verificar como eles agiam em prol de cumprir a função da UOFT de lutar pelo desenvolvimento moral e material da classe.¹⁰³⁰ Os conflitos abordados foram os ocorridos nas fábricas Sapopemba¹⁰³¹, Aldeia Campista¹⁰³² e na Bochen¹⁰³³ e as greves do Moinho Inglês¹⁰³⁴, Confiança¹⁰³⁵, São Pedro de Alcântara¹⁰³⁶ e da Cometa do Alto da Serra.¹⁰³⁷

O ano de 1918 na qual surgiram os referidos conflitos e greves foi de crise econômica, no Brasil, em decorrência da Primeira Guerra Mundial, gerando carestia de vida e interferindo nas relações de trabalho com a redução da jornada para evitar o estoque da produção. O patronato com dificuldades na exportação da produção preferia fechar as fábricas a atenderem as exigências dos operários e dos seus representantes sindicais.¹⁰³⁸ Contrários aos operários e militantes estavam também às medidas políticas de repressão ao movimento operário, por meio das leis de expulsão.¹⁰³⁹ Para lidar com essa realidade, Albino optou pelas críticas ao sistema político e aos governantes, pela defesa dos operários e das operárias que questionavam as práticas nas quais eram submetidos, pela manutenção das greves, angariar recursos e apoio entre os operários das outras fábricas para auxiliar os grevistas, pelos discursos embasados nas ideologias anarquistas e na sindicalista revolucionária, pelo envolvimento com a greve geral, de novembro de 1918, comandada pela UOFT e que contou com a atuação dos anarquistas de dentro e os de fora da associação. A greve atingiu as cidades do Rio de Janeiro e Petrópolis e Albino foi o encarregado de sublevar a cidade serrana.¹⁰⁴⁰

Porém, ele também optou por participar da elaboração das requisições trabalhistas e negociá-las junto às autoridades públicas, como ao prefeito e presidente da Câmara de Petrópolis¹⁰⁴¹, por reunir-se com os patrões e policiais em prol de acordarem sobre as concessões que os operários teriam que fazer e articular para que o patronato também fizesse concessões objetivando por fim a um conflito interno ou a greve de uma dada fábrica.¹⁰⁴²

O patronato assumia uma postura diferente das adotadas pelos patrões da Cruzeiro e da Confiança, em 1908 e 1909, respectivamente. Enquanto neste período eles não

¹⁰²⁹ *O Paiz*. 07 de setembro de 1918, p.8.

¹⁰³⁰ Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro n.º.910. 24 de janeiro de 1918. (art.2º)

¹⁰³¹ *O Imparcial*. 31 de janeiro de 1918, p.5.

¹⁰³² *A Razão*. 15 de março de 1918, p.5.

¹⁰³³ *Gazeta de Notícias*. 14 de março de 1918, p.5.

¹⁰³⁴ *Gazeta de Notícias*. 20 de março de 1918, p.6.

¹⁰³⁵ *Gazeta de Notícias*. 12 de julho de 1918, p.2.

¹⁰³⁶ *Tribuna de Petrópolis*. 28 de junho de 1918, p.2.

¹⁰³⁷ *Tribuna de Petrópolis*. 02 de julho de 1918, p.1.

¹⁰³⁸ NÉBIAS, W., 2009, Op. Cit., p.213.

¹⁰³⁹ OLIVEIRA, Tiago Bernadon de. **Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil. (1906-1936)**. 2009. 267f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense. p. 144.

¹⁰⁴⁰ *Correio da Manhã*. 29 de dezembro de 1918, p.1.

¹⁰⁴¹ *Tribuna de Petrópolis*. 02 de agosto de 1918, p.1.

¹⁰⁴² *A Razão*. 31 de janeiro de 1918, p. 4.

negociaram, no ano de 1918, os mesmos patrões da Confiança¹⁰⁴³ e os do Moinho Inglez¹⁰⁴⁴, Cometa do Alto da Serra¹⁰⁴⁵, Sapopemba¹⁰⁴⁶ e São Pedro de Alcântara¹⁰⁴⁷ já se mostravam mais dispostos à negociação. Essa disposição não foi manifestada logo de início e não significa a aceitação de tudo o que era pleiteado pelos operários, a dispensa da proteção e intermediação dos policiais e nem a satisfação com a possibilidade de leis reguladoras da relação trabalhista. Porém, o contexto era outro, o movimento associativo delineava-se sob o comando dos dirigentes da UOFT e o associativismo têxtil, mesmo diante das dificuldades, tinha um histórico de ações e experiências.

A composição desses conflitos e greves nos permitiu entender que as atitudes e decisões dos dirigentes da UOFT eram tomadas a partir de reuniões nas quais participavam os sócios envolvidos nas reivindicações. Esses operários eram os porta-vozes dos seus companheiros com os quais compartilhavam práticas de trabalho que os desagradavam. Os dirigentes expunham para os operários os posicionamentos dos patrões e mediante a discussão, dentro da associação, decidiam como agir. Os dirigentes articulavam com o patronato a posição dos operários e, em muitos casos, autoridades policiais participavam das negociações. A presença dos policiais interessava a ambos os lados porque essa autoridade confirmaria o que foi acordado caso uma das partes não cumprissem com o estabelecido. O posicionamento dos dirigentes da UOFT eram considerados pelos sócios e sócias, patronato, chefes de serviço das fábricas, autoridades policiais e municipais. Diante disso, verificamos que a postura dos dirigentes foi importante para a aceitação ou não da UOFT. A aceitação pode ser verificada nas reuniões realizadas dentro e fora da sede da associação nas quais compareciam muitos sócios,¹⁰⁴⁸ com a participação das operárias que buscavam assumir postos na direção¹⁰⁴⁹ e se envolviam em atividades para gerar capital para a UOFT.¹⁰⁵⁰ Por parte do patronato, da polícia e da imprensa, identificamos afirmações favoráveis à condução das questões trabalhistas pelos dirigentes.¹⁰⁵¹ A desaprovação ficou evidenciada na falta de interesse inicial dos patrões em reconhecer a UOFT como representante dos têxteis, nas estratégias que adotavam para tentar dar prosseguimento à produção no período das greves¹⁰⁵² e na forte repressão imposta às associações, dentre elas a UOFT, envolvidas na greve e insurreição anarquista de novembro de 1918.¹⁰⁵³

A dissertação buscou construir o desenvolvimento do movimento operário têxtil carioca e petropolitano mediante a trajetória de Albino, de outros dirigentes da categoria e das ações dos operários e das operárias inseridos no dia a dia das fábricas de tecidos. Assim, resgatamos, entre outros, as ações dos operários da Cruzeiro em 1908, da Confiança em 1909, das operárias da Carioca em 1913,¹⁰⁵⁴ da Aliança¹⁰⁵⁵ e da Bochen¹⁰⁵⁶ em 1918, que questionaram as suas condições de vida e de trabalho, do marido da operária acidentada, Idalina, que, em 1919, denunciou a falta de auxílio dos patrões com a empregada acidentada em serviço¹⁰⁵⁷ e dos operários e das operárias que buscavam a participação no sindicato.

¹⁰⁴³ *Jornal do Brasil*. 12 de julho de 1918, p.6.

¹⁰⁴⁴ *Jornal do Brasil*. 3 de abril de 1918, p. 7.

¹⁰⁴⁵ *Tribuna de Petrópolis*. 28 de julho de 1918, p.1. *Jornal do Brasil*. 31 de julho de 1918, p.6.

¹⁰⁴⁶ *A Razão*. 31 de janeiro de 1918, p. 4.

¹⁰⁴⁷ *Jornal do Brasil*. 31 de julho de 1918, p.6.

¹⁰⁴⁸ *A Razão*. 20 de janeiro de 1918, p. 5. *Jornal do Brasil*. 09 de julho de 1918, p.7.

¹⁰⁴⁹ *A Razão*. 18 de novembro de 1917, p.5.

¹⁰⁵⁰ *A Razão*. 20 de janeiro de 1918, p. 5.

¹⁰⁵¹ *Tribuna de Petrópolis*. 03 de agosto de 1918, p.1.

¹⁰⁵² *A Noite*. 14 de março de 1918, p. 2. *Gazeta de Notícias*. 12 de março de 1918, p.4.

¹⁰⁵³ *A Noite*. 20 de novembro de 1918.

¹⁰⁵⁴ *Correio da Manhã*. 6 de janeiro de 1913, p.3.

¹⁰⁵⁵ *Gazeta de Notícias*. 29 de novembro de 1918, p.1.

¹⁰⁵⁶ *Gazeta de Notícias*. 14 de março de 1918, p.5.

¹⁰⁵⁷ *A Epoca*. 16 de abril de 1919, p.4.

Consideramos que eles foram agentes na promoção da luta de classes e na construção da cidadania, dos seus direitos e deveres. Essa afirmação não menospreza os operários e as operárias que optavam pelo não envolvimento nas contestações diretas aos seus superiores e não escolhiam a via da associação. Os referidos indivíduos igualmente interpretavam suas relações de trabalho e tinham anseios que contribuíssem para compor a dinâmica da relação operário e patrão.

Os preceitos e práticas ideológicas recorrentes na trajetória de Albino foram os de luta de classes, ação direta, solidariedade, internacionalismo, antimilitarismo, anticlericalismo e a não exploração do homem pelo homem. No ano de 1917, deu viva à anarquia em seus artigos publicados em *O Cosmopolita* e afirmou que a melhor forma de organização de luta já estava em curso, o sindicalismo.¹⁰⁵⁸ Mesmo com uma posição contrária à prática de beneficência e cooperativismo na associação e à organização política formal, criou uma sociedade de beneficência e negociou com as autoridades públicas e o patronato. Albino representa os operários e militantes da Primeira República que, diante de um contexto de vida e de trabalho desfavoráveis, ansiavam por mudanças. As mudanças defendidas por Albino viriam por meio da Revolução Social. Porém, o posto de liderança sindical que ocupava e o de pai de família fez com que ele se dedicasse, primeiramente, aos esforços pelas conquistas materiais e morais.

A trajetória de Albino nos permite afirmar que a sua ligação com os têxteis perdurou por toda a sua vida. Esta afirmação é endossada mediante a memória herdada da filha do militante, Nilza Dias. A memória herdada é proveniente das conversas que Nilza tinha com sua mãe Belmira e com seus irmãos. Belmira relatava para Nilza as experiências de uma vida ao lado de um homem envolvido com as funções que o posto sindical lhe atribuía. Acima desta obrigação, estava a que ele mesmo se atribuía, desde muito tempo, a de lutar e representar os têxteis. Nilza afirmou que seu pai considerava injusta a realidade vivida pelos trabalhadores. Essa afirmação, feita de forma enfática, com a repetição da palavra injusta, nos proporcionou concluir que Albino manifestava dentro de sua casa, principalmente através de conversas com Belmira, as convicções que não o permitia desistir da luta operária. Consideramos que a memória herdada de Nilza nos aproximou sobremaneira da pessoa de Albino na sua vida privada e nos permitiu identificar as conexões entre as esferas pública e privada da vida deste militante.¹⁰⁵⁹

Albino, através da construção da noção de cidadania, dos direitos e deveres dos têxteis, da organização e manutenção do STFT, do SBPOFT e da UOFT, da articulação das questões operárias junto aos operários, patrões, polícia e autoridades do Estado, sistematizador das reivindicações trabalhistas foi um dos responsáveis pela promoção da luta de classes que desencadeou o movimento operário e paralelamente formou a consciência e a classe têxtil carioca e petropolitana, na Primeira República.

¹⁰⁵⁸ *O Cosmopolita*. 1 de novembro de 1917, p.2.

¹⁰⁵⁹ Entrevista Nilza Dias concedida a Leila Cristina Pinto Pires em 17 de novembro de 2012.

ANEXOS

Figura 7- Fotografia de Albino Moreira Dias.



Fonte: Arquivo pessoal. Cedido por Maria Luíza Dias Mukai.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I. Fontes

a. Iconográficas

Localização: Biblioteca Nacional

Figura 1- Fotografia das crianças saindo da Fábrica de Tecidos Carioca em novembro de 1913.

Fonte: *A Epoca*. 06 de novembro de 1913, p.1.

Figura 2- Adolescente e uma criança saindo da Fábrica de Tecidos Carioca em novembro de 1913.

Fonte: *A Epoca*. 07 de novembro de 1913, p.1.

Figura 3 - Fotografia da vista do Morro Novo Mundo, nas Laranjeiras, em novembro de 1918.

Fonte: *Gazeta de Notícias*. 29 de novembro de 1918, p.1.

Figura 4- Grupo da Sociedade dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos, que assistiu ao lançamento da pedra fundamental da Villa Proletária, em Sapopemba, em maio de 1911.

Fonte: Revista. O Malho. 20 de maio de 1911, p.22.

Figura 5- A operária Elisa Gonçalves discursando na UOFT, em outubro de 1917.

Fonte. *Jornal do Brasil*. 25 de outubro de 1917, p.7.

Figura 6- Fotos dos tecelões grevistas do Moinho Inglês.

Fonte: *A Noite*. 14 de março de 1918, p.2.

Figura 7- Fotografia de Albino Moreira Dias.

Fonte: Arquivo pessoal. Cedido por Maria Luíza Dias Mukai.

b. Impressas

Carteira da União dos Operários em Fábricas de Tecidos de Belmira Moreira Dias.

Arquivo pessoal. Cedido por Fátima Dias Amado.

Carteira de Trabalho de Belmira Moreira Dias

Arquivo pessoal. Cedido por Fátima Dias Amado.

Certidão de Casamento de Albino Moreira e Maria Dolores Ojeda Marreiro.

Disponível em:

<https://familysearch.org/pal:/MM9.3.1/TH-266-11018-72290-56?cc=1582573&wc=M9MD-32Q:n1150705713>.> Acesso em: 25 jun. 2014.

Certidão de Nascimento de Alcino Moreira Dias.

Arquivo pessoal. Cedido por Vera Dias.

Certidão de Óbito de Belmira Moreira Dias.

Arquivo pessoal. Cedido por Fátima Dias Amado.

Estatutos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos.

Localização: Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro n°.910. 24 de janeiro de 1918.

Extrato da União dos Operários em Fábricas de Tecidos.

Localização: Arquivo Nacional. Fundo: Primeiro Ofício de Registros de Títulos e documentos do Rio de Janeiro. Série: Estatutos de Sociedade Civil. Notação: V- 61. Registro n°.910. 24 de janeiro de 1918.

Prontuário Antônio Domingues

Localização: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

Prontuário do Desps. Setor – Prontuários – Rio de Janeiro. Prontuário GB, 17243 e Prontuário GB, 34369.

Relatório do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos apresentado ao Segundo Congresso Operário.

Localização: Arquivo da Memória Operária do Rio de Janeiro (Amorj) Coleção Amosb.

A Voz do Trabalhador 25 de julho de 1914, p.3.; 05 de agosto de 1914, p.3.

Revistas e Periódicos:

Localização: Biblioteca Nacional

Revista

O Malho

Periódicos

Localização: Biblioteca Nacional

- Minas Gerais

O Pharol

- Petrópolis

Diário da Manhã

Tribuna de Petrópolis

-Rio de Janeiro

A Batalha

A Epoca

A Lanterna

A Manhã

A Noite

A Notícia

A Razão

A Rua

Correio da Manhã

Diário da Noite

Gazeta de Notícias

Jornal do Brasil

O Imparcial

O Paiz

O Século

Voz do Povo

Localização: Arquivo da Memória Operária do Rio de Janeiro (Amorj) Coleção: Amosb.

- Rio de Janeiro

A Voz do Trabalhador

O Cosmopolita

c. Orais

Entrevista Nilza Dias concedida a Leila Cristina Pinto Pires em 17 de novembro de 2012.

Entrevista Maria Luíza Dias Mukai concedida a Leila Cristina Pinto Pires em 17 de novembro de 2012.

II. Bibliografia

ADDOR, Carlos Augusto. **A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

_____. & DEMINICIS, Rafael (Orgs). **História do Anarquismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Achiamé, v. 2. 2009.

ADDOR, Carlos Augusto. **Um Homem Vale um Homem: memória, história e anarquismo na obra de Edgar Rodrigues**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2012.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

AZEVEDO, Francisca Lúcia Nogueira de. **Malandros Desconsolados – O Diário da Primeira Greve Geral no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. **Dicionário do Movimento Operário - Rio de Janeiro do século XIX aos anos de 1920 militantes e organizações**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

_____. **Identidade da Classe Operária no Brasil (1880-1920): Atipicidade ou Legitimidade**. Revista Brasileira de História, São Paulo v.12, n. 23/24, set.1991/ago. 1992.

_____. **Formação da Classe Operária e Projetos de Identidade Coletiva**. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lúcia Almeida Neves. (orgs). **O Brasil Republicano - O Tempo do Liberalismo Excludente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Os Desafios Atuais da História do Trabalho**. Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, jan./dez. 2006.

_____. **Relançando o debate sobre o mutualismo no Brasil: as relações entre corporações, irmandades, sociedades mutualistas de trabalhadores e sindicatos à luz da produção recente**. Revista Mundos do Trabalho, vol.2, n.4, agosto a dezembro de 2010.

_____. **Sociedades de Trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: Algumas reflexões em torno da formação da classe operária**. Cadernos AEL, vol.6, n.10/11, 1999.

_____. **Uma outra consciência de classe? O sindicalismo reformista na Primeira República.** XIII Encontro Anual dos Anpocs. Minas Gerais, 1989.

BECKER Howard. A história de vida e o mosaico científico. In: _____. **Métodos de pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Hucitec, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo.** Petrópolis: Vozes, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.) **Domínios da História.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem/ Teatro de Sombras.** 3. ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. **A Formação das Almas – O Imaginário da República do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Os Bestializados- O Rio de Janeiro e a República que não foi.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril. Cortiços e epidemias na corte imperial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque.** Campinas: Unicamp, 2001.

CORRÊA, Felipe. **Uma resenha crítica do livro de Edilene Toledo, a partir da visão de Michael Schmidt, Lucien Van der Walt e Alexandre Samis.** janeiro-março de 2010.

Disponível em:

<http://www.anarkismo.net/article/16164?userlanguage=de&save_prefs=true> Acesso: 15. jun.2014.

COSTA, Adailton Pires. **A História dos direitos trabalhistas vista a partir de baixo: A luta por direitos e (leis) dos trabalhadores em hotéis, restaurantes, cafés e bares no Rio de Janeiro da 1ª República (DF- 1917-18).** 2013. 319 f. Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade Federal de Santa Catarina.

DEL PRIORI, Mary. **Biografia: quando o indivíduo encontra a história.** Topoi, v. 10, nº. 19, jul.-dez. 2009.

DUARTE, Regina Horta. **A imagem rebelde – A trajetória de Avelino Fóscolo.** São Paulo: Unicamp, 1991.

DULLES, John Watson Foster. **Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935).** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social.** Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. 8. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo-Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2000.

_____. **Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)**. 4. ed. São Paulo: Difel, 1977.

FERREIRA, Marieta de Moraes & PINTO, Surama Conde Sá. A Crise dos Anos 1920 e a Revolução de 1930. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lúcia Almeida Neves. (Orgs). **O Brasil Republicano - O Tempo do Liberalismo Excludente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas. 1996.

FORTES, Alexandre. **Formação de Classe e Participação Política: E.P.Thompson e o populismo**. Anos 90, Porto Alegre, v.17, n.31, 2010.

_____. **Miríades por toda eternidade. A atualidade de E.P.Thompson**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v.18, n.1, 2006.

FRIEDRICH, Engels. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução de: A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010. Disponível em: <books.google.com.br/books?isbn=8575591045> Acesso em: 27. jun. 2014.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. O nome e o como. In: CASTELNUOVO, Enrico; GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Tradução de António Narino. Rio de Janeiro: DIFEL, 1989.

GÓES, Maria Conceição Pinto de. **A Formação da Classe Trabalhadora – Movimento Anarquista no Rio de Janeiro, 1881-1911**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

GOLDMACHER, Marcela. **A “greve geral” de 1903 – O Rio de Janeiro nas greves de 1890 a 1910**. 2009. 181 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

GOMES, Ângela de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

_____. **Cidadania e direitos do trabalho**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 12.

Disponível em:

<http://books.google.com.br/books?id=STOwwNfhleUC&pg=PA3&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=3#v=onepage&q&f=false> Acesso em. 10. maio. 2014.

_____. **Escrita de Si Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HARDMAN, Francisco Foot & LEONARDI, Victor. **História da Indústria e do Trabalho no Brasil (das origens aos anos 20)**. 2. ed. São Paulo : Ática, 1991.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem Pátria, nem Patrão (vida operária e cultura anarquista no Brasil)**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

HOBSBAWN, Eric. **Mundos do Trabalho, Novos Estudos sobre História Operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora**. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

KELLER, Paulo Fernandes. **Fábrica e Vila Operária. A Vida cotidiana dos Operários Têxteis em Paracambi/ Rj**. Engenheiro Paulo de Frontin/ Rj: Solon, 1997.

LARA, Sílvia Hunold. **Peculiaridades no Brasil**. Topoi, Rio de Janeiro, 2001.

LOPES, José Sergio Leite. **História e Antropologia**. Revista do Departamento de História Fafich/UFMG, nº. 11 (nº especial Anais do Seminário Fronteiras na História), Belo Horizonte, jul/1992.

LORIGA, Sabina. **O pequeno X Da biografia à História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Escravidos e Livres - Experiências Comuns na Formação da Classe Trabalhadora Carioca**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. **Evaristo de Moraes, Tribuna da República**. São Paulo: Unicamp, 2007.

MESQUITA, Pedro Paulo Aiello. **A Formação Industrial de Petrópolis: Trabalho, Sociedade e Cultura Operária (1870-1937)**. 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora.

MESQUITA, Sérgio. **O sindicalismo revolucionário entre os operários têxteis de Magé - RJ (1917-1919)**. Boletim do Núcleo de Pesquisa Marques da Costa. Ano IV. n. 11. Fevereiro de 2009.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. **Empreendedores e Investidores em Indústria Têxtil no Rio de Janeiro- 1878-1895**. Dissertação (Mestrado) – UFF, Niterói, 1985.

MORAES, Rafael Vicente de. **A produção acadêmica sobre trabalho infantil: um olhar nos periódicos científicos brasileiros (1981-2004)**. 2007. 129f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências- Universidade Estadual Paulista.

NÉBIAS, Wellington Barbosa. **A greve geral e a insurreição anarquista de 1918 no Rio de Janeiro: um resgate da atuação das associações de trabalhadores**. 2009. 220 f.

Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história. A problemática dos lugares.** In: Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

OLIVEIRA, Tiago Bernadon de. **Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil. (1906-1936).** 2009. 267f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense.

_____. **Mobilização Operária na República Excludente: Um estudo comparativo da relação entre Estado e movimento operário nos casos de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul nas duas primeiras décadas do século XX.** 2003. 203 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. Cruzando Fronteiras: As pesquisas regionais e a história operária brasileira. In. ARAÚJO, Angela Maria Carneiro (Org). **Trabalho, cultura e cidadania um balanço da história social brasileira.** São Paulo: Scritta, 1997.

PALERMO, Silvana Alejandra. **Masculinidade, Conflitos e Solidariedades no mundo do trabalho ferroviário na Argentina (1912-1917).** Revista Mundos do Trabalho, v. 1, n. 2, jul./dez.2009.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

PIRES, Leila Cristina Pinto. **“Pelos Fábricas:” Formação de Classe e Consciência de Classe no discurso anarco-sindicalista de Albino Moreira (1913).** 2009.93f. Monografia (Graduação em História). Universidade Gama Filho.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro: FGV, v.5, n. 10, 1992.

_____. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

POPINIGIS, Fabiane. **Proletários de Casaca. Trabalhadores do Comércio Carioca (1850-1911).** Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2007.

PRIORI, Mary Del. (Org). **História das Crianças no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2000.

REIS, Daniel Aarão & FERREIRA, Jorge (Orgs). **A formação das tradições (1889-1945).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

RÉMOND, René. **Por que a História Política?** In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 7, nº 13, 1994.

_____.(Org). **Por uma História Política.** 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

REVEL, Jacques (Org). **Jogos de Escalas: A Experiência da Microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

RODRIGUES, Edgar. **Os Companheiros**. Rio de Janeiro: VJR, 1994.

_____. **Sem Fronteiras**. Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, 1999.

ROMANI, Carlo. **Orestes Ristori – Uma aventura anarquista**. São Paulo: Annablume, 2002.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena- experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-80**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SAMIS, Alexandre Ribeiro. **Minha Pátria é o Mundo Inteiro: Neno Vasco, O Anarquismo e as Estratégias Sindicais nas Primeiras Décadas do Século XX**. 2006. 441 f. Tese (Doutorado em História)- Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

SAVAGE, Mike. **Espaços, redes e formação de classe**. Revista Mundos do Trabalho, v.3, n.5, janeiro-junho de 2011.

SCHMIDT, Benito Bisso. **As biografias na historiografia do movimento operário brasileiro**. Anos 90, Porto Alegre, n.8, dezembro de 1997.

_____. **“Companheiras!” As mulheres e o movimento operário brasileiro.(1889-1930)**.

Disponível em: <<http://www.americanistas.es/biblio/textos/08/08-101.pdf>> Acesso em: 18. maio. 2014.

_____. **O Patriarca e o Tribuno: Caminhos, Encruzilhadas, Viagens e Pontes de dois líderes socialistas- Francisco Xavier da Costa (187? – 1934) e Carlos Cavaco (1878-1961)**. 2002. 625f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas.

SCOTT, James. **Domination and the arts of resistance**. New Haven: Londres: Yale University Press, 1990.

_____. **Exploração Normal, Resistência Normal**. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 5, Brasília, jan/jul. 2011.

SILVA, Francisco Teixeira da. & CHALHOUB, Sidney. **Sujeitos no Imaginário Acadêmico: Escravos e Trabalhadores na Historiografia Brasileira desde os anos de 1980**. Cadernos da Ael, v.14, n.26, 2009.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. **Trajatória da Historiografia das Mulheres no Brasil**. Politeia. Hist. e Soc. Vitória da Conquista. v.8, n.1. 2008.

TERRA, Paulo Cruz. **Cidadania e Trabalhadores: Cocheiros e Carroceiros no Rio de Janeiro (1870-1906)**. 2012. 313f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa I- A Árvore da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **A Formação da Classe Operária Inglesa III- A Força dos Trabalhadores.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Algumas Observações Sobre Classe e Falsa Consciência. In: NEGRO, Antônio Luigi. & SILVA, Sérgio. (Orgs). **As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos.** Campinas: Unicamp, 2001.

TOLEDO, Edilene. **Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. **O Sindicalismo Revolucionário em São Paulo e na Itália: Circulação de Ideias e Experiências na militância sindical transnacional entre 1890 e o fascismo.** 2002. 494 f. Tese. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas.

VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina.(Orgs). **Mediação, cultura e política.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

WOODCOCK, George. **Anarquismo: Uma História das Ideias e Movimentos Libertários. O Movimento.** Vol. 2. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1981.

_____. **Os Grandes Escritos Anarquistas.** Porto Alegre: L&PM, 1981.